

# RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 865

COIMBRA — Domingo, 3 de Janeiro de 1904

9.º ANO

## A conferencia do sr. Dias Ferreira

Dolorozas circunstancias nos impedirão ontem de fazer referencias á conferencia que o sr. Dias Ferreira, ex-presidente do conselho, realizou no Ateneu Commercial de Lisboa.

Éla reveste superior importancia; e para dar ás afirmações feitas a maior publicidade, vamos transcrever-as até onde se nos torna possível. O sr. Dias Ferreira pela posição que occupou, por se aver afastado dos corrilhos e pelo seu incontestado prestigio, merece que o país o escute.

Sua ex.<sup>a</sup> não indicou quais os remedios para os males que nos oprimem, o que não importa, pois todos sabemos quais são; mas parece que elles se concretizam nestas palavras que não devemos esquecer: **Quando uma nação se mostra descrente no seu destino, a obrigação dos cidadãos que não perdêrão a energia nem a consciencia do seu dever, é seguir contra o esmorecimento brando aos espiritos irrezolutos: para diante!**

Mas entremos na conferencia:

O sr. Dias Ferreira fala da questão eleitoral, explicando que não fizera reformas politicas, porque em 1892 não se devia olhar senão pela questão financeira. E entregando-se ao assunto diz:

«O processo eleitoral que prefiro, é o da Dinamarca. E porque? Porque lá o escrutinio é nominal. O escrutinio secreto é a capa do velhaco. O homem que não tem a firmeza de se responsabilizar pelo seu voto, é uma entidade nula ou desprezível.

Na Dinamarca o candidato aparece com o seu padrinho e falam ao povo e ouvem o povo que lhes pôde fazer as perguntas que entender. Se isto se fizesse em Portugal, que resposta darião, os patriotas de cá, quando lhes perguntassem como é que elevárão a despesa publica de 19:000 contos em 10 annos, e a divida nacional a 45:000 contos, em três!

De 1895 para cá tem-se feito cinco leis electoraes. Porque á duas ordens de leis, uma politica, outra financeira, que se estão sempre a mudar. São a lei eleitoral e a do selo.

Cinco leis electoraes em 8 annos, só nós! Tudo isto, porém, deriva da fraqueza do eleitor. Em Espanha, que está todavia bem longe de se poder apontar como um modelo absoluto a seguir, os republicanos á pouco, reconhecendo que era coartado o direito de voto, abstiveram-se da luta eleitoral. Mas no outro dia uma mensagem

com muitos milhares de assinaturas era entregue ao seu chefe, como protesto e afirmação. Os electores não se escondêrão, não fugiram. Formulário o seu voto, como se o manifestassem na urna. Eis a doutrina liberal.

Regressando á nossa regulamentação eleitoral, dis que nós tivemos na lei de 1852 a providencia da votação nominal, de que ele, orador, é partidário intransigente. Esse decreto representava a aspiração popular, ou seja do partido setembrista que morreu com Passos Manuel. Tinhamos votação nominal e representação de minorias. Mas em breve essa lei desapareceu.»

E prosegue:

«A lei das acumulações foi aproveitada da lei espanhola.

Mas que succedeu? Em Espanha, por essa accumulção de votos, éão electos por 10 ou 11:000 votos, ómens como S. Imeron, Montero Rios e Sagasta. Porém cá os nossos candidatos, de cujos nomes infelizmente não se lembra appareci com 36 ou 40:000 votos!

Estarmos a pensar,— diz o sr. Dias Ferreira—em reformas electoraes, sem tratar de reformar o eleitor e sobretudo os que prezidem á eleição é perder tempo.

Tivemos a reforma eleitoral da camara dos pares. Mas não foi para servir o povo que éla se fêz. Foi um estratagemma, porque o terço electivo tinha necessariamente de ser abafado pela oligarquia conservadora. Tratava-se duma apparencia, e nada mais.

Nós estamos peor do que o Brazil, á 80 annos. O imperador D. Pedro deu a Carta Constitucional de Portugal como anteriormente a dera ao Brazil. Ora, na de Portugal existia a clausula da nomeação regia de legisladores, que constituirão a camara dos Pares. No Brazil, o corpo legislativo foi sempre electivo.

Ficaremos sempre na situação deprimente em que nos encontramos? Não o cre. Um povo não pode viver algemado durante longuissimos annos. Os castiveiros antigos eram duros; óje são mansos, quasi insensíveis. Até o nome é mais brando do que o de despotismo, tirania. Chama-se administração estrangeira, por exemplo. A administração estrangeira não é um mito. Existe. Está na Companhia real, está nos Tabacos, etc.

Todas as regalias liberaes que tivemos vão desaparecendo.

Ninguém pôde vir eleito contra a vontade do governo. E citando de novo a Espanha, demonstra a inferioridade em que estamos em relação a esse país, todavia tão oppressivamente regido. Outro dia, por causa dum comicio republicano em que necessariamente se não tinham dito coisas agradaveis para a monarquia, o presidente do conselho, Maura, acuzado em pleno parlamento de não ter exercido violencias, declarou que o meio mais proficuo de defender a auctoridade é fazer lo dentro da lei. Quem dis isto cá? Quem o dissesse seria tomado pelo mais feróz jacobino.

O que eu dezeraria — exclamo — era ver este povo levantar-se como um só ómem para

o restabelecimento das liberdades publicas; porque não se pode chegar mais baixo do que chegamos.»

Depois aludindo ás afirmações de que nós só temos uma questão com que nos preocupamos: a questão financeira, prosegue:

«A questão financeira envolve a questão politica.

Não sabem, por acaso, que teem andado a par e passo os golpes na fortuna publica e na liberdade do povo? O ano de 1890 foi o ano negro em que se estrangulou a liberdade em Portugal. Pois bem! Foi nesse mesmo ano que se iniciou a bancarrota, e que se augmentou a policia e a Guarda Municipal. Quando se acabava o dinheiro, aumentavam-se as despesas com a Municipal e a policia!

Isto são factos. Não á lei que não seja para agravar este estado. O que vale é que os relatórios dizem sempre que é para melhorar.

Os ministros vão gastando, vão esbanjando. Que se faz? Qualquer commerciante que tenha um empregado nestas condições, despede o. Mas nas regiões do poder não se faz isso. O ministros permecem, e do que se trata é de pedir traguas e contemplação para elles, em virtude da salvação da patria.

Ele, orador, viu a questão dos Tabacos, que foi um desastre. O que é que se diz? «Falem depois! Deixem os ómens! Estejam calados!» Em nome de quê? Em nome da Patria! Todavia, foi muito tempo um bordão favorito. Chamar a alguém *iberico* era lançar o ás fêras. Agora mudou-se. Não se diz isso; diz-se: «O ha que aquilo é republicano!»

Assisti tambem ao convénio. Que dizia a imprensa da gente séria e patriótica? Isto: «Pague-se primeiro. Depois se discutirá.» Depois?! Para quê, se estava pago? Era como naquêl paiz em que se fuzilavam os acuzados internamente e se lhes formava depois o processo.

Agora está para assistir a terceiro facto identico. A maior divida flutuante que tinhamos tido era de 38:000 contos. A de agora está em 70:000 contos.

Em 1892, o ano da crise da redução de juros, a receita era de 37:000 contos; e a despesa de 55:000. Fêz-se uma redução de 10:000 contos, nesse ano. Ficou em 45:000. Pois três annos depois, a despesa estava em 60:000 contos. Mais 15:000 contos. Como pôde acreditar-se assim uma nação?

Hoje a receita é de 54:000 contos. Subiu 17:000 contos; isto é, subirão

17:000 contos os impostos que o elástico contribuinte portuguez paga. Além disso vendêrão se papéis de crédito, obrigações dos Tabacos, etc. Ele deixou a divida flutuante em 10:000 contos e está em 70:000 contos. E não se sabe como! Porquê? Porque não á esctrutação do Estado, o que não succede ao mais vulgar commerciante.

Di-lo com profundo pesar: é uma vergonha para nós o que se passa lá fora commoço. Não pôde dizer tudo o sabe, quantos opróbrios estamos preparando a nós mesmos!

Refere-se seguidamente á pressão exercida para que se não oçam as reclamações publicas contra semelhante estado de coisas:

«Quer-se o povo obediente e submisso. No tempo de D. Miguel falava-se; ia-se para a cadeia, mas falava-se. No tempo dos C-brais falava-se; vinha a cicetada, mas falava-se. Agora quer-se o silencio absoluto, e empregam-se para isso todos os meios, que por serem mais brandos e corruptores, não deixam de ser igualmente oppressivos. Eu sou adversario de todas as represahões,— declara — simpatizo até muito com a medida das côrtes de 1820, dizendo que a melhor lei de liberdade da imprensa era não ter lei.»

A questão colonial tambem lhe não esquece. Explica que se disestar o nosso futuro dependendo das colonias e que apesar disso se estão dando ao desbarato. Diante disso propozera que quando se efetuassem vendas de territórios nas colonias o pagamento se efetuasse em ouro, e que esse ouro entrasse logo na Junta do Crédito Publico para se amortizar a divida publica. Ninguém se importou com a proposta. Tambem não se admirou. Está já acostumado!

Dis e ainda lendo um trecho de Mouzinho da Silveira:

«No relatório que elle dirija ao imperador a 16 de maio de 32 e que precedia a reforma da fazenda, justiça e administração, aquêl estadista escrevia: «Não se deve esquecer a criação de um fundo para a redução da divida publica.»

«O principio de opprimir para governar não morreu com Filipe II. Que quer isto dizer? Que se passára do rei estrangeiro para o nacional, mas a oppressão fora sempre a mesma. Quem governára sempre fora o rei.»

A criação da guarda nacional por Joaquim Augusto de Aguiar com a deliberação de que éla era a base para um regimen que em lugar de opprimir cidadãos se quer manter pela confiança delles — firma:

«Fomos como os cidadãos suissos. Nós fomos assim. O recrutamento obrigatorio arma o povo, mas as armas estão nos arsenais. As armas nas mãos

dos cidadãos dão-lhes a responsabilidade, mas tambem a garantia da ordem. Para uma nação ser livre, precisa de ser éla propria quem guarde as suas liberdades. Sem a milicia civica, cedo ou tarde, perece a liberdade. Assim pensava Joaquim Augusto de Aguiar. E assim foi.»

E conclue:

«Pelo sua constituição em guarda civica, os cidadãos interessavam-se pela cauza publica. Oje pensa-se de diferente maneira, mas éle, conferente, prefere o sistema dos velhos patriotas a que estudei. Para o onrar a seus olhos, basta o facto de ter sido Joaquim Antonio de Aguiar quem acabou com as ordens relijózas.

E até isso se restaurou! As ordens relijózas estavam eliminadas de vez: restaurárfc-nas.

Pois bem! Que o exemplo do passado sirva de incentivo para o futuro.

«Eu dezeria que, visto que não conquistámos a liberdade com o nosso sangue, a soubéssemos ao menos guardar. Queria que, numa propaganda persistente, trabalhássemos todos pelo restabelecimento das nossas garantias e liberdades. Estamos precisados de uma revolução de 1820, dum novo 24 de agosto. A primeira obrigação dos cidadãos é salvar a patria e as liberdades publicas.»

Como alcançar isto? Já de antemão o avia dito:

«Para sair disto é necessário incomodarmo-nos mais um pouco.»

Antonio Maria Pereira Junior

Do nosso amigo e colega na redação da *Resistencia* recebemos a carta que publicamos.

Meu amigo:

Não me permitem os meus sfazeres que mantenha a minha estêvidade na redação da *Resistencia*, de que desle óje, com pesar, me considero por completo desligado.

Afirmando-lhe os meus protestos de absoluta fidelidade á causa republicana, agradeço-lhe todas as provas de amizade e afet. óza camaradagem que sempre me dispensou e exprimo-lhe os meus dezejos pelas continuas prosperidades desse jornal.

Creia-me

Amigo e correligionário grato e dedicado

Villa do Conde, 28-XII-903

António M. Pereira Junior.

Não acompanharemos esta carta das palavras do costume; porque Antonio Maria Pereira Junior tem tido, na redação da *Resistencia* e na vida do partido republicano, papel tão importante, de tão rasgada iniciativa, tanta dedicação partidária e sacrificio constante na ingrata faina de esrever em Portugal que seria injurioso um comentario banal.

Temos pelo seu carater, pela sua intelligencia e pelo seu trabalho onrato o respeito que só se adquire

depois de provas longas e diversas, na convivência de todos os dias. E o redator político da *Resistencia*, acatando e respeitando os motivos que o fazem apartar da vida ativa do partido republicano, na conjuntura em que mais necessária era a sua atividade inteligente, a dedicação absoluta que tem pela causa republicana, aproveita a ocasião de lhe afirmar mais uma vez o direito que a sua vida o tem ao respeito dos correligionários, e de mais uma vez lhe afirmar, com muito orgulho, a amizade que lhe soube inspirar tão nobre caráter na luta de todos os dias pelo triunfo da mesma causa.

### Teatro Lisboense

Na passada sexta-feira, realizou-se nesta casa de espetáculos mais uma recita com a mágica em 3 atos e 12 quadros, de bonito efeito, *A ave azul*, com que mais uma vez esta companhia firmou os créditos de que veio precedida. Para hoje está anunciada a representação da peça *A filha do Inferno*, em 3 atos e 12 quadros. Isto é, se o tempo o permitir. Agoramos lhe uma caça repleta.

### A FESTA DAS CRÉCHES

Foi concorridíssima a simpática festa das creches. No pouco tempo, que os nossos afazeres permitiram dispensar-lhe lembranças ter visto:

Antonio Barros Taveira, Caetano Rocha, Gonçalo da Costa Batista, Nazareth, José Pereira da Mota, Manuel Martins, Joaquim Maria Mequita, Carlos Alberto Pinho de Abreu, José Maria da Encarnação, Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, Ezequiel dos Santos Donato, Januario Damasceno Rato, esposa e filha do sr. Jaime Lopes Lobo, D. Alice Pimenta da Costa Ferreira, D. Esulina da Silva Pimenta, D. Elvira E. Tavares Bello e Castro, Barreiro de Castro, Maria da Conceição Mendes Ganhilho, Joaquim A. Simões, Antonio Maria Pimenta, Francisco Vilaça da Fonseca, Francisco Alves Madeira Junior, João Maria Ferreira Roque, Antonio da Fonseca Barata, João Simões da Fonseca Barata, Olímpio Correia da Costa, Joaquim Augusto Rodrigues Nunes, D. Adelaide Menezes Fernandes Costa, Dr. Eduardo da Silva Vieira, Gaspar dos Santos Bastos, Eduardo Saldanha Vieira, D. Maria Encarnação Gomes Moreira, João Gomes Moreira, D. Virgínia Martins Silva, Albino Caetano da Silva Pinto, Francisco de Sousa Chaves, D. Maria M. Machado, Dr. Bernardino Machado.

Dr. Fernandes Costa, Esposa e filho Antonio Maria Pinto e filho, D. Cealaina, Dr. Antonio Costa Ferreira e esposa e tio, João Gomes Moreira, esposa e filho. Dr. Filomeno, Antonio Augusto Gonçalves, Julio José Fernandes Costa, Gaspar dos Santos Bastos, Antonio José Alves esposa e filho, Antonio Elizeu e esposa, D. Jaime Planas.

Por absoluta falta de espaço e para não sobrecarregarmos com trabalho o nosso pessoal tipográfico irá no proximo numero a crónica que sobre esta festa escreveu T. C. Neste dia readeu a caixa das esmolas da pastelaria Teles 4905 réis, a da creche 5305 réis, e a dos viztantes 16500 réis.

Ouve distribuição de donativos da sr.ª D. Maria Soledade Marques Ribeiro, que quis esconder o seu nome rezolveido a direção pedir-lhe licença para o publicar. Nada mais justo. Os donativos com tãrão do seguinte:

20 vestidos de amazona riscada para as crianças vestirem na Creche quando vierem pela manhã e despirem á noite quando retirarem. 18 vestidos de fazenda de lá (riscadilha) para as crianças vestirem á noite e levarem para casa devendo quando

alguma criança sair da Creche fazer entrega do vestido. 20 vestidos de zéfires de algodão para o mesmo fim dos anteriores. 24 saias de flanela de algodão de cor para trazerem vestidas quando estiverem na Creche. 24 saias brancas para o mesmo fim. 24 chambres brancos, idem. 24 camisas, idem. 12 lençoes de pano cru. 12 lençoes de baetilha. 12 fraldas de pano cru. 20 babeiros de oleado. 12 cobertores de baetilha. 12 cobertas de chita para cobrir os berços.

#### Da Folha de Coimbra:

Vae ser dia de festa para as crianças beneficiadas pela Creche desta cidade, o primeiro do novo ano. Uma generosa senhora, devotada protetora deste utilissimo estabelecimento, oferece-lhes naquella dia uma refeição abundante e um importante enxoval de roupas para vestirem, e para as camas.

Deve ser grande a alegria das crianças e maior ainda a das pobres mães, a quem este utilissimo estabelecimento, apesar dos poucos recursos de que dispõe, tem já prestado relevantes serviços, que o tornão digno dos mais sinceros e entusiasticos aplausos, por parte de toda a cidade de Coimbra, e que as pessoas ricas deveriam tomar sob a sua especial proteção, pois seria esse o meio mais simpático de exercerem a caridade: sustentando e educando crianças, que a penuria dos pais naturalmente condenava aos supplicios da fome, e da miséria.

De todos os estabelecimentos de beneficencia desta cidade, é a Creche o que luta com maiores dificuldades, porque, tendo sido creado muito recentemente, tem vivido apenas dos donativos de pessoas caridosas, não tendo, por isso, adquirido o desinvolvimento que seria para dezerjar, em harmonia com a importancia da cidade, e com a grande miséria das classes populares. Ela merece, por isso, que as pessoas de coração se interessem na sua prosperidade, auxiliando a nos fins altamente altruistas, que se propõe realizar, e vizitando no primeiro do anno o seu estabelecimento, na rua de Mont'arroyo que estará patente a todos, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, compartilhando a alegria da sua innocente população ao receber as offendas da benemerita senhora, que tão util e louvavel applicação dá aos sobejos dos seus rendimentos.

O nosso illustrado coléga *A Resistencia*, onde o temperamento artistico do dr. Quim Martins cada vez mais se afirma, onrando e elevando a imprensa local, consagrará um numero especial á festa simpática das crianças naquella dia e é de esperar que ali concorram tambem as damas bondozas e gentida nossa terra, animando com a sua presença os que tão devotada e desintessadamente se tem empenhado no desenvolvimento desta prestantissima instituição liberal.

Pela nossa parte sauda nos calorosamente a *Creche de Coimbra*, e os seus benemeritos directores. A Direção das Creches de Coimbra agra lece a toda a imprensa local, e aos diversos correspondentes desta cidade para os diversos jornais do pais, as palavras de gentil amabilidade e generoso incitamento com que a onraram por occasião da sua festa do anno novo, protestando a todos a sua indelevel gratidão.

### Carris de ferro

Realizou-se, como estava annunciado, no dia de ano bom a inauguração dos carros americanos em Coimbra. Assistirão a camara, autoridades e imprensa, que percorrerão a linha já construida, em todo o seu trajeto.

Por fim o sr. tenente-coronel Andrade ofereceu aos seus convidados uma taça de Champgne, trocando-se entre todos os brindes mais amaveis, e as palavras de mais lisonjeiro acolhimento á empreza arrojada do illustre militar.

O serviço profuzo e variado tinha sido organizado com a elegancia que distingue a Pastelaria Teles, que é hoje, sem contestação, estabelecimento sem rival em Coimbra.

Da empreza falaremos mais detidamente no proximo numero.

## Rufino de Carvalho

Do *Mundo* transcrevemos gostosamente os dados biográficos de Rufino de Carvalho, que, ainda á pouco, beneficiado pela sorte, tem feito uzo tão nobre do seu dinheiro, consolando desgraças e animando com donativos valiosos, as escolas de instrução, as creches, e outros estabelecimentos de proteção ás classes desprotejidias do proletariado.

Se as esmolas aos pobres dos jornais mostraram o que valia o seu coração, os donativos á Associação das Escolas Moveis e á Escola 31 de Janeiro, definem os seus sentimentos e a sua orientação.

Sobre o passado do sr. Rufino de Carvalho na Zambesia envia nos curtissimas notas um official do exercito que, como comandante da Zambesia, o conheceu ali.

São essas notas que em seguida publicamos agradecendo o obsequio ao seu autor.

Foi em 1888, em abril, se estamos bem lembrados que Rufino chegou ao Zumbo com recomendação de amigos, d'elle e nossos, para nós que eramos ali comandante militar.

Recebido como é costume receber-se em Africa e como elle merecia pelas suas qualidades excellentes de carácter, descritas nas cartas de recomendação, ospedou-se durante dias na nossa pobre choupana e fornecemos-lhe uma casa, que estávamos construindo, para nella armazenar os seus artigos de negocio.

Avia então, e desde tempos, divergencias profundas contra o capitão Jozé do Rozário Andrade (Cinhembé) e diferentes regulos á frente dos quissis se achava o celebre Bruma. Nós conservávamo-nos na defensiva embora a questão fosse só com aquelle capitão-mór.

Eramos seis os europeos que viviam na vila. O destacamento era composto por 30 praças d'Angola armadas avia dias com Sneyders.

Em 9 de maio almoçaram em nossa casa Rufino de Carvalho e Jozé Garrinho; terminada a refeição, ás 11 horas e meia, dirijia-se cada um de nós ás suas occupações, quando nos é annunciada a chegada ás proximidades da vila de inumeras forças capitaneadas pelo Bruma.

Só quem se tenha visto em situações tais pôde avaliá-las.

Arvorar a bandeira, formar o destacamento e distribuir as praças pela varanda e janélas da residencia, assente sobre o ponto mais elevado da vila, e convocar uma reunião dos europeos, foi questão de minutos, rezolvendo-se concentrar na residencia a defesa da vila.

Rufino, bem armado, como todos nós, pareceu-me nessa occasião um gigante.

Ouvem-se tocar os batusques de guerra do inimigo. Respondermos com o toque de corneta — Sentidol's! Ouvem-se tiros, de infantaria e milicias d'elles de parte a parte.

Rufino, negro pelo fumo, apparece em toda a parte. Corre, salta, incita os soldados e fãz constantemente fogo mortífero contra o inimigo.

Bebe jenebra amudadas vezes. Ajuda a montar sobre duas forquilhas (!) uma ruim peça, mas sempre fazendo fogo.

O porte dos outros europeos nada deixa a dezerjar tambem.

Este estado de coisas durou quatro horas. As mulheres e as crianças, numa ilha fronteira, apavoradas, fãziam grandes montes de areia que lhes serviam de abrigo e esperavam de momento a momento vêr arriar a bandeira que seria o sinal de sermos vencidos.

Após nmas ordens mais inerjicas e um arranco de audacia dos nossos companheiros e soldados, começou o inimigo a fugir em debandada, deixando no campo e caminhos centenas de mortos e feridos.

No nosso lado ouve sete soldados feridos e um preto morto (por um soldado) e gravemente ferido um cão, propriedade de Rufino, o que muito o contristou.

Ainda para a organização duma expedição com que em seguida fomos castigar os revoltosos, encontramos em Rufino a melhor boa vontade de nos ser prestavel, como foi.

Em relatório dissemos nós ao governador geral de Moçambique, então

o conselheiro sr. Augusto de Castilho, o seguinte:

«Eu, com o destacamento e o cidadão Rufino de Carvalho, dirijim: a uma das extremidades da vila, onde tencionava esperar o inimigo; porém, em breve tive que me convencer de que nada assim se conseguiria, porque os revoltosos tentaram o ataque por diferentes pontos.

Seja-me permitido dizer que a vitória alcançada se deve á grande coragem com que todos os individuos indicados se ouvirão e ao sangue frio de todos porquanto com a maior pontualidade se prestarão a obedecer-me, sem que um só cen urasse ou replicasse a uma ordem minha.

Omens de tal tempera são o pedestal sobre que se erguer-se o engrandecimento do Zumbo. E a não serem elles e o destacamento que tão bem faziam ouvir os sons das suas armas de fogo central, Sneyder e Richard, esta vila seria hoje um montão de ruínas cuja nova posse e reconstrução custaria á patria muitas vidas e sacrificios.

Diz o governador de Tete depois de ter com o official dos acontecimentos de 9 de maio de 1888.

Vou dar conhecimento a sua excellencia o governador geral desta agradavel noticia e recomendar os promotores de tão brilhante feito ao seu alto criterio.

Acerte v. os meus louvores e esperes felicitar em meu nome os valerosos abitantes desse departamento e as praças ali destacadas.»

Fala o governador geral:

«Portaria n. 435

Hei, por conveniente louvar F. ... as praças ali destacadas e os abitantes daquela vila que concorreram tão valente e patrioticamente para derrotar os agressores e pô-los em fuga.»

O que fica dito seria já bastante para se apreciar Rufino como valoroso, e, comtudo, é pouco ainda, porque maiores feitos tem.

Mais uma vez, e hoje que se acha na patria amada, que elle tanto tem de feito, lhe tributo os meus agradecimentos pelo relevantes serviços que sempre me dispensou quer na vida publica quer na particular.

A elle, a esse galhoifeiro infindo, ao prestante cidadão e exemplar amigo pertence um pedaço da medalha de valor militar que me foi conferida, como pertence a minha eterna gratidão.

Vamos ver o que é Rufino na luta com o terrivel elemento — fogo.

Na noite de 10 de abril de 1888, uma dessas lindas noites dos paizes tropicaes, deu-se no Zumbo um sinistro pavoroso.

Mão perversa ou o acaso após em chamas a casa de João de Mendonça Lopes, socio de Joaquim de Mendonça seu irmão. Casa comercial de grande importancia, a de maior alem do Tete possuia muitos contos de reis em fazendas diferentes de permuta e por inadvertencia ou desleixo de quem tem obrigação de reparar pelas necessidades do comercio, não á no Zumbo um paiol, Mendonça tinha em casa milhares de kilos de pólvora.

Dado alarme de aver incendio, corremos para elle com o destacamento, encontrando no caminho Joaquim de Mendonça, que fugia espavorido e João de Mendonça, já bastante queimado. Deixámos seguir aquelle e mandámos este para nossa casa para ser curado, seguindo nós para o local do incendio.

Ordenámos que por portas e janélas fosse retirada em primeiro logar a pólvora. As praças vacilaram mas encorajaram-se quando viram um ómem entrar pela casa dentro e sair com uma saca cheia de barris de pólvora. Coragem inaudita digna dos maiores louvores! Temeridade pasmoza que bem prova os sentimentos jenerozos do que a praticou.

Esse ómem, que mais tarde um mês avia de ser o nosso chefe de estado maior, era Rufino de Carvalho.

Foi insano o trabalho. A casa de zabára sobre um sobrado de terra amassada e a pólvora seia ás costas dos soldados, achando-se portas e janélas já fumegantes.

O que foi essa luta di-lo á mais tarde uma portaria do governo jeral.

No fim de, relativamente, pouco tempo, a casa estava vazia e salvos

todos os artigos que óras antes avia nella.

Desse arrojado inaudito nasceu a portaria n.º 409:

«Tendo chegado ao meu conhecimento por officio do governador do distrito de Tete que, por occasião do incendio auido na noite de 10 d'abril findo na casa comercial de Mendonça & irmão, na vila de Zumbo, se distinguiram vários individuos, salvando uma grande quantidade de pólvora e mais objectos existentes na referida casa comercial.

Ei por conveniente, em nome de s. ex.ª o governador jeral, louvar F. ... que exercia as funções de comandante militar daquella vila, o 1.º sarjento Campos, 2.º sarjento Frazão, todas as praças do destacamento e o negociante Rufino de Carvalho pelo arrojado e boa vontade com que trabalharam na extinção do incendio e salvção dos ditos objectos.

Rufino de Carvalho, duas vezes em 30 dias, mostrou o seu valor.

Do seu bellissimo coração, da sua jovialidade, da sua vida laboriosa, falaremos mais tarde.

### CARTA DE MARANHÃO

Do nosso correligionário Fran Pacheco recebemos a carta, que em seguida publicamos, chamando a atenção de todos os republicanos para a ideia jeneroza da celebração do aniversario natalicio de Teófilo Braga.

Prezado confrade e correligionario

Tomo a liberdade de lhe enviar esta cartinha, levado pelo amor á ideia que defendemos. A recente adesão do sr. Bernardino Machado fêz-me pensar de novo na reorganização partidaria, pela qual me batí durante todo o anno de 94, n.º *A Montanha* (Brissos-Galvão). Dessa abstenção eleitoral é que proveiu o esfacelamento republicano e consequente arremetimento dos socialistas.

A experiencia mostra nos que devemos regressar ás antigas normas, isto é, á intervenção nas eleições gerais e municipais, á fundção de escolas e clubs, ás excursões de propaganda, etc. Este é que é o bom caminho de disciplinamento e da conquista.

E, para reentrar nelle, é mister effectuar em março ou abril um Congresso do Partido, de que saia uma organização mais ou menos assim:

Camara consultiva, corpo de antigos combatentes: Jacinto Nunes, Teixeira de Queiroz, Magalhães Lima, Julio de Matos, Betencourt Rodrigues, Azevedo Albuquerque, Emidio Garcia, Filomeno da Câmara, Gomes da Silva, João Bonança, José Caldas, Guerra Junqueiro, Duarte Leite, Nunes da Ponte, José Sampaio Verissimo de Almeida, Albano Coutinho, Betencourt Raposo, Azevedo e Silva, Nunes da Mata, etc.)

Chefe Supremo, dr. Teófilo Braga. Chefe do Sul, dr. Manuel de Arraiga, e secretario dr. João de Meneses (ou dr. Antonio José d'Amêida, caso fique em Lisboa).

Chefe do centro, dr. Bernardino Machado e secretario dr. Afonso Costa.

Chefe do Norte, Bazilio Teles e secretario dr. Luiz Gomes.

Chefe dos Açores, dr. Eduardo de Abreu, e secretario um residente lá, e outra chefia na M. deira.

Estas cinco divisões compreenderiam o seguinte: Sul — Extremadura, Alentejo, Algarve e Moçambique.

Centro — Douro, as duas Beiras e todas as outras colónias, com excepção de Angola, que pertenceria ao Norte, com o Minho e Tráz-os-Montes.

Desta organização sairia ainda este plano de acção, talhado sobre a transformação da instrução portugueza — Deramamento de uma Associação das escolas moveis e Bibliotecas moveis, com filiais nas provincias, vizando a instrução primaria; as cazas destas filiais seriam serião sede de grêmios republicanos, nos quais se fariam os recenseamentos politicos, conferências, etc.; á Academia de estudos livres, instalando-se succursais no Porto e nos Açores, alem de excursões de estudo, confiar-se-lhe a execução do plano republicano de instrução secundaria e a Universidade Popular, fundada em Lisboa, competiria apresentar o molde da futura instrução superior.

Com este feitu pratico, chamand-



## FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1892, com diploma de merito e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1894

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustrés, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, techos para cozinha á imitção dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e per

### PREÇOS ECONOMICOS

♦ ♦ ♦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ♦ ♦ ♦

29, Rua de João Cabreiros, 31 — COIMBRA

### LOJA ESPANHOLA

Proprietário José Teixeira

191, Rua Ferreira Borges, 193

Acaba de chegar a esta casa um grande sortido de sedas para vestidos pretos e de cores.

Mantilhas de seda, em diferentes gostos; lenços de seda, dos mais modernos; grande sortido em gravatas de seda ultima novidade de Paris; grande sortido de bordados suíços; Meias de seda, fio d'Escocia e algodão; piugas pretas e de riscas, para ómém e criança; espartilhos de todas as qualidades; grande sortido de rendas valencianas, tule, de seda e de linho; suspensórios para ómém e criança; cortinados e bambinêlas das mais modernas em diferentes gostos; saias e camisas; bordados para senhoras; lenços e echarpes de malha; fitas de setim e enfeites para vestidos e outros mais artigos.

O proprietário desta casa previne as lex.<sup>mas</sup> damas e o povo coimbricense que esta casa não traz nenhuns vendedores pelas ruas.

Quem quizer comprar bom e barato venha á Loja Espanhola.

### CASA MEMORIA

DE

Santos Betão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—Memoria. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por ahí se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

### Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francezes que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A sempre quantidades de Pianos para alugar.

## ♦ ♦ ♦ ACYTIENE ♦ ♦ ♦

Carbureto de calcio francez, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 10000 réis

Apparehos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por óra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÉRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

XXXXXXXXXX

## FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographs Edison de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

### CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos—Coimbra.

### RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

### Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

### CASA

Arrenda-se uma, na rua dos S. piteiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moêda, Coimbra.

### COLAR DOUCHE

O melhor aparelho para banho douche que se obtem sem molhar a cabeça.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54—RUA FERREIRA BORGES—56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e criança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finêsa de visitar este estabelecimento.

### PROBIDADE

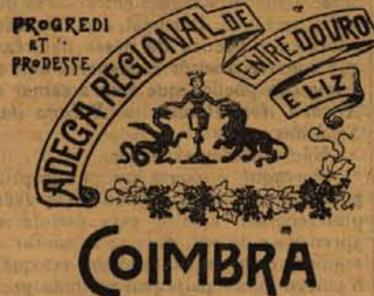
Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobílias e estabelecimentos contra o risco de incendio.



Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabela de preços de venda a miúdo (1 de julho de 1903)

Marcas	Garrafa de 5 litros	Garrafa de 1		Garrafa bordaleza	
		1	6	1	12
Tinto GRANADA...	550	120	660	85	900
» CORAL...	600	130	720	90	950
Branco AMBAR...	650	—	—	100	1050
» TOPAZIO...	—	—	—	120	1300

Distribuição gratuita aos domicilios em compras de garrafão ou duzias de garrafas.

## VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Nos preços indicados não vaee incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção.— Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafas vae o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se dá fatura ao comprador.

## PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos de pastelaria.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados dóces sortidos, para chá e sorvês, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de fahado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas Centros de mesa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucars com que são fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Courça de Lisboa, 32.

### Topico contra Frieiras

E' o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisenses que sofrem de tão orrivel mal.

Applica-se em fricções durante dois miutos collocando-se depois um pacho d'algodão hydrophilo do mesmo topico por algumas óras.

Preço de cada frasco 300 réis. Vende-se na Farmacia Assis Praça do Comercio—COIMBRA.

### MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de boca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuosas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços módicos

## L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.

Machinas para fição e tecelagem para todos os tecidos.

Machinas para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.

Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.

Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.

Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.

Machinas de escrever, de systema YOST.

Correias de pello, de couro, de borracha, empanques, etc.

Materias primas de todas as qualidades.

Installações, desenhos, montagens.

Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA  
COIMBRA

# RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 866

COIMBRA — Quinta-feira, 7 de Janeiro de 1904

9.º ANO

## O DISCURSO DA COROA

O discurso da coroa, é em Portugal, o simbolo dos ridiculos que se repêtem periodicamente.

E' um simbolo constitucional, retórica decorativa sem valor, repetição de palavras sonoramente ócas.

Este ano, porém, o discurso da coroa saiu um pouco das normas e arvorou em simbolo do impudor, com que, na mania do fausto e das grandezas, se vai levando á ruína um povo, na festa alegre dum cortejo de carnaval.

Não é um discurso politico, traduzindo o pensar duma facção monárquica, não é uma manifestação de cezarismo das que andão em moda em côrtes estrangeiras, não é o pensar dum rei, é a fala enfatuada e declamatória dum rei de májica burlesca em barracão de feira, é a linguagem impertinente e vaidózda dum personagem de operêta, é a fala do Príncipe Hntze gabando seus feitos e jestos.

Tudo o que ouve de vergonhozo na administração do ano transacto é apontado como um titulo de glória; apenas um facto se oculta — o convenio.

O mais lá está tudo; a aliança inglêza, a legislação sobre as bebidas alcoolicas, que está produzindo a ruína duma colonia florescente ainda á pouco, a reforma dos serviços consulares e diplomaticos no Oriente.

Até, até isso lá está, a gritar bem alto com o governo procura calar todas as bocas que pôtem encomodá-lo.

Como medida para valer á nossa situação financeira, o discurso da coroa, volta á receita antiga — o orçamento jeral do Estado elaborado por fórma a tornar quanto possível exata a descrição, e seguro o balanço das receitas e despêzas, incluindo as que em outros anos se têm liquidado por créditos espécias.

As medidas, que tem posto Portugal sob a fiscalização estrangeira, são apresentadas como prova de confiança na riqueza do nosso país, como sintoma seguro de aver mudado, nas praças estrangeiras, a opinião de devedores remissos ao pagamento dos seus compromissos, opinião criada por todos os desvarios de administração, por todos os esbanjamentos monárquicos, mais conhecidos no estrangeiro do que mesmo em Portugal.

A força dos contrátos da aliança inglêza foi, dis o discurso da coroa, solenemente consagrada em palavras que não mais esquecem.

E afirma-se isto quando, em Inglaterra, personagens officiais interrogados sobre o valôr das palavras do rei Eduardo VII responderão officalmente que êrão simples palavras de afêto particular, trocadas na efuzão comunicativa dos banquetes, sem valor diplomatico algum.

No discurso da coroa á apenas

de verdadeira, uma parte que foi de pura delicadêza, são as palavras que dedica á vizita do rei de Espanha.

Rêza assim o discurso da coroa: Grato é a Portugal ver assim unidas em intima e perduravel amizade as duas nações, que na península são vizinhas e irmãs, e que tanto podem auxiliar-se, caminhando a par no seu salutar progredimento.

São na verdade bem irmãos os dois povos vizinhos: ambos tem caminhado a par na istória, ambos tem tido periodos de esplendor, ambos tem o mesmo passado de aventura, ambos passam pela mesma crise, ambos infêrmão do mesmo mal.

E todos em Espanha e Portugal conhecem bem a cauza comum, a que devem todas as suas desgraças, toda a vida de oprobrio e de vergonhas a que as têm arrastado.

Ambos podem auxiliar-se, como disse a parlenda da coroa, caminhando a par no seu salutar progredimento.

E a Espanha está indicando a Portugal o caminho que deve seguir.

Só nos resta segui-lo; porque é bem certo que nos podemos e devemos auxiliar, caminhando a par num progredimento salutar.

Esta é a unica verdade o unico ensinamento que nos dá o longo discurso da coroa.

E' uma frâze brêve, mas verdadeira e impolgante, porque foi ditada por um grande mestre, foi escrita pelo dominador das multidões fracas e envilecidas, deixou-a ali o Medo.

Ao lado das frases otimistas do costume, gastas de repetidas pela ficção da administração monárquica — a redução do agio cambial, o restabelecimento da circulação monetária, o equilibrio da receita e da despêza — mal se vêem, escondendo-se a evitar toda a lús da publicidade, os últimos recursos da perdulária administração monárquica — a remodelação do contrátto com o Banco de Portugal, a modificação das pautas alfandegárias, a cobrança em ouro dos direitos de importação, a venda e remissão dos fóros, a venda dos conventos suprimidos e de outros bens do estado.

E' verdade que êste ano no discurso da coroa se não fala na necessidade de novos impostos. Não era ocasião azada, porque o país está caçado de pagar para morrer na miséria; porque os braços, cançados de trabalhar para dar á vida da capital uma apparencia de elegancia e de conforto, exaustos do sacrificio constante que só tem servido para fazer medrar a corrupção na ostentação do servilismo mais baixo, comêção a levantar-se ameaçadores.

Não se fala de impostos novos, é verdade, mas nem por isso é menor o perigo para o contribuinte: o governo tratará de facilitar a cobrança das antigas dividas dimpostos, dis o discurso da coroa, e todos sabem de que tem servido esta arma nas mãos dos grandes

capitalistas, que nada pagão, ou pagão muito menos do que devião.

Não se fala no discurso da coroa em impóstos, mas dis-se bem claramente nêle, que o governo tratará de tornar mais eficás a percêção dos rendimentos do estado, e não á ninguem que não saiba em Portugal a ameaça que incobre a simplicidade desta frase.

Falando da eleição de Lisboa, a última manifestação da fraquêza monárquica, que só consegue aparentar força á custa das habilidades dos galopins eleitorais, dis o discurso da coroa: Em boa ordem e tranquilidade se procedeu á eleição municipal de Lisboa.

E, como começam a levantar-se pela provincia gritos de fome e de desespero pela inutilidade do sacrificio constante, dis, para dar aos dignos pares e senhores deputados a tranquilidade necessária á irresponsabilidade do voto, a proza do discurso da coroa: Sobre a reorganização dos corpos de policia, bem como sobre outros serviços administrativos, uzará o governo da sua iniciativa.

Todos sabem o que têm a esperar da iniciativa dos governos na prática das medidas repressivas, como todos êles se servem das armas de repressão que outros creárão, e cuja injustiça tem sido provada bem claramente por todas as facções monárquicas, quando na opposição.

E tudo isto foi dito pelo monarca, com a sua pouzada e bem timbrada vós, na sua bêla dição, enlevo e inveja dos dignos pares do reino e senhores deputados da nação portuguezã, como costuma escrever-se nas folhas monárquicas, que têm para el rei as frases de elegancia galante com que louvão os tenores e as primadonas de S. Carlos.

A força do atavismo, omenagem ancestral a D. João IV, o fundador da dinastia, que, dizem cronistas, era excelente muzico...

## Dr. Dinis das Neves

Por descuido de quem organizou o ultimo numero da *Resistencia*, não só deixou de declarar-se que era do nosso colega — O Norte — o artigo do fundo que publicamos, como fôrão retiradas indevidamente as palavras de sincero pezar, que os redatores da *Resistencia* se não tinham esquecido escrever, por ocasião da morte do dr. Dinis das Neves, como testemunho de inteira justiça pelo valôr intelectual e moral do nosso illustre correligionario, como manifestação de solidariedade com o nosso colega portuense, que tão alto ergue, e com tanta firmeza defende o mesmo ideal politico.

Com o dr. Dinis das Neves perdeu a nação um dos raros omens de bondade nunca desmentida; porque foi formada a sonhar e a sofrer.

O seu caráter, a sua intelligencia, vazados no mesmo molde de excellencia, dezaparecião diante da grande força, que lhe dava para lutar, o amar um grande ideal, o ter-lhe sacrificado toda a sua vida, e ter conseguido assim

a força triunfadora do sofrimento, a serenidade absoluta que só a bondade dá.

A escrever era como a falar, afêtuozo, simples, o olhar dôce, apenas iluminado dum clarão, quando a vós aquêcia a defender o seu ideal, a advogar a cauza da justiça e da igualdade.

E' por isso que a sua vós não emu deceu: ouviremos ainda a sua vós nos artigos serênos que escreveu em plena efervescência partidária no Norte, a quem afirmamos o nosso pezar por tão grande perda, e a quem asseguramos mais uma vês a incondicional solidariedade, que merece pelo seu passado de tradição brihante na istoria da imprensa republicana, e pela fórma altiva e independente com que agora combate pelo ideal mais puro.

A *Resistencia*.

## Muzeu de antiguidades

No mês de Dezembro foi o muzeu de archeologia visitado por 155 pessoas, o que é para extranhar atendendo ao pessimo tempo que tem feito, e á saída da população fluante para ferias.

A camara municipal acentuou dum modo frizante a simp-tia que lhe merece este estabelecimento, depositando no muzeu a coleção istorica dos seus pêzos e medidas antigas, uma das mais notaveis do país.

E, a proposito, diremos que, numa dos ultimos numeros dissemos que viéra para o muzeu um baixo relêvo representando a ceia.

Foi êrro. O baixo relêvo representa o pentecostes.

O êrro é desculpavel: é necessario muito boa vontade para olhar para as pobres obras darte da renascença popular portugueza.

De resto o erro não é novo.

Um bocadinho de istória fica sempre bem.

Perdão! De istória não, das minhas istórias...

Uma freira mostrou-me uma vês, em Cêlas, na porta do refeitório um baixo relêvo, e explicou-me que era Santa Tereza e Santa Sancha, com as freiras daquêle mosteiro.

Olhei, e vi que era o pentecostes, mas sorri, e disse que sim com a freira.

Um bocadinho de delicadeza não fica mal a ninguem...

Depois ri-me; mas agora...

Agora, perdõe, reverendissima senhora!

Entrou no 33.º ano da sua publicação o nosso colega local a *Correspondencia de Coimbra*. Felicitamo-lo cordialmente.

Espêrão-se brevemente em Lisboa os srs. Henri Hofere J. H. Abegg quem vêem expressamente a Portugal para tirar vista fotograficas, para as conferencias das escolas publicas dos Estados Unidos.

Áchão se já em Espanha e tencião vizitar, alem da Capital, e varios outros pontos do país, Coimbra e o Bussaco.

Vêem por conta do Museu da Istoria natural de New York, e do ministerio de Instrução publica dos Estados Unidos.

Na sua ultima sessão, a camara rezolveu pôr a concurso 12 barracas para comércio de carnes vêrdes, não permitindo a qualquer concorrente arrematar mais de duas barracas, e restringindo êste comércio ao mercado.

## O ANO BOM DA CRÊCHE

Na vêspera, quando recolhi de noite a câza, olhei desconfiado para o ar com mêdo de que chovêsse, e não viêsse a alegria dum raio de sol dourar suavemente o azul pálido do carinhozo ceu de outono.

Se fôsse coiza em que eu mandasse, quando chovêsse, transferião se as festas e os dias santos.

E' tão triste ter necessidade de rir e não poder, andar uma semana inteira a trabalhar e não ter uma tarde de sol para sair a respirar o ar frêsko e vivo, que ergue os corpos vergados pelo trabalho e aperta num abraço de saúde os musculos cançados; não ter uma tarde para andar ao vento bom, que anima os rostos pálidos com a côr sádia e vermêlha, e dá ao olhar perdido a vida duma gota irizada d'agua a transbordar dos olhos; não ter uma tarde para deixar as ruas tristes da cidade e correr ao sol por caminhos desconhecidos do campo, cortados de lama e charcos d'agua, que fazem saltar e rir, e dão á roupa o cheiro bom da terra.

Não! Se eu mandasse, nunca avia dia santo ou de festa em que não caísse do ceu a alegria do sol.

Eu antigamente não era assim: ria e folgava sempre e nunca dava fé do tempo que fazia.

Agora não. Não sei já rir sem o sol no ceu, não sei já rir sem ouvir rir os outros tambem.

E parece-me que até já tenho dias marcados para rir.

A minha alegria d'ôje anda á mercê da chuva e do sol, começa a ser como a alegria de tôdos, uma alegria fria de calendário.

Quando acordei no dia de ano bom, pareceu-me o tempo escuro e fui-me vestindo sem abrir as portas das janêlas do meu quarto, com mêdo de vêr que chovia.

Já na rua, dei com um neveiro cerrado, em que se sumiam vultos de mulhêres a descêrem para a praça.

Eu pús-me a descêr, tambem, muito alegre.

O neveiro não me entristece, a sua carícia fria penetrando a carne, conheço-a desde menino, e nunca encontro o neveiro na rua, que me não lembre a terra em que me creci, e não fique a rir para êle, como se tivêsse encontrado um amigo de infancia.

Ia-se desfazendo pouco a pouco, e eu corria mais depressa para o vale de Santa Cruz, para o não perder; porque a mim o neveiro faz-me bem, como a saúde de um dia alegre de criança.

Mal passei a porta da Crêche, estranhei o pequenino terreiro com os seus caneteiros de telha vermêlha, grupos simples de plantas em vasos e caixões. Tinha o ar lavado e limpo dum jardimzito modesto de aldeia, em que tivesse passado o cuidado delicado de uma mulher.

Ao fundo, perto de uma escada, o Frederico Graça pregava pregos, contente, a rir para um ômem novo, que conversava com êle, parado sem fazer nada.

Dum lado para o outro, movia-se um rapás do campo com vontade de ajudar, de que o mandassem fazer alguma coisa.

Na sala da Crêche, fui dar com o Cassiano e o Manuel Jozé Têles a pregarem flôres e ramos pequeninos de era.

Nos vasos descansava a graça delicada e fresca das camélias no meio de folhas verdes de arbustos.

E eu, que tinha fantasiado uma decoração nova e complicada, percebi

de repente que me tinha enganado, que era a simplicidade limpa e pobre que convinha áquella caza e despedi-me.

Ao sair, encontrei a sr.<sup>a</sup> D. Maria Soledade Marques Ribeiro e demorei-me a conversar e a fazer-lhe perguntas, a rir-me da sua impaciencia disfarçada; mas que conheço muito bem de a ter experimentado em dia, em que ia realizar-se festa que de longe eu trazia preparada com amor.

Ela a querer ver a sala, a procurar por tudo e eu a falar-lhe da chuva e do bom tempo, e a gostar de a ver tão preocupada, e a fazer perguntas, a finjar que não percebia a delicadeza forçada do seu sorriso.

Fôra, desceendo com o Manuel Teles a rua da cadeia, na sombra úmida que escorre da torre de Santa Cruz, eu ri-me com o prazer que tenho, quando reparo que a gente boa é toda como eu.

Mais tarde voltei á Crèche, e fiquei á porta a vêr as crianças sentadas sobre o chão em esteiras claras, comendo em volta de uma meza baixa, com uma toalha elva, e a alegria das flores em duas jarras simples.

Como elles comiam, coitadinhos. Eu não me lembra ver comer assim, com tanta convicção, senão a um padre em Souto-Côvo, uma aldeia bonita perto de Lamego.

Tenho visto comer muita gente; mas assim, com aquella ferocidade tranquilla, só o bom do padre daquela festa, a que ia de romaria todos os anos minha madrinha; porque uma santa, cujo nome me esqueceu, a salvára duma erisipela má.

Aproximei-me sem querer, a avivar a minha recordação de criança, olhando para um pequenito gordo, como erão antigamente os cônegos da Sé de Evora, quando recuei porque se levantava do chão a cumprimentar-me, na elegancia moça de graça feminina o vulto gentil duma senhora, doente minha, para cujo pai eu sou também um santo de grandes milagres.

Então reparei; junto com as mãs, amparando uma criança e ajudando a a comer sorria a sr.<sup>a</sup> D. Maria Soledade Marques Ribeiro; um pouco mais distante a sr.<sup>a</sup> D. Alice Pimenta da Costa Ferreira tentava fazer calar, ajustando uma roza, uma criança a quem tinham ido encher o prato.

A criança continuava a chorar, rebelde á belleza das coisas, com uma falta de sentimento estético de entristecer.

Perto, o sr. dr. Filomeno da Camara, que ficára sem almoçar, prezo pelo encanto daquela festa tão carinhosa-mente preparada pela bondade de uma senhora, falava com o Gonçalves, rindo para as crianças.

Por toda a parte avia crianças, que os pais e as mãs tinham levado para lhes ensinarem o amor dos pequeninos, pouco afortunados.

Bem ájão!

Acebou o jantar, tentou tirar-se um grupo. Impossível!

Chêgão de repente os meninos orfãos, parão á porta, dis se a um que toque no seu trombone. As crianças ficaram espantados, e tira-se o grupo em que tudo fica a rir do espanto das crianças.

Alinhão-se os orfãos e começam a tocar.

As crianças levantam-se; uma vem-se estender cheia de medo nas pernas do Gonçalves.

Eu não ando muito bem avindo com os meninos orfãos; porque, á tempos, me andão a contar histórias de terços e ave-marias, pouco do meu agrado, mas quando os ouvi tocar, tudo desapareceu.

A importância do bombo, a graça dos pratos, o ar garoto da caixa de rufo.

É o meu amigo José Dória, muito satisfeito a rir-se para elles todos e para nós também, contente com o successo da sua charanga.

As crianças vão buscar os meninos orfãos e vinão mostrar ás mãs os mais bonitos.

Um trouxe-me a rir um dos mais pequeninos e contou-me, muito admirado, que aquelle menino não sabia o nome da terra em que na cêra e; só se lembrava que avia lá muita oliveira.

Ao ouvir aquelle dito simples, pensei como se engana tanto quem imagina que não falão os olhos das crianças ao seu coração pequenino.

Lembrava-lhe áquella criança a doçura da sua terra, a bondade das oliveiras tão velhinhas.

E eu andei a mostrá-lo a todas as mãs, levantando-lhe o queixo pequenino e redondo, para que elle visse bem aquelles olhos baixados amorosamente sobre as crianças, na esperança de que elle, que não conhecêra o olhar de mã, e de tão pequenino, reparava tão carinhosamente na terra em que nascêra, tivesse nas suas recordações de infancia a saudade de um olhar doce de mulher...

T. C.

Tem melhorado o estado do sr. Francisco Nazareth, sendo de esperar para breve pronto e completo restabelecimento.

Por isso damos sincêros parabens á familia amantíssima, que a doçura do nosso amigo tem trazido em tanto cuidado.

**Nota**

No ultimo numero, os srs. tipografos fizeram das suas, o que desta vez não estranhámos; porque é natural o cansaço em quem tem trabalhado tanto ultimamente.

Por isso não saui o nôsso agradecimento á direcção das crèches pelo voto de louvor com que nos onrou na sua ultima sessão.

Por isso não agradecemos também á *Folha de Coimbra* as amabilidade-dependorantes ao sr. dr. Teixeira de Carvalho; verdade seja que neste ultimo caso chegava a sêr medida de prudencia.

Não viesse depois alguma ratificação!

A todos o nôsso reconhecimento por tanta gentileza que, com quanto imerecida, nem por isso deixa de muito nos penhorar.

**CARTA DA FIGUEIRA**

Poucas vezes terei, como ôje, um cazo sensacional, na vida pacata deste laboriosa terra.

Refiro-me ao salvamento dos naufragos do vapor que se incendiou perto do Porto.

Recebeu-se aqui um telegrama de S. Pedro de Moel, dizendo que á vista passava, erguendo uma pequena vela, um barco que não podia resistir á agitação violenta do mar, em grande temporal, e que era provavelmente de pescadores da Nazareth que corriam grande perigo.

O briozó capitão do porto, que tem dado sobejas provas de interesse pelo serviço publico, accorrendo diligentemente aonde é necessaria a sua actividade e a sua intelligencia, portou-se destarte como sempre, organizando rapidamente socôrros, mandando correr a côsta a vêr se descobria embarcação á vista, partindo por fim para Buarcos a vêr se do mar responderião aos sinais feitos com archotes da terra.

Não pôde sair o barco salva vidas, mas linçou-se ao mar uma pequena lancha tentando chamar a atenção dos naufragos com archotes que lhes indicassem a praia, ou provocassem da sua parte á manifestação de qualquer sinal.

A lancha fêz-se ao mar sem se atrever a passar as portas.

Dezesperava-se já descobrir qual quer embarcação; o mar estava áspero e notava-se da parte do pessoal official de Buarcos falta de ardor em se abalçar ao mar, sem um indicio seguro, quando uma mulher começou a gritar que via no horizonte uma vela.

Ninguém descobria nada, mas a pobre mulher continuava a gritar e indicava com o braço irto o sitio em que a sua imaginação lha fazia vêr; porque mais tarde veio a verificar-se que se tratava de um facto de aute sugestão.

Diante da insistencia da mulher ninguém se atrevia a abandonar a praia, até que alguém que tinha ido buscar a caza um oculo afirmou que via em determinado ponto uma embarcação, mas que não tinha vela.

Outros tentarão verificar o facto, mas ninguém via a embarcação.

Um marítimo experimentado declarou, porém, que era verdade, e que no ponto indicado avia uma embarcação, mas que não tinha vela.

Mal tal se ouviu, cresceu o entusiasmo e lançou-se ao mar a lancha de

Pedro Charana que tomou o seu comando, com uma tripulação improvisada, de ômens cheios de brio e de corajem.

O mar estava bravo, a campanha foi morosa, perderão se remos, por fim desapareceram ao lonje os salva-dôres deixando todos em sobresalto.

Passarão-se momentos de anciedade, por fim enxergarão o barco que voltava.

Parêcia vir zozinho. Vista experimentada gritou: trazem um barco a rebouque, no nôsso barco vem mais jente!

Começou a inquietação de alegria.

O sr. Fêteira mandou apressar a refeição substancial, que caridosamente mandára preparar, mal se descobri o barco em perigo.

Por fim desembarcãro em terra os naufragos e consolava ver a alegria dos pobres mariantes de Buarcos, levando-os para suas cazas a despir-lhes os fatos emcharcados para lhes vestirem a sua pobre roupa, seca e quente.

Erão naufragos o major Little e espoza, com três filhos um de 9 anos outro de cinco e uma pequenina de dois anos apenas.

Alem d'esses vinão mais tres marinhos e o piloto.

O major Little e familia forão agalzados na caza ospitaleira do nôsso amigo e correligionário sr. dr. Cerqueira da Rocha.

Os marinhos não pedião senão agua.

Andãvo á cinco dias e cinco noites sem pinga d'agua, sustentando-se de bolacha.

E era de vêr a pequenita de dois anos, que passára aquélas noites e dias de amargura ao côlo da mã, alimentada com leite condensado, sorrir para todos, sem perceber bem a causa daquella alegria.

Contãvo os naufragos que de longe tinham percebido os sinais da praia, que os avião enchido de alegria imaginando possível a salvação, mas que, por isso fôra maior a angustia quando tinham visto apagar os archotes da primeira lancha.

A primeira luz, na terra tinham percebido que os procurãvo, ou que aviam outros em perigo naquella côsta. Tinhao pegados nos rémos com energia, mas, poucos minutos depois, os braços exaustos recusãvo-se a remyr.

Tudo isto era ouvido com alegria, e só avia o pezar de se aver perdido, arrebatado pelo mar, o pobre Antonio Gerardi, marinhô de orijem italiana que viera com elles, quando tiverão de abandonar o *Cygnel* a arder.

O piloto estava como se não tivesse avido perigo: comia e bebia alegremente e tem continuado a passear por esta cidade, como se nada tivesse tido.

Nos outros, appareceu mais tarde o shock, mas todos se vão restabelecendo na carinhoza ospedagem que elles elojão como inexcêdível, e nunca encontrada na sua longa vida de aventura.

Para acabar farei a nota de que nesta circumstancia, como em muitas outras, se notou a inconveniencia de distribuir cargos como benesses, sem atender á competencia, sem fazer cazo do interesse jeral.

Se não á nada senão para louvar na actividade intelligente, no zelo de á muito reconhecido do sr. tenente João Quadros, se o sr. Artur Xavier, chefe da circunscriçao aduaneira empregou os mais louvaveis esforços nesta conjuntura, muito á que censurar, e muito foi já censurado aos empregados menores.

Para socôrros a naufragos querem-se marítimos, só elles têm a dedicacão e o saber profissional.

Mais de espaço nos referiremos noutra carta a este assunto, querendo deixar deste acontecimento apenas a nota do bem que mereceu o sr. capitão do porto, do bem que me ceu mais uma vez a dedicacão e o ardo dos pobres pescadores portuguezes, tão desdenhosamente desprezados pelo estado, que lhes devia, como a uma grande força de riqueza nacional, mais disvelo e protecção.

Até breve.

Vae proceder-se a estudos da estrada de serventia de povoacão de Santa Ovaia para a estrada de Coimbra a Celorico.

Durante o ano findo fôrão passados no governo civil deste distrito 1:464 passaportes a emigrantes.

**AGUAS DE LUZO**

Pel direcção das aguas de Luzo foi distribuida a todos os revendedôres a carta que em seguida publicamos; e onde, aparte medidas especiais para evitar a inquinacão das aguas pelos garrafões e garrafas, se acha preceituado o que exige a hygiene moderna.

São para louvar estes esforços da empresa para bem servir o publico.

Il.<sup>mo</sup> Sr. — A Direcção da *Sociedade para o melhoramento dos banhos de Luzo*, na sua sessão de 5 do corrente mês, para assistir á qual tive a honra de ser convidado, na qualidade de Prezidente da Assemblia jeral da dita *Sociedade*, e seu fundador, entre várias deliberações que tomou sobre assuntos importantes, julgou de urgente necessidade que se elaborassem instrucções sobre a venda da agua thermal do respectivo Estabelecimento.

E, depois de discutir os topicos principais que ellas devião tocar, pediu-me para eu me encarregar de redigi-las, dando-me para isso pleno voto de confiança; e de mandá-las em seguida distribuir, evitando se dêsse modo novas reuniões sempre dificeis de conseguir por abitar a maioria dos directôres a distancia consideravel daquella aldeia.

Em desempenho dêssa missão, que de bom grado aceitei, redigi as seguintes instrucções, de que dou conhecimento a V. S.<sup>a</sup>, para que as siga na parte que lhe é applicavel, dêsde o dia 1.<sup>o</sup> de Janeiro proximo:

Artigo 1.<sup>o</sup> O Director técnico do Estabelecimento dos *banhos de Luzo*, providenciara, pelos Empregados que tem ás suas ordens, para que seão prontamente satisfeitos os pedidos de garrafões, ou de cachotes de garrafas, d'agua thermal que lhe seão dirigidos pelos revendedores.

Art. 2.<sup>o</sup> O me mo Director técnico vijará, com o máximo cuidado, para que os garrafões, antes de cheios seão bem lavados; — que, depois de cheios, seão arrolhados com rólhas, que seão esterilizadas pelos processos uzado, nos Estabelecimentos congêneres estrangeiros, e já ôje também adotados nos nacionais bem montados; — que na parte superior das rólhas seja imposta uma camada de lâcre bastante espessa para que nela possa gravar se, de modo bem vizivel, o selo do Estabelecimento. As mesmas precauções e cuidados se observarão enquanto ás garrafas.

Art. 3.<sup>o</sup> Tanto nos garrafões, como nas garrafas, se colará um rótulo que contenha o rezumo das duas análizes *química e bacteriológica* que lhes fêz o distinto professor, director do gabinete de microbiologia da Universidade, mr. Charles Lepierre.

Art. 4.<sup>o</sup> Com os garrafões, ou garrafas, sera enviada aos revendedores da agua uma fatura, em que seão debitados pelo preço da agua; pela dos garrafões ou garrafas, — que ficarão sendo propriedade sua; — pela do transporte dêsas vazilhas dêsde o Estabelecimento até á estação do caminho de ferro de Luzo, e finalmente pela importancia do despacho no caminho de ferro dêssa estação até ás terras da sua naturalidade, como tudo até agora se tem praticado.

§ único. O pagamento, porém, da importancia de todas essas despezas somente lhes será exigido quando fizerem segundo pedido; e assim por diante; a fim de que, sem desembolso proprio, possam pagar a agua com o produto da venda da mesma agua.

Art. 5.<sup>o</sup> A despezã com a devoluçao dos garrafões vazios, bem como das garrafas para o Estabelecimento, a fim de se encherem de novo, sera feita, como até agora, pelos revendedores, enquanto a *Sociedade*, que já obteve da Companhia da Beira Alta uma tarifa de bastante favor para a conduçao das vazilhas cheias, não alcançar dela a devoluçao gratuita das vazias. Para conseguir mais esse favor trabalha ella activamente.

Art. 6.<sup>o</sup> Os garrafões devolvidos ao Estabelecimento para voltarem cheios virão bem arrolhados; e, sendo possível, até lacrados; para que não aconteça que no trãnsito recebam qualquer infecção. A mesma precauçao se observarã com as garrafas.

Art. 7.<sup>o</sup> Os revendedores não esperarão, para fazerem novos pedidos da agua, que se exgote completamente a que tiverem recebido; antes pelo contrario regularão os seus pedidos por forma, que nunca os consumidores sofram interrupção no fornecimento da agua que dezejam.

Art. 8.<sup>o</sup> Se os revendedores desistirem da venda da agua, ou se o depósito della lhes fôr retirado pela Direcção por motivos fortes que para isso tenha, receberão ao fazerem entrega dos garrafões ou garrafas, que tiverem na sua mão, o preço que por êssas vazilhas tiverem dado, se ellas estiverem em condições aceitaveis.

Art. 9.<sup>o</sup> Os revendedores poderão vender a agua, que tiverem recebido em garrafões, ou ao litro, ou ao côpo, como mais lhe convier, e como mais conveniente fôr aos consumidores.

§ 1.<sup>o</sup> Se, porém alguns dos consumidores quizerem comprar garrafões inteiros de qualquer medida, e mandalos conduzir para suas cazas arrolhados e lacrados como tiverem ido de Luzo, ser-lhes ão facultados logo que paguem a agua, bem como os garrafões, — que ficarão sendo propriedade sua; — podendo por isso conservá-los em suas cazas todo o tempo que quizerem.

§ 2.<sup>o</sup> Se, depois de exgotados os garrafões, que tiverem levado e pago, quizerem continuar no uso da agua, terão direito, ao entregar aquêles, a que lhes seão fornecidos outros de igual medida e em eguaes condições, e assim por diante enquanto quizerem agua.

§ 3.<sup>o</sup> Se vierem a prescindir do uso da agua, poderão entregar os ultimos garrafões, recebendo o preço que por elles pagãro, se vierem em condições aceitaveis.

Art. 10.<sup>o</sup> A *sociedade* não responde por quebra, ou extravio, de vazilhas, quer ellas tenham sido remetidas aos revendedores pelo caminho de ferro, quer por qualquer outra via que tenham escolhido. Exijirão, querendo, a indemnizaçao dêsse prejuizo a quem dêles tiver sido cauza, fazendo para isso as reclamações a que tiverem direito.

A Direcção autoriza a V. S.<sup>a</sup>, para que afirme, em nome della, aos consumidores da nossa agua que o Digno Director técnico do Estabelecimento fiscalizara, com o zelo e actividade, de que tem dado exuberantes provas, todo o serviço relativo ao fornecimento da agua.

Ele, que com excelentes e bem elaborados relatórios tanto tem concorrido para a credital açã, mencionando os muitos cazos em que o seu uso, tanto interno como externo, tem operado verdadeiros milagres, não á de certamente querer que, por falta de cuidado e accio na captacão della, se limpezã das vazilhas que a conduzem, ou por falta de precauções na sua remessa para os pontos a que fôr destinada, perca qualquer coisa da pureza inicial.

A lucida intelligencia de que é dotado, fãz-lhe certamente perceber que, se a sua assidua permanencia no estabelecimento é absolutamente necessaria para que corra bem o serviço dos Empregados, e para que funcionem regularmente os aparelhos do complicado maquinismo, com que a *Sociedade* se tem ido gradualmente enriquecendo, á custa de importantissimas despezas, para fornecer aos banhistas os banhos ordinários nos dois Estabelecimentos na temperatura que lhes tiver sido aconselhada, bem como os de chuva, quentes e frios e os de douches, pulverizações, lavagens de estomago, irrigações nazais, uterinas e rectais, inalações, enfim tudo quanto a medicina aconselha para alivio dos doentes, não é ôje essa assidua permanencia no Estabelecimento menos indispensavel para fiscalizar o serviço do fornecimento da agua, que é já atualmente pouco menos importante do que o dos banhos.

Essa fiscalizaçao, ao passo que representa para elle o cumprimento de um dever sagrado, ao qual, como ômem de bem que é, nunca quizerã esquivar-se, ser-lhe á até ocazião de agradável entretenimento, tendo como tem rezidencia fixa em Luzo, donde não pode mesmo sair sem licença da Direcção; e sendo a sua caza de rezidencia a dois passos do Estabelecimento.

Tudo isto poderã V. S.<sup>a</sup> expôr aos seus freguezes como garantia da pureza da agua que consumirem.

Não devõ terminar sem aproveitar esta ocazião para prestar, em nome da Direcção, um preito sincero de profunda graçidão á memoria veneranda do eminente e nunca assã chorado, medico da capital o Sr. Dr. Manuel Bento de Souza, que, tendo rezidido algum tempo em Luzo, e exercido até o cargo de Director da *Sociedade promotôra do melhoramento dos seus Banhos*, foi o primeiro que reconheceu as virtudes terapeuticas da agua thermal do Estabelecimento para uso interno, e lançou-lá, e depois em Lisboa, o pregão entusiastico do seu valor.

Faltaria eu também ao meu dever

se não passasse, igualmente em nome da Direcção, um tributo de sincero reconhecimento ao distinto clínico francês de Lisboa, Mr. Henri Marie Frédéric Mouton, que prezantemente está aconselhando a nossa água aos seus numerosos doentes, e lhe agoura um auspicioso futuro, quando seja bem conhecida; porque a sua minuciosa e já longa observação lhe tem subjeitamente demonstrado que ela substitue perfeitamente a afamada agua francesa de Evian, que a medicina está hoje applicando a inúmeros doentes, mas que só a custa de grande despesa pôde ser adquirida.

Chega elle até a lamentar que se ignore, por falta de publicidade, que em Portugal uma água inteiramente igual á de Evian do seu país.

A Direcção pede a V. S., que acuze a recção desta Circular ao seu Delegado, Director Técnico do Estabelecimento de Luzo, dizendo-lhe, para os devidos efectos, se aceita estas instrucções, e se está disposto a cumprilas na parte que lhe dis respeito.

Deus Guarde a V. S.

Pela Direcção,

O Presidente da Assembleia Geral,

Dr. Francisco Antonio Dinis.

Foi apresentada na igreja parochial de S. Miguel da Marm-leira, de Mortágua, distrito de Coimbra, o sr. Adelinho Alexandre do Coito.

Agradecimento

A Direcção das Creches de Coimbra agradece a toda a imprensa local, e aos srs. correspondentes desta cidade para os diversos jornais do país, as palavras de gentil amabilidade e generoso incitamento com que a onraram por occasião da sua festa do ano novo, protestando a todos a sua indelevel gratidão.

Enterrou se ante ontem o sr. João de Brito, conhecido negociante em Santa Clara, e nosso dedicado correligionario.

Faleceu repentinamente vitimado por uma congestão cerebral.

No carro-funebre viam se numerosas corças da familia e dos seus amigos.

Os nossos pèzames á familia enlutada.

(9) Folhetim da "RESISTENCIA,"

H. DE BALZAC

O EXCOMUNICADO

O Abade

Quando Catarina appareceu com o psi, umas quarenta pessoas, que estavam na sala grande, inclinaram-se com respeito e esperança que a dona e o velho senhor se assentassem; mas Catarina, não vendo Ombert, ezitava em sentar-se á meza, quando appareceu o barão, com outro fato; porque o seu se tinha estragado com o banho forçado.

No meio da multidão, distinguia-se um veneravel eclesiastico, orçando pelos sessenta annos de idade, cujo rosto respirava bondade e doçura; estava vestido com uma sotaina preta e o seu ar parecia preocupado.

Depois de terem tomado logar os senhores, o chefe dos omens d'armas, os pajens os cavalleiros e a jente mais onrada da casa collocaram-se á volta da meza, deixando uma distancia respeitosa entre elles e o grupo dos dois senhores.

O capellão disse então o benedictico, e, depois de ter abençoado a comida, assentou-se como os senhores; os comensais iam imitando-o, quando se ouviu a voz de Roch o Canhoto, que entrou seguido pelo mendigo salvo por Ombert.

Publicações recebidas

Almanach das Aldeias para 1904. - O Almanach das Aldeias para 1904 encerra variados e interessantes artigos inéditos sobre todos os ramos de agricultura, e muitos assumptos uteis na vida pratica. E' um livro utilissimo a toda a jente, mas principalmente aos agricultores.

Colaboram neste almanach os redactores da Gazeta das Aldeias srs. Carlos de Souza Pimentel, Eduardo Sequeira, João Inácio T. de Menêzes Pimentel, Dr. João Salema, J. V. de Paula Nogueira, José de Castro Portugal, Dr. Julio A. Enriques e M. Rodrigues de Moraes.

E' este almanach um verdadeiro guia do agricultor e contem materia que a toda a jente aproveita. Forma um volume de 176 paginas, illustrado com 34 gravuras, na maior parte expressamente feitas para esta edição, e custa 150 réis, franco de porte. E' remetido immediatamente pelo correio a quem enviar a respectiva importância á administração da Gazeta das Aldeias, rua do Sá da Bandeira n.º 195 1.º - Porto.

Tratado de contabilidade pelo guarda-livros Ricardo de Sá. Estão publicadas as cadernetas n.º 19 e 20. Assigna-se na Editora Largo do Conde Barão 50.

Rudimentos de agricultura

Por ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

Livro aprovado no ultimo concurso pela Direcção geral d'instrução publica. Preço pelo correio, 280 réis.

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na casa editora LIVRARIA AILLAUD, rua do Ouro, 242-1.º - Lisboa.

TEIXEIRA DE PASCOES

SEMPRE

Um volume de 325 paginas, edição luxuosa, 500 réis.

JESU E IAN

Preço 400 réis.

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior - Rua das Oliveiras 75 - Porto.

O produto deste livro revertêrã a favor duma Associação a creanças doentes que se vae fundar em Amarante.

- Não, exclamou o desconhecido, não quero deixar estas paragens sem ver o bom senhor que me salvou a vida... deixe-me entrar!

Apezar dos esforços do velho mordomo, o mendigo appareceu á porta, olhou atentamente para todas as pessoas que estavam assentadas em volta da meza, e tornou-se então objecto da curiosidade geral.

O rosto era sulcado por uma infindabilidade de rugas, e a pelle luzidia e amarelada tinha o aspecto do cobre; os cabellos, cortados em linha recta na testa, cresciam livremente na nuca. Trazia como vestido uma especie de saço de tecido grosseiro apertado á cintura por uma corda.

Os sapatos tinham uma forma muito diferente da que estava em voga, a jaqueta estava remendada em muitos lugares, finalmente tinha na mão o cajado que não largára, mesmo quando caíra no Loire e que terminava em volta.

Este personagem singular passeava á volta os seus pequenos olhos verdes, mirando toda a assembleia, sem parecer embaraçado por se encontrar em tão boa companhia; os movimentos livres e facéis tinham uma especie de graça e da nobreza.

- Senhores, disse por fim e vós, minha nobre dona, dai-me a conhecer, assim vo-lo conjuro, aquelle que me salvou a vida! pediu elle inclinando-se levemente.

- Que te importa; se estás vivo?...

respondeu-lhe Ombert.

- O meu reconhecimento será talvez mais de uma vez util ao que me

MANDEL DE SOUSA PINTO

A ÚNICA VERDADE

Drama em 2 atos

Preço 300 réis

Editor - Moura Marques

CONTOS DAS CRIANÇAS

Por

Maria Pinto Figueirinhas

Preço 300 réis - Livraria Editora de José Figueirinhas Junior - Rua das Oliveiras - Porto.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

HORARIO PROVIZORIO

DAS

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partida dos carros do largo das Ameias

Table with 2 columns: Numeros dos comboios e destino, Horas da partida. Rows include 8 (correio para Lisboa), 15 (Porto), 17, 18, 19, 22, 3, Rapido, 4, 54 Rapido.

Tabéla de preços

Largo das Ameias ou Casa do Sá a Rua do Infante D. Augusto - 50 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro á Rua do Infante D. Augusto - 40 réis.

Largo das Ameias, Caza do S. I ou Rua do Infante D. Augusto ao Mercado - 30 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Largo de D. Luis - 30 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Mercado - 20 réis.

Estação B dos Caminhos de Ferro ao Largo das Ameias ou Mercado - 50 réis.

Estação B dos Caminhos de Ferro á Rua do Infante D. Augusto - 80 réis.

Estação B dos Caminhos de Ferro á Caza do S. I - 20 réis.

A assinatura para os bilhetes pessoais está aberta pelos preços annuaes de 12000 réis, e 9000 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes ultimos de logares na plataforma dos carros.

ANUNCIOS

O amigo do povo de Coimbra

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietario da Padaria Popular, Largo da Freiria, n.º 12 e 13, á rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigencias de todo o consumidor muito particularmente pelo que respeita ao saboroso paladar que em geral resulta da boa qualidade e esmerado accio na manipulação.

Além disso o seu proprietario com atividade e zelo envia os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeigoados do pais, seguindo o moderno sistema de fabricação empregando sempre a agua filtrada.

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em igiene e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o annunciante compra de pronto as farinhas.

Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento. Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos freguezes

ACETILENE

Instalações completas. Grande deposito de carboreto de calcio.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio - COIMBRA

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de boca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuosas.

Consultorio - Largo da Sé Velha.

Preços módicos

A Topica contra Frieiras

É o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que soffrem de tão orrivel mal.

Applica-se em fricções durante dois minutos, collocando-se depois um pacho d'algodão hydrophilo do mesmo topico por algumas horas.

Preço de cada frasco 300 réis. Vende-se na Farmacia A. sis. Praça do Comercio - COIMBRA.

para trás do escabelo, e um omem d'armas, pegando-lhe pela corda, que lhe pertava os rins, ergueu-o para o pôr fora.

Naquelle posição, o mendigo impertervel voltou a cabeça pallida para Ombert e disse-lhe: - Nada disto me impedirá de vos socorrer quando for necessario, sephor. Esta scena estranha tin a interrompido o almôço, e o omem d'armas, que segurava o mendigo, era o alvo de todas as atencões.

- Enforca-o nas ameixas da torre! gritava o sr. de la Bourdaisiere, e toma cautela que não parta a corda!

- O meu pai, disse Catarina comovida, por uma palavra irrefletida, vai tirar a vida a este pobre omem? Covénho que o mereço; mas a sua cólera cai muito baixo esta manha.

Ombert surprehendido com a audacia do mendigo, e com o socorro das suas feições, começava a interessar-se por elle. Juntou-se á Catarina a tentar fazer ceder o velho irritavel, e quando julgou tê-lo conseguido, fez um sinal e disse:

- Bertram, deixa-o ir em paz! o senhor de la Bourdaisiere perdoe-lhe... E tu, mendigo, d'graçante é mais circunspeto, e pensa no perigo, que acabas de correr.

- Muito obrigado! disse o mendigo, cuja cor passára da do cobre amarelado, para a do cobre vermelho.

Bom fidalgo, em vés de ir para Paris, fico algum tempo nesta terra, e o verme que não quizesse pizar, poderá muito bem impedir que seja abatido um bello carvalho,

A BON MARCHÉ

Papeis almassos de linho e algodão

Papeis para cartas de todos os formatos e qualidades

Papeis para cartas em bonitas caixas.

Papeis fantasia para participações de casamento.

Papeis de impressão para jornaes e obras.

Papeis para capas em todas as qualidades.

Papeis em cor para embrulhos delicados.

Papeis para encadernadores.

Papeis para forrar salas, lindos gostos (arte nova.)

Livros em branco e riscados para o commercio.

Livros de estudo e literatura.

Objetos de escritorio e dezenho.

Chás preto e verde, finissimas qualidades.

Encadernações de livros em todos os jéneros.

Carimbos de metal e borracha.

Perfumarías e tabacos nacionaes e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos em todos os jéneros.

Artigos de ceramica para construções.

CAZA EUROPA

14 - Rua dos Gatos - 16

COIMBRA

COLEGIO

LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRECTOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina-se instrução primaria e instrução secundaria (curso dos liceus e curso commercial).

Aulas de ginastica e musica.

Admitem-se alumnos internos, semi-internos e externos.

Enviã-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao director.

Canalisações para agua

Ninguém mande fazer sem ver os preços da casa.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio - Coimbra

Orcamentos gratis

Barbearia Lisbonense

Muda brevemente para a rua Ferreira Borges, n.º 57 e 59 este estabelecimento.

Com isto se indiretton o mendigo, escolheu na meza alguns bons bocados, que meteu no sacco, e saiu com um ar grave e ponzado que deixou a assembleia no maior espanto.

- Este pagão, replicou o senhor de la Bourdaisiere a meia vós, e limpando a barba e os dedos ao guarda-napo, este pagão ahudou á situação atual e o facto é que não é brilhante.

- Que quer dizer replicou Ombert interrompendo.

- Quero dizer que, se éesses bons moñhes te deixarem a excomunhão com que te ameaçãõ, não sei muito bem o que será de ti; todo o mundo te abandonará, ficarás só no castelo e nem mesmo arranjarás um cozinheiro, porque... sil ail... gritou o velho senhor, que tens tu? Tomas o meu pé por uma bigorna?

Com effeito, Ombert, descontente por ouvir o sogro discutir tais materias diante dos serviaes, que éráõ todos, á excepção dalguns omens d'armas, muito relijiosos, queria a toda a força fazer calar o senhor de la Bourdaisiere.

- O senhor, que é conhecido dos bons padres, e cujo apêgo á relijião é tão grande, respondeu então Ombert, porque não tenta um esforço em meu favor? Outro dia quis obter uma explicação do velho abade, e Bertram é testemunha de que só tinha boas intenções; a desgraça quis que o meu cavallo se desmandasse e que D. Elias se deixasse cair de susto sobre o seu immediato; então todã a passarda se pôs a cantar e foi impossivel entender-moños.

(Continúa.)

## FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Cerâmica Portuguesa, no Porto, em 1897, com diploma de mérito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1894

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, uíolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

### PREÇOS ECONOMICOS

✦ ✦ ✦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✦ ✦ ✦

29, Rua de João Cabreiros, 31 — COIMBRA

### LOJA ESPANHOLA

Proprietário José Teixeira

191, Rua Ferreira Borges, 193

Acaba de chegar a esta casa um grande sortido de sedas para vestidos pretos e de côres.

Mantilhas de seda, em diferentes gostos; lenços de seda, dos mais modernos; grande sortido em gravatas de seda ultima novidade de Paris; grande sortido de bordados suíços; Meias de seda, fio d'Escocia e algodão; piúgas pretas e de riscas, para ômem e criança; espartilhos de todas as qualidades; grande sortido de rendas valencianas, tule, de seda e de linho; suspensórios para ômem e criança; cortinados e bambinêles das mais modernas em diferentes gostos; saias e camisas; bordados para senhoras; lenços e écharpes de malha; fitas de setim e enfeites para vestidos e outros mais artigos.

O proprietário desta casa previne as ex. damas e o povo coimbricense que esta casa não traz nenhuns vendedores pelas ruas.

Quem quizer comparar bom e barato venha á Loja Espanhola.

### CASA MEMORIA

DE

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—Memoria. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem-se a prestações e á prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

### Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francêses que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

## ✦ ✦ ✦ ACETYLENE ✦ ✦ ✦

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 10.000 réis

Apparehos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por ora

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

XXXXXXXXXX

## FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographs Edisson de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

### CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos — Coimbra.

### RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

### Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

### CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moeda, Coimbra.

### COLAR DOUCHE

O melhor aparelho para banho douche que se obtem sem molhar a cabeça.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finêsa de visitar este estabelecimento.

### PROBIDADE

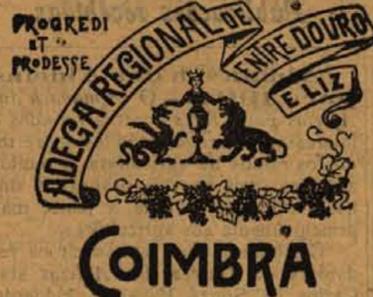
Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.



Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabela de preços de venda a miúdo (1 de julho de 1903)

Marcas	Garrafas de 5 litros	Garrafas de 1 litro		Garrafas de 1/2 litro	
		1	6	1	12
Tinto GRANADA...	550	120	660	85	900
» CORAL...	600	130	720	90	950
Branco AMBAR...	650	—	—	100	1050
» TOPAZIO...	—	—	—	120	1300

Distribuição gratuita aos domicilios em compras de garrafas ou dúzias de garrafas.

## VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garrafas (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção.— Os garrafas levam o carimbo da Adega em lacre, e nas roldas das garrafas e garrafas vae o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se dá fatura ao comprador.

## PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soufflés*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas *Centros de mesa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal. Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Courça de Lisboa, 32.

### Modista de Lisboa

CAROLINA VASCONCELOS

Terreiro de Santo Antonio, 24.º

Executa pelos ultimos figurinos, vestidos, capas, cazacos, fatos para creanças, etc. Prova á francêza.

### IJIÈNE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

### Aos automobilistas

Gazolina para automoveis.

A' venda na casa

Ladeira & Filho

### SILVA & FILHO

XXXXXXXXXX

Fábrica manual de calçado e tamancos a deposito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

## Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Caleca

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

### INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

# RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor  
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BRIGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica  
12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 867

COIMBRA — Domingo, 10 de Janeiro de 1904

9.º ANO

## A cruzada franquista

Com o estado maior luzido e grande aparato de májica custóza vai o sr. João Franco a aventurar-se a larga excursão, no fito de radicar e difundir o seu crédo político.

A cruzada inicia-se no Porto, onde o sr. Jozé Novaes á muito tresua na faina de arrolar convivas e manifestantes de categoria vária; e não será para extranhézas injenhuas que amanhã as tubas franquistas pregoem em reclamo sonoro que a capital do Norte, a terra insummissa da Liberdade, ovacionou fremente o tiranete de 95, e fêz áto soléne de adesão aos seus propósitos de salvação charlatanesca.

Alguem á, com mediánias de bom senso e fugidío conhecimento da istória, que acredite na efícazia da nova droga miraculoza, cuja propaganda vai agora afervorar-se em séries de jantarólas e cavácos? A possibilidade dum governo amplamente liberal e onesto dentro da monarchia, será ainda para alguns espiritos crédulos e bons desideratum de fácil obtenção?

Para nós o sr. João Franco não é, não pôde ser uma esperança de inovação nobre e patriótica nos desmoralizados processos governativos. Ele creou-se e elevou-se nessa política de arbitrio, imoralidade, e reacção que agora incrépa com tropejantes cóleras e percuientes ironias: pactuou com éla, amplamente, sem escrupulos, sem rebeldias que denunciasssem salutar inadaptação ás suas exigências desonestas: foi, contra todas as liberdades, odiento, estreito, grotescamente pimpão, o fautor mais dedicado do engrandecimento do poder real — fórmula que éle creou e defendeu á poinge para amostra da sua fidelidade de cortezaão antigo.

Sem a larga preparação que torna eminentes e respitados os verdadeiros estadistas: destacando-se na política portugueza pelos processos vulgares de todos os aventureiros que nela culminam, pela audácia palavroza, pelo favor, pela tranziência, pela intriga, e arvorado em chefe de partido por uma dezavença estronzoza de irrequeitadas vaidades e ambições, o sr. João Franco não tem nada que o imponha e o acredite á confiança do país, nem no seu passado de tiranete grotesco e baixo, nem no seu novo papel de salvador, sempre cauto, prudente sempre, não vão afirmações suas mais claras distancial-o mais da coróa e quebrar a união dos seus correligionários de vária mescla.

Atacando todas as liberdades com a bravura de um dementado, criando leis odiosas que pudessem ser, nas mãos de funcionários escolhidos, instrumento miseravel de perseguição a quem lhe contrariasse os planos de ditador supremo, dezechambrando-se de colegas que lhe não aplaudiam a dezaustizada correria, espoliando ómens onestos,

só porque perzi-tiam em sê-lo, desprezando as suas intimações ilegales, o sr. Franco foi ontem o mais justamente odiado dos politiquieiros portuguezes.

Não teve uma me lida, um plano, um áto a impô-lo nobremente, dignamente, chamando para si uma justiceira omenagem. Foi, pela inépcia, pela vulgaridade dos processos, pela esterilidade danoza dos seus planos, um ministro como a grande maioria dos ministros portuguezes, sem relêvo, com uma grande pelintice intelectual, por completo emancipados da tutela de uma consciência onesta e justa.

Agora, vestindo uma feição austérea, vem proclamar-se o salvador escolhido para fazer respeitar os destinos altos deste povo.

Mas, intencionalmente, é deficiente e omisso em suas preleções. Um programa franco, a valer, dizendo todas as verdades, fazendo sentir todas as cauzas da nossa precária situação: uma campanha franca, a valer, atacando todas as immoralidades, todos os desmandos, todas as violências, talvez que o tornassem querido do país, mas decerto o não fariam ministro da monarchia.

Por isso elle é cauto nos seus protestos e ataques. A questão relijioza e a questão social, o sr. João Franco não fêz referencia no seu discurso de abertura, para não espantar os conservadores e reacionários ferventes que andam misturados no seu partido ou descontentar elementos liberaes que também por lá vivem.

Sobre a confusão dos dois erários, ninguem logrou obter ainda palavra.

O ministro, o político de ontem, é integralmente o salvador de hoje.

Nem emenda, nem transformação simpática: vive intimamente afeerrado ás suas velhas ideias de botabaixo, e, amanhã ministro, de novo as poria em prática com largó cortejo de violências.

Assim o sr. João Franco não vai chamar a uma cruzada os povos do norte, nem apresentar-se-lhes na qualidade de desinteressado e veemente apóstolo.

Vai apenas á cata de adezões para a cooperativa ultimamente fundada sob os seus auspícios, e que se propõe explorar o país com mais lucro para os associados.

Não, não é a cruzada de um apóstolo: é simplesmente a viagem vulgaríssima dum caixeiro viajante.

## RELATÓRIO

No próximo número começaremos a publicar uma série de artigos sobre o relatório da Camara Municipal, a que com muita dignidade, inexcédível zelo, e trabalho incansavel tem presidido o sr. dr. Dias da Silva.

Trabalhos de réta e sã administração, como os de s. ex.ª, não são para lér sobre o joelho, nem para agradecer com as palavras consagradas que a corteza manda dar á habitual inutilidade portugueza.

Escrevemos hoje apenas, porque nos tardava agradecer a oferta.

## Exposição Columbano

Abriu em Lisboa, na sala do *Diário de Notícias* a exposição das obras de Columbano Bordalo Pinheiro.

Do excelente pintor possuem em Coimbra quadros e dezenhos, não expostos os srs:

O sr. Conde do Ameal — Um concerto, composição extraordinaria, apresentada em Paris, no salon, quando Columbano ali estêve estudando com Carolus Durand, que, por uma admiração rara no grande retratista, o deixou expôr como discipulo seu.

É uma téia extraordinaria, revelação de talento, que foi admirada e discutida pelas maiores criticos francezes.

A análise deste quadro é necessária a quem queira compreender a arte singular deste extraordinario artista.

Eugenio de Castro — Um retrato a lápis do poeta, dezenhos varios, recordações de Paris; e a primeira ideia do grande quadro — *Canções e as Tâjidas*.

Este esboceto faria onra á galeria dum grande coléccionador.

Albino Caetano da Silva — *A avó*, pintura a óleo sobre lata, do tempo em que o artista acompanhava o pai na sua admiração pelos artistas flamengos.

Neste pequenino quadro, vê-se ja qualidade extraordinaria no artista, de tratar os objectos na sombra.

Agapito Roiz — Um dezenho a lápis.

Dr. Teixeira de Carvalho — *Retrato de senhora* delicada pintura sobre madeira da sua maneira; ao vir dos estudos em Paris.

Dezenhos a lapis: retrato da átris Florinda, esboço para a pintura decorativa da escada da camara municipal de Lisboa, apontamento para o Falstaf, apontamento para o dezenho *Mãe!*

Aguarêla — Um archeiro da renascença.

É um estudo feito na pequena academia que organizou o sr. Conde de Almedina e cuja istoria está por fazer.

## Jinázio conimbricense

O Jinázio Conimbricense, associação de uma vida tão átiva, e das que têm uma duração mais longa no pequeno meio de Coimbra, em que mal médão e prosperão as instituições mais uteis, tinha anunciado a liquidação do seu mobiliário, depois de tomada a resolução de acabar com a sociedade que se apresentava, na opinião dos directores, sem condições de vida.

Vendo a necessidade de continuar com esta instituição de educação física tão necessária neste meio de Coimbra, um grupo composto dos srs. Casiano Martins Ribeiro, Rodrigues da Silva, Dr. Eduardo Vieira, e outros amigos nossos vão distribuir profuzamente a seguinte carta:

Ex.ªs S.ªs.

Os abaixo assinados lastimando a liquidação do Jinázio de Coimbra e reconhecendo quanto se fêz sentir nesta cidade falta dum estabelecimento desta ordem constituirão-se em comissão provisória a fim de promover a criação duma nova Sociedade destinada ao desenvolvimento físico dos novos e que seja, por assim dizer, Centro da vida sportiva, conimbricense.

Para a realização desta empreza e

reconhecendo quanto s. ex.ª se tem sempre interessado pela educação física da mocidade, tem a onra de o convidar para uma reunião que terá lugar, amanhã pelas 7 horas da tarde na sala do antigo Jinázio, para se discutirem as bases da nova sociedade.

Agredecendo desde já a comparencia de v. ex.ª subscrevem-nos com toda a consideração.  
(Seguem as assinaturas).

Aplaudimos tão béla iniciativa, não só por ser a satisfação duma necessidade real de difundir e promover a educação física, tão desprezada no nosso país de filarmónicas intelectuais, como por conservar uma das mais antigas associações de Coimbra, que sempre se distinguiu pelo brilho das suas festas e pelo seu caráter altruista e democrático.

O Jinázio de Coimbra, mesmo no estrangeiro, se apresentou galhardamente, mantendo os créditos que os seus associados tinham conquistado no nosso país.

O nosso apoio incondicional a tão patriótica iniciativa

## Adega regional

A Adega Regional de entre Douro e Lis acaba de ter na exposição industrial do Porto a consagração dos seus esforços por levantar os créditos dos vinhos desta região.

Os vinhos brancos, que a preferéncia do público tinha já assinalado como excépcionais, tiveram a medalha de ouro, e os vinhos tintos a medalha de prata.

É motivo para felicitar-mos a Adega e os vinticultores de entre Douro e Lis, tanto mais que a extraordinaria distincção vem no começo dos seus trabalhos.

Não deve porém admirar a quem conheça os vinticultores, que se achão á frente da direção da Adega, e que de á muito vêm nas suas propriedades combatendo a ruína, e iniciando os melhoramentos aconselhados pelos vinticultores estrangeiros.

A instituição da Adega, recebida, a principio, com tão desdenhózos sorrisos e a que, mais tarde, se fêz guerra tão covarde, tem na distincção conferida pelo juri da exposição industrial do Porto recompensa condigna ao seu trabalho onrado e á sua perzistencia.

Os nossos parabens.

## Pelouros

Na quinta feira, como manda a lei, procedeu-se á distribuição dos pelouros e cargos pelos vereadores, sendo reconduzidos todos, á excepção do sr. Mendonça Cortês que ficou apenas com o pelouro dos impostos, sendo substituido no do mercado pelo sr. Aureliano Viégas.

Começou ontem a lavagem das ruas que estavam convertidas num lamçal incómodo.

A muito se fazia sentir esta necessidade.

No largo da Sé Velha regularizou-se também a saída da agua que tornava a travessia por aquélez sitios difficil a quem não fosse perito, e começava a exijir conhecimentos topográficos especiaes.

Seria também para dezerar que, nos logares onde á canos em construção, se collocassem de noite luzes para evitar dezastrés, como os que se têm dado, felizmente nem importancia.

Uma lanterna de acetilene é o bastante.

## REGULAMENTO POLICIAL

DAS

## CAZAS DE ESPÉTACULOS

Publicamos hoje o regulamento policial dos teatros, documento que tem a data de 10 de dezembro, e vem firmado com a assinatura do sr. Governador civil dr. Jozé Cid.

Este regulamento tornava-se á muito tempo necessário; porque os espéculos em Coimbra, por um desvariamento gradual, tinham-se tornado um caso unico no nosso país, abonando pouco a intellectualidade deste público especial, que muito tempo foi considerado como plateia de excepção, cujos aplauzos éráo disputados pelos maiores dos nossos artistas.

A responsabilidade não cabe toda aos estudantes, é em grande parte do résto do público, das senhóras que mais de uma vez ouvimos queixar de não avêr barúlho, e que encorajávão com o olhar as graças equivoacas que não percebão, mas de que rião com os outros, e éráo motivo de conserva futil do dia seguinte.

O regulamento que está bem feito, é omisso numa parte, não regulando as manifestações de aplauzo, como regulá as manifestações de dezagrado.

Bem sabemos que o caso é difficil e tem dado, mesmo no estrangeiro, lugar a mais de um episodio cómico.

Ainda á poucos anos na Austria, se a metrójia nos não falha, foi necessário limitar os aplauzes dados a uma cantóra; porque os espéculos se demoravão extraordinariamente.

Foi então, que, ao acabarem as manifestações de agrado permitidas pela autoridade, um entuziasta se pôs a assoziar, o que é considerado como manifestação do máximo dezagrado.

A policia não tinha prevenido o caso, e toda essa noite o assobio foi considerado como manifestação extraordinaria de aplauzo.

O regulamento dos teatros éra uma necessidade em Coimbra.

## CAPÍTULO I

Providencias de segurança contra incendios

Artigo 1.º Nas atuas cazas de espéculo do distrito de Coimbra e nas que de futuro se constituírem serão rigorosamente observadas as seguintes disposições:

1.ª Todas as portas de saída devem abrir para o exterior do edificio e conservar-se, durante os espéculos, nas condições de poderem ser rapidamente abertas em caso de pânico ou incendio;

2.ª Não é permitido o emprego de lús de petróleo ou de qualquer liquido inflamavel, em qualquer parte do edificio, nas terras em que estiver estabelecida a iluminação a gás ou a electricidade;

3.ª Quando as cazas sejião iluminadas por meio de gás ou electricidade, averá naquélas uma iluminação suplementar a vélas, devidamente resguardadas, suficiente para que não fiquem ás escuras, em caso de dezagranjo ou corte da iluminação ordinaria;

4.ª As luzes volantes serão encerradas dentro de lanternas, e as do palco, camarins e outras dependências, guardadas de rede, de modo que não possam comunicar fogo a qualquer tecido que se lhes approxime;

5.ª Todas as cadeiras e bancadas da plateia serão fixas;

6.ª Averá escadas e portas em numero e com dimensões suficientes para darem facil e pronta saída ao público, em caso de incendio ou pânico;

7.ª Os logares destinados ao público devem ter facil comunicação com as portas de saída;

8.ª Os corredores, e mais logares

que servirem de passagem ao publico, estarão livres de cadeiras e bancos sólidos ou outros objectos que possam impedir ou embarçar o tranzito;

9.º A iluminação geral, em caso de incendio ou pânico, só será fechada quando o pessoal dos bombeiros o determinar;

10.º Avendo lustre na sala de espectáculo será suspenso, pelo menos, por dois cabos de arame;

11.º A arrumação do cenário será feita de modo que não embarace o serviço dos bombeiros, para o que serão cumpridas as indicações do inspetor dos incendios;

12.º No palco averá dōze baldes, pelo menos, cheios d'agua, distribuidos conforme for indicado pelo pessoal dos incendios, ou pelo Administrador do concelho, nas terras onde não houver aquêlle pessoal;

13.º Não poderá empregar-se fogo de artifício sem prévia autorização da autoridade que prezidir ao espectáculo, ouvido o chefe do piquete de bombeiros, em serviço;

14.º A largura das coxias de passagem não será inferior a 0,70, e a das filas das cadeiras ou bancadas da plateia a 0,40;

15.º Ninguém poderá fumar no palco ou suas dependencias, exceto os artistas em cena, por exigencia dos seus papeis;

16.º Nas terras em que não aja organização do serviço de incendios deve a empresa encarregar d'esse serviço, de acordo com a respectiva autoridade administrativa, três ómens práticos e conhecedores da caza.

## CAPÍTULO II

### Empresa e espetadores

Art. 2.º As empresas, alem do disposto no capitulo anterior, são obrigadas:

1.º A solicitar, em Coimbra, ao Governador Civil, e, nas outras terras do distrito, ao respectivo Administrador do concelho, a necessária licença para darem espectáculos;

2.º A apresentar nas repartições em que lhes tiver sido passado a licença, para serem vizados, dois exemplares do cartás que pretendem affixar, um dos quais será restituído, com o visto, se for aprovado, ficando o outro arquivado;

3.º A manter vedado ao publico o ingresso no edificio, enquanto não forem adotadas pelo pessoal dos incendios, as providencias preventivas necessárias para segurança do publico, e a autoridade que prezidir ao espectáculo, ou, na sua auséncia, o comandante da força policial, não autorizar que a entrada seja franqueada;

4.º A dar começo aos espectáculos, á hora precisa que tiver sido annunciada no cartás, e a fazê-los terminar até á meia noite, o mais tardar, a não ser que a autoridade, que prezidir aos espectáculos, permita, por circunstancias excepcionais, que terminem depois daquella hora;

5.º A restituir aos espetadores a importância das suas entradas, sempre que o espectáculo não possa realizar-se, e quando não pudér concluir, por motivos que não sejam de força maior e absolutamente estranhos á vontade da empresa e dos artistas.

As empresas tauromáquicas não são obrigadas á restituição quando, depois de executado qualquer número da corrida, esta não pudér continuar em sequéncia do mau tempo;

6.º A cumprir as disposições do decreto de 5 de outubro de 1860, com referencia aos logares reservados para as autoridades e aos dias em que são prohibidos os espectáculos;

7.º A não dar espectáculos offensivos das insituições do Reino e dos paizes estrangeiros, das autoridades e das pessoas particulares, da religião, e da moral, devendo ter em vista o disposto no decreto de 29 de março de 1890 e no art. 251.º, n.º 3.º, do Código administrativo;

8.º A satisfazer com pontualidade ao pessoal de incendios e á policia, pelo serviço que prestarem, as gratificações devidas, que serão contadas em dōbro, quando o espectáculo terminar depois da meia noite;

9.º A reservar, para a autoridade que prezidir ao espectáculo, uma friza ou um camarote proximo do palco, de facil communicação com este e com os logares occupados pelo publico, e a entregar-lhe uma chave da porta do palco, se esta não tiver porteiro;

10.º A facultar rapidamente aos agentes de policia, chefes e encarregados dos piquetes de bombeiros, meio de passarem para a sala e vice-versa;

11.º A não vender bilhetes além do numero da lotação da caza;

12.º A fazer abrir todas as portas de saída, franqueando-as ao publico, cinco minutos antes de terminar o espectáculo, ou logo que se manifeste incendio ou pânico;

13.º A impedir, pelos porteiros, que os espetadores entrem para a plateia, baldes e galerias, com bengala, guarda-chuva ou chicote.

Art. 3.º Os espetadores são obrigados:

1.º A não prender ou pôr sinal de occupação nas cadeiras ou bancadas, antes de começar o espectáculo;

2.º A conservar a cabeça descoberta sempre, os que estiverem em frizas, camarotes ou galerias que lhes sejam superiores; e os que occuparem os outros logares, enquanto o pãno estiver subido, embora sejam senhoras;

3.º A manter-se socegados e silenciosos durante a representação, não perturbando os artistas, nem incomodando o publico.

§ unico. Pelo socego das crianças, de idade superior a três anos, porque de idade inferior a esta não podem ter entrada no espectáculo, responderão as pessoas que as acompanharem.

## CAPÍTULO III

### Policia

Art. 3.º Em Coimbra, a presidencia dos espectáculos compete ao Commissario de policia e ao Administrador do concelho, conforme for determinado pelo Governador Civil, e, nas outras localidades do distrito, aos respectivos Administradores dos concelhos.

Art. 5.º A autoridade encarregada da presidencia deve comparecer no edificio antes da hora de começar o espectáculo, e fazer distribuir os seus agentes, pelo modo mais conveniente, para a fiscalização e observancia das disposições d'este regulamento.

Art. 6.º A mesma autoridade compete:

1.º Tomar as providencias necessárias para reprimir quaisquer perturbações de ordem publica ou do espectáculo;

2.º Fazer ou mandar fazer as devidas advertencias ou intimações ás empresas ou aos seus representantes, aos artistas, bombeiros, empregados das cazas de espectáculos e aos espetadores, para cumprimento das disposições policiaes;

3.º Proibir que se represente couza diversa das annunciadas, ou das autorizadas em substituição destas;

4.º Prender ou mandar prender os individuos que devam ser capturados, expulsar ou fazer expulsar os que incurrerem nessa penalidade, e mandar para juizo as devidas participações e autos.

Art. 7.º E' prohibido fumar nos camarotes, frizas ou outro lugar da sala.

Art. 8.º E' prohibido distribuir em qualquer lugar do edificio, sem prévio consentimento da autoridade que prezidir ao espectáculo, impressos, manus critos, dezenhos ou litografias.

Art. 9.º As manifestações de deza grado, que incomodem o publico ou perturbem o espectáculo não são permitidas, e aos que occuparem logar em camarotes, frizas ou galerias que lhes sejam superiores, é prohibido dar patada.

Art. 10.º Dentro do edificio de teatro é prohibida a venda de bebidas alcoolicas e fermentadas.

## CAPÍTULO IV

### Disposições d'versas

Art. 11.º As multas cobradas fora de Coimbra, em virtude das disposições d'este regulamento, e metade das cobradas nesta cidade, entrarão no Governo Civil com destino ás despesas de policia geral; e a metade restante das cobradas em Coimbra irá para o cofre de pensões do corpo de policia civil.

Art. 12.º Nos cazos omissos, a autoridade que prezidir ao espectáculo providenciará pela fórmula que lhe parecer mais conveniente á segurança do publico e á manutenção da ordem e do decoro dando depois conhecimento das providencias adotadas ao Governador Civil.

## CAPÍTULO V

### Disposições penais

Art. 13.º A infracção das disposições 1.ª a 14.ª, incluzivé, do art. 1.º é punida com a multa de 80000 reis e a da 15.ª com a de 100000 reis.

Art. 14.º A falta de cumprimento do disposto em os n.ºs 1.º, 2.º e 3.º do art. 2.º será punida com a multa de 80000 reis; a do n.º 4.º com a de 40000; a dos n.ºs 5.º e 11.º com a de 150000 reis; a dos n.ºs 8.º e 13.º com a de 30000 reis; e a dos n.ºs 10.º e 12.º com a de 50000 reis.

Art. 16.º A infracção do n.º 9.º, do art. 2.º, é punida com a multa de 50000 reis.

Art. 17.º Os que transgredirem as prescrições do art. 3.º, serão expulsos do edificio, se, depois de advertidos da transgressão, insistirem nela.

Art. 18.º Os artistas, que exhibirem trabalhos diversos dos annunciados ou autorizados, serão prēzos como dezobedientes.

Art. 19.º Os individuos expulsos do edificio, nos termos d'este regulamento, serão prēzos como dezobedientes, se voltarem ao mesmo espectáculo.

Art. 20.º Este regulamento começará a vigorar quinze dias depois da sua publicação.

No dia 21 do corrente vão á praça na repartição de fazenda de Coimbra quatro fóros pertencentes á capella da Senhora das Neves da igreja matriz do Espinhal, um do passal da freguezia de Podentes, quatro da capella da Senhora do Rozario, um da Misericórdia de Coimbra, um do seminario, outro da mitra d'esta cidade, um da Misericórdia de Tentugal, cinco da colejiada de S. Tiago, quatro da freguezia do Santissimo de Vila Cova, seis da confraria de Vila Cova do Sub-Avó, e onze da junta de parochia de S. Salvador de Miranda do Corvo.

## A CRÉCHE

E' unanime a opinião da imprensa enaltecendo o brilho da festa do ano bom na Créche de Mont'arroio.

### Da Folha de Coimbra:

Conforme dissemos, esteve na sexta feira patente ao publico esta simpática instituição, que foi muito visitada.

Encontrava-se este estabelecimento em irrepreensível asseio, boa ordem e condições híjienicas na minuciosa visita a que se procedeu, pelo que são dignos dos maiores elojios, os seus illustres directores. Nas parêdes no meio de flores e verduras visão se os nomes dos seus caridosos fundadores e benefactores. Ouve porém um que não vimos e que aqui deixamos estampado: é o da sr.ª D. Maria da Soledade Marques Ribeiro, que tanta dedicação e amor tem devotado á Créche, e que ofereceu um importante enxoval que consta de: 12 lençóis de pano; 12 flanelas; 12 cobertores; 12 colchas; 24 camizas; 24 chambrinhos; 24 saias brancas; 24 de côr; 20 vestidos de verão; 44 vestidos de inverno; 2 bibes de oleado; 12 cueiros; 1 toalha meza.

Não á palavras com que se possam enaltecer atos como aquêlle que acaba de praticar tão virtuosa senhora.

Pela 1 hora da tarde foi servido um succulento jantar ás creancinhas, que em grande alegria contravão os visitantes, que dali trouxerão as mais agradaveis impressões.

### D'A Escola:

Promovida pelo sr. Cassiano Augusto Martins Ribeiro teve logar no dia de ano bom uma simpática festa na créche de Coimbra.

O edificio da créche, que já se acha instalado com toda a comodidade e asseio, foi aberto ao publico, ornamentado com flores e verdura.

Em cartões entre flores, impressos em grandes letras, estavam os nomes dos fundadores da créche dr. Filomeno da Camara, dr. B. Machado, Manuel José Teles, Frederico Graça, dr. Daniel de Matos e José Falcão Ribeiro.

Estavão tamb em os dos incansaveis protétōres da mesma, ex.ªs Marquêza de Pomares, D. Mariana Portocarrero da Camara e dr. Nazaré.

O tipograf e o ornamentador da creche, por sua conta, p ssois intelijentes decerto, compozerão tambem e colorarão os nomes dos sr. dr. Freitas Costa, dr. Costa Ferreira e Cassiano Augusto Martins Ribeiro, este organizador da festa e todos dedicados membros da atual direção.

Excederão os intuitos do sr. C. Ribeiro, mas acertarão admiravelmente ao pregar-lhe aquêlla partida, pois nomes que tão dedicadamente tem trabalhado juntos, não podem separar-se ao tratar se do progresso da créche.

As creancinhas protegidas da créche estavão presentes, sendo-lhes dado jantar e vestidos, fatinhos novos naquêlle dia.

Muitos cavalheiros e senhoras visitarão o caridozo e-tabelecimento, vendo-se as crianças, numa viva alegria, em brinquedo com outras crianças das familias vizitantes. Algumas senhoras estiverão entretidas por muito tempo vendo-as e prodigalizando-lhes carinhos e afagos. Era encantador ver assim, nos rostos anjelicos de s. ex.ªs, a bondade personificada afastando a miséria e o dezamparo dos pobres innocentes, sobre tudo nesta quadra de festas de familia, de festas de crianças. Bem ajão os que assim vão cumprindo a missão de caridade e amor que nos impõe a necessidade de tantos invalidos sem meios e de que ninguem pôde dezempenhar-se por outra forma.

E, para ser em tudo uma festa de crianças, ate a muzica, primorozamente executada, foi da simpática banda dos alunos do coléjio dos orfãos da mizericórdia.

Para que se veja a importancia que teve a linda festa e a concorréncia, apesar do edificio ficar fora de mão, basta dizer que as esmolas naquêlle dia subirão a 267710 reis. Isto sem contar os donativos da ex.ª sr.ª D. Maria da Soledade Marques Ribeiro, que quis occultar o seu nome, e que só a pedido da Direção consentiu em que se publicasse.

Folgamos com éstas palavras que são de toda a justiça, felicitando cordealmente o nosso amigo Cassiano Martins Ribeiro e S. Ex.ª Espôza.

Vitima de um dezastre faleceu em Lisboa o sr. Fernando de Albuquerque excelente e intelijente rapás, justamente estimado por quantos o conhecião.

N rrião assim o cazo os jornais da capitul:

Ao começarem as férias do Natal, o sr. Fernando de Albuquerque foi a Coimbra passar esses dias em companhia de sua mãe e ontem voltou a Lisboa, rizonho e satisfeito, a continuar os seus trabalhos escolares. Oje de manhã realizou na Escola do Exercito uma conferencia brilhantissima, em que demonstrou um esmero de estudo excepcional e pouco depois foi para o seu quarto dezzarrumar as málas que trouxera do Norte. Com êle estavão dois dos companheiros a palestrarem des cuidadamente sobre assuntos militares. Em certa altura, o sr. Fernando de Albuquerque tirou duma das malas uma pistola, que supunha descarregada, e por méra brincadeira apontou-a á cabeça dum dos camaradas.

— Toma cuidado, Fernando, disse o alvejado. *Olha que já o diabo disparou com uma tranca* (palavras textuais).

— Não fás mal, retorquiu o desditozo rapás.

E como para corroborar as suas palavras apontou a pistola á cabeça e premiu o gatilho. A arma, contra toda a espétativa, estava carregada e disparou, indo alojar se a carga no craneo do infelís, que caiu a seguir, por terra, banhado em sangue. Não se calcula a confuzão que o cazo produziu. O sr. Fernando de Albuquerque foi logo metido numa maca e conduzido sem perda de tempo ao ospital da Estrela indo acompanhá-lo o sr. tenente Oliveira.

Pouco tempo depois morria, deixando no luto uma familia extremozissima. Morreu em plena força da sua vida exuberante, na carreira felís dos seus triunfos academicos, quando lhe sorria um futuro de felicidade.

O corpo do desditozo môço foi transportado para Coimbra, devendo realizar-se o seu enterro, oje pela uma hora da tarde.

Sentidos pezames á familia enlutada.

## UM SANTO

Contribuição para um *Flos sanctorum* psiquiátrico.)

Lembra me que, uma vés, no Porto visitando, com o Dr. José Cid, oje lente da Universidade, o illustre director do Ospital Conde Ferreira,—o Dr. Julio de Matos, este nos descreveu, na sua fráze elegante, um cazo de monomania relijioza, tipico, dum ómem oje perfectamente curado, e exercendo qualquer logar publico para os lados de Aveiro. A vida d'este individuo dentro do Ospital, e durante o seu periodo de loucura, reproduzia muitas das passagens do martirio e suplicio, que se encontram compendiadas no *Flos sanctorum*, e nos processos de canonização de muito santo. O pobre doido, se tivesse vivido noutras éras, estaria sendo adorado oje nos altares; mas como coitado! veio a apparecer nesta nossa época da descrença e materialismo, foi parar a um ospital de alien dos, e lá perdeu toda a santidade, acabando por vir viver muito pacata e onestamente, como escriptorário de fazenda, ou couza que o valha, numa terra da provincia.

Ora este cazo traz-me á lembrança um outro bastante curiozo, de um rapás do meu tempo, que andou aqui na Universidade, e que foi até um aluno muito distinto. O rapás de que lhes falei era um môço muito pálido e olheirento com movimentos um pouco dezordenados, e o olhar bastante espantadizo, que veio de Braga para aqui a frequentar a Faculdade de Teologia, afim de seguir a vida ecclesiástica, para que, segundo se dizia, tinha extraordinaria vocação. Foi classificado, e durante o tempo que por aqui andou, teve sempre fama de ótimo estudante, excelente caráter, fraco de saúde, muito relijiozo e quázi um santo.

Não lhes posso descrever a impressão que me causava sempre o seu encontro. Numa das ultimas véses que o vi, tinha êle feito batina e barrête novo. Encontrei-o á porta do Salazar, no Largo de S. João. Não imaginão o contentamento e sensibilidade que brilhão no fundo daquêles óhios encovados. E eu vendo o acariciar com ternas blandicias a borla do barrête, e babajar-lhe ao canto da bôca, uma s'lviva de luxuria, enquanto me mostrava o fórrro escarlate do barrête ecclesiástico, notei em todo êle, naquêlas manifestações de gozo, na sua côr terrôza, na sua face descompôsta, e nos seus movimentos e attitude, e até no seu misticismo e relijiozidade, os estigmas dum onanista inveterado, e dum espirito enfraquecido criado na vida da capella e nos dormitórios dos coléjios.

Uma vés encontrei-me com êle num enterro. Os padres adiante, escancaravam a bôca, berrando, distraidamente, uns psalms; as senhoras espreitavão á janéla; os ómens que levavão o caixão fraquejavão de vés em quando, ajojados com o pézo do cadáver; os convidados, atrás, conversavão sobre varias coizas, e só o meu *sujet*, alheio a tudo devorava um livrinho de rezas, e murmurava fervorozamente préces sobre préces.

Corria a quázi todos os enterros e tinha attitudes de extáze e de infinito gozo, quando, no altar em festa, em dias de novena, e envôlto nas voltas preguiçosas do incenso, dizia as suas rezas. E uma vés, lembro-me bem, encontrei-o, quázi doido de uma alegria e de uma felicidade extranha, ao vir, numa noite de temporal, de conquistar para Deus a alma dum moribundo. Eu e mais um amigo, s'lamos, muito embruilhados, duma quinta das bandas do Almgue; a noite estava escura e má, as botas resvalavão nos na lama; os cães de guarda ladravão pela quinta; a chuva caía em gotas raras, pezadas e muito frias; e as arvores da estrada rumorejavão de umas para as outras. Mal s'imos o portão da quinta, defrontamos com um vulto que caminhava apressado e atabalhoadamente, direito á cidade; apenas nos avistou, aproximou-se de nós, e metendo-se nos á cara coiou-nos bruscamente á bôca um crucifixo de metal, frio; e, ao mesmo tempo, disse:

— *Beijai... beijai, que acaba de salvar a alma dum ómem que está morrendo, além... além;* e apontava-me uma luzinha fixa, que brilhava ao lonje. Tivemos um arripio de nojo e de orôrr como se nos ouvéssem esbofetado com a mão jelada de um cadáver, ou como se nos obrigassem a beijar uma nódoa de sangue empastada no panó dum

LITERATURA E ARTE

MENINO JEZUS

A MINHA IRMÃ MARIA TENDO O VASCO AO COLLO

Corpinho d'este mundo, minha flor...  
 Não o consumas, vida! O corpo o que é?  
 A alma sim: no tempo do Senhor,  
 Rosa de todo o anno... O' minha fé!

Corpinho d'este mundo, meu amor...  
 A Mãe com elle ao collo! E n'isto até  
 Ainda elle é rosa: vae de andar,  
 Que as rosas não caminham por seu pé...

Corpo de passarinho, olhar profundo...  
 Elle eguala em poder Jesus, que teve  
 Na mão direita, em uma bola, o mundo:

E um mundo não será (quem o sustinha?)  
 O Sonho de seus paes? E é tambem  
 Maria, por signal, sua Mãesinha.

Valle Maior, 24 de dezembro de 1902.

Antonio Corrêa d'Oliveira.

VIDA DE AMOR

Não é injusto o Deus que á creatura  
 Põe diante dos olhos tanta lú!  
 Se a porta para o ceu é a sepultura,  
 Tem um degrau p'ra cada lado a crús.

Linda, e que linda é a crús da minha vida!  
 — A crús do nosso abraço em que me abrazas —  
 Minha cabeça ao alto, em ancia erguida  
 E por debaixo, em réta, as tuas azas!

O amor m'a deu, e, dando-m'a, de rastros  
 A olhar a terra vim p'lo que soffri...  
 Ergui-a um dia: era um degrau p'ra os astros,  
 Um passo mais portanto para til.

E trepei-a, com ancia, e outra veio  
 E mais outra e mais outra e era uma escada...  
 Até que os labios meus sobre o teu seio  
 Marcáram o meu ponto de chegada.

Olhei p'ra baixo! Era uma crús florida  
 Que o ceu á terra unia n'um clarão  
 Mas o ceu era em baixo — a nossa vida —  
 E a terra, o sonho que eu pizava então.

Vós outros que sofreis, como eu soffria  
 Tendes á mão as rozas que aqui ponho.  
 Amai: se o amor não vos mostrar o dia,  
 Eu corto a mão que me escreveu tal sonho.

Isto tem de passar-se a amar, depressa!  
 Que Deus embora em nós sabio e perfeito  
 Nos olhos lús, justiça na cabeça,  
 Só fica Deus quando nos chega ao peito.

Toma então conta d'ele esta anciedade  
 Do nosso coração sempre a bater...  
 Bater aonde? — Á porta da verdade!  
 E p'ra quê? — Para entrar, para morrer!

Coimbra, Janeiro, 98

Guilherme Teixeira.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

HORARIO PROVIZÓRIO

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Números dos combolos e destino	Horas da partida
8 (correio para Lisboa)	12 <sup>h</sup> , 11 <sup>m</sup> n.
15 " " " Porto	3, 3 m.
17 " " " " "	5, 46 "
18 " " " " "	8, 8 "
19 " " " " "	2, 26 r.
22 " " " Lisboa	3, 36 "
3 " " " " "	5, 37 "
Rápido " " " Lisboa	6, 16 "
4 " " " " "	6, 48 "
54 Rápido " " " Porto	8, 43 n.

Tabéla de preços

Largo das Ameias ou Casa do Sal á Rua do Infante D. Augusto — 50 réis.  
 Largo de D. Carlos ou Gazometro á Rua do Infante D. Augusto — 40 réis.  
 Largo das Ameias, Caza do Sal ou Rua do Infante D. Augusto ao Mercado — 30 réis.  
 Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Largo de D. Luis — 30 réis.  
 Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Mercado — 20 réis.  
 Estação B dos Caminhos de Ferro ao Largo das Ameias ou Mercado — 50 réis.  
 Estação B dos Caminhos de Ferro á Rua do Infante D. Augusto — 80 réis.  
 Estação B dos Caminhos de Ferro á Caza do Sal — 20 réis.  
 A assinatura para os bilhetes pessoais está aberta pelos preços anuais de 12000 réis, e 9000 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes ultimos de logares na plataforma dos carros.

ANUNCIOS

A BON MARCHÉ

Papeis almossos de linho e algodão.  
 Papeis para cartas de todos os formatos e qualidades.  
 Papeis para carta em bonitas caixas.  
 Papeis fantasia para participações de casamento.  
 Papeis de impressão para jornaes e obras.  
 Papeis para capas em todas as qualidades.  
 Papeis em côr para embrulhos delicados.  
 Papeis para encadernadores.  
 Papeis para forrar salas, lindos gostos (arte nova).  
 Livros em branco e riscados para o comércio.  
 Livros de estudo e literatura.  
 Objetos de escritório e dezenho.  
 Chás preto e verde, finissimas qualidades.  
 Encadernações de livros em todos os jéneros.  
 Carimbos de metal e borracha.  
 Perfumarias e tabacos nacionaes e estrangeiros.  
 Trabalhos tipográficos em todos os jéneros.  
 Artigos de ceramica para construções.

CAZA EUROPA

14 — Rua dos Gatos — 16  
 COIMBRA

COLEGIO

LICEU FIGUEIRENSE

Instituto partioniar de educação e ensino  
 Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina se instrução primária e instrução secundária (curso dos liceus e curso comercial).  
 Aulas de ginastica e musica.  
 Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos.  
 Envia-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao director.

CAZA NA SOFIA

Arrenda-se o 1.º andar da caza na rua da Sofia n.º 56. Tem nove divisões, pateo e canalizções de agua e gás.  
 Para tratar rua da Moeda n.º 107 todos os dias das 4 ás 5 horas da tarde.

Grade de Vinhatico

Vende-se uma com 5º de comprimento e 0,80 de altura.  
 Para esclarecimentos Pharmácia Assis — Praça do Comércio.

PAPELARIA BORJES

COIMBRA

Especialidades mais bem sortidas nesta caza: —  
 Fornecimento para escritório, escolas e dezenho;  
 Recente fornecimento de todos os necessarios para floristas;  
 Apparehos e todo o material para a Fotografia;

Secção Especial e Extraordinaria

Edições de Lembranças locais e fotografias em coléções e albums, bilhetes postais e carteiras com vistas de Coimbra; carteiras de variedades de vistas, edificios, fantasias em figuras — belézas, esculturas e quadros dos artistas mais celebres, costumes portuguezes etc. etc.  
 Pianos Gaveau de Paris como unico agente aqui, vende e toma encomendas nas melhores condições que o comprador pôde encontrar; tem por afinador e reparador E. Macedo, com quem tem contrato para enviar, mediante pedido. Pedir preços.  
 Retratos ou fotografia de qualquer coisa: quem precisar de quantidade peça preços e condições; toma encomendas em todos os formatos e o preço é na sua relação, sendo 13000 cada cento em cartão visita.  
 Depósito dos Tabacos sem Nicotina fornece com o desconto do depósito jeral em Lisboa.

Topico contra Frieiras

E' o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que soffem de tão orivel mal.  
 Aplica se em fricções durante dois minutos collocando-se depois um pacho d'algodão hydrophilo do mesmo topico por algumas horas.  
 Preço de cada frasco 300 reis  
 Vende-se na Pharmácia Assis  
 Praça do Comércio — COIMBRA.

O amigo do povo de Coimbra

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietário da Padaria Popular, Largo da Freiria, n.º 12 e 13, á rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigências de todo o consumidor muito particularmente pelo que respeita ao saboroso paladar que em geral resulta da boa qualidade e esmerado acção na manipulação.  
 Além disso o seu proprietário com actividade e zelo envida os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeiçoados do pais, seguindo o moderno sistema de fabricação empregando sempre a agua filtrada.  
 Assim espera obter a preferéncia do publico que lucra duplamente em igiéne e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o annunciate compra de pronto as farinhas.  
 Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento.  
 Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos freguezes.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de boca e dentes.  
 Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.  
 Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços módicos

caixão. Era ainda o meu sujet; e foi ésta a última vés que o vi.

Passarão-se depois três ou quatro annos, e nada mais eu soube d'ele; e só, á pouco tempo ainda, ouvi dizer que enlouquecera, e que morreu já num ospital de doidos.

E aqui está como acabou um santo.

C. F.

Por decreto publicado no Diário do Governo fôrão determinados os limites entre as freguezias de Serpins e Redinha limitrofes de Soure.

O conselho superior de obras publicas vai emitir brevemente parecer sobre o projéto de estrada de serviço da Lagôa de Mira aos Palheiros da Costa no districto de Coimbra.

A camara nomeou os srs. Antonio Augusto Gonçalves, dr. Augusto Barboza e Albino Nogueira Lobo para darem parecer sobre as obras do co-réto no cais a que concorreram os srs. Manuel Jozé da Costa Soares de Coimbra, Imprezza Industrial de Lisboa e Fundição do Ouro do Porto.

Está instalada desde o dia 1 a officina de alfaiate na penitenciária de Coimbra.

Jornais novos

Recebemos o n.º 1 do Campeão escolar, cujo programa define nas palavras que transcrevemos:

O Campeão Escolar tem um lema: não abandonar a luta enquanto o professor não fôr remunerado como deve ser; não abandonar a luta enquanto não terminarem as prepotencias, as defecções dos dirigentes e enquanto não apparecer uma lei boa que se dignifique pelo respeito e pela seriedade.

E' semanario e publica-se no Porto.

De Trancôzo veio nos o primeiro numero de Trancôzo e Aguiar, semanario que defende o credo progressista.

A Independencia de Agueda, que começou a publicar se no dia 2 do corrente, afirma no seu programa não ter ligação com qualquer partido politico militante, abominar o rotativismo, esse lodacal onde chafurdão os Yagos, e estar pronta a dar o seu apoio ao grupo de ómens de onestidade provada, claras convicções, caratêres incorruptos, que, tendo em vista no seu programa transformar politica e moralmente a sociedade portugueza, em bazes de liberdade e de justiça, mais depressa oriente um ataque vigoroso ao esboroado reduto de impunidade do crime e desfalde ao sópro ardente da revolução os pendões dos seus têrços disciplinados e decididos.

Agradecemos a vizita dos colégas, a quem dezejamos vida longa e desafogada.

O sindicato agricola de Coimbra aderiu ao protéstto contra a importação de noventa milhões de kilogramas de trigo estrangeiro.

Acha-se doente com ataque de gripe o nosso amigo e colaborador João de Barros.  
 Vótos de pronto restabelecimento.

Foi remetido para Lisboa para a necessaria aprovação o plano do aformozamento do Largo Principe D. Carlos.

Espécção se na quinta agricola vinte cavalos Hackney para o pósto ipico.

MANOEL DE SOUSA PINTO

A ÚNICA VERDADE

Drama em 2 atos

Preço 300 réis

Editor — Moura Marques

## FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Cerâmica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de mérito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustras, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construções e para chaminés, tachos para cozinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construção e por

### PREÇOS ECONÓMICOS

♦ ♦ ♦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ♦ ♦ ♦

29, Rua de João Cabreiros, 31 — COIMBRA

### LOJA ESPANHOLA

Proprietário José Teixeira

191, Rua Ferreira Borges, 193

Acaba de chegar a esta casa um grande sortido de sedas para vestidos pretos e de cores.

Mantilhas de seda, em diferentes gostos; lenços de seda, dos mais modernos; grande sortido em gravatas de seda ultima novidade de Paris; grande sortido de bordados suíços; Meias de seda, fio d'Escocia e algodão; piugas pretas e de riscas, para ómém e criança; espartilhos de todas as qualidades; grande sortido de rendas valencianas, tule, de seda e de linho; suspensórios para ómém e criança; cortinados e bambinêlas das mais modernas em diferentes gostos; saias e camisas; bordados para senhoras; lenços e écharpes de malha; fitas de setim e enfeites para vestidos e outros mais artigos.

O proprietário desta casa previne as ex.<sup>mas</sup> damas e o povo coimbricense que esta casa não traz nenhuns vendedores pelas ruas.

Quem quizer comprar bom e barato venha á Loja Espanhola.

### CASA MEMORIA

DE

Santos Betão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—Memoria. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

### Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francezes que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A sempre quantidades de Pianos para alugar.

## ♦ ♦ ♦ ACYTIENE ♦ ♦ ♦

Carbureto de calcio francez, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 100000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por óra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÉRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

XXXXXXXXXX

## FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographs Edison de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançõetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

### CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo predio.

Trata-se com Antonio Marques d'Seabra, largo do Principe D. Carlos — Coimbra.

### RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes a sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos. Preços módicos.

### Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Médico pela Universidade de Coimbra

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

### CASA

Arrenda-se uma, na rua dos S. pateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moeda, Coimbra.

### COLAR DOUCHE

O melhor aparelho para banho douche que se obtem sem molhar a cabeça.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finessa de visitar este estabelecimento.

### PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobílias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGRESSE  
ET  
PROGRESSE



COIMBRA

Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabela de preços de venda a miúdo (1 de julho de 1903)

Marcas	Garrafa de 2 litros	Garrafa de 1 litro		Garrafa bordaleza	
		1	6	1	12
Tinto GRANADA...	650	120	660	85	900
» CORAL...	600	130	720	90	950
Branco AMBAR...	650	—	—	100	1050
» TOPAZIO...	—	—	—	120	1300

Nos preços indicados não vaee incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vaee o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se dá fatura ao comprador.

## PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados dóces sortidos, para chá e soirées, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas Centros de mesa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognac, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Courça de Lisboa, 32.

### Modista de Lisboa

CAROLINA VASCONCELOS

Terreiro de Santo Antonio, 2-1.º

Executa pelos últimos figurinos, vestidos, capas, cazacos, fatos para creanças, etc. Prova á franceza.

### IJIENE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

### Aos automobilistas

Gazolina para automoveis.

A' venda na casa

Ladeira & Filho

### SILVA & FILHO

Fabrica manual de calçado e tamancos

e deposito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

## Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada — Calca

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

### INDICAÇÕES

Para uso interno: — Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesiciciaes, Catarrho uterino.

Para uso externo: — Em diferentes especies de dermatoses.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.<sup>mo</sup> sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

# REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Officina tipográfica

Editor  
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 868

COIMBRA — Quinta-feira, 14 de Janeiro de 1904

9.º ANO

## Dr. Jozé Falcão

Todos os anos, quando chega este dia, vejo-o aparecer num recôrtentido, sem uma linha apagada, tal como o conheci em vida, não como o vejo agora nos retratos que a dele.

Ouço a sua voz que me diz as mesmas palavras, a que eu só agora acho o sentido verdadeiro; parece-me porém mais carinhoso o seu olhar, em que não encontro já a ironia que em vida o iluminava todo, e parece-me vêr, na sua alma, a alma boa dos meus que mais amei.

Vejo-o com o seu andar cansado, o gesto anguloso, o olhar sempre a mirar aguçado os que passavam, a boca a abrir-se no seu sorriso raro para chamar com uma frase de carinho os discípulos que o cumprimentavam esquivos; sinto ainda a mesma admiração que experimentava em criança por aquela fronte volumosa, mal sustentada por o seu pescoço magro como o das aguias, mal embriuhado num cachenez a desenrolar-se; vejo-o no seu traçar bizarro, de recôrte e tecido fóra de móde.

Mas á na imájem d'óje a atráção que só longos anos de vida sabem dar aos rostos que amámos; que não á mais fiel e subtil retrato que o que cada um trás no canto mais escondido do coração.

Antigamente, éra de uzo entre latinos conservar junto dos deuses os retratos dos que se ião d'este mundo muito amados e muito respeitados.

Avia artistas que trabalhávão a cêra e a tirjavão de cores tão finas que todos julgávão vivos os labios que tinham feito a alegria da sua vida, e, no átrio, na sombra que fazião as columnas de marmore custozatante esculpidos, sorrião os rostos amados das mães e das esposas, olhos brilhantes a espreitarem, e muitas julgávão ouvir a voz ciciada do amor e do choro da agua a correr num fio delicado de cristal para o tanque que occupava o meio daquella quadra, cercada pelas estatuas dos deuses, que velávão pelo lar.

A principio não avia quem podesse desprender os olhos de retratos tão vivos; mas, pouco a pouco, a cêra amarelecta, as tintas secávão e caíam sobre o chão num pó leve que o mais pequenino vento varria, e ficava mais intensa a imájem no coração, quando tinham desaparecido as imajens da terra.

Quem olha muito tempo um retrato amado, vê desaparecer pouco a pouco a semelhança com o que irás guardado no coração.

E' que a saúde é uma grande

e subtil artista, sempre a trabalhar, sempre a retocar com amor retrato que traga entre as suas sagradas mãos, e, dís uma lenda antiga, que tem dois parceiros nas suas oficinas, a quem chamão de tempos muito velho: o Tempo e o Amor, muito queridos e amados dos que na vida passão a sonhar.

E' o Amor que faz as grandes obras darte, mas só o Tempo sabe torná-las imortais.

A's vèzes a lavrar a terra amada da Grécia encontra-se um baixo relêvo antigo.

O Tempo apagou-lhe as linhas, adoçou-lhe os contórrios; daquella pedra antiga dezappareceu o jeito particular por que todos reolheciã, só de o vêr, o artista consagrado, e, apesar de tudo, a obra é triunfalmente bôta.

Ninguém vê senão a vizão que passou vaga aos olhos do escultor, e todos tem o mesmo deslumbramento; que foi sempre igual o sonho da humanidade.

Retrato, que o Amor nos tenha deixado no coração nunca mais o largão: o Tempo e a Saúde, e, no sofrer de cada dia, aprendem uma perfeição nova, com que enfeitão a imájem querida.

E' por isso que só o tempo completa a imájem dos eroes, que avulta cada vèz mais na história; não porque seja melhor conhecida, mas porque, depois de consagrada, cada um lhe dá as perfeições que admira.

Camões e Gil Vicente não são oje melhor conhecidos do que no século XVI, mas são mais amados; porque cada um os fóra pelo que mais ama.

Eu mesmo, estou escrevendo como se o tivesse ao pé de mim, na doce intimidade dos seres amados, que a morte me levou, e sem querer, sinto evocar as minhas recordações de criança, o espanto em que fiquei, quando o vi magro, fraco, o corpo anguloso com um chapéu que ninguém uzava, umas calças riscadas, uma capa extravagante, e me dissêrão que era aquêlo o Falcão.

Tinha eu chegado de uma terra de provincia, onde a posição social se definia pelo traçar e não comprehendia que aquillo podesse ser um lente.

Na casa do dr. Felipe de Quental, onde morava, avia um que dera já um grande abalo ás convicções que eu trazia do meu colejo de Lamego.

Era o dr. Gomes Teixeira, um

sábio que falava como toda a jente e com toda a jente.

Foi com estes três ómens que eu aprendi a rit me da pedantaria universitária, qualidade que felizmente conservo, como uma das mais interessantes características do meu espirito.

Jozé Falcão foi toda a sua vida um modelo de simplicidade, de saber, de dedicação pela Universidade e pela Pátria.

Tendo passado a sua vida de estudante a combater contra a rotina e o preconceito universitário, morreu respeitado e estimado por todos os professores.

Como mestre, era um estudante, como os discipulos, estudando com eles, discutindo os feriados, e sujeitando-se, como os estudantes premiados, a dar lição quando o resto do curso não tinha estudado.

Têve sempre o mesmo ideal de estudante, foi sempre republicano sem a fraqueza dum só momento, e quando, depois do dezastrê de uma aventura que lhe esconderão até ao ultimo momento, todos os republicanos dezanimávão, ele cansado, doante, corria sem um resenitamento a alentar a todos e conseguia num trabalho colossal, congregar todos os elementos do partido, intervindo com a autoridade do seu talento e da sua bondade para pacificar questões, dominar odios, para despertar afetos onde antes avia indiferenças.

A figura de Jozé Falcão é uma das mais nobres dos mortos illustres do partido republicano.

Deve, porém, ser para todos mais que um retrato histórico dos que se mostrão com orgulho nas galerias aristocráticas.

A única maneira de onrar a memoria das glórias democráticas e deixarmo-nos embeber bem da sua alma, por fóra a que ela domine todos os nossos atos, seja a inspiradora de todas as nossas decisões.

E só poderá dignamente evocar o nome querido de Jozé Falcão quem imite a sua dedicação de todos os instantes, os esforços da sua vida inteira para organizar e disciplinar o partido republicano.

Assim o vejo erguer-se diante de mim, sereno e triunfante, nesta óra de vida do partido republicano.

E' bem certo que a saúde veste do encanto do momento a imájem das pessoas queridas.

## O RELATÓRIO DA CAMARA

Da leitura, que vimos de concluir, do Relatório da Camara municipal desta cidade, organizado pelo seu presidente sr. dr. Dias da Silva, fica-nos uma gratissima impressão que nós dispõe ao louvor espontaneo e sentido.

Seria tarefa longa e massante dar d'êle na *Rezistencia* um traslado mesmo sinótico, alinhando cifras e reduzindo documentos; e bastante será por isso firmar a impressão deciziva que d'êle nos ficou, insuspeita por ser de adversários políticos, com a pecha pessoal de pouco afetos a lizonjas e banais amabilidades.

E porque muito conhecemos, em várias terras, acerca dos segredos e manéras das administrações disputadas pelos partidos em lutas veementes, como meio de garantir razão farta aos afilhados e subsidiar certas necessidades da política, mais favoravel e extranho resulta para nós o testemunho de uma jerencia liberta de paixões e improbidades, tão só orientando-se pelos interesses superiores da cauza pública.

Ora um tal testemunho nos tem dado as jerencias da presidencia do sr. dr. Dias da Silva, que não esqueceram de minucioza e documentadamente se justificarem em relatórios como o que temos prezente.

Tocando todos os assuntos que fizeram objeto da atividade municipal durante a jerencia de 1902, com escrupuloza minucia, dando conta do empenho da camara em defender e impulsar os interesses desta terra, empenho nem sempre atendido e corroborado por quem tem a superintendencia suprema em certos assuntos, enunciando as suas iniciativas, projetos e melhoramentos sem ostentação vaidozã, o Relatório confirma-nos lucidamente na opinião que pelos atos por nós já conhecidos aviamos formado.

Por isso muito grato nos é exarar o nosso apaluzo ao proceder da Camara Municipal de Coimbra, proceder orientado por normas só ratamente aceites e seguidas nestes tempos de política violenta e imoral. E enquanto o Relatório da sua jerencia serve a inçançaveis malquerenças para debitar injurias e depreciaciones, ao sr. dr. Dias da Silva, servem á a nós, seus adversários políticos, para um testemunho de consideração pelas suas qualidades e pelos seus serviços.

Não são palavras de amigos nem de dependentes: são tão somente palavras de justiça que não podemos deixar de juntar á renovação dos nossos agradecimentos pela sua oferta.

E por aqui firmamos, com a promessa de nos alongarmos sobre assuntos municipais tocados no Relatório.

## O grande ómem

Triunfalmente, entre alas luzidas de personagens graves, o sr. João Franco vai submetendo o norte ao império do seu novo credo, fielmente seguido dos seus apóstolos mais ardentes.

Brevês dias dobrados, entrará em Coimbra a fechar o ciclo épico das suas conquistas, com fésta solêne de igreja em que orará o sr. dr. Silva Ramos.

Emquanto o grande ómem nos não bate á porta, mais a sua comitiva escolhida, vamos nós inquirindo das razões extranhas que o alçarão á categoria de salvador incomparavel e lhe captarão a admiração boçal de ómens provavelmente inteligentes e onestos.

Investiga-se o seu passado de óçco e ele surge-nos arrojado, banal, vulgarissimo, sem uma lampejante afirmação de talento, sem a chama dum entusiasmo nobre, apagado e esquecido como o das mais consideradas medio-

cridades. João Franco passou sempre como um João Ninguem, confundido com toda a jente, sem estofo para destaques de superioridade injusta.

Um dia appareceu na politica. Foi deputado, como é deputado o sr. Sergio de Castro, cronista-mór da cõrte do Principe Intze. Galgou de representante da nação a ministro de estado. E entre os que o conhecião ouve pasmo justificado, com ansa para meditações largas sobre os caprichos extranhos do destino.

Como succedêra aquillo? Fêz-se então esta interrogativa injenua! As provas de mérito pessoal, a preparação prévia afirmada em factos de valor claro, supunhão-se requisito indispensavel á conquista dos altos cargos da politica.

Oje compreende-se, sem espantos injenuos, com lójica calma, que o sr. João Franco foi para a politica, como poderia ir para o Brazil, a tentar vida; no fito das especulações do acazo, como um aventureiro decidido a fizar a sorte com o arpio da audácia.

E o aventureiro triunfou. Mas o que representa, o que vale esse triunfo?

E' o produto de esforços nobres em prol do bem publico, a coroação dum tirocinio onesto e brilhante, de ómem forte, em prélios luzidos?

E' a recompensa a um trabalhador, a um estuózio, a um superior?

Não! O sr. João Franco nunca foi um jornalista, mesmo mediocre, nunca ventoulo, escrevendo ou falando, quaisquer ideias ou medidas secundas e altas, nunca exerceu o apostolado de qualquer cauza nobre, nunca teve uma predileção espiritual que o impozesse como mentalidade de valor mediano.

Como orador é apenas um aggressivo descompòsto, com a retórica apagada do constitucionalismo, onde não passa um frémito de entusiasmo, nem á a sugestão forte das imajens, nem vivem as grandes ideias da verdade e de justiça.

Um dia surtiu ministro. E quais as medidas, quais os planos que valorizão a sua obra de estadista e marção na politica portugueza a revelação auspicioza de processos novos, inteligentes e probos?

O sr. João Franco não tem em toda a sua vida de estadista um ato único de que possa tirar orgulho simpático ou que os seus amigos possam ajitar como titulo onrózo ante a espétacão ancioza do país. E' ele próprio quem rejeita esse passado, como gravame odioso, que agora lhe estorvaria o triunfo das ambições mal rebuçadas.

Toda a sua atividade, toda a sua arte governativa se rezumiu em distribuir pontas pés. Creou o juizo de instrução criminal, parturejou o solar dos barrigas, abriu devassas nas escolas superiores, e com o arreganho dum políca briozto agarrou na goia a Salmeron e expulsou o do país.

E' que o sr. João Franco, segundo proclamava o seu admirador de óje, Fernando Martins de Carvalho, ex-demagogo convertido á razão monárquica, estava no poder com a preparação científica dum guita, sintetizando firmemente todo o seu saber, todas as suas convicções no — São ordens...

Tempos volvidos, espicaçado por ambições de ejemonia, rompe com o chefe que reconhecêra em assembleia magna do partido e com quem pactuára em anos de governo imoral e reaccionário.

E, sem um ato que indiciasse uma transformação progressiva e simpática do seu espirito, sem uma prova de arrependimento leal e sincero dos seus velhos érrros, sem uma afirmação cativante de independencia e enerjia, sem passado para invocar e fazer valer a sua figura mediocre, eil-o que rompe a pregar moralidade e a inculcá-la como salvador unico, increpando o rotativismo que o creou e condenando

T. C.

os republicanos como incompatíveis com a independência nacional!

Tal é o grande ónem, que a Coimbra vem em breve pôr remate á sua correria vitoriosa, e que, mercê do estado-maior, sem duvida escolhido, que o cerca e em meio do qual se perde a sua apagada figurita de galucho bizôhno, creou esperanças em alguns bons espiritos, cheios de boa fé, injênios e crédulos.

Como breve á de passar essa iluzão, e como breve cairá do seu pedestal esse fetiche grosseiro, ainda adorado na idolatria cega, inexplicavel de alguns onéstos espiritos!

Esteve ante-ontem de passejem nesta cidade, o nosso amigo e correligionário dr. Cinbron, director do ospital das Caldas da Rainha.

Demorou-se apenas óras nesta cidade voltando á noite para as Caldas da Rainha, chamado por afazeres do seu cargo.

### Jinázio de Coimbra

Em aditamento á noticia, que publicámos no nosso último numero com este mesmo título, diremos que se fêz já a liquidação do antigo jinázio pela comissão que disso se encarregára e era composta dos srs. Alberto de Moura e Sá, Alvaro Esteves Castanheira e José da Costa Braga.

Fôrão pagas as dívidas privilegiadas, e os outros crédôres prescindirão das suas dívidas, sendo o peqúero saldo de 20430 réis, mandado entregar á direcção das crêches por proposta do sr. Alberto de Moura e Sá.

A carta, que publicámos no nosso último numero, convocando para uma reunião as pessoas que em Coimbra se interessão pelo dezi involvimento da educação física tão necessária neste país em que a vida e o desenvolvimento das crianças se passa sem o cuidado e interesse que merece a todos os paizes cultos, tão necessária nesta cidade de uma população tão grande de jente nova em pleno crescimento, era animada pelos srs. Antonio de Moura e Sá, Augusto Lopes da Costa Pereira, Cassiano Augusto Martins Ribeiro, Francisco de Oliveira Martins, M. A. Rodrigues da Silva.

Foi distribuída ante-ontem, realizando-se a primeira reunião na sala do antigo Jinázio pelas 6 óras da tarde do mesmo dia.

Assistirão á reunião os srs. dr. Eduardo da Silva, Joaquim Augusto Borjes de Oliveira, Manuel Jozé Teles, Augusto Lopes da Costa Pereira, dr. Jozé Tavares, João Gomes Vieira, Antonio Augusto Neves, Antonio Nunes Corrêa, João de Souza Bastos, Justiniano da Fonseca, Joaquim Monteiro de Carvalho, Gaspar dos Santos Bastos, Jozé Bastos dos Santos, Alberto Moura e Sá, Manuel Paes da Silva, Alvaro Esteves Castanheira, Gonçalo da Costa Batista Nazaré, Manuel Augusto Rodrigues da Silva, Frederico Pereira da Graça, Francisco de Oliveira Martins, Antonio Jozé Fernandes, Albino Caetano da Silva Pinto.

Mandárão declarações aderindo á criação de um novo jinázio os srs. Manuel Martins Ribeiro, Aureliano Jozé dos Santos Viégas, Jozé Maria Mendes de Abreu, Augusto Luis M. rta, Cassiano Martins Ribeiro, dr. Fernandes Costa, Antonio de Moura e Sá.

Procedendo-se á eleição da méza, fôrão nomeados para presidente o sr. dr. Eduardo Vieira e para secretários os srs. Joaquim Augusto Borjes de Oliveira e Manuel Jozé Teles.

Deu-se em seguida a palavra ao nosso correligionário e amigo Manuel Rodrigues da Silva que expôs o fim da reunião e a necessidade de não deixar perder uma instituição de fim tão altruista.

Encareceu a necessidade da educação física, tão descurada entre nós, e propôs que se fundasse um novo jinázio, centro de todos os esforços para levantar a educação física.

O sr. Moura e Sá propôs para que se nomeassem duas comissões; uma para organização dos estatutos, outra para tratar da instalação do novo jinázio.

Fôrão eleitos por aclamação para a comissão de organização de estatutos os srs. drs. Fernandes Costa, Eduardo Vieira, Costa Pereira, Rodrigues da Silva e Cassiano Martins Ribeiro.

Procedendo-se em seguida á eleição da comissão de instalação do novo jinázio, fôrão eleitos os srs. Rodrigues da

Silva, dr. Costa Pereira, Francisco de Oliveira Martins, Antonio de Moura e Sá e Jozé Bastos dos Santos.

A comissão instaladora foi autorizada a emitir cinquenta obrigações de cinco mil réis cada uma, para com o seu prodúto adquirir o mobiliário necessário para a nova instalação, fazendo-se a amortização por sorteio anual de três obrigações.

Rezolveu-se mais que a comissão instaladora tratasse de conseguir do sr. Governador civil autorização para desde já funcionar o novo jinázio, mesmo antes de serem aprovados os estatutos respectivos e admitir qualquer número de sócios ordinários, sendo a jóia de 10000 réis e as quotas de 400 réis.

A subscrição teve logo dos sócios presentes o acolhimento mais favoravel, sendo de aguarar ao novo instituto um futuro de prosperidades e vida de zafogada.

Está de luto pelo falecimento do seu tio o sr. Jozé Joaquim Severino, o nosso amigo Jozé Dória. Sentidos pezames.

Está elaborado o orçamento, que vai subir para aprovação á autoridade superior, das obras a fazer na residência paroquial de Luzo na importância de 2:050000 réis.

Fôrão autorizadas obras no liceu de Coimbra, que aviam sido orçadas em 500000 réis.

## A instrução do soldado

Transcrevemos do *Novidades*, pelo interesse que nos merece, a carta que o sr. capitão Homem Christo escreveu a esse jornal, dando conta dos trabalhos de introdução do método de João de Deus na escola do regimento de infantaria 23.

Fazemo-lo porque nos é sempre grato aplaudir esforços tão perzistentes, como os do sr. Homem Christo, para levantar a intellectualidade do póvo português, acabando com o analfabetismo, que é, por mais de um motivo, uma das determinantes da ruína do nosso país.

E é nos sobre modo agradável o verificar o facto de que foi nesta cidade que o sr. capitão Homem Christo encontrou na officialidade do regimento de infantaria 23 ós mais dedicados colaboradores.

Só quem conhece bem o desenvolvimento intellectual da jente portugueza do campo, compreende bem que gráo de paciencia, que nobrêza de sacrificio, que dedicação patriótica é necessária para passar longas óras a ensinar quem não sabe nem vêr, nem falar, nem pensar.

Só quem tem visto o sr. Homem Christo na faina de ensinar, aprecia á devida altura, a modificação que se dá na sua vós, que perde o tom duro e sêco do comando, para se fazer ouvir doce e tímida, como se uma criança estivesse ensinando outra criança.

O serviço, prestado pelo sr. Homem Christo ao país, é tanto mais para louvar que o atrazo do nosso exercito faz com que ainda aja officiais que pensam que o ideal para o soldado é saber limpar os botões da farda, engraxar com perfeição e ouvir com docilidade os epítetos de burro, ministrados pela intellectualidade dos cabos instrutores.

Felicamente o sr. Homem Christo tem encontrado sempre no exercito quem saiba avaliar a nobrêza dos seus esforços.

Para muita jente, ensinar a lêr e o soldado é retirá-lo do serviço diligente, dando-lhe aspirações mórbidas, perturbando o sono, que a disciplina trás socegado, com as vidualidades de um futuro de cabo de policia.

Ensinar a lêr é tornar indiscretos os srs. impedidos, que pela leitura do *Século* compreendem como é fácil ser-se jornalista; e á quem pense que nem mesmo os srs. sargentos devião saber escrever para não caírem nas indiscrições do jornalismo.

Deixando porém a divagação, a que nos deixamos levar pelo prazer com que estamos escrevendo as palavras de sincero lovívor, que julgamos de justiça, felicitamos o sr. Homem Christo por ter encontrado na officialidade do regimento de infantaria 23 tão dedicados colaboradores da obra, em que á tanto tempo trabalha sem o desfalecimento natural em que neste país se cáí ao vêr os mais nobres intuitos recebidos pelo impenitente sorriso da imbecilidade nacional.

Onra seja a tódos.

Permitta-me v. que lhe participe que vou na 4.ª experiencia de ensino litterario aos recrutas da minha companhia. Mas se já o anno passado não fui só, porque me acompanhou o meu collega o sr. capitão Domingos dos Santos Freitas, este anno mais acompanhado vou.

O regimento de infantaria 23 fêz sempre inimigo da rotina e dado a empreendimentos e rasgadas iniciativas. Pela ultima reforma do exercito ficou cada batalhão de caçadores com um pelotão de cyclistas. Pois 10 antes já o sr. Domingos dos Santos Freitas, então tenente, ensinou, com exce lentes resultados, o cyclismo em infantaria 23. Em 25 de julho de 1892 manobrava uma esquadra de cyclistas, na parada do quartel, diante de Sua Magestade El Rei. E nos exercicios de armas combinadas, em Tancos, em 1893, prestaram os mesmos cyclistas relevantes serviços, como, officialmente, foi reconhecido.

«Pela primeira vez em Portugal foi officialmente experimentada a velocidade militar, e pode bem dizer se que o resultado d'essa experiencia excedeu toda a expectativa; os dois velocipedistas, ensinados e treinados pelo tenente Domingos de Freitas, desempenharam todos os serviços que lhe attribuem os regulamentos das nações onde esse serviço se acha já estabelecido.»

Assim começava, no seu relatório, o general commandante d'aquelles exercicios, quando expunha os serviços prestados pelos cyclistas de infantaria 23.

As mensurações dos recrutas, que são obrigatorias em varios exercitos estrangeiros, também o sr. capitão Freitas as vem fazendo, ha annos, na sua companhia.

Não é, pois, de admirar que a rotina fosse de novo batida em infantaria 23 com o ensino litterario por companhias. Oito capitães, dos nove que conta o regimento, assumiram este anno a responsabilidade de ministrar aos seus recrutas o ensino das primeiras letras. São elles os srs. Julio de Sousa Pereira Girão, Joaquim Maria Ferreira, José da Silva Bandeira, Boaventura de Noronha, José Ferreira Martins, Domingos dos Santos Freitas, Francisco da Costa Pessoa e o auctor d'estas linhas.

Não tendo as companhias dos srs. capitão Grão, nem a do sr. capitão Pessoa, pessoal graduado sufficientemente habilitado para ensinar pelo methodo de João de Deus, que é o methodo adoptado, são os recrutas d'essas companhias ensinados sob a minha direcção, á minha vista, no mesmo local onde eu ensino os seus, embora por dois sargentos; o 2.º sargento Cruz e o 2.º sargento Aragão, das respectivas companhias. A data de começar o ensino não havia 1.º sargento em nenhuma das duas companhias.

No ensino dos recrutas da minha companhia sou effizamente auxiliado pelo sr. tenente Leopoldo Antunes, pelo 1.º sargento José de Albuquerque e pelos 2.º sargentos José Ferreira do Amaral e Manuel de Oliveira Leite.

Na 2.ª companhia do 1.º batalhão começo a ministrar o ensino aos analfabetos o proprio capitão, o sr. Joaquim Maria Ferreira. Infelizmente esse official adoeceu logo, e doente se tem conservado até hoje. Os não analfabetos são ensinados pelo 1.º sargento José de Oliveira Miranda.

Na 1.ª companhia do 2.º batalhão é o ensino aos analfabetos ministrado pelo proprio capitão, o sr. José da Silva Bandeira, com o auxilio do

2.º sargento Alberto de Abreu. Nessa companhia não ha 1.º sargento.

Na 2.ª companhia ensina os analfabetos o 1.º sargento Manuel Augusto Pedro, e os não analfabetos o 2.º sargento João da Costa Garrett, sob a direcção do sr. capitão Noronha.

Na 3.ª companhia ensina os não analfabetos o proprio capitão, sr. José Ferreira Martins, auxiliado pelo 2.º sargento José Francisco, e os analfabetos o sr. alferes Luis José da Motta.

Na 4.ª companhia do 3.º batalhão ensina os não analfabetos o proprio capitão, sr. Domingos dos Santos Freitas, auxiliado pelo sr. alferes Belisario Pimenta, e os analfabetos o 1.º sargento Carlos B. ja da Silva.

Na minha companhia, onde os analfabetos são relativamente numerosos, sou eu que os ensino, auxiliado pelos 2.º sargentos Amaral e Leite. Os não analfabetos são ensinados pelo sr. tenente Antunes e pelo 1.º sargento Albuquerque.

N'outra carta subsequente forneci a v. novas informações. Mas desde já lhe garanto um exito completo se os recrutas não forem licenciados antes de terminada a instrução militar, como succedeu o anno ultimo.

Com a maior consideração.

Coimbra.

De v. etc.,

Francisco Manuel Homem Christo

## MANIFESTAÇÕES

Escreve com espirito o *Jornal do Commercio*:

Nada menos de duas, no Domingo. Ambas para rachar, de meio a meio, o governo...

Primeiro, — a partida do sr. conselheiro João Franco, seguido dos seus logares tenentes, para as regiões do norte. Muita gente na estação — illúres trufos e não menos illúres des conhecidos — com grande copia de vias, urras e palmas entusiastas, sob o olhar vigilante do argus policial...

Segundo, — a reunião das minorias parlamentares progressistas em casa do sr. conselheiro José Luciano.

A assembleia prezidiu o prestigioso chefe progressista, sendo secretarios os srs. conselheiros Beirão e Ressano Garcia. Segundo o *Correio da Noite*, uzou em primeiro logar da palavra o conselheiro Jozé Luciano, «que, numa rezenha tão elucidativa como eloquente, descreve os atos do governo, comentando os acremente, e dizendo que, em seu entender, a campanha parlamentar deve corresponder a esses atos, sendo a censura tão áspera quanto eles são dignos dessa aspereza. Acima de tudo, pela sua gravidade, accentuou a questão de fazenda, que merece especialissimo reparo, frizando a necessidade urjentissima de pedir, por leis severas e explicitas, que qualquer governo, este ou outro, possa impunemente seguir o caminho de desvario trilhado nos ultimos três anos. E se não podem abandonar esse caminho, se não sabem governar sem tais expedientes, cumpram o seu dever, deixando que outros consigam esse desideratum. E o partido progressista, partido de governo, está apto a desempenhar essa missão. Seguirão-se lhe, fala o *Correio*, os nossos correligionarios Francisco Beirão, Eduardo Jozé Coelho, Ressano Garcia, Frederico Laranjo, João Pinto dos Santos, Augusto Jozé da Cunha, Jozé de Alpoim e Oliveira Matos.

Houve unanimidade de vistas e de opiniões em todos os oradores, que affirmárão a necessidade de combater em treguas o actual governo, cuja jencia tem sido perniciosissima para os interesses nacionais.»

Ouve tambem grande abundancia de palmas, urras e vivas entusiasticos, d'esta vês sem a iris inquietanta do argus policial...

As três revoluções

Estão em frente dois mundos, e o seu conflito vai rezolvêr-se. Aproxima-se uma onda que ninguem pôde conter. E esse movimento não nasceu duma, de duas ou três jerações. Tem atrás de si três revoluções.

A primeira é a Renascença. A Renascença foi um refrigério para o espirito umano, afogado no obscurantismo da Igreja, que produziu uma vasta e coléctiva imbecilidade umana. A idade Media é um pantano; a moral catolica um cumulo de depravação. Cita factos da Biblia que demonstram o absurdo e a cruêza d'esse velho simbolo tiranico a que se deu o nome de Padre Eterno. Os seus crimes são tais que ao pé d'elles empalidecem todos os delitos de que possam ser acuzados os mais vulgares criminosos do Limoeiro.

Foi contra esse mundo sobrenatural, jerado na sombra, sob a tutela da Igreja, que se fêz a primeira revolução do espirito moderno que foi a Renascença.

O segundo movimento d'esse jénero foi a Reforma, que arrancou á Igreja os povos que ôje se encoñtrão mais emancipados.

O terceiro foi o movimento filozofico do seculo XVIII que preparou a grande Revolução que 1789 viu nascer e que é a base do direito moderno.

Depois d'estas revoluções que asseguraram a livre evolução das ideias,

## A conferencia do dr. Manuel de Arriaga

A's 8 óras e meia da noite, entra na sala do Centro Republicano da rua da Madalena o nosso eminente correligionario, dr. Manuel de Arriaga. A sala está replêta. Assim que o dr. Arriaga aparece, ergue-se uma aclamação vibrante e calorosa, — uma dessas aclamações que, por partirem do mais intimo sentimento das multidões e se dirigirem ainda mais ao carácter do que ao talento, só as logram os ómens da envergadura moral do grande tribuno republicano. Com o seu sorriso leal que lhe illumina a nobre fronte, Manuel de Arriaga inclina-se, agradecendo as redobradas manifestações que a sua aparição provoca, e dirige-se para a méza. Fêz-se um grande silencio. O illustre orador começa.

As classes conservadoras e o povo

A descrença nas classes conservadoras; a dezaparição daquella bizzarria das castas fidalgas que as fêz nos inicios da grande Revolução, despojarem-se dos seus tradicionais privilegios; a certêza de que não podemos contar com quem d'elles vive e para elles vive, fás, — dis o dr. Manuel de Arriaga, — com que, para as esperanças dum futuro livre e justo, só possamos contar com o povo, a camada que está em baixo e a que se sobrepõe iniquamente uma outra camada, viciosa e doirada. Felicamente, porém, que essa camada vai resvalando já, para se lançar num grande mar.

E' como certas camadas jeolozicas que vão cedendo, obedecendo ás lentas evoluções da materia. Assim e a chamada camada superior: abre se, cede, despenhar-se á em breve. Não tem centro de gravidade, não tem vida propria, e, não a tendo, como não se perguntará: onde irá isto cair? Vai escorregando fatalmente para um abismo.

Dizia-lhe uma vês um seu parente fidalgo: «Mas quem á de erdar o que é meu? Quem á de sustentar os meus filhos?» «Não necessitam de erdar. Trabalham.» «Mas porque lhe não deixarei o que é meu, o que eu tambem erdei?» «Erdaste? Qual é então a posse legitima d'essa propriedade?»

Mas ninguem quer que tu sejas pobre ou os teus filhos, — continua o dr. Arriaga. — Não: queremos apenas que todos entrem no direito comum! (Muitos aplauzos).

A injustiça manifesta, a iniquidade latente em tal situação, é que produzem a maior parte das revoltas.

Como se encoñtou essa propriedade que se arriogou as classes conservadoras? Pela espada, — matando. Pelo cõvado, convertido em melro, — mentindo. Não á legitimidade nem no assassinato, nem na mentira. (Novos aplauzos).

Por isso as classes conservadoras estão entaladas num dilema tão lojico, — que ellas proprias se consideram já perdidas.

As três revoluções

Estão em frente dois mundos, e o seu conflito vai rezolvêr-se. Aproxima-se uma onda que ninguem pôde conter. E esse movimento não nasceu duma, de duas ou três jerações. Tem atrás de si três revoluções.

A primeira é a Renascença. A Renascença foi um refrigério para o espirito umano, afogado no obscurantismo da Igreja, que produziu uma vasta e coléctiva imbecilidade umana. A idade Media é um pantano; a moral catolica um cumulo de depravação. Cita factos da Biblia que demonstram o absurdo e a cruêza d'esse velho simbolo tiranico a que se deu o nome de Padre Eterno. Os seus crimes são tais que ao pé d'elles empalidecem todos os delitos de que possam ser acuzados os mais vulgares criminosos do Limoeiro.

Foi contra esse mundo sobrenatural, jerado na sombra, sob a tutela da Igreja, que se fêz a primeira revolução do espirito moderno que foi a Renascença.

O segundo movimento d'esse jénero foi a Reforma, que arrancou á Igreja os povos que ôje se encoñtrão mais emancipados.

O terceiro foi o movimento filozofico do seculo XVIII que preparou a grande Revolução que 1789 viu nascer e que é a base do direito moderno.

Depois d'estas revoluções que asseguraram a livre evolução das ideias,

quem pôde impedir — exclama o dr. Arriaga, — que o mundo que ali vem destrua o mundo que está? Esse mundo vem em nome da Justiça e a de vencer pela Sciencia. (Salvas de palmas).

**O direito divino e o direito humano**

Essas rezoluções, — continua o orador, — ferirão de morte o direito divino. O que é o direito divino? O direito divino distingue-se por não se basear sobre um direito, mas sobre um favor.

Quando os males do mundo são muitos e os reis de França tinham levado esses males ao cúmulo, os enciclopedistas surtiram, como apóstolos. Fêz-se então a mais bela prédicta do direito novo.

Que comoção no mundo! Esse direito surtiu e venceu. Que vinha ele fazer, surtindo da camada de baixo? Dizer ás camadas de cima que a sua missão estava terminada, que a única salvação que lhes restava era amalgamarem-se com ela, nivelando-se todas perante a justiça que é só uma.

O maior erro da democracia tem sido passar a soberania do rei para o povo. Não pôde ser. A soberania está só na Verdade, no Direito e na Justiça. «Se estiverem aqui milhares, milhões de individuos para me matarem, — dís o illustre tribuno, — eu, embora só, possuindo a verdade, valho mais do que eles. Esta infamia das maiorias, esmagando o direito na minoria, á de acabar quando os direitos da Revolução forem devidamente interpretados no sentido da Verdade! (Muitos aplausos)

Mas o direito divino, acabando, acabou com o rei. Por ser deusa essencia o direito da realza segue-se implicitamente que ele não é um direito. O direito de 1789 é o direito humano que executou o direito divino. Procurou-se iludir essa execução com a lição do Constitucionalismo, entregando-se, por esse meio, a Revolução nas mãos do Privilégio. Dáí vem que pouco a pouco se tem ido sofismando todas as liberdades. Por isso á quarenta anos ele vem precisando uma decadencia degradante em Portugal. Porque é triste ver um povo inteiro, 5 milhões de individuos ainda peor do que esmagados: escarnecidos. A obra do Passado, que se está desfazendo em toda a parte, só se mentem no occidente da Europa!

Mas o progresso avança. A' de vir o dia de Justiça em que o povo não quererá ninguem acima d'ele, mas tam bem ninguem abaixo d'ele! (Bravos!)

**O valor do sufrájo**

Qual o meio de chegar á essa era de justiça? — prosegue o orador. — E' acabar com todos os abusos e opressões que se fundam no privilégio. Um privilégio é sempre uma negação do direito. O que urge pois é acabar com os privilégios que nos esmagam, destruindo o trôno e o altar. E' essa aspiração o que significa essa missão pequenina: um papel numa urna. Esse bocado de papel é uma revolução realzada. (Grande ovação.) Quando as multidões forem honestas e conscientes tendo elas a justiça e a força, porque não vençam? Até ôje á inconsciencia do seu apoio é que tem dado a vitória aos seus inimigos!

**A natureza justa**

Um grande sentimento de revolta deve inspirar a consciencia do cidadão. Porque é revoltante o espetáculo das opulências ultrajantes e dos desperdícios criminosos, que todos os dias se estão prezenciando.

Os privilegiados não pensão em todo o protêsto que a sua attitude provoca. Os seus pratos de ouro não podem ser adquiridos a custa da nossa miseria, os seus vestidos de luxo não devem ser comprados á custa dos farrapos dos filhos do povo. Fazê-lo é ser parázita. Quem recebe sem trabalhar, vive duma esmola, e neste caso duma esmola extorquida. E' um mendigo, mas um mendigo que nos esmaga. E' preciso para acabar com isto, o quê? Que nos unamos, e imponhamos a nossa justiça!

De resto, a propria natureza vai eliminando os privilegiados da corã e scéctro. Tanto se izolaram do resto da humanidade, tanto se retrairam da vida, que é progresso, sciencia, e força, que as estiolam como as plantas que o sol não beija. Nuns é o cancro que os roe, noutros é a tuberculose que os condena.

**Quatro couzas sagradas**

Vai terminar. A' no mundo quatro couzas sagradas. A primeira é a Força publica, para manter a ordem e a harmonia social. Não é de ninguem: é da nação e de todos.

A segunda é o Erário público. Não é de ninguem, é de todos, tambem e se alguém quizesse arrogar-se a sua posse seria ainda o povo, que lhe dá as suas migalhas.

Terceira: a Escola. E' onde a humanidade se educa, onde abre os olhos da razão. A escola é a propriedade de todos.

A quarta é o Tribunal. Não é propriedade de ninguem; é, deve ser de todos.

Pois bem! No dia em que estas couzas sagradas não estiverem já em poder dos privilegiados, mas sim em poder da nação, eles já nada valerão, — sem exército, sem dinheiro, sem escola, sem tribunal. Tudo isso é nosso! Que temos portanto a fazer? Expulsar os delegados infieis, detentores de tudo isto que nos pertence, readquirindo o que é nosso, irrefragavelmente nosso, por essa expressão da nossa vontade que é o voto.

Uma estrondoza salva de palmas acolhe as últimas palavras do orador. Grita-se «Viva Manuel d'Arriaga! Viva a Liberdade!» A saída decorreu no meio da melhor ordem.

Fôão concedidos 60 dias de licença ao sr. Agostinho Viégas Lucas, professor da Escola normal.

Foi autorizada a transferencia do Liceu do Porto para o de Coimbra, ao sr. Antonio Augusto Pires.

Está a concurso, por espaço de 30 dias, o lugar de amanuense da administração do concelho da Figueira da Foz, com o ordenado de 150.000 annuaes.

**CARRIS DE FERRO DE COIMBRA**

**HORARIO PROVIZÓRIO**

DAS

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partida dos carros do largo das Ameias

Números dos combolos e destino	Horas da partida
8 (correio para Lisboa)	12 <sup>h</sup> , 11 <sup>m</sup> n.
15 " " " "	3, 3 m.
17 " " " "	5, 46 "
18 " " " "	8, 8 "
19 " " " "	2, 26 t.
22 " " " "	3, 36 "
3 " " " "	5, 37 "
Rapido " " " "	6, 16 "
4 " " " "	6, 48 "
54 Rapido " " " "	8, 43 n.

**Tabela de preços**

Largo das Ameias ou Casa do Sal á Rua do Infante D. Augusto — 50 réis.  
Largo de D. Carlos ou Gazometro á Rua do Infante D. Augusto — 40 réis.  
Largo das Ameias, Caza do Sal ou Rua do Infante D. Augusto ao Mercado — 30 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Largo de D. Luis — 30 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Mercado — 20 réis.

Estação B dos Caminhos de Ferro ao Largo das Ameias ou Mercado — 50 réis.

Estação B dos Caminhos de Ferro á Rua do Infante D. Augusto — 80 réis.

Estação B dos Caminhos de Ferro á Caza do Sal — 20 réis.

A assinatura para os bilhetes pessoais está aberta pelos preços annuaes de 12.000 réis, e 9.000 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes últimos de logares na plataforma dos carros.

**MANOEL DE SOUSA PINTO**

**A ÚNICA VERDADE**

Drama em 2 atos

Preço 300 réis

Editor — Moura Marques

**Rudimentos de agricultura**

POR

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

Livro aprovado no último concurso pela Direcção geral d'instrução publica

Preço pelo correio, 280 réis

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na casa editora LIVRARIA AILLAUD, rua do Ouro, 242-1.º — Lisboa.

**ANUNCIOS**

**A BON MARCHÉ**

Papeis almassos de linho e algodão  
Papeis para cartas de todos os formatos e qualidades

Papeis para carta em bonitas caixas.  
Papeis fantasia para participações de casamento.

Papeis de impressão para jornaes e obras.  
Papeis para capas em todas as qualidades.

Papeis em côr para embrulhos delicados.

Papeis para encadernadores.  
Papeis para forrar salas, lindos gostos (arte nova.)

Livros em branco e riscados para o comércio.

Livros de estudo e literatura.  
Objetos de escritório e dezenho.

Chás preto e verde, finissimas qualidades.

Encadernações de livros em todos os jéneros.

Carimbos de metal e borracha.  
Perfumarias e tabacos nacionaes e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos em todos os jéneros.  
Artigos de ceramica para construções.

**CAZA EUROPA**

14 — Rua dos Gatos — 16

COIMBRA

**VENDE-SE**

Em boas condições um casal no sitio do Ingote, suburbios desta cidade, que se compõe de terra de semeadura, vinha, arvores de fruto, muitas oliveiras, cinco cazas, uma dita para palheiro, cisterna de agua potavel, etc. Para tratar com o proprietario, na rua da Figueira da Fós, n.º 96 A, ou no escritório da Agencia do contribuinte, Guimarães & Arnaldo, rua do Almarife n.º 29, 2.º — Coimbra.

**Topico contra Frieiras**

E' o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que soffrem de tão orrivel mal.

Applica-se em fricções durante dois minutos collocando-se depois um pacho d'algodão hydrophiló do mesmo topico por algumas óras.

Preço de cada frasco 300 reis

Vende-se na Farmacia Assis  
Praça do Comercio — COIMBRA.

**MARIO MACHADO**

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuosas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

**Preços módicos**

**Papelaria BORGES**

COIMBRA

Especialidades mais bem sortidas nesta caza:

Fornecimento para escritório, escolas e dezenho;

Recente fornecimento de todos os necessarios para floristas;

Aparéllhos e todo o material para a Fotografia;

Secção Especial e Extraordinaria

Edições de Lembranças locais: fotografias em coleções e albums, bilhetes postais e carteiras com vistas de Coimbra; centenas de variedades de vistas, edificios, fantasias em figuras — belézas, esculturas e quadros dos artistas mais celebres, costumes portuguezes tc. etc.

Pianos Gaveau de Paris: como unico agente, aqui, vende e toma encomendas nas melhores condições que o comprador pôde encontrar; tem por afinador e reparador E. Macedo, com quem tem contrato para enviar, mediante pedido. Pedir preços.

Retratos ou fotografia de qualquer coisa: quem precisar de quantidade peça preços e condições; toma encomendas em todos os formatos e o preço é na sua relação, sendo á 37500 cada cento em cartão viziã.

Depozito dos Tabacos sem Nicotina fornece com o desconto do depozito jeral em Lisboa.

**Grade de Vinhatico**

Vende-se uma com 5<sup>m</sup> de comprimento e 0,50 de altura.

Para esclarecimentos Pharmacia Assis — Praça do Comercio.

**ACETILENE**

Instalações completas, Grande depozito de carboreto de calcio.

**Ladeira & Filho**

Praça 8 de Maio — COIMBRA

**CAZA NA SOFIA**

Arrenda-se o 1.º andar da caza na rua da Sofia n.º 56. Tem nove divisões, pátio e canalizões de agua e gás.

Para tratar rua da Moeda n.º 107 todos os dias das 4 ás 5 óras da tarde.

**Canalisções para agua**

Ninguem mande fazer sem vêr os preços da casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Orçamentos gratis

**CONTOS DAS CRIANÇAS**

POR

Maria Pinto Figueirinhas

Preço 300 réis — Livraria Editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras — Porto.

(10) Folhetim da "RESISTENCIA,"

H. DE BALZAC

**O EXCOMUNGADO**

IV

O abade

—Vá ao convento, terminou Ombert veja o que os frades quèrem, e tudo se comporá.

—Felismente, gritou o velho senhor, isso é que são palavras de ouro! como dís Robert, o meu vélho capelão, e, como o disséste, assim o farei.

Então Catarina foi buscar ao armario, de que falámos, um gomil de prata, encheu o d'agua e aprezentou-o ao pai, que lavou as mãos, depois offerceu lhe mais um guardanapo felpudo, como nesse tempo era de uso; o pai beijou a filha na résta, dizendo lhe:

—Obrigado, Catarina.

Depois destas poucas palavras, ditas num tom ao mesmo tempo dôce e severo que revelava gradações do mais delicado sentimento, que ninguem es-

peraria da organização pezada daquêlle valente senhór, o veneravel capelão levantou se, deu as graças, e Catarina, seguida de Maria, sua criada de quarto favorita, entrou para os seus apozentos.

A êste sinál, cada um se levantou, deixando Ombert e la Bourdaisière sózinhos na sala.

—Pois bem! disse este ultimo a Ombert, vou já a Marmoutiers; só o diabo é que pôde fazer com que eu não arranje o teu negócio.

—Vamos então escolhêr o cavallo que lhe sirva melhor, replicou Ombert.

Os dois senhóres saíram e Ombert dirijiu os passos para a cavalaria.

Entre cada tórre que se encontrava de espaço a espaço na muralha da fortificação, tinham aberto na espessura da parede, salas, quartos, cavalariças, emfim o muro era abitado por todos os serviços do castelo, e, como o tétó era sólido, de abobada, a comunicação entre as tórres fazia-se por uma galaria superior.

Era para um destes edificios que se dirijia Ombert, quando de repente baixou um falcão sobre o seu braço, procurando collocar-se sobre o punho.

—Bertram! Roch! Cristiam! gritou Ombert furioso, vão-me buscar Grild, o falcoeiro! Deixar fuji o meu falcão

mais querido, o unico de que Catarina gosta! á-de pagar-mo, o patife!

Roch, o canhóto, spezar de vélho, trouxe agarrado pela cintura um ómem baixo, cujo rôsto se parecia com o de um gato bravo; mal se sustinha em pé e os olhos espantados pareciam soffrer com a luz do dia, e a impressão do ar.

Ombert ficou mais furioso por o vér bêbado, pegando num pão mostruolho, o que fêz soltar ao falcoeiro gritos inarticulados.

—Quando estiver com o seu juizo, castiga-o, dissé Ombert a Roch, o canhóto.

Este ergueu os olhos ao ceu ao vér tal dezordem na jente que tinha cargo de mandar, e levou Grild murmurando.

Durante êste tempo, o sire de la Bourdaisière tinha ido á cavalaria e trazia um bellissimo cavallo em que montou, dizendo a Ombert:

—O que se fás, deixa de estar para se fazer.

E tentou dar um ar de sentença ás suas palavras contraindo os dois labios na vizjem que lhe era habitual.

—Roch, gritou Ombert, Roch, a cavallo! o sire de la Bourdaisière á-de ir sózinho ao mosteiro? Vamos, meu canhóto, a cavallo!

Quivindo esta ordem, o vélhito, ainda

duro, correu para a cavallariça e, antes de Ombert e o sire de la Bourdaisière terem combinado as concessões a fazer ao abade Elias, appareceu, montado num bello cavallo, e collocou-se atrás dos ámos com uma prontidão, um silencio, e maneiras, que indicavão abitos de serviço militar.

Então Ombert tocou a trompa, e a sentinela da ponte levadiça deixou passar o sr. de la Bourdaisière e o seu vélho acólito.

Roch, o Canhóto era de algum módo o governador civil do palacio de Roche Corbon, onde exercia os diversos empregos que mais tarde se dêrão aos intendentes.

Roch tinha acompanhado Ombert XXIV á Palestina e tivéra a dôr de o vér succumbir na escravidão.

Roche só escapará á morte, renegando a fé católica, e, como tinha feito o juramento sobre o corã com a mão direita, tinha condemnado e sa mão infiel á imobildade perpétua; pouco faltára para a cortar; mas em Roma, onde fóra pedir a absolvição do seu crime, o grande penitenciário tinha o levado a conservar aquêlle membro para o serviço de Deus, o que Roch tinha comprehendido no sentido de que o não devia pôr ao serviço dos ómens.

Este velho tinha péto de oitenta

anos; era pequeno, vivo, esperto, e alem disso rigorôzo ainda; a cabeça era saliente, os olhos vivos e fundos; o nariz pontegudo, todo o corpo de uma magreza surpreendente.

Trazia vestidos de côr escura, e os cabélos brancos saíam de baixo de um boné de côr amarela, encimado por uma lamina douro com as armas de Roché Corbon. A sua dedicacão por aquêlla nobre familia era tão grande como a sujeição á religião, católica, apostólica, romana, e, se aquêles dois sentimentos, pôstos em opposição, avia quinze anos, pelo procedimento de Ombert com o mosteiro tinha originado nêlle combates para rir, a sua longa experiencia, o seu abito de dirijir as propriedades, tinham lhe dado o direito de falar com liberdade a seu senhor e dávão-lhe grande autoridade diante dos vassallos e junto do castelo.

Roch era uma espécie de fac-simile do poder do barão, e o eixo sobre que jirávão os negócios da benesica.

Nunca o bailló, o senescal, os archieiros-francos, o cura da aldeia se dirijião a mais s'guem senão a Roch, antes de apparecer diante do senhór, e Roch não abuzava de modo algum daquêlla autoridade.

(Continúa.)

## FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de celhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins, platibandas, balaustrés, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

### PREÇOS ECONOMICOS

♦ ♦ ♦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ♦ ♦ ♦

29, Rua de João Cabreiros, 31 — COIMBRA

### LOJA ESPANHOLA

Proprietário José Teixeira

191, Rua Ferreira Borges, 193

Acaba de chegar a esta casa um grande sortido de sedas para vestidos pretos e de cores.

Mantilhas de seda, em diferentes gostos; lenços de seda, dos mais modernos; grande sortido em gravatas de seda ultima novidade de Paris; grande sortido de bordados suíços; Meias de seda, fio d'Escocia e algodão; piugas pretas e de riscas, para ómeme e criança; espartilhos de todas as qualidades; grande sortido de rendas valencianas, tule, de seda e de linho; suspensórios para ómeme e criança; cortinados e bambinêlas das mais modernas em diferentes gostos; saias e camisas; bordados para senhoras; lenços e écharpes de malha; fitas de setim e enfeites para vestidos e outros mais artigos.

O proprietário desta casa previne as ex.ªs demas e o povo coimbricense que esta casa não traz nenhuns vendedores pelas ruas.

Quem quizer comprar bom e barato venha á Loja Espanhola.

### CASA MEMORIA

DE

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—Memoria. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

### Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francezes que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A sempre quantidades de Pianos para alugar.

## ♦ ♦ ♦ ACYTIENE ♦ ♦ ♦

Carbureto de calcio francez, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco—Lisboa, 100000 réis

Apparehos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante—100 velas por bico

GASTO:—5 réis por hora

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÉRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

ANUNCIAR

## FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 156 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographs Edison de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas no vas e muito escolhidas.

### CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos—Coimbra.

### RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

### Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Tabos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

### CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapeiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moeda, Coimbra.

### FRIO

Evita se, usando nos aposentos as estufas a petroleo, lenha, carvão e gaz, que vende a casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54—RUA FERREIRA BORGES—56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fidesa de visitar este estabelecimento.

### PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobílias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGREDI  
ET  
PRODESSE



COIMBRÁ

Instalação provisória: rua da Sota, n.º 8

Tabela de preços de venda a miúdo (1 de julho de 1903)

Marcas	Garrão de 5 litros	Garrão de 6		Garrão bordaleza	
		1	6	1	12
Tinto GRANADA...	550	120	680	85	900
CORAL...	600	180	720	90	950
Branco AMBAR...	650	—	—	100	1000
TOPAZIO...	—	—	—	120	1300

Distribuição gratuita aos domicilios em compras de garrafão ou duzias de garrafas.

## PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados doces sortidos, para chá e soirées, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas Centros de mesa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognac, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucars com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Courça de Lisboa, 32.

### Modista de Lisboa

CAROLINA VASCONCELOS

Terreiro de Santo Antonio, 2-1.º

Executa pelos ultimos figurinos, vestidos, capas, cazacos, fatos para creanças, etc. Prova á franceza.

### IJIENE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

### Aos automobilistas

Gasolina para automoveis.

A venda na casa

Ladeira & Filho

### SILVA & FILHO

ANUNCIAR

Fabrica manual de calçado e tamancos

e deposito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

## Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada—Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXEVILLE, nos Vosges (França)

### INDICAÇÕES

Para uso interno:—Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.

Para uso externo:—Em diferentes especies de dermatoses.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A venda em garrafas de litro—Preço 200 réis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

# REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 869

COIMBRA — Domingo, 17 de Janeiro de 1904

9.º ANO

## Contra as propostas de fazenda

O nosso prezado colega *O Mundo* salientava á dias a necessidade do partido republicano lutar o seu protesto enérgico contra as recentes propostas de fazenda, afervorando quanto em suas forças caiba a campanha tendente a inutilizá-las.

Essas propostas, seguindo as velhas práticas do regime, confinam-se no processo fácil, mas para o país á muito já doloroso e insupportável, das crescentes exigências tributárias.

Não á inovações: é sempre o mesmo expediente miserável, o assalto desemboçado e cruel á calamitosa indigência publica.

Sempre que o desequilíbrio se accentua, por virtude de perululariedades, que frequentes vezes os governos provocam e animam por baixo cortezanismo, ou que pelo menos sancionam com covardia inqualificavel, a embuscada ao contribuinte é inevitavel. E com o cinismo abitual, a velha perlanga de que esses novos sacrificios resultarão por fim em beneficios largos, pois que á devotação rezignada do país o governo corresponderá com novas práticas de administração moral e proba, vem cerzida com o ar contrito de ipócritas muito uzados na velhissima artimanha.

Reclama-se, como primeiro passo a dar na consecução da nossa melhoria financeira, o termo da confusão ruinóza dos dois erários. Não é uma reclamação de jacobinos: tem sido formulada em termos claros e eloquentes por adéptos cotados do regime e aparece largamente documentada.

Mas os financeiros da monarchia não ouzam enveredar por esse caminho escabroso. A confusão persistirá. E para que ella persista, o país continuará a pagar tributos onerosissimos, vendo agravada a sua miséria com crescentes extorsões.

Não é, porém, nosso intento fazer agora a critica das propostas de fazenda, de que largamente nos occuparemos. Queremos tão só, por óje, prestar o nosso assentimento ás palavras do *Mundo*, sobre a necessidade do partido republicano fazer afirmações altas e inérgicas sobre o momento do assunto.

A' muito que nós defendemos a urgencia do partido republicano intervir ávida e persistentemente em todas as questões de interesse nacional, captando com o seu trabalho patriótico a confiança do país.

O ensejo é oportuno para uma larga campanha de protesto, que póde mesmo servir a juntar, no calor da luta, todos os elementos republicanos, asselando-se emfim essa desejada união partidária.

Pela sua imprensa, pelas suas agremiações, pelos seus ómens eminentes, o partido republicano não

póde neste momento deixar de afirmar-se digno da confiança dos que para elle apelam, como único recurso de salvação nacional. Perciza provar que não é um partido de declamadores banaes, de maldizentes faciózos, e de contemplativos inuteis.

Tudo que seja abrir uma era de atividade entusiástica e nobremente reveladora de largos sentimentos cívicos, merece o nosso apoio mais entusiástico. E se á assuntos que devam abrir oportunidade justa a quebrar esta nossa modorra deprimente, a apresentação das propostas de fazenda é um desses assuntos capitaes, pois que é de mais um assalto ao povo que se trata, para cobrir os estragos ruinosos da orjia governativa.

As palavras do *Mundo* tiveram já a adesão de outros denodados jornaes republicanos; e é indispensavel que este protesto orientado tenha desde já a cooperação ávida do nosso partido, que assim cumprirá nobremente a sua missão.

Por nossa parte não esqueceremos as obrigações que nos assistem, como combatentes e defensores dos interesses populares. No ambito das nossas forças sabermos cumprir o nosso dever, e afirmarmos que o nosso propósito não se quebrantará ante violencias, que só pódem encorajar-nos para a luta.

Que todos os republicanos se compenentrem da sua responsabilidade, e sejam neste momento muito dedicados e muito corajózos.

## Associação comercial

Reuniu ante ontem a assembleia geral para apresentação do relatório d' gerencia do ano findo e para aprovação de contas.

Prezidiu o sr. Pedro Ferreira Dias Bandeira, secretariado pelos srs. Antonio Augusto Neves e Antonio Nunes Correia.

Antes da ordem da noite, pediu a palavra o sr. João Simões da Fonseca Barata para perguntar, se na viagem politica do sr. João Franco e no banquete dado a este estadista no Porto, o sr. José Antonio Dias Pereira tinha assistido como representante e prezido da Associação Commercial, ou como simples particular.

O sr. Dias Pereira respondeu que tinha ido como simples particular, mas que se fosse como presidente, não julgava por isso ter dezonrado a Associação.

O sr. João Simões da Fonseca Barata deu-se por satisfeito com a primeira parte da declaração do sr. Dias Pereira, e, quanto á segunda afirmou que, o seu voto seria sempre contrario ao sr. conselheiro João Franco, porque, como estadista, o considerava como prejudicial ao comércio, e requereu para que ficasse exarada na áta a declaração feita pelo sr. Dias Pereira de que não representára a Associação commercial de Coimbra na reunião politica do Porto.

Passando-se á ordem da noite, foi lido o relatório pelo sr. Manuel Joaquim Miranda, secretario da direção, sendo aprovado por unanimidade.

Para dar o seu parecer sobre as contas fóraõ nomeados os srs. Jaime Lopes Lôbo, Manoel Augusto da Silva e João Simões da Fonseca Barata.

Procedeu-se depois á eleição dos

corpos gerentes que ficarão constituídos assim:

ASSEMBLEIA GERAL — *Presidente*, sr. João Antonio da Cunha; *secretários*, os srs. Albino Godinho de Matos e Luctario Ganilho.

DIREÇÃO — *Presidente*, sr. Joaquim Augusto Borjes de Oliveira; *vice presidente*, o sr. Antonio Jozé Fernandes; *secretário*, o sr. João Alves Barata; 2.º *secretário*, o sr. Antonio Rodrigues Duar e; *tesoureiro*, o sr. João Gomes Moreira; *vogais*, os srs. Joaquim A. Simões e Antonio Manuel de Lima.

Não avendo mais nada a tratar, fo encerrada a sessão.

Na ultima sessão da camara municipal de Lisboa, o sr. Claro da Rica propôs que uma das ruas novas de Lisboa se chamasse Avenida dos Palacios e que nela só póssão ser construídos edificios com projéctos apalaçados e obedientes a rigorózos estilos arquitetónicos.

## Associação dos atiradores civis portuguezes

A quarta filial, com sede nesta cidade, tem continuado activamente os seus trabalhos para dar desenvolvimento á instrução do tiro civil, tão activamente cuidada nos paizes que se occupão em garantir a defeza da pátria.

A instrução do tiro civil, que tantas vantagens e garantias oferece sob o ponto de vista do recrutamento, não tem encontrado opposição, nem mesmo da parte dos anti-militaristas; porque se os exercícos permanentes são para muitos uma instituição dezumana e ruinóza, só poderãõ todavia dezaparecer desde que cada cidadão possa defendêr o solo da pátria.

A última guerra do Transvaal mostrou com a pericia no tiro, o ábito de atirar contraído pela vida da caça, ou pela necessidade da defeza da vida nõ mada, dá força a um póvo mesmo deante de um exercíco bem alimentado e bem municiado, mesmo quando a bondade tem de defender-se contra a atrocidade de um póvo de crueldade histórica.

A associação dos atiradores de Coimbra continua no empenho de onrar o seu passado, que tão brilhantemente começou e tem desenvolvido este ano uma actividade que lhe fás augurar um futuro auspicióz.

Veio já ordem superior para poderem começar os trabalhos, levando a construção da carreira de tiro até 600 metros de modo a poder dar-se em Coimbra a instrução de tiro completa.

Inscrevêrãõ-se até ao dia 31 de Dezembro os srs. Gasper dos Santos Basto, Gonçalo da Costa Bástista Nazareth, Floro Enriques, Francisco Alves Madeira Junior, Antonio Rodrigues Pinto Junior, Jozé Augusto da Cunha, Augusto Antonio dos Reis, Antonio da Fonseca e Costa, Antonio Lopes de Moraes Silvano, Luis Augusto Teixeira, Manoel Jozé Teles, Antonio da Silva Serrano, Emidio da Silva Serrano, Joaquim Antonio Pedro, Manoel Mario de Figueiredo Temido, Manoel da Costa Fernandes Nazareth, Eduardo da Silva Miranda, Abilio Bastos dos Santos, Amadeu Jozé da Costa Braga, Jozé Augusto Pereira de Vasconcelos, Eduardo Saldanha da Silva Vieira, Augusto Saldanha da Silva Vieira, Raul Soares Duque, Luis Martins, Eurico da Silva Baltazar Brito, Jozé Martins de Vasconcelos, Evaristo Jozé Cerveira, Cassiano Augusto Martins Ribeiro, Adriano Brandão, Augusto Enriques, Antonio Viana, Saturnino de Carvalho, Justiniano da Fonseca, Francisco de Oliveira Martins.

A quarta filial da associação dos atiradores civis portuguezes ficará talvez constituindo uma secção do novo jinazio, cujos trabalhos de organização vão muito adeantados.

## Página antiga da "Rezistencia",

### JOÃO DE DEUS

16 de Janeiro de 1896

Dizem que morreu, êle que não conseguirá envelhecer e fóra sempre são, alegre, e descuidado, como se é só quando se é novo, e se é bom.

Morrer em Lisboa...

Póde lá ser! Se êle nunca daqui saiu, se anda esta terra che a dêle, e eu encontrei á pouco a rir a sua mocidade.

Nunca daqui saiu, todos aqui conhecem João de Deus, êle nunca deixou de estudar comnosco, e ainda ontem eu estive com êle a dizer mal dos lentes!

Nunca daqui saiu, todos sabem o seu logar nas aulas, e de lonje conhecem as raparigas a sua capa róta.

Nestas noites de inverno frio, todos contão coizas dêle, e todos riem o seu rir, rizo de moços.

Quando chegar a primavera, e quando apparecerem os rouxinões á de, como os outros anos, começar-se a ouvir versos seus a voar em lábios de rapazes, á guitarrada pelo rio.

Já o rio e os salgueiros sabem os seus versos, de cór, como o cantar dos rouxinões.

Criou-se aqui sem um inimigo. Dito seu, toda a jente o sabia no mesmo dia, e toda a jente riá...

Versos seus sabem os todas as mães e as crianças, cantam-os as tricanas e os rapazes, lêem-os os lentes.

Morrer! Podia lá morrer!...

A obra de João de Deus é uma obra singular, inexplicavel, como a do jénio.

Nasceu poeta, como podera ter nascido pintor, ou escultor. Não teve mestres e não deixa discipulos.

Versos, aprendeu a fazel-os... eu sei cá! — como aprendeu a falar.

Talvez lh'os ensinasse a mãe; anda nêles tanto amôr pelas crianças, tanta adoração pela Virgem Nossa Senhora!

Só em criança se ama e crê assim!

Fala a lingua da sua terra e é bem portuguez. Para se falar assim é necessário ter começado do berço.

Aquella lingua não lh'a ensinãrãõ mestres, entende-se sem dicionário, aprendeu-a de a ouvir á mãe, é a lingua do seu país, a lingua do seu sangue.

Como os versos, que são portuguezes de léi, fáceis e dôces como

o trovar do povo, cheios damor, e tão alegres...

Livros, não leu para fazer versos. Ouviu em tempos a biblia e sabe-a dizer como nenhum poeta. Em ebreu não deve ser melhor!

O que dis é muito simples: são palavras damor e de bondade, crenças de moço e de criança, rizo de rapás. E' o poeta dos tempos bons da mocidade.

Por isso os rapazes um dia, pela primavera, forãõ a rir agradecer-lhe o ter feito dos seus livros o templo do seu amôr. Erãõ estudantes, mas não forãõ agradecer-lhes o tê-lo ensinado a lêr, fóraõ agradecer-lhe o tê-lo ensinado a amar.

As mães diziam os seus versos de cór, e êles tinham-os aprendido, até antes de saberem lêr.

O dia era triste e o poeta estava doente, chovia e fazia frio, mas a mocidade encheu as ruas dalegria e de calôr e o poeta sorria de contentê.

Foi um dia de alegria sã e sincera; todos diante do olhar bom do poeta esquecerãõ ódios e finjimentos e deixarãõ falar alto a vós do coração.

E bem alto falou! Longe se ouviu!

Vão a enterra-lo nos Jerónimos.

Vai jelár o Poeta, só, naquêle templo frio.

Como á de êle viver lá, tão só.

Tudo soldados, ómens d'aventura...

Poeta, êle só!

Izolado, sem rizo, o mar á porta, sempre a resmungar tão velho.

Bem sabia êle istória! Glórias nacionais tão vãs, tão velhas e tão gastas...

Ir ao lonje, quando se podia ser felis perto, a sorrir e a amar!

Buscar lonje o ouro, andar por fóra, a desperdiçar amôr, ir buscar fortuna, sendo tão bom ser-se onrado aqui, ao pe dos nossos!

Nos Jerónimos é tudo jelado, até é frio o rizo das crianças, coitadas, abandonadas, tão pobres...

Ficar ali, num claustro, sem sol, sem ar, a apodrecer, sem poder fazer florescer uma flor!

Onde êle devia ficar, rapazes, era num parque vasto e alegre, cortado de ruas frescas e escuras, em que se podesse amar, aguas a correr baixo, para não perturbar quem está.

Devia ficar ao sol de Portugal, bem metido na terra do seu país, a desfazer-se em flores, num jardim onde andariãõ todas as mães, onde fosse sempre primavera, ouvesse sempre flores, jardim em que fizésse sempre sol, e rissem sempre rizo de crianças.

Nos Jerónimos êle!...

Nos Jerónimos, como coiza morta, glória passada que não volta...

Só se morreu em Portugal, de vês, a Mocidade e o Amôr!...

T. C.

PERGUNTAS INDISCRETAS

Uma carta de Joaquim Antonio d'Aguiar

Por mais de uma vez temos querido estabelecer, em jornais que temos redigido, uma secção de perguntas, analoga ás que se encontram em jornais estrangeiros e têm dado lugar até a publicações especiais.

Acontece ás vezes que, no meio de trabalhos que são da especialidade de cada estúdio, se encontra referência a factos que, por desconhecidos, necessitam trabalho especial em ramo que é da competência de outro.

As vezes mesmo, por acaso, um leitor pode ter conhecimento de factos que são desconhecidos por historiadores e eruditos.

É facil assim poupar trabalho, fóra da especialidade de cada um, e por isso mesmo mais difficil.

Na minha coleção de autógrafos, tenho uma carta de Joaquim Antonio de Aguiar, sem sobrescrito e com referências a acontecimentos políticos, que não vêem descritos.

A quem poderia ter sido escrita a carta?

Quais os acontecimentos a que se refere?

Quais as circunstâncias particulares das pessoas a que alude e que possam interessar o curioso ou o historiador?

São as perguntas que faço, passando a transcrever a carta.

Ill.º Sr.

Meu caro am.º e ant.º Col.º Tenho retardado a resposta a duas cartas, que V. S.ª teve a bondade de me escrever huma anterior, e outra posterior aos acontecim.ºs dos dias 9 e 10 do passado. Espero que V. S.ª não atribua esta falta a quebra d'amizad; estou certo de que me desculpará, e não tardará muito que eu não tenha occasião de lhe dar as minhas desculpas. Existe em meu poder o documento, que V. S.ª me enviou com aprim.º daquellas cartas, e em m.º u poder ficará, se V. S.ª não despozer outra coisa, até que as circunstancias permitão que se lhe dê o competente destino: a occasião, emque isto poderá ter lugar, não deve tardar muito, e muito sinto não poder explicar-me mais a este respeito.

Eu encarreguei-me de dizer a V. S.ª que os Deputados eleitos poseram na mão de S. M. hum manifest.º dos motivos, porque não desempenharão o seu mandato, como representantes da Nação, referindo os violentos acontecim.ºs dos dias 9, e 10 de 7br.º tr. Foi assignado por 40, ou 41, e vão successivamente cheg.º Procuções d'alg.º ausentes. Parece-nos que era do nosso dever dar a V. S.ª conhecimento deste negocio, e no caso em que V. S.ª queira assignar também aquelle papel, pode mandar Procuração. Os Paes fizeram também o seu protesto forte, e energico: acha-se assignado pela maioria da Camara entrando os hom.ºs notáveis pelas suas riquezas, pelas suas luses, etc. Pode acontecer que hum, e outro, sirvão em m.º pouco tempo para alg.º cousa.

V. S.ª pode escrever-me, subscribando a carta ao Sr. Francisco Romão d'Araujo — Neg.º no largo da Magdalenha n.º 2 = Lisboa.

AD.º meu am.º Lx.º 22 8bº — recados ao P.º e disp.º de q.º he

De V. S.ª am.º col.º

Joaquim Antonio d'Aguiar.

Espero que desta vez serei mais feliz do que das outras em que tenho tentado estabelecer uma secção semelhante.

Não tenha eu de responder a mim mesmo!

E' o que tenho de mais certo. Se calhar... como espirituozamente costumava dizer, o sr. conselheiro João Franco...

T. C.

Liga das associações

A Liga das associações, na sua sessão de quinta feira, rezolveu enviar á Associação dos Artistas um voto de sentimento pelo falecimento do seu presidente sr. João Antunes do Vale, que era tambem vice-presidente da Liga, bem como aprezentar os seus pezares á viuva do extinto.

Mandou tambem que na áta ficasse exarado um voto de sentimento pela perda do seu vice-presidente, que tantas provas de dedicação dera aquella associação durante a sua vida onesta.

Do capital em caixa disponível retirou 700000 réis para serem devidos pelas associações lig. das conforme a importancia dos capit. is mutuados, ficando 100000 réis depositados para qualquer eventualidade na Caixa jeral dos depozitos, fazendo-se a distribuição dos réis 600000 restantes pelas associações, cabendo á Associação dos Artistas, 240000 réis, correspondente ao capital de 1000000 réis; igual quantia ao Monte pio comimbricense Martins de Carvalho; 600000 réis á Associação para o sexo feminino; 360000 réis, ao Grémio dos empregados do commercio e industria; e 240000 réis ao Monte-pio da imprensa da Universidade.

Com esta medida ficou dezonorado singularmente a Liga das associações, que está f. zendo boa administração.

O desconto dos medicamentos, que pelos estatutos deveria ser de 30%, foi este ano elevado a 50%, resultado devido á economia e boa administração da direcção da Liga das associações.

Pelo sr. ministro da justiça foi ordenado que cumprão na penitenciária central de Coimbra as penas celulares: Manuel Ribeiro Nunes, Antonio Manuel de Almeida e Manuel Ferreira de Sá, o Romeiro.

Transcrevemos da Voiz Publica a conferencia do sr. João Franco no Porto segundo o relato de João Xorinca.

Tomámos a liberdade de emendar alguns erros tipograficos que alterávão a melodia daquella voz encantada, que, como a de O feu, está levando consigo os mais feroces dos nós os politicos.

CONFERENXIA

Xenhores!

Agradêxo penhoradiximo as provas de afflixão que me dispixaeis! Eu venho aqui fazer esta conferencia, porque a pouca vergonha é tanta, que eu até já dixei: «isto xim não pôde xer!»

E não! Eu ando aqui ha uma xuxia de tempo a vêr se me xamam p'ra um governo de forxa, porque todos xibem que eu xou muito capaz de xacificar xeja o que for á ideia que teho no caso de fazer a felicidade d'este povo, que está xego e não vê quem é que o pôde xalvar! (apoiados)

Meus xenhores! O (pã) é xerrim e gexo! O xjeite... quem dera que elle foxe oleo d'amendoas dõxes! A man teiga é xêbo e oitras coijas que eu não xei xe voxellenxias xabem! E tudo isto xe paga por um prexo que xobe... xobe... xobe, que já não pôde ir mais axima!

E como xe isto não bastaxe, inda veem agora mais d'exas, como xe xemilhante proxexo de governaçõ foxaxeitavel (apoiados freneticos).

Já xe xabe que o povo não pôde nem deve pagar mais! (apoiados). O que voxês pagam xegava muito bem p'ra mim, xe fõxe eu que govern-xei! Aqui o que xe prexja é forxa, forxa e mais forxa! E xe voxês estão rejolvidos a dar-me fõ-xa a mim, eu, em lá xegando axima, vos direi quem é que dá com fõ-xa!

(Aqui o orador bebe agua. Depois poisando o copo).

Não penxéis que esta promexa leva agua no bico... Eu bebi por que estou com xêde... xêde do mando, xêde de governar, xêde de xer xó eu a dar impulso á libertaçõ da patria, a acabar com o deflixil, a pôr em eieccuçõ as xabias e xagradas leis da constituixõ — que não pode continuar a xer xophismada por governantes xem xciencia nem consciencia! (apoiados prolongados).

A xeparaxõ da maxa (dinheiro) do

povo e da maxa do que não é povo, já xe xabe que é uma coija difficil de conxeguir, e xempre e em todos os tempos houve xommas que, por mais que xe queira xaber o caminho que xeguiram... num xe xabel (apoiados).

Mas eu hei de acabar com isto! Levae-me lá, meus filhos, e xim quem eu xubir as escadas do paxo, xobra-xando a minha pasta de xefe xupremo do gabinete, que está abaixo do xefe xupremo da nação, eu xaberei empregar a forxa p'ra dar impulso ao proxexo que deve xer o xoxo xanto e xenha nas luctas xivicas p'ra manter o xegradu principio da auctoridade!

Levae-me lá, meus filhos, se que reis xaber quem eu xou agora!

Xim! levae-me lá, e eu xaberei xeguir a xenda xanta da parximonia na administração das xommas que constituem a xeita publica da nação, xem deixar que elles xigam caminho xecretu e xe xumam n'um xorvedeiro que eu cá xei!

Levae-me lá, meus filhos, e xe me perguntas xe eu xerei capaz de xaber remexer as registexias que poxim oppor xe ao cumprimento da minha xanta mixão, eu responderei xacudidamente, xeguro da forxa xivica que me anima: — Xim! xim! xim! Dixei!

O Instituto

Recebemos o último numero d'esta excelente revista que, além dos artigos em continuação de publicação, trás um curioso trabalho sobre as relações de Portugal e Hamburgo por ocezião do terramoto de 1755 em Lisboa, traducção do sr. Enil Güneberg e um artigo sobre vestijos do passado na serra d'Estrella, trabalho do sr. Távares Proença, aluno da Faculdade de Direito, um arqueólogo apaixonado, trabalhado com amor nos estudos preistoricos, e de cuja atividade muito tem a esperar a sciencia portugêza.

Tabaco e alcoolismo

Oje pelas 4 horas da tarde deve realizar-se na Associação dos Artistas a sessão inaugural da primeira filial em Coimbra da Liga de propaganda contra o tabaco e alcoolismo com sede em Lisboa.

São representantes em Coimbra da associação da capital Leite Junior, Nicolau da Fonseca, Thomás da Fonseca e Jozé Pires.

Espera-se que da associação de Lisboa venhão delegados assistir a sessão solêne, tendo aderido a ella as associações comimbricenses que foram convidadas.

Em Lisboa começa no mesmo dia a publicação do jornal Pro saúde, e realiza-se na sede da sociedade uma sessão solêne.

Forão convidados para assistir e onrarem a sociedade com a autoridade da sua palavra o sr. conselheiro Bernardino Michado, dr. Jozé de Matos Cid, governador civil, dr. Serras e Silva, professor de ijiéne na Universidade, dr. Freitas Costa, subdelegado de saúde e Thomás da Fonseca o mdoço poeta que publicou contra o uso do tabaco um livro estranho de propaganda, tão admirado pela jenerozidade das ideias, como pela originalidade da forma.

Cem êstes elementos déve a sessão inaugural da nova associação comimbricense revestir um brilho excéccional. Agradecemos a amabilidade do convite.

Arquivo bibliografico

Publicou-se o n.º 12 do passado mês de dezembro, com o qual terminou o terceiro volume desta publicação, que tanto onra o sr. dr. Mendes dos Remedios e a direcção superior que dá aos serviços da biblioteca da Universidade.

Como ónem de valôr raro que é, tanto pela sua intelligencia, como pela modestia da sua vida de trabalho, sem as exhibições espécculozas de uso entre literáticos industriozos, não lhe tem faltado a guerra surda a toda a sua iniciativa que tão proveitoza pudera ter sido para o ensino e letras portugêzas.

Na direcção da biblioteca, onde o pessoal está sobrecarregado com trabalho, o sr. dr. Mendes dos Remedios tem tido um colaborador raro no sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro, um erudito e um trabalhador experimentado, de rara modestia tambem.

SEMINÁRIO

Afirmão jornais de Lisboa que o sr. bispo conde vai propôr ao governo a creação do seminário de Coimbra, de mais três cad iras novas de ijiéne, agricultura e sociologia ou economia social.

A este respeito escreveu o sr. Bispo Conde, num officio que obsequiosamente nos foi enviado:

A' muito tempo, pois, que eu julgo de grande importancia e necessidade juntar aos estudos teologicos, canonicos e liturgicos do Seminario de Coimbra, os de ijiéne, agricultura e sociologia; e com muita satisfação tenho a onra de participar a V. Ex.ª que vão já funcionar nelle as respectivas cadeiras, sendo rejidias, a de ijiéne pelo Dr. Serras e Silva, Lente de ijiéne na universidade, a de Agricultura pelo Dr. Julio Enriques, Lente de Botanica na Universidade, e a de sociologia ou economia social pelo Conego Jose Duarte D'Andrade, Professor do Seminario; o que tudo espero merecerá a aprovação de V. Ex.ª.

A necessidade destas estudos é assim justificada pelo sr. Bispo Conde.

Mas como são de os Parocos auxiliar e instruir os seus freguezes sobre os diferentes misteres da sua vida ijiénica, domestica, agricola, industrial e social se não tiverem pelo menos algumas noções das diferentes sciencias praticas sobre todos estes assuntos?

O de conservar a saúde, e de saber evitar o que a prejudicaria é a função mais importante e necessaria da vida dos povos por dependerem d'ella todas as outras; e com tudo pouco ou nada poderá o Paroco aconselhar e dizer aos seus freguezes sobre este ponto tão capital, e tanto em relação com o seu ministerio e com a caridade que nelle deve sobresair em tudo, se não tiver alguns conhecimentos de ijiéne, infelizmente ainda em atrazo tal que em muitos povos do nosso país não são ónente desprezadas, mas até metidas a bulha as suas prescrições, e não poucas vezes trocadas por mezinhas, bruxarias e credices que, sobre arruinarem a saúde em muitos cazos para sempre, são a prova mais lastimosa da sua ignorancia, e o desmentido e vergonha maior da nossa civilização.

Por mais instantes, porém, que se jáo as minhas recommendações aos Parocos meus Diocezanos sobre este assunto, e por maior que seja o seu desejo de as atenderem, no que muito confio, tudo será baldado se o estudo e conhecimento da ijiéne não levarem ao seu espirito a convicção firme e profunda da necessidade da sua observancia para o bem e saúde dos povos, e se estes não adquirirem tambem a mesma convicção pela proficiencia e autoridade das praticas e conselhos dos seus pastores.

Quando o Clero Esp.ºnhol tem prestado e está prestando tantos serviços á agricultura do seu país, como o provam, entre outros, os trabalhos e publicações do Prior da Catedral de Tortosa D. Jozé Antonio Banquiri, de Frai Jozé de Jezus Monis Capila, de Miguel d'el Campo, de D. Julian Gonzales de Soto, do Paroco Vignes, D. Manuel Boedo, de D. Jozé Antonio Vicino, do Deão de Sevilha Lopez Cepero, do conego de Valencia Carrascoza y Ermandor, e do Conego de Malaga D. Salvador Lopez y Ramos, que todos escreverão sobre a cultura das terras, sobre a fabricaçõ de vinho e de xeite, e sobre os instrumentos e processos agricolas, é prejudicial, triste e lamentavel que o clero portugêz não tenha pelo menos algumas noções elementares d'agricultura para poder beneficiar tambem a do seu país, e para que a produçõ d'este nosso solo, tão abençoado e favorecido por um clima tão temperado e por um ceo tão formoso, não seja inferior á que consegue noutros bastante ingratos, o em prego e direcção intelligente do trabalho do ómem.

Por dever de seu ministerio, todo de caridade para quem sofre, cumpre aos ministros da religião combater estes males com as doutrinas do Evangelho sobre a caridade e consciencia dos ri-

cos, sobre a paciencia e rezignação dos pobres, e sobre a moralidade e bons costumes de todos.

Mas para o poderem fazer com proveito é indispensavel que, ao menos elementarmente, conheçam as sciencias sociais e economicas sobre estes assuntos nos seus pontos mais capitais, para defenderem as boas doutrinas, e precaverem os fieis contra as falsas e demolidoras da sociedade e da ordem publica, que alguns jornais baratos levam ôje a toda a parte, e que a ignorancia das classes pobres e operarias fás abraçar com avidês pelo muito que lisonjeiam os seus instintos e paixões.

Evidentemente o sr. Bispo Conde, ao falar nos jornais baratos, se-sele referir aos de dês réis, ao Seculo, Novidades...

Nada mais certo. O sr. Bispo Conde termina com esta ironia ao ministro:

E não receie V. Ex.ª que por êste motivo vá o Seminario de Coimbra ficar d'zerto. Os grandes beneficios que êle concede todos os anos por meio de concurso aos alunos pobres para o estado eclesiástico, e que, em relação aos que pagam os que se destinão á vida civil, importão de 8 a 9 contos de réis todos os anos, como V. Ex.ª pôde vêr no Mapa N.º 2, continuará a chamar do mesmo modo muitos ordenandos para êste Seminario.

Tambem não receie V. Ex.ª o pagamento, a mais, dos ordenados aos Professores que agora crei.

E' de sapor é que s' jáo mais pontualmente pagos que os pobres professores officiais...

Na sessão de abertura da Associação dos advogados de Lisboa, realizada no dia 13 d'este mês, o secretario sr. dr. Vicente Monteiro, que na sessão solêne desta associação tratara da constituixõ da ordem dos advogados, propôs que se organisassem no Porto, em Coimbra, e em todas as comarcas em que aja numero bastante de advogados centros que contribuissem para a união da classe, garantindo os direitos de defeza e o prestigio da advocacia; proeeder á reforma do regulamento interno, convocando todos os socios do reino, que poderão exprimir o seu voto por cartas; eleger como socios correspondentes os advogados do Porto, Coimbra, Vizeu e Guarda que aderirão ao protesto da associação, e que se lançassem as bases para a historia da advocacia em Portug.ºl.

Rezolveu-se que a proposta do sr. dr. Vicente Monteiro fosse impressa e distribuida.

Deu entrada na direcção jeral de instrucção publica a proposta graduada e os documentos dos concorrentes ás escolas da Figueira da Foz e Pouzada.

Do sr. Manuel Carvalho, com estabelecimento de cazemiras, fazendas brancas, relojoaria moderna, maquinas de costura e pianos, no Largo do Principe D. Carlos recebemos um calendario-reclame vistozo e alegre.

O sr. Manuel Carvalho fás directamente as suas importações directamente das fabricas e é bem conhecido em Coimbra pela seriedade das suas transações commerciais.

Agradecemos a amabilidade do brinde.

Aventuras Parizienses

BRINDE AOS ASSINANTES

Acabamos de vêr a magnifica estampa que a Antiga casa Bertrand está distribuindo, como brinde, pelos numerosos assinantes das Aventuras Parizienses, o interessantissimo romance de Pierre Sales, que tanto agradou ao nosso publico.

E' a reproduçõ dum quadro antigo existente no palacio do sr. Marquez de Pombal em Oeiras, e considerado uma das mais belas produções de Vanloo, um dos primorozos retratistas do seu tempo, e Vernet, celebre pintor de marinhas. Representa o grande reformador portugêz do século XVIII, o notavel ministro de D. Jozé, orgulhando-se justamente, na plenitude da sua

fôrça, com a execução de duas das principais providências que levantarão Portugal ao maior grau da consideração a que nunca chegou: — a reedificação de Lisboa e a expulsão dos jesuítas. Como se vê, o conhecido e acreditado editor sr. José Bastos, que prima em escolher para os seus brindes interessantes assuntos nacionais, difficilmente encontraria outro tão patriótico, tão grato a todos os verdadeiros portuguezes.

Feita a quinze côres e nitidamente impressa em máquina Marinoni, nas officinas da «A Editora», a estampa marca um periodo felis da evolução da arte na nossa terra: é o primeiro especimen de trabalho oleográfico que apparece em Portugal. Quanto á sua fidelidade, bastará notar-se que, dada a necessaria autorização pelo sr. Marquês de Pombal, a delicada tarefa da cópia foi incumbida ao exímio professor sr. Roque Gameiro que teve como colaborador na parte gráfica e técnica um artista tão modesto quanto talentoso o sr. Manuel d'Almeida.

**EXPEDIENTE**

Aos nossos estimaveis assinantes de Lisboa, Porto, Figueira e outras localidades, pedimos o obsequio de satisfazerem os recibos das suas assinaturas que brevemente lhe ão de ser apresentados pelo correio. De todos esperamos a fineza de pagar m no ato da apresentação para evitar a dupla despeza e trabalho administrativo que estas devoluções occasionam.

MANOEL DE SOUSA PINTO

**A ÚNICA VERDADE**

Drama em 2 atos

Preço 300 réis

Editor — Moura Marques

**CONTOS DAS CRIANÇAS**

POR

Maria Pinto Figueirinhas

Preço 300 réis — Livraria Editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras — Porto.

(11) Folhetim da «RESISTENCIA»

H. DE BALZAC

**O EXCOMUNGADO**

IV

O abade

Naquelle momento seguia o sire de la Bourdais ere com alegria vizivel.

Com effeito, desde que o barão fora citado três vezes pelo abade Elias, Roch fizera um esforço infinito para voltar ao castelo.

O veneravel Bonifacio, esse mesmo, pobre padre! existira muito tempo entre a côlra dos beneditinos e a dos barões, seus benefiteiros; Roch o Canhóto fizera-lhe ver que, por cauza dum omem só, ia privar um pôvo inteiro de socóros relijiozos, e que o seu devêr era ficar até ao último momento para despertar o arrependimento na alma de seu senhor. Esta última razão tinha convencido Bonifacio, e o ar de inquietação, que se lhe notára em quanto recitava o benedicite, vinha de que a perzistencia do barão o ia obrigar a deixar o castelo; porque não se sentia com forças para, em caso de excomunhão, lutar contra os beneditinos que farião com que fosse interdito e o condenarão como fautór de erezia.

Ora Roch o canhóto, depois das fatais citações, só via desgraças no futuro, e eis como conseguiu exprimir os seus receios ao senhor de la Bourdaisiere.

Quando entrão no caminho que

**Rudimentos de agricultura**

POR

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

Livro aprovado no último concurso pela Direcção geral d'instrução pública

Preço pelo correio, 280 réis

A venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na casa editora LIVRARIA AILLAUD, rua do Ouro, 242-1.º — Lisboa.

TEIXEIRA DE PASCOAES

**SEMPRE**

Um volume de 325 paginas, edição luxuosa, 500 réis.

**JESUS E PAN**

Preço 400 réis.

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras 75 — Porto.

O produto deste livro revertêrã a favor duma Assistencia a creanças doentes que se vae fundar em Amarante.

**ANUNCIOS**

**O amigo do povo de Coimbra**

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietário da Padaria Popular, Largo da Freiria, n.º 12 e 13, á rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigencias de todo o consumidor muito particularmente pelo que respeita ao saboroso paladar que em geral resulta da boa qualidade e esmerado acio na manipulação.

Além disso o seu propretário com atividade e zelo envida os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeiçoados do pais, seguindo o moderno sistema de fabricação em pregando sempre a agua filtrada.

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em igiêne e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o annunciante compra de pronto as farinhas.

Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento.

Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos freguezes.

levãva ao mosteiro, pelo alto da serra, fês adiantar o cavallo até perto do do sr. de la Bourdais ere por uma gradação impercêvel, e acabou por ficar quasi a par com o senhor, sem que este pudesse formalizar-se por fórma alguma; porque Roch fês este pequeno manejo com uma atençaõ e um vagar que demonstrãvãõ o respeito que tinha por seus senhores, e que sem duvida teria feito rir la Bourdais ere se tivêsse dado conta disso.

Como a tranzição dum ato deste para uma conversa teria sido rapida de mais, Roch começou por tossir levemente por duas vezes, depois suspirou muitas profundamente, por fim atirou se a começar assim:

—Que Deus e os santos, sobretudo Nosso Senhor Jezus Cristo, ajudem a sua sabedoria nesta emprêza; porque, se o conseguir, tirar me á um pêzo de cem libras que tenho em cima do estomago, sem falar do serviço que fará ao sr. seu jenro. Na verdade, eu não vivo desde que fomos citados pelo abade Elias. Quem avia de dizer que uma ceza, como a de Roche Corbon, avia de ser excomungada! Que avia de ser do pobre Roch, que já renegou Deus uma vez! Bem vê que sou obrigado a ser mais cristão que outro qualquer, e não sei se poderia arriscar assim a minha alma servindo um excomungado! Antes queria morrer; porque não atraçoaria assim nem o meu senhor, nem Deus.

—Bã! replicou o sire, S. Pedro renegou três vezes Jezus que era seu mestre e senhor.

—Sim, mas era um santo, respondeu o pobre Roch, e o padre Bonifacio dis que os apóstolos tomãvãõ liberda-

**A BON MARCHÉ**

Papeis almossos de linho e algodão

Papeis para cartas de todos os formatos e qualidades

Papeis para carta em bonitas caixas.

Papeis fantasia para participações de casamento.

Papeis de impressão para jornaes e obras.

Papeis para capas em todas as qualidades.

Papeis em côr para embrulhos delicados.

Papeis para encadernadores.

Papeis para forrar salas, lindos gostos (arte nova.)

Livros em branco e riscados para o comércio.

Livros de estudo e literatura.

Objetos de escritório e dezenho.

Chãs preto e verde, finissimas qualidades.

Encadernações de livros em todos os jêneros.

Carimbos de metal e borrachs;

Perfumarias e tabacos nacionaes e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos em todos os jêneros.

Artigos de ceramica para construções.

**CAZA EUROPA**

14—Rua dos Gatos—16

COIMBRA

**Topico contra Frieiras**

E' o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que soffrem de tão orrivel mal.

Aplica se em fricções durante dois minutos collocando-se depois um pacho d'algodão hydrophilo do mesmo topico por algumas horas.

Preço de cada frasco 300 reis

Vende-se na Farmacia Assis

Praça do Comercio—COIMBRA.

**VENDE-SE**

Em boas condições um caçal no sitio do Ingote, suburbios desta cidade, que se compõe de terra de semeadura, vinha, arvôres de fruto, muitas oliveiras, cinco cãzas, uma dita para palheiro, cisterna de agua potavel, etc. Para tratar com o proprietario, na rua da Figueira da Fôz, n.º 96 A, ou no escritório da Agencia do contribuinte, Guimarães & Arnaldo, rua do Almo xarife n.º 29, 2.º—Coimbra.

**Grade de Vinhatico**

Vende-se uma com 5m de comprimento e o,80 de altura.

Para esclarecimentos Pharmacia Assis—Praça do Comércio.

**Papelaria BORGES**

COIMBRA

Especialidades mais bem sortidas nesta cãza:

Fornecimento para escritório, escolas e dezenho;

Recente fornecimento de todos os necessarios para floristas;

Aparêlhos e todo o material para a Fotografia;

Secção Especial e Extraordinaria

Edições de Lembranças locais: fotografias em colêções e albums, bilhêtes postais e carteiros com vistas de Coimbra; centenas de variedades de vistas, edificios, fantasias em figuras — bellêzas, esculpturas e quadros dos artistas mais celebres, costumes portuguezes etc. etc.

Pianos Gaveau de Paris: como unico agente, aqui, vende e toma encomendas nas melhores condições que o comprador pôde encontrar; tem por afinador e reparador E. Macedo, com quem tem contrato para enviar, mediante pedido. Pedir preços.

Retratos ou fotografia de qualquer coisa: quem precisar de quantidade peça preços e condições; toma encomendas em todos os formatos e o preço é na sua relação, sendo a 3000 cada cento em cartão visita.

Depozito dos Tabacos sem Nicotina fornece com o desconto do depozito jeral em Lisboa.

**CAZA NA SOFIA**

Arrenda-se o 1.º andar da cãza na rua da Sofia n.º 56. Tem nove divizes, pateo e canalizões de agua e gas.

Para tratar rua da Moeda n.º 107 todos os dias das 4 ás 5 horas da tarde.

**COLEGIO**

**LICEU FIGUEIRENSE**

Instituto particular de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina se instrução primaria e instrução secundaria (curso dos liceus e curso comercial).

Aulas de ginastica e musica.

Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos.

Enviã-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao diretor.

**Canalisações para agua**

Ninguem mande fazer sem vêr os preços da casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Orçamentos gratis

**Direcção das Obras Publicas do Districto de Coimbra**

Estrada de serviço de Pombro á estrada real n.º 12. Lanço de Ponte do Valle de Espinho á estrada real n.º 12.

Faz se publico que no dia 21 de Janeiro, ás 4 horas da tarde, na Vila de Arganil e casa de cantoneiros se procederã á arremataçãõ d'uma tarefa de terra plenagens entre os perfis 18 e 43 construção de dois aqueductos nos perfis 32 e 38.

Base de licitaçãõ ... 382290 réis.

Deposito provisorio ... 93560

O deposito definitivo serã de 5 por cento do preço da adjudicaçãõ.

As medições, desenhos, orçamentos, perfis, tipos e condições especiaes de arremataçãõ estarãõ patentes na casa de cantoneiros em Arganil e na secretaria d'esta Direcção todos os dias não santificados, desde as 10 horas da manhã até ás 4 horas da tarde.

Coimbra e Direcção das Obras Publicas, 11 de Janeiro de 1904.

O chefe de seccãõ,

Antonio Luiz de Mendonça Cabral.

**Barbeiro**

Preciza-se de um Na tipografia deste jornal se dis...

**MARIO MACHADO**

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de boca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha

**Preços módicos**

**ACETILENE**

Instalações completas. Grande deposito de carboreto de calcio.

**Ladeira & Filho**

Praça 8 de Maio — COIMBRA

muros que no seu conjunto, não apresentãvãõ ordem alguma, e que não oferecião á vista mais do que uma massa informe de edificios de diversos estilos, eumentou ainda mais a perpêxidade do velho senhor de la Bourdaisiere: o seu rôsto de ordinario rizonho, florido, tornãva-se inquieto e traia a fadiga, que lhe fazia experimentar a necessidade de reflectir, necessidade, que ordinariamente tinha as mais raras vezes, que podia ser. Rezignãva-se todavia a este trabalho penozo, e as difficuldades das suas negociações preoccupãvãõ no talves menos do que o estado em que encontrãva a filha querida, cuja felicidade até então julgãva ter assegurado, e que via agora preza por um cuidado, cujo misterio não pudêra penetrar. Mas, quando viu aproximar o instante critico, ouvindo tocar os sinos do mosteiro, todas as difficuldades do momento se apresentãvãõ de tropel ao seu espirito e bem quizerã fazer-se ajudar por Roch, a quem tãcitamente invejava o conhecimento dos negocios e a loquacidade felis.

Ao chegar á abadia, virãõ de lonje o mendigo, sentado numa pédra, á sombra de algumas tilias que avia á porta do mosteiro. Comis descuidado, na maior tranquillidade, as provizes que trouxêra de Roche Corbon. O mendigo olhou para o sire de la Bourdaisiere com ar zombeteiro, como se tivêsse compreendido o embarço do velho senhor, como tinha previsto a sua vinda ao mosteiro. Felismente para êle, o senhor de la Bourdaisiere estava muito preocupado para dar por tal.

Roch desceu do cavallo para batêr.

A vista daquêles altos e espessos

nesta planicie.

(Continúa)

## FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Cerâmica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de mérito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construção e solidez de elhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijelo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para cheminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

### PREÇOS ECONOMICOS

♦ ♦ ♦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ♦ ♦ ♦

29, Rua de João Cabreiros, 31 — COIMBRA

### LOJA ESPANHOLA

Proprietário José Teixeira

191, Rua Ferreira Borges, 193

Acaba de chegar a esta casa um grande sortido de sedas para vestidos pretos e de côres.

Mantilhas de seda, em diferentes gostos; lenços de seda, dos mais modernos; grande sortido em gravatas de seda ultima novidade de Paris; grande sortido de bordados suíços; Meias de seda, fio d'Escocia e algodão; piugas pretas e de riscas, para ômem e criança; espartilhos de todas as qualidades; grande sortido de rendas valencianas, tule, de seda e de linho; suspensórios para ômem e criança; cortinados e bambinêlas das mais modernas em diferentes gostos; saias e camisas; bordados para senhoras; lenços e écharpes de malhã; fitas de setim e enfeites para vestidos e outros mais artigos.

O proprietário desta casa previne as ex.<sup>mas</sup> damas e o povo coimbricense que esta casa não traz nenhuns vendedores pelas ruas.

Quem quizer comparar bom e barato venha á Loja Espanhola.

### CASA MEMORIA

DE

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—*Memoria*. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memoria* com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

### Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e franceses que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

## ♦ ♦ ♦ ACYTIENE ♦ ♦ ♦

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco—Lisboa, 100000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante—100 vellas por bico

GASTO:—5 réis por óra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

XXXXXXXXXX

## FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographs Edison de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançonetas monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principais casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas no vas e muito escolhidas.

### CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos—Coimbra.

### RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

### Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

♣  
Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio—COIMBRA

### CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moêda, Coimbra.

### FRIO

Evita se, usando nos aposentos as estufas a petroleo, lenha, carvão e gaz, que vende a casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio—Coimbra

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54—RUA FERREIRA BORGES—56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e criança, para os quaes tem um variado sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para casaca e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finesa de visitar este estabelecimento.

### PROBIDADE

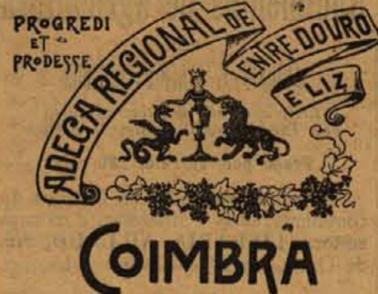
Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobílias e estabelecimentos contra o risco de incendio.



Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabela de preços de venda a miudo (1 de julho de 1903)

Marcas	Garrafa de 5 litros	Garrafa de 1 litro		Garrafa bordaleira
		1	6	
Tinto GRANADA...	550	120	660	85 900
» CORAL...	600	130	720	90 950
Branco AMBAR...	650	—	—	100 1050
» TOPAZIO...	—	—	120	120 1300

Distribuição gratuita aos domicilios em compras de garrafão ou duzias de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleira), que se recebem pelo custo.

Prevenção.— Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se dá fatura ao comprador.

## PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortido de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *doces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castelos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Florinhas*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognac, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal. Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sem fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Courça de Lisboa, 32.

### Modista de Lisboa

CAROLINA VASCONCELOS

Terreiro de Santo Antonio, 2-1.º

Executa pelos ultimos figurinos, vestidos, capas, cazacos, fatos para creanças, etc. Prova á franceza.

### IJIÈNE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio—COIMBRA

### Aos automobilistas

Gazolina para automoveis.

A' venda na caza

Ladeira & Filho

### SILVA & FILHO

XXXXXXXXXX

Fábrica manual de calçado e tamancos

e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

## Agua da Curia (Mogofores—Anadia)

Sulfatada—Calcica

A unica analysada no palz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

### INDICAÇÕES

Para uso interno:—*Arthritismo*, *Gotta*, *Lithiase urica*, *Lithiase biliar*, *Engorgitamentos hepaticos*, *Catarrhos vesicæes*, *Catarrho uterino*.

Para uso externo:—*Em diferentes especies de dermatoses*.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.<sup>mo</sup> sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 réis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

# REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 870

COIMBRA — Quinta-feira, 21 de Janeiro de 1904

9.º ANO

## Banquete de salvação

Foi Coimbra a última etapa do record político que o sr. João Franco vem batendo, á dias, entre o Mondego e o Minho; e, como último agape de mais esta politica monarchica, que em comedorias de banquetes se vem afirmando, tambem os amigos politicos do sr. João Franco lhe ofereceram, a tanto por cabeça, um jantar no teatro circo.

O reclamar o que se lhe fez, ao jantar, recomendava-o como uma importante afirmação politica, e espalharam-se, profusamente, os bilhetes de admissão, afim de que muita gente pudesse ir ouvir as palavras da santa libertação nacional, e vir cá para fóra pregar as aos infieis, na injénua candidez dos facilmente convertidos...

Tambem fomos. E enquanto esperavamos que nos tocasse o sopro divino do milagre que operasse a nossa conversão, beatificamente iamos passeando o nosso olhar pelas extensas áreas do místico banquete, fixando o de vez em quando, ansiosamente, no biblico Saulo, que em breve nos iria contar a milagrosa visão da sua estrada de Damasco. Mas o sereno rosto de Saulo Franco, moreno e inexpressivo, dá-nos sómente a impressão terrena dum burguês onesto, que se via obrigado a servir-se, sem vontade, dum jantar que aceitára para comprazer...

E porque esta impressão certamente provinha de se não encontrar ainda em estado de graça o nosso espirito pagão, procuravamos, de boa-vontade, inspirar o nosso coração, contemplando embebecidos o aspeto do banquete:

Uma extensa meza circular, e mais três de aquella carinhosamente abraçava, refulgiam da brancura dos linhos bem lavados, esmaltados por delicados pratinhos de salame e salpicão; enfileiravam-se, bem dispostos, os hors d'oeuvres aperitivos, e junto de cada talher se levantava uma garrafa preta esguia, enfileirando-se todas a bordar, num pitoresco cantador, ambos os lados das mezas, surgindo da alvura das toalhas como clavas escuras, sinistras, armas terríveis nas mãos de esforçados combatentes... Sentados, alinhavam-se quinze dezenas de adeptos, que, convictamente, comiam; perpassavam simulos servindo, reverentes e silenciosos, as misticas iguarias, raramente recuzadas, e as clavas simbólicas frequentemente vazavam, em cálices de vidro, o vinho do sacrificio; curvadas sobre as mezas viam-se respeitáveis calvícies enrubescidas; sacerdotes realçavam as suas véstes pretas da alvura brilhante dos peitinhos engomados; e enquanto, ao fundo, um pequeno espelho, a serir dum colgaduro, aureolava, a gaz, a cabeça estrebada de Saulo, á volta de si e na sua frente os seus fieis amados, que de longe tinham vindo para jantar, jantavam...

Espectáculo comovedor que movia as almas! Mas ao nosso empedernido coração tardava-lhe que o roçasse a aza ligeira da Fé...

Bem procuravamos inspirar-nos nos cantos sagrados do amor da Patria; queriamos concentrar nos em melodias inéditas de salvação nacional; como que

ouvimos inos vibrantes de liberdade; sonhavamos orchestrações bizarras de redenção, á espera que a auto-sugestão nos preparasse para sentirmos abrir-se a nossa alma á primeira comunicação do espirito dos eleitos.

Eis que se levanta um dos corifeus, de taça em punho e champagne a espumar; cessa o timir cantante dos garfos e das facas; imobilizam-se as maxilas, erguem-se os fieis...

—Eis o momento! exclamámos nós. Prepara-te, alma, que vais ouvir o verbo da inspiração; concentra-te, espirito; ouve e crê!

E com o coração nos olhos e a alma nos ouvidos, esperámos, ávidos, o momento aneado...

—Viva Sua Magestade El Rei! Viva Sua Magestade a Rainha! Viva toda a Familia Real Portuguesa! exclamou.

—Viva! exclamámos.

E a orchestra tocou o ino da Carta; e os discipulos debruçaram-se sobre os pratos; e a nossa alma caiu, de chofre, no abismo profundo da descrença! Falhou o momento; não se operou o milagre; não se abriu o nosso coração! Mas, na esperança ainda, voltamos á sugestão...

Ergue-se outro dos eleitos; figura varonil e sugestiva; ampla fronte iluminada, gesto largo e dezassombroso. Fica pendente dos seus labios a nossa alma, na expectativa ansiosa...

Falou, falou, falou... Amor da Patria, rotativos, dois partidos fundidos, ruína da nação, amor ao Mestre...

E a nossa alma, dezludida, sentia a envolvê-la de novo o manto aljido da descrença!

Abraços, palmas, vivas e eis que Saulo se levanta!

E' o momento divino! Toda a nossa alma se concentra nas suas palavras; prendem-se nos seus gestos os nossos sentidos; pulsa com a sua voz o nosso coração...

E Ele vai contando: — a traição nefanda dos seus amigos; a história da sua expulsão do caricido meio onde Ele poderia ser, se quizesse, o primeiro; a perseguição que lhe movêrão; o ostracismo de que é vítima; a sua abnegação, o seu desprendimento de vaidades e de ambições; tudo pelo país, nada por si; moralidade na administração, que é refilão; que reponta, mas que não ameaça as altas reijões a que só deve respeito e a que vota o seu profundo e convicto lealismo; Patria, economia, onestidade...

E ia se desvanecendo o nosso sonho melódico; e ia-mos recordando as promessas da monarchia: — economia, moralidade... E os réditos publicos a perder-se; e a dívida a subir; e o crédito a desaparecer; e os paços reats a encher-se; e os crários a confundir-se; e as liberdades a postergar-se; e as Municipaes a augmentar; e o rei a governar-se... e Saulo, que tudo isto vê, que tudo isto sabe, á espera de salvar a Nação, levado pela mão do rei!

Falou e nada disse; nem ao menos que queria mais ao país do que ao rei; nem que deitaria o seu lealismo ás ervas quando se convencesse de que só fóra da monarchia está a salvação,

Mas os bravos esturrijam, as palmas vibravam, e iam aquecendo os entusiasmos...

Caiu, abatida, a nossa alma.

Falou outro e outro e outro... e sempre a mesma banalidade, os mesmos logares comuns do Mestre! Nem uma palavra sincera e ardente que encendesse nos peitos uma labareda de entusiasmo e de fé; nem uma promessa, nem uma reclamação das garantias desprezadas, das liberdades destruidas, da soberania aviltada; nem um protesto contra o absolutismo que domina, contra as instituições que fomentam, que permitem, e que têm produzido em sessenta anos o aviltamento e a ruína da Patria!

E de todas aquellas dezenas de ómens, inflamados de patriotismo e abnegação, proclamadores da sua independência e da sua integridade, não houve uma voz independente e integra que se elevasse contra os abusos da corôa, contra o poder pessoal do rei, contra os esbanjamentos do paço, contra a primeira cauza das desgraças da Nação! Nem mesmo a Iscariotes, que bramiu e esbracejou, ocorreu sequer uma daquelas palavras antigas, das mais páldias e inoventes, que arremessava á monarchia, á tão poucos mezes ainda! E ele podia dizê-lo; com a mesma audácia e facilidade com que, no mesmo dia, deu vivas á Republica e fez salamaleques ao rei...

Independentes, éeis!

E retirámos, entristecidos, cada vês mais firmes na nossa fé — de que os ómens da monarchia só para a monarchia servem; de que não á redenção nacional que não esteja na — Republica!

## Dr. Bernardino Machado

Realiza no próximo sábado, 23, a sua anunciada conferencia no Porto, o nosso eminente correligionario sr. dr. Bernardino Machado, que para ali parte amanhã, no rápido das 8 e meia da noite.

Acompanham s. ex.º vários correligionarios desta cidade e da Figueira da Foz.

As comissões paroquias republicanas convidam todos os seus correligionarios a comparecerem na gare, affim de saudar o eminente cidadão.

## Um triunfo

O esforço generoso e tenaz do illustre cauzidico dr. Alexandre Braga, posto ao serviço dum grande e altissimo cauza de justiça, resultou por fim no dezejado exito, a libertação dum innocente, que um novo julgamento por completo reabilitara.

Em todos os espiritos e em todas as almas, que tem o culto da justiça e da bondade, o triunfo conseguido pelo dr. Alexandre Braga vinca uma consoladora e jubilosa impressão.

Por isso o saudamos, no momento em que o pobre Vitor Alves, injustamente condemnado, resurge para a vida e para a onra graças ao seu grande e nobre trabalho.

## A visita do grande ómem...

O grande ómem veio, e ai passou, com cortejo longo de clérigos anafados, por entre uma indiferença rejeladora, que devia turbar-lhe o espirito, como nota triste da ingratidão d'este povo.

Para o salvar andava êle, o Messias novo, a correr mundo, fatigado e mal dormido, com a loquela gasta nas arengas penitenciaadoras e o estomago em bolandas das largas jantarádas; e em vês de entoar-lhe ossanas e erguer á sua volta palmas festivas, o povo por toda a parte se fica a mudo, scéptico e imovel, sem se chegar á confiança grata no seu crêdo.

Coimbra não resgatou, com febre intensa de ovações, o peccado negro da ingratidão das outras gentes, onde o grande ómem foi dizer o seu arrependimento e a sua religião nova.

O mesmo silêncio frio, o mesmo sorriso scéptico, e, apesar das correrias aliciadoras, escassa concurrencia de graves senhores, arribados de paragens várias, acorreu a agitar os seus chapéos altos á volta do Salvador.

Apenas a concurrencia de clérigos foi grande, desbordante, a ponto de se julgar que o sr. vice-reitor do Seminário mandára os alunos, para fazer número... Explicou-se depois que não, que aquêles senhores, de largas caras rubicundas, e xundiósos, sanguineos, eram a porção liberal do partido do sr. João Franco...

Que de padres, santo Deus! Parecia o seminário em passeio, aos domingos...

Estava lindo o dia, e a população coimbrã foi para o Cais, espantear-se ao bello sol acariciador, mordida dum curiosidade soffrega de apreender a silhueta do grande ómem.

Trajes garridos de senhoras punham manchas alegres na multidão de capas negras, movendo-se na irrequieta ansiedade de fixar o Messias.

Decerto eram o rutilo sol e o bello céu azul as galas primorosas a que se referia o *Coimbricense*...

O comboio chegou affim, ouviram-se uns vivas tímidos, cartólas chocaram-se no ar, e a turba de clérigos arrotou, num grande estampido de explosão imprevisita.

Cumprimentos, abraços, e o cortejo começou a deslizar. A nosso lado um cavalheiro gritou: *Lá vem êle!*

Olhámos. Era realmente êle, o sr. João Franco, com um ramito pobre de violetas na mão, curvado, a olhar por baixo o povo que se ficava mudo e quêdo na sua passagem.

Ah! a canalha, a canalha que não arranchára p'ros vivas!

Outros carros seguiam, em larga cauda, atulhados os primeiros de *padres*, — sempre *padres!* — fol-

gados depois, já vazios por fim, rumo da caza do sr. vice-reitor, onde o grande ómem e luzida comitiva se lavou e escovou.

Na cidade, a estada do Salvador era apenas recordada por pami-fletos a espaços distribuidos, lembrando os méritos e serviços do sr. João Franco e do seu profeta sr. Martins de Carvalho.

Tudo simpatia pelo grande ómem e o seu grande partido...

A' noite, no Circo, jantar de não sabemos quantos talheres. Vão noutro lugar noticias largas. Sabemos que se comeu bem e que não se falou mal. Lá estavam os clérigos para a mastigação encarnçada e os senhores doutores para a preleção conspicua.

Moralidade, austeridade, onestidade, probidade, seriedade, sobriedade, gravidade, sinceridade, economia, parcimonia, intransigencia, prudência, decencia, etc., etc., eis o *substractum* dos vários discursos, segundo informações seguras.

Noite alta, os convivas enveredaram rumo de caza, dizendo a si mesmo, confiados e enérgicos, que a patria estava salva e o jantar não tinha estada mau...

Ontem, o grande ómem abalou. Na gare menos conselheiros e menos clérigos do que á chegada. Vi-vório farto, ao sr. Franco, á moralidade e ao sapateiro de Braga.

Quando o comboio arrancou, e os vivas esmoreceram, o sr. Franco, conta-se, caiu dezalentado nos braços dos seus apóstolos, e compunidamente disse: «Está pela óra da morte o officio de *salvador*, meninos. Não vale a pena, não vale a pena!»

Enfim, sempre a mesma indiferença o mesmo desdem, o mesmo frio rejelador.

E a esta mesma attitude, calma e friorenta encontrará o sr. João Franco por toda a parte, sejam embora muito inflamados os seus discursos, muito quentes as ovações dos seus amigos, muito jenerózos os vinhos dos seus jantares, emquanto não muniçiar os seus partidários com os celebres *Gabões de Aveiro*, da *Caza das Tezouras*, e para os clérigos do partido os famosos *sobre-todos da moda, saldo real!*

51 — Rua da Escola Politécnica — 55

Jozé Clemente

## «O NORTE»

Entrou no 5.º ano da sua publicação o nosso prezado colega *O Norte*, valente diário republicano do Porto.

Ao illustre confrade, que tão estiva e dezassombadamente defende a cauza republicana, enviamos as nossas felicitações mais cordeas.

Foi autorizado o governador civil de Coimbra a fazer requisição no mercado dos artigos de armamento e munições necessarias para a policia desta cidade.

Handwritten notes and signatures at the bottom of the page, including the name "Santos" and various dates and initials.

## ÓMENS — IDÉAS

«A questão não é de idéas; a questão é de ómens»: eis aqui o conceito basililar do pensamento médio português. Esse é o axioma fundamental da filosofia política das classes burguezas entre nós.

Não á nada nada mais falso: e a reciproca desta proposição é que é a verdadeira: — «A questão não é de ómens; a questão é de idéas».

Porém, a doutrina falsa (de que a questão não é de idéas, mas sim de ómens), é mais simpática á nossa tendencia messianica; sempre esperamos tudo, não da iniciativa coléctiva da nação, mas da iniciativa individual de um Salvador.

Isto vem muito de traz, das profundidades reconditas da nossa história social; eu conheci, em moço, dois sebastianistas convictos, que estavam confiadamente á espera de Dom Sebastião, de volta da Ilha Incognita, para inaugurar o reinado da Justiça sobre esta terra de Portugal, que por ele se elevaria em condição e seria, pois, o Quinto Imperio no Universo.

Mas, antes do Desejado, nas crises nacionaes, o Salvador brotava sempre da esperanza da sfilção, como nesse *Mexias* de Lisboa, o Mestre cuja cronica por Fernão Lopes é obra poetica de sabôr, se bem que de linguagem (*O Mexias*) já barbira a nossos ouvidos.

*O Mexias*, nos modernos tempos, não faltou jámais á mirajem aféctiva; um Manuel Passos, «patriota exímio», *Mexias* foi em Lisboa; um José Passos «exímio patriota», foi *Mexias* no Porto. Para os temperamentos violentos e autoritarios, o Salvador fóra o mesmo Costa Cabral. Para os espiritos cautelozos, inimigos de despardícios, o Salvador seria o bispo de Vizeu. Teve a sua óra de Salvador o sr. Dias Ferreira; seu momento de *Mexias* o sr. Mariano de Carvalho teve Tudo se sumiu na vórsjem.

E' que a questão não é de ómens. A questão é de idéas.

Mas á nossa indolencia meridional caza-se melhor com a doutrina contraria. Sendo a questão dos ómens, a jente escolhe um que nos cativa as sympathias, e a nossa preguiça cerebral delega nêle o encargo de pensar. Ele que arranje as coizas; éle que gize planos; éle que leia e medite; éle que agunte com a estopada de estudar. E estudar então que estuporantissimas massadorias: a economia politica, a ciencia das finanças, o direito administrativo e outras enormidades assim pelo teor! Nós cá estaremos para o apoiar, para lhe dar força; e éle que descubra o modo de pôr isto no são. Foi o papel que se deu ao Salvador Oliveira Martins. Mas nada salvou tambem este Salvador.

Porque a questão não é de ómens, a questão é de idéas.

Se a questão fôsse só de homens escusavam bem os fundadores do atual regimen de padecer por éle perseguições, exilios, encarceramentos e supplicios. Em vez do ómen visconde de Santarem, do ómen duque de Cadaval, rogavam a D. Miguel que puzesse no ministerio o ómen Palmela, o ómen Saldanha; e talvez as reformas se fizessem sem os tremendos sacrificios que élas custaram. Mas os portugueses de então bem sabiam que a questão não era só de ómens, mas tambem e principal de idéas. Essas idéas tinham as inscricas na carta d'élas não prescindiam. Aceitaram o ómen sr. D. Miguel com as idéas *Carta*; mas, logo que ficou o ómen sr. D. Miguel sem as idéas *Carta*, pegaram em armas contra o ómen e em prol das idéas. Isto foi ontem.

Se se fôr dizer ôje a um conspirador na Russia que a questão é de ómens e não de idéas e que, portanto, o que importa é que o czar seja boa creatura e não de má índole, o conspirador russo retorquirá com desabrimiento, legitimo e justo. Porque éle quer, sobretudo, a equaldade civil, a liberdade politico, a imprensa independente, o jurí, etc.

Se um cidadão inglês se lhe fôr dizer que a questão é de ómens e não de idéas e que o que importa é a onestidade do estadista, sendo indiferentes as suas opiniões, o cidadão inglês rirá, porque para éle não é indiferente que o mesmo sr. Chamberlain, cujo carater pessoal conhece e aprecia, seja protecionista ou seja livre-cambista. Só em Portugal é que, tratando se da econo-

mia publica, se proclamaria a doutrina de que as teorias professadas pelos ómens de Estado não importão e só sim tem alcance o inquirir se éles são pessoalmente estimaveis.

N'esta faina torturante de descobrir ministros salvadores temos andado, os portugueses; a nossa paciencia é formidavel, porque nos não fatigam e aborrecem as deziluzões successivas. Nem procuramos apurar a causa d'essas deziluzões. Facilmente a attribuímos ás más qualidades pessoais dos salvadores abortados. Enganam nos. Pensamos que eram boas pessoas. Saíram nos uns velhacos.

Não nos desconcerta este juizo o facto inegavel de que muitos, muitissimos d'esses ministros que se *estenderam* eram ómens de onra immaculada, de intenções puras, de saber e de intelligencia. Porque se *estenderão* éles então?

Aqui é que está o «do». Esta é que é a questão indiscreta Adeante. Aparentemos que não o vemos.

E tornemos a tornar. Alguma vez será vez. Tanto procuraremos que «charemos. Agora é certo. Elle cá está, o Salvador! *O Mexias* não já de Lisboa, mas de todo o Portugal.

Bruno.

### Propostas de fazenda

Alastra o movimento de protesto contra as propostas de fazenda. Várias coletividades têm já reunido para de liberar sobre a forma de opposição a mais essa tentativa de agravamento tributário.

O país precisa afirmar enerjicamente por atos decizivos de força, se tanto fôr necessario, que não está disposto a deixar proseguir á sua custa a bambuchata ignóbil que é a administração pública.

É necessario estorvar o festim immoral e baixo em que o dinheiro do país, arrancado á miséria dolorosa de tantos, se esbanja largamente, num descuido de desprezo por todos os protestos e reclamações.

Reune no proximo dia 26, em assembleia magna, o partido republicano de Lisboa, a fim de resolverja sua attitude sobre as propostas da fazenda.

A camara municipal de Grândola rezolveu protestar contra alguns dos projetos tributarios.

Reuniram no Porto, em assembleia magna, as comissões paroquiais republicanas, deliberando estudar as propostas da fazenda e apresentar em breve ao publico o resultado do seu trabalho.

Faleceu no Porto, onde estava á bastante tempo internado numa caza de saude, o ex-comissario de policia e par do reino, sr. dr. Pedro Ferrão. O cadáver é trasladado amanhã para a Figueira da Fós, onde se realizarão os seus funerais.

A' familia enlutada a expressão do nosso pezar.

Vão ser distribuidos pela policia 60 revolvers, sistema *Smith Wesson*, acompanhados dos respetivos cartuchos.

Foi nomeado chefe da conservação das obras publicas de Coimbra, o sr. Vitorino Téles de Vasconcelos.

Fortunato de Oliveira, de Santa Clara, queixou se á policia, de que lhe foram roubados da sua caza do Alto dos Barreiros, varios objetos de ouro e peças de roupa.

Tem continuado com regularidade, os ensaios das peças que devem preencher o annuncio sarau da Associação Academica.

O grupo dramatico tenciona ir á Figueira no proximo dia 1 dar um espetáculo em beneficio do cofre da mesma Associação.

Falleceu ôje nesta cidade, a mãe do sr. Jozé Pereira da Cruz, inspetor dos incendios e correspondente do *Primeiro de Janeiro*.

Pezames.

## DOCUMENTOS

Para arquivar, transcrevemos alguns dos impressos a que deu logar a vinda do sr. João Franco.

### Na visita do Messias

No momento de visitar Coimbra o ex-ministro João Franco, o tyrannete odioso que não tem na historia politica portugueza um acto unico que o imponha á sympathia e ao respeito do paiz, e que ingenuos e ambiciosos passeiam agora como o ultimo e definitivo *salvador*, é bom recordar o seu perfil, poderosamente esboçado em 1896, pelo grande jornalista João Chagas.

Que alguém lhe conteste, se póde, a magistral fidelidade!

### João Franco

Pergunto a mim mesmo porque motivo attingiu este homem a situação que occupa e não sei explicar-m'o. Investigo o por todos os modos e não o concebo sequer. Pasmado de o discutir, porque chego a duvidar da sua existencia.

João Franco!

Um nome! Um nome e um logar na historia. — Porquê?

Bacharel. Bacharel como meio mundo. Quatro resmas de sebentas, uma guitarrada, cinco annos de mandria — *nemine discrepante!*

Depois?

Depois, trepar.

Deputado.

Ministro.

Dictador.

Em poucos annos, que digo eu? em poucos minutos, em poucos segundos. Como foi isto? — como se explica isto?

Passo em revista a sua curta vida publica e não encontro uma obra, um acto, uma p'vra que justifique a presença de semelhante homem no Poder.

Entre tantos mediocres, é talvez o mais mediocre.

Deixou Coimbra sem uma recordação da sua passagem. Nem uma ode, nem um artigo de revista, nem uma critica litteraria, nem uma grande sordem. Começou por ser banal nos bancos das escolas. Conta se que, quando quintanista, gostava de se assentiar para as grandes coizas ao caloiro. E' tudo. Não consta, porém, que se batesse. A sua reputação de intrepidez alcançou a no Poder, quando começou a mandar e a ser obedecido.

Tem não sei quantos annos de vida politica, e da sua passagem pelo parlamento e pelos conselhos da corôa não ficou indício que o deixasse entevêr para as responsabilidades da missão de que o investiram.

Acabo de lêr alguns dos seus discursos: nada mais vulgar, nem mais insipido, nada mais mesquinho. Em todo o seu tempo de parlamentar, não teve um unico pensamento superior. Fez opposição para ganhar direitos e combateu governos com este intuito unico: ser governo. Se não revelou uma grande alma, tampouco se mostrou um grande espirito. Li-o e ouvi-o fallar, e não tenho ideia de orador parlamentar que mais tenha podido escandalisar uma galeria pelo desalinho das expressões.

Sobre fallar mal, sem arte e sem nobreza, cortando o fio ás idéas, deixando periodos por concluir, accudindo a todas as interrupções e tomando as como temas novos de exposição, sem nenhum respeito pelo seu proprio pensamento, era descomposto de maneiras e tão inconveniente, que não supponho exista outro parlamento onde, como no nosso, se trerem oradores assim. Fallava á vontade, como melhor convinha ás suas commodidades e, como parecia estar na camara como no seu quintal, affectava fallando a maior semcerimonia e o maior desprezo pela assembleia e pelo publico. Foi isto na epocha em que prevalecia o argumento das carteiras partidas. D'este genero de oratoria, elle foi um dos melhores ornamentos, mas, tão falho de idéas como fraco de pulso, não conseguiu distinguir-se do bando de *frondeurs* jovens de que fazia parte, pois tanto a murros como a palavras, outros foram mais longe do que elle, do que se sentirem ao mesmo tempo as carteiras

e mais tarde os cofres de grande numero de companhias particulares.

Occupa o Poder, sem outras habilitações que não sejam a sua carta de bacharel e alguns discursos maos. E' n'este paiz de finanças comprometidas — ministro da fazenda, e tendo procurado em vão fazer alguma coisa que dissimulasse a sua incompetencia para o desempenho de semelhante cargo, s'he para a rua tendo creado um imposto, que se fo' pobre como concepção, não foi menos pobre como recurso. — Um simples guarda-livros faria melhor.

Durante a sua breve ausencia dos cargos publicos, cessa de se fallar no seu nome. Com este homem succede isto: não estando no Poder, não está em casa.

Outros occupam os seus ocios crevendo volumes de apparato, como o sr. Fuschini, promovendo conferencias publicas, como o sr. Bernardino Machado, collaborando em jornaes ou revistas, como o sr. Julio de Vilhena; e fazer qualquer d'estas coizas é provar que, pelo menos, se entretem o espirito. Para escrever um livro, por muito mau que ella seja, é mister possuir algumas idéas: para fallar em publico, torna-se necessario dizer-lhe alguma coisa; para escrever em jornaes, é preciso realizar algum esforço intellectual, quando não seja senão o esforço mechanico de juntar palavras.

O actual dictador não faz livros, não faz conferencias, não faz jornaes. Pergunta-se qual é a função habitual do seu espirito e não se sabe. No Poder, manda, isto é, dá ordens, como um sargento numa companhia, ou um contra-mestre numa fabrica. Fóra do poder, nada faz.

Até aqui, semelhante homem é apenas um ministro de Estado, como são os ministros de Estado em Portugal — feitos por capricho e por bamburrio, por sorte ou por empenho, como se fazem amanuenses ou continuos. Nada é, nada vale — nem inspira respeito, nem admiração, nem temor.

As circumstancias promoveram n'o, e nesse homem physicamente deploravel e intellectualmente lastimoso, o paiz, que não o havia sequer notado, passou a vêr um despota.

Foi o caso que as instituições precisaram de alguém.

Alguém que as amasse?

Não.

Alguém que as defendesse.

Esse alguém é elle.

Encontrou-se, por acaso, como num velho mólho de chaves, uma chave que serve. Nada o indigitava. Foi obra do acaso, encontrou n'o e serviu-se d'elle.

Mas porque serviu elle e não outro? Pela razão simples de que só elle se prestava a servir.

Outro qualquer não reunia tantas condições. Este tem-nas todas.

Um homem intelligente, um homem introg hesitante.

Era necessario qualquer coisa, e o mesmo tempo vulgar e raro, commum e excepcional — a alma de um doido, no corpe de um enfermo.

A este caso de pathologia chamou-se *um homem de força*, e, apartir d'então, foi como homem de força que o paiz, que não sabia quem elle era, o começou a conhecer. Mas em Portugal tudo perde nobreza, e nesta individualidade de occasião, forjada em ante-camaras e em apuros, descobriu se a breve trecho um ruíão, manejando o Poder como quem maneja um varapau numa feira, e tendo da Liberdade esta opinião de *souteneur*, — de que é uma mulher em quem se bate.

Fez se assim na politica portugueza um typo novo e raro, e por ser o primeiro, esse famoso João Franco, em quem toda a gente falla e que ninguém sabe quem seja, conquistou o direito de ficar na historia, assignalando ao mesmo tempo a decadencia de um regimen e o abatimento de uma sociedade.

O governo, que no fim de contas é elle, porque os outros são comparsas, desde o melancholico Campos Henriques até ao tintamarresco Soveral, continua a occupar o Poder, apesar de tudo lhe indicar que deve sahir. Quem fica, pois, não é o governo — é elle. Elle quer ficar, isto é, quer ir até ao fim. Ora a historia diz-nos que, quando certos governos, como certos homens, se apoderam do mando como coisa sua e não o abandonam, são, mais tarde ou mais cedo, forçados a largal-o por meio de grandes movimentos de opinião.

A situação mais que violenta em que vive o actual ministerio, dá nos o

direito de suppôr que terá, a prolongar-se, um desenlace igualmente violento.

Este governo póde — numa palavra — cahir com uma revolução, mas nessa revolução póde arrastar um throno, porque a multidão de hoje difficilmente se disporá a lutar e a morrer, pelo simples prazer de mudar de governo, como nos bons tempos de Costa Cabral.

João Franco terá neste caso, e pela primeira vez, provado que serviu para alguma coisa.

João Chagas.

## AO PUBLICO

Lembram-se da celebre questão do Notariado em que era alma damnada contra Coimbra, Fernando Augusto Martins de Carvalho, o mesmo que pouco depois teve a audacia d'apresentar o seu nome ao sufragio dos eleitores d'esta cidade?

Pois esse homem nefasto para Coimbra, esse republicano d'outra ora, renegado de hoje, que olvida a memoria veneranda d'um vulto respeitavel para Coimbra, vem ahi em missão politica afrontar esta terra!

Do João Franco, está ainda viva na memoria de todos a perseguição feita ao commercio, dissolvendo as associações de Lisboa e cumulativamente o roubo dos seus haveres; a prepotencia arrogante do seu governo; as perseguições politicas como a que foi feita ao Dr. Cerqueira Coimbra, demittido de secretario da Universidade, etc. O maior factor do poder pessoal, o despota por excelencia sem um acto de governo, uma ideia ativa e perduravel para ridimir a patria, elle, outro renegado que já se proclamou republicano.

Veem juntos. São dignos um do outro!

Que o povo de Coimbra não esqueça as lições do passado, e os saiba receber como merecem. . . .

## A ACADEMIA

Os abaixo assignados subscreveram com os seus nomes uma declaração que principiou a ser distribuida nas ruas de Coimbra na noite de 16 do corrente. Nesse documento protestavam contra a prohibição da reunião academica que, de accordo com o sr. Fausto de Quadros, tinham convocado, e prediziam que uma tal providencia naturalmente excitaria e revoltaria contra as auctoridades os animos dos estudantes. Espontaneamente, por um dever de honestidade e ainda no intento de elucidarem os seus camaradas sobre o que se está passando, os signatários veem hoje expôr á Academia os seguintes factos:

Pouco depois de começar a circular aquelle protesto, os abaixo assignados tiveram extra-officialmente seguro conhecimento de que a reunião de que se tratava não havia sido de nenhum modo prohibida pela auctoridade policial. Immediatamente se dirigiram ao sr. commissario de policia, a quem definiram a sua attitude, e obtiveram de s. ex.ª, de uma maneira categorica e em termos que não dão logar a duvida, as seguintes declarações, de que ficaram auctorizados a usar: 1.º Que nem elle nem alguém em seu nome prohibira a reunião da Academia, tendo-o por isso surpreendido o principio de molim que se produziu na noite de sabbado. 2.º Que conversando com o sr. Fausto de Quadros, muito ligeiramente, sobre o assumpto, lhe disséra que, sendo a reunião de carater politico, os estatutos da Associação Academica não permittiam que ella se fizesse numa das suas dependencias; mas que isso era com a Associação e estava dentro das attribuições do respectivo Presidente. 3.º Que, se fosse consultado, nunca teria prohibido uma reunião da natureza da que nós convocáramos. 4.º Que tambem não era verdadeira a prohibição da recepção festiva ao sr. João Franco, ao contrario do que se havia propalado. Esta declaração não interessava profundamente os signatários, mas convem estampal-a aqui, para ulteriores considerações.

Fôra o sr. Fausto de Quadros quem em casa do primeiro assignado, que ali s,

encontrava retido por motivo de doença, nos communicara a noticia da prohibição da assembleia, e sob a fé das suas informações é que nós tinhamos elaborado e assignado, juntamente com elle, o protesto que se publicou. Procuramo-lo portanto, sendo-nos affirmado por esse senhor que está convencido de que o sr. commissario lhe disse ter prohibido a reunião, embora o sr. Quadros admitta a possibilidade de se ter equivocado, conforme é proprio dos humanos, em quaesquer circumstancias da sua vida.

Os signatarios encontram-se pois em frente d'esta declaração do sr. Fausto de Quadros e da outra, peremptoria, do sr. commissario de policia, o qual nem por hypothese admitte a possibilidade de ser ter enganado. Bastava isso para que os abaixo assignados pudessem formar, sem perigo de errarem, a sua convicção sobre o assumpto. Mas, quando duvidas existissem, ellas seriam desfeitas pelos factos. Na verdade, as accloridades não intimaram a pessoa alguma a prohibição da assembleia. Não foi ao sr. Fausto de Quadros, que o sr. commissario não mandou chamar, a quem fallou no assumpto só como incidente e porque o mesmo sr. Quadros foi pedir-lhe informações, na qualidade de redactor da *Justiça*. É certo que o sr. Presidente da Associação Academica foi prevenido de que nas dependencias da mesma Associação não podiam realizar-se reuniões politicas; mas essa prevenção não era d'agora, era antiga, restringia-se só ao caso da Associação e não se entendia com a assembleia que nós desejavamos realizar, dados os seus intuitos. A quem foi portanto notificada a prohibição d'essa assembleia? A ninguem.

Os abaixo assignados declaram pois que redigiram e subscreveram o seu protesto por virtude das informações do sr. Fausto Quadros, tambem promotor da reunião e signatario d'esse protesto, lamentando que um imprudente equivoco do mesmo senhor alentasse os boatos, que correram, da prohibição da assembleia, com o perigo de resultados deploraveis, que felizmente não chegaram a ter logar.

Feito isto, e antes que os ardis que se tramam logrem surtir o seu effeito, ainda a consciencia dos signatarios, conhecedores de factos ignobis que se passam na sombra, se impõe um outro dever. Desde que fica estabelecido que a assembleia convocada não tinha sido prohibida, os protestos da Academia perdem a sua razão de ser. A Academia revoltava-se justamente, se lhe fôsse coarctado o seu velho direito de se reunir quando quizesse, para resolver tudo o que entendesse; mas o que a Academia não interessa, é que o sr. João Franco venha ou não a Coimbra, e seja recebido com festas ou com pedradas; o que lhe não importa, é que Hintze vença Franco, ou que Franco vença Hintze. A Academia sabe o que deve ao governo, e ao sr. João Franco tambem. Tem boas tradições a respeitar e uma outra missão a cumprir, que não a de collaborar em festanças eleicoeiras, ao lado da philharmonica, com foguetes e vivorio. Nunca a Academia desceu a tanto, e queremos acreditar com orgulho que ainda ali não descerá d'esta vez. Se ha entre nós individuos sinceramente confiados no franquismo, esses que vão lá; a Academia, collectivamente, não. Isto é ponto assente e está no espirito de todos.

Mas, com effeito, os signatarios julgam-se obrigados moralmente a prevenir a Academia de que alguma coisa se trama — e entendem que chegou a hora, para alguns amarga, de dizer tudo claramente, collocando a descoberto o indigno jogo dos cabotinos e especuladores que vão tentar mais uma vez pôr ao serviço dos seus interesses inconfessaveis o nome e a força moral da Academia de Coimbra. É preciso que ella fique sabendo com quem pôde contar, e a que mãos costuma confiar a defeza do seu pundonor e do seu brio.

O manifesto que abi se publicou, incitando os estudantes de Coimbra a tomarem parte na festarola politica, appellava para os ideaes de liberdade da Academia e fallava do direito e da justiça villipendiados.

Os seus auctores bem sabiam que a Academia não viria a campo pela causa do sr. João Franco e que era preciso fallar-lhe mais ao coração, ventilando uma questão mais alta, a da liberdade, para a lançarem num conflito que era o supremo desideratum d'elles. Já a Academia sabe que esse pretexto era falso, porque nem a recepção festiva ao sr. João Franco está prohibida, nem as liberdades publicas se encontram portanto mais prostergadas do que d'antes; mas o que a Academia desconhece, são os intuitos com que esse

manifesto foi espalhado, visto que elles são do mais diabolico machiavelismo e visam a lançar-nos em tumultos e conflitos d'onde um de nós poderia sair ferido, na santa illusão de combater por uma causa justa, mas d'onde surgiriam com certeza triumphantes os exploradores que arrotam solidariedade nas assembleias publicas, embora se não pejem de preparar nas trevas a traição. Torna-se necessario dizê-lo alto, porque soon a hora grave em que a verdade precisa sair clara. Pretende-se lançar a Academia numa aventura sangrenta, em beneficio dos heroes que representam scenas de brio revoltado no palco do Gymnasio Academico.

E quer a Academia a demonstração d'isto? Quer a Academia saber por quem foi feito o manifesto espalhado nas ruas de Coimbra na noite de sexta-feira? Dilo-hemos, porque é indispensavel toda a luz neste escuro negocio: **um dos auctores d'esse manifesto é o quintanista de Direito sr. Cunha Reis, regenerador-hintzaceo intrasigente e um dos pimpões d'esse partido numa viloria do Norte!**

Provaremos, se for preciso, esta affirmacão, e d'aqui reptamos desde já o sr. Cunha Reis a vir declarar sob sua palavra de honra que ella não é verdadeira.

Então um hintzaceo tenta provocar manifestações ao sr. João Franco, qualificando de arbitrario e insolito o procedimento d'um governador civil do partido em que milita? Então que é isto? Aqui ha cilada; mas que cilada é? O que pretende o governo? Então agora, ao sr. Hintze Ribeiro já lhe convém o tumulto? O sr. Hintze quer fazer da Academia joguete e manda um agente, pessoa de dentro e capaz, armar-lhe o laço?

«Avante!» — termina o manifesto anónimo do sr. Cunha Reis. Nós dizemos: «Para traz, que temos aqui ratoeira!»

Nós, estudantes da Universidade, tendo em nosso abono a auctoridade moral d'uma vida academica sem mancha, accusamos clara e expressamente o sr. Cunha Reis, quintanista de Direito, orador implacavel das reuniões academicas, e não menos do partido regenerador-hintzaceo em terras do Minho, de ter escripto, evidentemente com intenção reservada, uma proclamação em que se incita a Academia a protestar contra a prohibição, que é falsa, da recepção festiva ao sr. João Franco; accusamos o sr. Cunha Reis de ter fallado aos mais elementares deveres de lealdade para com a Academia de Coimbra, tentando envolvê-la, escondidamente, num conflito que a não interessa, conflito do qual o sr. Cunha Reis colheria a sua decima aureola de martyr e orador, pelo menos, e d'onde o governo colheria tambem não sabemos o que; e, não com rhetorica vão mas com a prova dos factos, não encobertos com o anonymato, mas sob a responsabilidade das nossas assignaturas, prevenimos a Academia de que o mesmo senhor e outros tramam nesta occasião alguma coisa contra ella e vão tentar lançá-la, pelos seus interesses pessoais ou politicos, ou por tudo conjunctamente, numa aventura perigosa e escura.

A reunião da Academia não foi prohibida; a recepção ao sr. João Franco, tambem não. Encobertamente, ha alguém que afirma o contrario: esse alguém é um governamental de gemina. Conclusão: anda coisa por detraz da cortina; temos trama. Em que sentido? Quem o sabe é o sr. Cunha Reis, mais quem o manda. A Academia arrisca-se a ir servir, sem querer, os interesses do governo, ou os do sr. João Franco, mas com certeza os do sr. Cunha Reis. Uma unica attitude lhe impõe o seu brio, e essa está no animo de todos: a completa indiferença perante a mesquinha festa politica que se vai fazer. Assim succederá.

Pela nossa parte, abi ficam as declarações, que, como homens e como estudantes, entendemos dever deixar consignadas.

Coimbra, 18 de janeiro de 1904.

Annibal Soares  
Carlos Amaro  
José Montez.

MANOEL DE SOUSA PINTO

**A ÚNICA VERDADE**

Drama em 2 actos

Preço 300 réis

Editor — Moura Marques

**CARRIS DE FERRO DE COIMBRA**

**HORÁRIO PROVIZÓRIO DAS**

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partida dos carros do largo das Ameias

Números dos combolos e destino	Horas da partida
8 (correcto para Lisboa)	12 <sup>h</sup> , 11 <sup>m</sup> n.
15 » » Porto	3, 3 m.
17 » » »	5, 46 »
18 » » »	8, 8 »
19 » » Porto	2, 26 t.
22 » » Lisboa	3, 36 »
3 » » Porto	5, 37 »
Rapido » Lisboa	6, 16 »
4 » » »	6, 48 »
54 Rapido » Porto	8, 43 n.

**Tabéla de preços**

Largo das Ameias ou Casa do Sál á Rua do Infante D. Augusto — 30 réis.  
Largo de D. Carlos ou Gazometro á Rua do Infante D. Augusto — 40 réis.  
Largo das Ameias, Caza do Sál ou Rua do Infante D. Augusto ao Mercado — 30 réis.  
Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Largo de D. Luis — 30 réis.  
Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Mercado — 20 réis.  
Estação B dos Caminhos de Ferro ao Largo das Ameias ou Mercado — 50 réis.  
Estação B dos Caminhos de Ferro á Rua do Infante D. Augusto — 80 réis.  
Estação B dos Caminhos de Ferro á Caza do Sál — 20 réis.  
A assinatura para os bilhetes pessoais está aberta pelos preços annuaes de 1200 o réis, e 9000 réis para os menores de 14 annos e creoulos, sendo estes ultimos de logares na plataforma dos carros.

**EXPEDIENTE**

Aos nossos estimaveis assinantes de Lisboa, Porto, Figueira e outras localidades, pedimos o obsequio de satisfazerem os recibos das suas assinaturas que brevemente lhe ão de ser apresentados pelo correio. De todos esperamos a fineza de pagarem no ato da apresentação para evitar a dupla despeza e trabalho administrativo que estas devoluções occasionam.

**ANUNCIOS**

**O amigo do povo de Coimbra**

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietario da **Padaria Popular**, Largo da Freiria, n.º 12 e 13, á rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigencias de todo o consumidor muito particularmente pelo que em geral resulta da boa qualidade e esmerado acção na manipulação. Além disso o seu proprietario com atividade e zelo envida os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeiçoados do pais, seguindo o moderno sistema de fabricação empregando sempre a agua filtrada. Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em igiêne e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o anunciante compra de pronto as farinhas. Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento. *Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos freguêzes.*

**Grade de Vinhatico**

Vende-se uma com 5<sup>m</sup> de comprimento e 0,80 de altura. Para esclarecimentos Pharmacia Assis — Praça do Comércio.

**A BON MARCHÉ**

Papeis almossos de linho e algodão  
Papeis para cartas de todos os formatos e qualidades  
Papeis para carta em bonitas caixas.  
Papeis fantasia para participações de casamento.  
Papeis de impressão para jornaes e obras.  
Papeis para capas em todas as qualidades.  
Papeis em côr para embrulhos delicados.  
Papeis para encadernadores.  
Papeis para forrar salas, lindos gostos (arte nova.)  
Livros em branco e riscados para o comércio.  
Livros de estudo e literatura.  
Objetos de escritorio e dezenho.  
Chás preto e verde, finissimas qualidades.  
Encadernações de livros em todos os jêneros.  
Carimbos de metal e borracha.  
Perfumarias e tabacos nacionaes e estrangeiros.  
Trabalhos tipograficos em todos os jêneros.  
Artigos de ceramica para construções.

**CAZA EUROPA**

14 — Rua dos Gatos — 16

COIMBRA

**Topico contra Frieiras**

É o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que sofrem de tão orrivel mal.  
Applca se em fricções durante dois miutos collocando-se depois um pacho d'algodão hydrophilo do mesmo topico por algumas ôras.  
Preço de cada frasco 300 réis  
Vende-se na Pharmacia Assis  
Praça do Comercio — COIMBRA.

**VENDE-SE**

Em boas condições um cazal no sitio do Ingote, suburbios desta cidade, que se compõe de terra de sementeira, vinha, arvores de fruto, muitas oliveiras, cinco cazas, uma dita para palheiro, cisterna de agua potavel, etc. Para tratar com o proprietario, na rua da Figueira da Fôz, n.º 95 A, ou no escritorio da Agencia do contribuinte, Guimarães & Arnaldo, rua do Almo-xarife n.º 29, 2.º — Coimbra.

**MARIO MACHADO**

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.  
Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.  
Consultório — Largo da Sé Velha.

**Preços módicos**

**COLEGIO LICEU FIGUEIRENSE**

Instituto particular de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina-se instrução primaria e instrução secundaria (curso dos liceus e curso commercial).  
Aulas de ginstica e musica.  
Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos.  
Enviem-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao diretor.

**Canalisações para agua**

Ninguem mande fazer sem vêr os preços da casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Orçamentos gratis

**Gabões de Aveiro**



Ex.º Sr. — Como a epoca invernoza exige um bom agazalho, venho lembrar a V. Ex.ª o **Gabão Elegante d'Aveiro**, o unico agazalho até ôje conhecido para combater o frio, vento e chuva.

**Gabão Elegante d'Aveiro**

É propriedade minha á muitos anos, Porém, em Aveiro e noutras terras do pais, anunciam o **Gabão Elegante**, mercadores de quem não podem ser acreditados os seus reclamos por que sam uns simples vendedores retalhistas de fazendas e não conhecem a arte.  
Lembro a V. Ex.ª que não se iludam com esses reclamistas, sem consciencia do que anunciam, porque esses gabões sam feitos por qualquer quidam para expor á venda no seu estabelecimento.  
O meu Gabão é conhecido nas principaes cidades do pais, taes como Lisboa, Santarem, Leiria, Figueira da Foz, Coimbra, Porto, etc., etc.  
Agradecendo desde já as suas apreciaveis ordens, ás quaes diligenciarei dar completa execução, subscrevo-me com muita estima,  
Anadia — Outubro de 1903.

Joaquim José de Pinho

Unico correspondente em Coimbra, Manuel Pinho.

**CAZA NA SOFIA**

Arrenda-se o 1.º andar da caza na rua da Sofia n.º 56. Tem nove divizões, pateo e canalizações de agua e gas.  
Para tratar rua da Moeda n.º 107 todos os dias das 4 ás 5 ôras da tarde.

**Barbeiro**

Preciza-se de um. Na tipografia d'este jornal se dis.

**Papelaria BORGES COIMBRA**

Especialidades mais bem sortidas nesta caza:  
Fornecimento para escritorio, escolas e dezenho;  
Recente fornecimento de todos os necessarios para floristas;  
Aparêlhos e todo o material para a Fotografia;

**Secção Especial e Extraordinaria**

Edições de Lembranças locais: fotografias em collecções e albuns, bilhetes postais e carteiras com vistas de Coimbra; centenas de variedades de vistas, edificios, fantasias em figuras — belzas, esculpturas e quadros dos artistas mais celebres, costumes portuguezes etc. etc.

Pianos Gaveau de Paris: como unico agente, aqui, vende e toma encomendas nas melhores condições que o comprador pôde encontrar; tem por afinador e reparador E. Macedo, com quem tem contrato para enviar, mediante pedido. Pedir preços.

Retratos ou fotografia de qualquer coisa: quem precisar de quantidade peça preços e condições; toma encomendas em todos os formatos e o preço é na sua relação, sendo a 3000 cada cento em cartão virgita.

Depozito dos Tabacos sem Nicotina fornece com o desconto do depozito jeral em Lisboa.

## FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de elhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, tc.— Todos estes artigos são de boa construcção e por

### PREÇOS ECONOMICOS

✦ ✦ ✦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✦ ✦ ✦

29, Rua de João Cabreira, 31—COIMBRA

### LOJA ESPANHOLA

Proprietário José Teixeira

191, Rua Ferreira Borges, 193

Acaba de chegar a esta casa um grande sortido de sedas para vestidos pretos e de côres.

Mantilhas de seda, em diferentes gostos; lenços de seda, dos mais modernos; grande sortido em gravatas de seda ultima novidade de Paris; grande sortido de bordados suíços; Meias de seda, fio d'Escocia e algodão; piugas pretas e de riscas, para ômem e criança; espartilhos de todas as qualidades; grande sortido de rendas valencianas, tule, de seda e de linho; suspensórios para ômem e criança; cortinados e bambinêlas das mais modernas em diferentes gostos; saias e camisas; bordados para senhoras; lenços e écharpes de malha; fitas de setim e enfeites para vestidos e outros mais artigos.

O proprietário desta casa previne as ex.<sup>mas</sup> damas e o povo coimbricense que esta casa não traz nenhuns vendedores pelas ruas.

Quem quizer comparar bom e barato venha á Loja Espanhola.

### CASA MEMORIA

DE

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—Memoria. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

### Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francezes que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

## ✦ ✦ ✦ ACYTIENE ✦ ✦ ✦

Carbureto de calcio francez, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco—Lisboa, 100000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante—100 vellas por bico

GASTO:—5 réis por óra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÉRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

XXXXXXXXXX

## FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographs Edison de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

### CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo prédio.

Trata-se com Antonio Marques d' Seabra, largo do Principe D. Carlos—Coimbra.

### RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

### Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

### Tabos de ferro, bombas

e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio—COIMBRA

### CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moêda, Coimbra.

### FRIO

Evita se, usando nos aposentos as estufas a petroleo, lenha, carvão e gaz, que vende á casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio—Coimbra

### Alfaiateria Guimarães & Lobo

54—RUA FERREIRA BORGES—56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e criança, para os quaes tem um variado sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batines, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finêsa de visitar este estabelecimento.

### PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobílias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGREDI  
ET  
PRODESSE



COIMBRA

Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabela de preços de venda a miúdo (1 de julho de 1903)

Marcas	Garrafa de 6 litros	Garrafa de 1 litro		Garrafa bordaleza	
		1	6	1	12
Tinto GRANADA...	650	120	660	85	900
» CORAL...	600	130	720	90	950
Branco AMBAR...	650	—	—	100	1050
» TOPAZIO...	—	—	—	120	1300

Nos preços indicados não vaie incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção.— Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vaie o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se dá fatura ao comprador.

## PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortido de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados doces sortidos, para chá e soirées, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas Centros de mesa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucareos com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Courça de Lisboa, 32.

### Modista de Lisboa

CAROLINA VASCONCELOS

Terreiro de San'to Antonio, 2-4.º

Executa pelos ultimos figurinos, vestidos, capas, cazacos, fatos para creanças, etc. Prova á franceza.

### IJIÈNE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio—COIMBRA

### Aos automobilistas

Gazolina para automoveis.

A' venda na caza

Ladeira & Filho

### SILVA & FILHO

XXXXXXXXXX

Fabrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

## Agua da Curia (Mogofores—Anadia)

Sulfatada—Calcica

Á unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

### INDICAÇÕES

Para uso interno:— Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.

Para uso externo:— Em diferentes especies de dermatoses.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.<sup>mo</sup> sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 réis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

# RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 871

COIMBRA — Segunda-feira, 25 de Janeiro de 1904

9.º ANO

## A CONFERENCIA DO DR. BERNARDINO MACHADO

### A execução dos partidos monarchicos. Solução unica: A REPUBLICA.

Não carecemos de recorrer ás velhas frases de estilo hiperbólico, em uzo frequente em similares momentos, para engrandecer a manifestação que o Porto fêz ao dr. Bernardino Machado, e que constituiu mais uma alta e formidável afirmação de que a ideia republicana tem nesta terra, cheia de gloriosas tradições de liberdade e trabalho, um poderosissimo reduto.

Quando o rápido entrou em S. Bento, e avistámos, premindo-se, irrequieta e ansiosa, uma multidão compacta, que dentro em breves minutos avia de aclamar freneticamente o dr. Bernardino Machado; quando dessa aluvião densa de manifestantes pudemos destacar os vultos de mais reconhecido destaque nas fileiras democráticas, professores das escolas superiores, medicos, advogados, commerciantes, capitalistas, animados todos do mesmo entusiasmo: sentimos bem que apesar de todos os erros, de todas as violentas tentativas do poder para exterminar os elementos que lhe são adversos e de todos os pujilatos íntimos que por vezes, com mais ou menos estrondo, tem apartado os republicanos, o Porto é a mesma terra insubmissa da democracia, que fêz o protesto eroico do 31 de janeiro, e que os nossos correligionários daquela altiva cidade nunca deixam de juntar-se e cumprir nobremente o seu dever quando os chama a opurtunidade da luta ou o ensêjo duma consagração ju ticeira.

Excedeu a nossa espetativa a receção feita ao illustre ómem público que tão dignamente veio tomar o seu lugar de combatente no exercito republicano. Eram milhares de pessoas, vibrantes do mesmo entusiasmo, dominadas pela mesma fé, saudando a pátria, a democracia, os seus mais illustres paladinos; e sobrelevando todas as saudações, com uma insistencia significativa, este grito calorosamente correspondido: *Viva a união republicana!*

Era o desejo, ali eloquentemente afirmado por milhares de correligionarios de todas as classes sociaes, desde o operario obscuro, indomável na intransjencia da sua fé, até aos professores eminentes das escolas superiores, de que o partido republicano conegregue enfim as suas forças, as discipline e encoraje para

um forte movimento de solidariedade e protesto.

E crêmos bem que a vizita do dr. Bernardino Machado ao Porto á-de marcar no partido republicano uma data auspicioza, para largas esperanças e quentes incitamentos, e que a aspiração de todos nós, os que desejamos vida e luta, começará de obter satisfação.

O espetaculo que prezenciámos, e que nos revigorou consoladoramente, como êle contrasta com as festangas dos monarchicos, arranchados pela pediniche impudente dos *gras bonnets!*

Que diferença entre essas manifestantes, cheios de entusiasmo e crença, e os berradores assalariados dos pagodes monarchicos, condescendentes uns, pelintrões outros, o grande número, a quem razão minguada basta a trazer á mais triste comparsaria!

Não nos alongaremos em promeores miudos da imponente manifestação, de que todos os jornais diários deram já conta com inescurecível relevo.

Esperava o dr. Bernardino Machado uma multidão enorme que se alongava pela gare, apertada, densa, desbordando para a sala de espera também literalmente cheia. Cá fora, esperava-o ainda uma turba formidável. Quando o illustre professor appareceu, resoaram vivas entuziastícos a s ex<sup>a</sup>, á patria, á democracia, aos vultos mais eminentes do partido republicano: estalaram palmas, insistentes e nutridas, e lentamente a multidão foi deixando a gare, sempre em meio do mesmo delirio de ovações, que cá fora com a confluencia de novos manifestantes, ganharam mais imponencia e entusiasmo.

E até ao Otel do Porto, o carro que conduzia o dr. Bernardino Machado foi acompanhado pela mesma multidão que o aclamava vibrantemente, sem receio das brutalidades policiaes, que chegaram a inaugurar-se com a prizão estúpida de um estudante.

Nos seus traços largos, sem minúcias de reportajam mentiroleira, sóbriamente, eis o que foi a manifestação ao dr. Bernardino Machado, manifestação que nenhum marchal, salvador, ou curandeiro monarchico jámais conquistará, e a que

deu superior importancia a expananea comparencia de todos os velhos republicanos, que tantos e tão illustres o Porto conta.

Foi extremamente grata ao nosso espirito e ao nosso coração esta afirmação de vitalidade do partido republicano do Porto. Com os elementos de superior valia que conta, e que não deixaram de ir saudar o dr. Bernardino Machado, com a massa cada vês mais crescente de esforçados democratas, recrutados em todas as classes, é incontestavel que lhe pertence a eje-monia politica, só disputada e porventura obscurecida em manigancias eleicoeirias de arraçoados mize-raveis.

A' muito conhecíamos a força do partido republicano do Porto, e a manifestação de agora veio confirmar-nos eloquentemente essa opinião.

Resta agora que todos esses elementos se juntem e disponham a trabalhar, com dedicação, intransjencia e onestidade. Pás ás velhas disputas. Esquecimento pleno de todos os antigos erros e resentimentos. E unidos no mesmo intuito, solidarios no mesmo esforço, fortes na mesma crença, caminhem todos para a luta, com o denodo e o brilho que tão soberbamente avultam nas suas grandes tradições partidarias. Isso se fará. E muito breve, todos os republicanos portugueses, ligados por um mesmo animoso e justo entendimento, ão-de sentir-se revigorados, de posse da antiga fé e das antigas esperanças.

**Viva o Porto Republicano!**

**Viva a União Republicana!**

A conferencia do dr. Bernardino Machado foi uma nova e imponentissima manifestação. No amplo salão da Porta do Sol aglomerou-se cerradamente uma multidão enorme alargando-se, desbordante, pelas galerias, escadas, e salas proximas, na mesma febril anciedade de escutar e aplaudir o illustre professor.

Oferecia uma perspectiva soberba, aquele mar revoltado de jente!

Num estrado destinado ao conferente tomaram logar representantes da imprensa e vários vultos emi-

nentes do partido republicano que, ao serem vistos pela multidão, eram calorosamente ovacionados, erguendo-se vivas repetidos ao partido republicano, aos seus omens mais eminentes, aos revolucionarios de janeiro, etc., etc., vivas que eram correspondidos num unizono vibrante e acompanhados de longas e fortes salvas de palmas.

Quando assomou no estrado a figura insinuante do dr. Bernardino Machado toda aquela multidão se descobriu, e a ovação foi então enorme, colossal, fremente, de um entusiasmo que sacudia e dominava. Estalaram palmas, ajitaram-se chapéus e lenços, os vivas a Bernardino Machado e a outros republicanos illustres resoaram durante muito tempo, com a mesma força e o mesmo calor.

E durante toda a conferencia, as saudações renovaram-se, sublinhando as passojens mais incizivas da conferencia.

Todos os partidos monarchicos, as suas aspirações, os seus programas e processos, foram larga e procientemente analisados; e essa análise demorou-se mais ainda, como a mostra o extrato sobre o partido rejenerador-liberal e nacionalista, em que o dr. Bernardino Machado foi poderoso de lojica e ironia.

Quando terminou, saudando o partido republicano, numa bela arancada de eloquencia, a ovação atinjiu o seu maximo de intensidade. Vivas, palmas, — um delirio de saudações envolveu o dr. Bernardino Machado durante largo espaço.

E dessas saudações compartilharam fartamente todos os republicanos do Porto, os pejeadores da velha guarda, Duarte Leite, Bazilio Teles, Azevedo Albuquerque, Afonso Costa, Julio de Matos, Guerra Junqueiro, Paulo Falcão, etc., etc., nomes que o auditorio numerosissimo recebia com resoante estrepido de aplauzos.

Por fim, Guerra Junqueiro avançou no estrado, e, feito silencio, gritou com entusiasmo:

Viva Alves da Veiga!

Viva o capitão Leitão!

Viva José Pereira de Sampaio!

Viva o alferes Malheiro!

Viva João Chagas!

Era os revolucionarios de janeiro que êle saudava, e o público de novo gritou alto o seu entusiasmo,

numa prolongada ovação, delirante, imensa, saudando nesses nomes de lutadores strenuos o ideal que êles se esforçaram por proclamar nessa madrugada gloriosa de janeiro.

A vinda do dr. Bernardino Machado ao Porto assumiu enfim as proporções dum alto e significativo acontecimento politico.

Damos a seguir o extrato da magistral conferencia do dr. Bernardino Machado:

E' indubitavel a vitoria da liberdade; e, para prova-o, basta notificar que a reacção para a combater precisa de falar a linguagem da liberdade!

Assim a liberdade eleitoral chama liberdade politica, á opressão do trabalhador livre concorrência, e para remate á opressão clerical, aos votos monacaes, chama liberdade religiosa.

Ora esta confusão traz em si perigos, é perturbadora.

Sob a sua influencia certos liberaes desertam para os arraiaes absolutistas e num momento reciproco os reacionarios invadem o campo liberal.

Urge pois uma descriminação plena e nitida.

Venho pois serenamente, como educador, precisamente como o poderia realizar numa aula de direito publico, reportar-me á análise dos nossos partidos do governo, tendo o cuidado de indicar e assentuar onde reside a liberdade e onde se entrincheiram os seus adversarios que não são unicamente, segundo a frase dum grande patriota, o clericalismo, mas a teocracia, a plutocracia, a burocracia e com esses todos os usurpadores do poder, religiosa, economia e politica.

Vêr-se á como esses inimigos estão fortificados, e como nós os liberaes precisamos de estar em vigilancia e bem precavidos, não sómente para os expulsarmos de redutos conquistados, mas ainda para repelir o assalto que tentam aos baluartes que nos restam.

Definem-se os partidos governativos pelo seu conceito da constituição da nação.

Constituição liberal partido liberal; constituição arbitrária: partido reacionario, porque o arbitrio pôde um instante ser a liberdade, ao cabo sempre se transforma em absolutismo.

Quando no periodo da iniciação liberal e das cruentas luctas que êla determinou, os emancipadores da nação, os impulsos dos gloriosos conspiradores do siuhedrio do Porto, vingaram á revolução de 24 d'agosto de 1820, fizeram êles a constituição quasi republicana de 1822; a carta outorgada de 1826 coube aos constitucionaes da campanha da Terceira, do cerco do Porto, de Almoester e da Asseiceira. Ora essa carta foi manipulada ao alvedrio e gosto do imperante: Passos Manoel e os setembristas contrapondo á carta

outorgada fizeram a constituição de 1838, decretada a vontade nacional.

Vem depois o segundo período da nossa vida constitucional, que abre com Jozé Estevão e remata a curto prazo depois da morte de Sampaio.

Esse período inaugura entre nós o parlamentarismo, e dentro d'ele os rejeitadores arranjam os atos adicionais de 1852 e de 1885, que são já verídicos pactos constitucionais.

E, entretanto, históricos, reformistas, constituintes e republicanos, apresentam os seus projetos, qual deles mais avançado, de reforma constitucional.

«Desde então o nosso sistema representativo por *crise*, é a crise do sombrio período que atravessamos.»

Tres partidos ainda forcejam por proseguir na ascensão liberal:—o da esquerda dinástica, das ligas nacionais e o partido da liga liberal, cada um dos quais tem, pelas suas palavras ou pela significação dos seus ómens, o seu plano radical.

Vem porém o ministerio de 1893, a que pertenceu, bem como Augusto Fuschini, e todas as tentativas se malogrão, somem-se todas as esperanças de conciliação entre a monarquia e a democracia.

(A' palmas e vivas a Fuschini).  
E o ilustre tribuno continua:

O partido chamado do engrandecimento do poder real, principalmente formado pelos elementos mais ousados do progressismo e dos rejeitadores, tendo á frente o sr. João Franco e o falecido Carlos Lobo d'Avila, decretou em ditadura o famoso ato adicional de 1895, jurado pelas côrtes de 1896. O partido rejeitador esquecidas e esfrangalhadas as suas nobres tradições de 52 a 85, colabora n'ele, e o partido progressista, que começa briozamente protestando contra elle, termina submetendo-se-lhe.

Dois partidos novos surtirão, pretendendo ser governo: o rejeitador-liberal e o nacionalista não menos liberal. (Risos e palmas.)

Ambos o reconhecem. Portanto, urge acentuar que todos os atuais partidos monarchicos proclamam como lei suprema da nação o ato de 1896, isto é, a carta outorgada de 1826, ou melhor, o arbitrio.

(Uma longa saudação cobre estas palavras.)

«Precizamos, pois, de saber o que já nos trouxe e o que amanhã nos trará o arbitrio que nos reje: se a ditadura opressiva de D. Maria II, se, ainda peor, a de D. Miguel.

Recuaremos somente até 1826, ou regressaremos mesmo aos tres estados, aos odiosos tempos anteriores á implantação das instituições liberaes, perdendo assim cem annos de vida constitucional?»

Em todos os dominios, politico, economico e religioso, através de todas as vicissitudes se foi operando em Portugal desde 1820 o processo liberal.

Acentua-se essa evolução liberal de 1852 a 1885, primacialmente. Mas a reacção uza depois de todas as suas energias para a deter e vae a infelizmente suplantando. (Bravos e palmas.)

Politicamente creárão-se as juntas de paróquia, generalizárão-se as camaras municipais a todos os concelhos, creárão-se juntas jeraes de distrito, levou-se assim o principio eléitivo a todas as corporações locais; e ainda depois, na constituição do estado, até a Camara dos Pares se tornou elétiva.

Embora na lei não estivesse inscrita a liberdade de associação politica, inscreveu-se a de reunião. Mas de facto existia a liberdade de associação politica porque os partidos possuíam os seus centros de organização mais ou menos popular.

Compróvão no o movimento do Primeiro de Janeiro e o antigo partido progressista do Porto.

«Era a monarquia cercada de instituições republicanas, como a sonhará Passos Manuel.»

Foi contra essa republicanização que a monarquia assestou as suas baterias desde 1886.

Como venceu?

Viu-se o processo: Substituindo em toda a parte a eleição popular pela nomeação régia.

Foi esta a obra praticada sucessivamente pelos progressista e rejeitadores e a que guindou ao seu apoieo o partido do engrandecimento do poder real.

«Pela contralização inutilizaram as corporações locais, anulando-lhes as regalias, deixando-lhes quasi só uma magistratura consultiva.»

Pozérão de parte a eleição de pariatto e não derão o mesmo rumo á dos deputados porque urja que ficasse uma corporação nao elétiva mas temporaria, onde a oligarchia politica pudesse a seu talante experimentar os seus favoritos antes de os arrumar definitivamente na camara dos pares. (Aplausos.)

Ao mesmo tempo que contralizava os empregos publicos locais, chamando-os a si, o Estado multiplicava enormemente os seus. (Palmas.)

E assim alcançou ir atacando e abatendo todas as influencias populares, contrapondo-lhes as dos seus clientes, em tal feitiço que os centros politicos livres foram desaparecendo, transmutando-se em delegações executivas da vontade dos chefes da clientela. (Apoiados.)

«Os centros republicanos que resistiram dissolverão-se, e renascendo tudo se tem feito para os reduzir á impotencia.» (Bravos e palmas.)

O resultado é estar no momento o governo da nação convertido numa voraz e larga borucracia, ou corpos d'exercito mais ou menos aliados, mais ou menos conciliados, de empregados publicos, de influentes sem autoridade propria, comindados pelos oligarchas politicos. (Apoiados.)

«E as lutas politicas resumem-se ôje no campo monarchico a escaramuças entre esses oligarchas e suas clientelas, deixando indifferente a opinião do país, que as comenta, como ultimamente, as de Braga e Espozende, com um sorriso triste.» (Palmas e saudação prolongada.)

Aqui estava o que haviam sido esses tres partidos, a governarem todos com a legislação constitucional de 1896:—partido do engrandecimento do poder real, partidos progressista e rejeitador; emfim partidos de reacção politica. Escravizaram a opinião.

Não fôrão somente politicas as consequências desta reacção, mas tambem economicas e religiosas.

Em nenhum tempo, como no prazo contado desde 1886, os esbanjamentos fôrão maiores.

Só após a queda do sr. João Franco, com o partido do engrandecimento do poder real, foi necessario legalizar mais de 5:000 contos de dividas.

«Nunca se feriu mais, pela exaltação de ómens suspeitos aos pontos iminentes, o culto delicado da onra, que é apanagio de todas as almas bem formadas.» (Muitos e longos aplausos.)

«Se os partidos que ultimamente têm disposto do poder representão a reacção politica o novo partido dos ómens que tem que perder, cujo chefe referendou o artigo constitucional que confere ao rei o arbitrio de lançar e cobrar impostos, independentemente da vontade da nação, esse partido representa a plutocracia, a reacção economica.»

Uma calorosa salva de palmas acolhe estas palavras.

Uma vôs sobressae:

—O franquismo, isso nada vale!

Acompanhando o progresso das liberdades politicas veio tambem o progresso das liberdades economicas.

Creárão-se associações commerciaes nas principais cidades, a Associação dos Lojistas de Lisboa, o Centro Commercial do Porto, o Ateneus Comerciaes de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, etc., associações industriaes, a Associação d'Agricultura portuguez, ligas e sindicatos agricolas, monte-pios, associações de socorros mutuos, cooperativas, associações, centros e federações de classe.

Formou-se desta maneira uma admiravel força eleitoral.

Bastaria lembrar o Monte Pio Jeral com os seus capitais avultados e um imenso credito, bastaria lembrar a «Vós do Operario» de Lisboa com 44-000 socios e 84 escolas.

Era necessario combater essa leição formidavel. A' empreza propõe-se o partido da oligarchia.

Essas tentativas datam de 1886 e a violencia do ataque subiu de ponto durante o governo chamado do engrandecimento do poder real.

Para essa campanha se fêz a centralização financeira, pondo dependentes do governo todas as concessões locais, ainda mesmo as das camaras municipais, que só nominalmente as fazem, pois são nada mais do que autoridades ao serviço dos que tudo man-

dão. Depois o Estado foi concentrando na sua mão toda a força financeira que dá monopolios, que aumenta ou diminue, a seu bel prazer, as pautas alfandegarias no continente e no ultramar, que influe nos descontos do Banco de Portugal e suas caixas filiaes e, que como já disse, pela legislação constitucional de 1896, dispõe discrecionariamente dos impostos, que pôde lançar cobrar como quizer. Esta força é enorme tambem. E' ainda com ella que se procurou sufocar o eleitorado leconomico, e escudado n'ela os ministros de 94 e 97, dissolvem as Associações Commercial e dos Lojistas de Lisboa e transformam a Associação Commercial numa camara de comércio tutelada pelo governo.

Graças aos esforços dos seus defensores alguns dos quais tem o prazer de ver ali na tribuna a seu lado os srs. Filipe da Mata e Pinheiro de Melo—essas associações poderão ressuscitar, mas esse golpe dado pela reacção não se perdeu, e os seus autores lá se deparão ôje predominando nos corpos jeraes da Associação Commercial de Lisboa.

Mas a obra então dezabridamente proseguida não ficou completa. E é por isso que a mesma oligarchia economica, com os seus novos proselitos, outro dia se reueni aqui em agape festiva, estendendo assim as suas ramificações pelo paiz. Depois fez esta pergunta: os ómens que tem que perder, que então se apresentárão coligados em partido, avião sido escolhidos para se pronunciar sobre as questões publicas do paiz, como representantes das associações commerciaes e industriaes do Porto? Não. Então tentárão substituir-se aos legitimos representantes e por esse modo atentaram contra a independencia e os direitos sagrados da sua classe. E que não representavam os verdadeiros interesses economicos desta terra, viu-se bem, pois que nem uma palavra tiveram de simpatia sobre as questões que mais a têm agitado ultimamente, uma questão organica, a da ijiéne da da cidade e das abitações operarias, e duas questões moraes, a questão punjente do contrato do trabalho entre operarios e patrões, e a questão do descanso semanal dos empregados do comércio, de cuja solução depende a saude, a instrução e o futuro da classe commercial. (Largas salvas de palmas e bravos interrompem o ilustre conferente.)

«Nem a peste, nem as reclamações dos congressos das classes textis e dos empregados do comércio celebrados nesta cidade, nem a greve de á pouco ainda, que comoveu todo o país, mereceu a esses ómens uma palavra de simpatia. E' que esses ómens tem o coração empedernido!» (Largos aplausos.)

Ô! eles são bem a reacção financeira, que será ainda peor que a actual reacção politica, se algum dia alcançam o poder, porque ôje, com os actuaes governantes, ainda as classes desvalidas, nas suas reivindicações contra a plutocracia, apelam para a autoridade, mas depois não o poderão fazer, porque a autoridade será ella. Os rotativos, como que por luxo, ainda nos concedem um resposinho de liberdade... Depois nem isto!

Empaveza-se com o titulo do partido liberal a feição plutocrata, porque pretende arrancar o poder aos partidos de reacção politica, que até agora exclusivamente se têm alternado n'ele. Querem entrar tambem na rotação, na partilha do poder; e d'ái todo o seu programa monarchico liberal que se cifra em dois artigos, no de adesão á monarquia, de cujo arbitrio depende supremamente o seu advento aos conselhos da corôa, outro da reforma eleitoral, que decreta os circulos uninominaes, por meio dos quaes esperam, se tanto fôr preciso, atestar a sua força, acrescentando com o peso das suas clientelas, o que já ôje oprime em cada ponto isolado do paiz o eleitorado.

«Todos os mais artigos do programa são pouco mais ou menos vôos como o artigo da responsabilidade ministerial, que, no dia em que se tornasse efectiva, exautoraria moralmente a maior parte dos ómens publicos que tem servido a monarquia em Portugal, pelos seus atentados contra a liberdade dos cidadãos, e com elles, os partidos que os consideram como seus chefes. E' verdade que se não fôr tão cedo chamado ao poder o partido reaccionario dos que tem que perder, o seu liberalismo crescerá indomitamente. Eles o protestaram: o seu chefe clamando—Senão, não! o seu estado maior, cla-

mando:—para a frente, sempre para a frente!—e os seus novos adeptos, declarando na sua mensagem ao chefe que irão até onde as exigencias da salvação nacional os levarem! Felizmente que para os moderar vigora a lei de 13 de fevereiro de 1896, de iniciativa do seu chefe. Que irão para a frente! Em nome da ordem social, poderão ir... para Timor! (Enorme salva de palmas, e choco na sala.)

Peor do que esta reacção plutocrata que nos ameaça, há uma outra:—a clerical do nacionalismo...

Desde 1880 em que se celebrou o centenário de Camões, ao lado da velha liturgia eclesiastica, começou a formar-se entre nós uma nova liturgia civica. A's festas de Camões seguirão-se outras aos nossos antepassados: o Porto ergueu uma estatua ao infante D. Henrique; guardárão-se piedosamente as cinzas de Erculano e Garret; Lisboa, Porto e Coimbra acompanhárão em recolhido cortejo ao cemiterio os seus queridos amigos Elias Garcia, Jozé Falcão e Rodrigues de Freitas. Uma nova religião foi despontando, umana, toda feita de cordelidade e de amor. O fanatismo alvorçou-se, a teocracia chamou ás armas as suas óstes e constituiu-se o partido nacionalista. Que pretende? Invade já o seio das familias, faz casamentos, dita o testamento dos moribundos e apodera-se dos bens particulares, mas como sofre ainda das dependencias do Estado que nomeia e estipendia o clero, o seu liberalismo revolta-se contra esta dependencia. Convém-lhe tambem dispor em proveito dos seus, da autoridade e dos bens publicos. E para isso, para escalar o poder como elle é liberal! até é mais do que plutocrata! O clericalismo promete todas as liberdades, incluzivamente a liberdade dos cultos, isto tudo tambem sob uma clausula apenas, dentro da ordem social.—(Gargalhadas geraes, bravos, aplausos.)

Ái esta, pois, meus senhores, o que são os partidos monarchicos em Portugal: os dois que estão no gozo do poder, a reacção politica, os que o preterdem, um, a reacção financeira, outro a reacção clerical.

Ora, contra esta tripliçe reacção levanta o partido republicano o seu estandarte que sustenta em seus braços potentes esta tripliçe aspiração; liberdade politica, liberdade economica e liberdade religiosa.

(A sala inteira ergue-se numa aclamação vibrante d'entusiasmo.)

E numa invocação cheia de sentimento e de alma, diz:

Por todos os que querem saber e não podem, oprimidos pela reacção politica; por esse sem numero de creanças analfabetas; por todos os que querem trabalhar e não podem, oprimidos pela reacção economica, esse sem numero de proletarios; por todos os que querem amar, ser bons e em cujo seio a reacção religiosa lança a semente dos odios; por esse sem numero de santas e piedosas mulheres que ella tenta desvaivar e arrastar por si; para fóra dos seus deveres; por todos os humildes e por todos os fracos, saudemos a liberdade e com ella o unico partido que ôje a sustenta e defende em Portugal—O PARTIDO REPUBLICANO.

Entre os convivas do jantar do Circo figurou o reverendo Mancira, o famijerado pároco de Sernache.

Entrou para o partido sob clausula de que o sr. Franco acabará com o registro civil—a vêr se assim obterá que os seus paróquinos para alguma coiza o aproveitem.

O sr. ministro das obras publicas autorizou o engenheiro, sr. Oliveira Simões, chefe da repartição do trabalho industrial, a escrever uma memória sobre o trabalho dos adultos na industria, destinada ao congresso de ijiéne e medicina que no corrente anno se realiza nesta cidade.

## Partido republicano

### Propostas de fazenda

Em Lisboa e Porto reunirão as comissões paroquiaes, para deliberarem sobre a forma do protesto contra as propostas de fazenda.

Muito grata nos é esta attitude dos nossos illustres correligionarios, que assim mostram comprehender os deveres e responsabilidades do partido republicano, nesta ora grave da vida nacional, que a especuladores insignes, está oferecendo oportunidade para confissão jeral de velhos pecados e promessas sedotozas de vida nova.

Na luta contra todas as expoliações da monarquia, no protesto digno e vigoroso contra todos os seus atentados e vexações, no esforço constante por ganhar e dirigir a opinião, é que o partido republicano á de robustecer-se e avolumar, reconquistando toda a sua influencia e inutilizando os novos processos de exploração monarchica, armados á boa-fé de alguns pela ambição petulante e baixa de muitos.

Os protestos que formularmos, a reacção que a nossa attitude provoque, as violencias que possam atingir-nos, tudo será inutil, pois que contribuirá para erguer o país do seu miseravel abatimento, e deixar n'ele um fermento de ajiteção, que convem incessantemente afervorar e estender, até trazê-lo a uma vida sã de grande revolta civica.

Ao partido republicano não faltará nas nossas campanhas, o apoio decidido do povo. São ainda o seus ómens que lhe dão esperanças e acendem na sua alma abatida os grandes entusiasmos revigoradores.

E bem comprehende o povo, de resto, que prestando-nos o seu apoio auxilia e encoraja a sua propria defeza, pois que as campanhas do partido republicano não tem o carater estreito de um maneo partidario mas revestem a feição alta dum protesto nacional.

Vamos, pois, á luta contra os propostas de fazenda que é agora a questão capitalissima, dispostos a ser tenazes e a ser fortes, e vamos agora e sempre á luta contra a monarquia que nos espolia e avilta, levantando nos dignamente perante o país e onrando os a nossos proprios olhos.

Se o sr. João Franco e os seus partidarios põem nas suas afirmações tanta sinceridade e verdade como os seus jornalistas na informação da viagem triumphal, pedimos licença para lembrar-lhes que seria mais conforme ás suas aptidões e tendencias organizarem, em vés duma campanha de salvação nacional, uma empreza editora dum Novo almanach de pétas.

Para engrandecer a recepção do Messias nesta cidade as gazetas franquistas de Lisboa esbanjaram, á doida, os velhos chavões da praxe. Entusiámo indescriptivel. Enorme sensação. Manifestação extraordinária.

Com estes átavios se procurou dar realce a uma manifestação que passou sem interesse por parte da população coimbrã.

Começa assim a aprendizagem dos politicos monarchicos: falsificam-se primeiro noticias para assombrar as massas, emquanto não vem oportunidade de falsificar os orçamentos para lograr o contribuinte.

... Calorosa manifestação na estação velha. No largo das Ameias e imediações uma enorme multidão aclamou delirantemente o sr. João Franco...

O nobre estadista agradecia como pedíssimo e cheio de reconhecimento as provas de afeto e confiança que mais de 3:000 pessoas...

Foi solicitado um aumento de verba para o proseguimento das obras de S. Paio de Gramação, distrito de Coimbra.

No dia 1 do proximo mês de fevereiro, vai á Figueira da Fós, dar uma recita o grupo dramatico académico, cujo produto revertirá em beneficio do cofre da sua associação.

## Inauguração da 1.ª filial da Liga de propaganda contra o tabaco e alcoolismo.

Inaugurou-se nesta cidade, domingo último, a 1.ª filial da grande Liga de propaganda contra o tabaco e alcoolismo, que tem a sede em Lisboa, Póço do Borratem, 33, 1.º. Foi cedido para esse fim o grande salão da Associação dos Artistas, onde compareceram acima de mil pessoas de todas as classes e profissões.

Prezidiu o conselheiro sr. dr. Bernardino Machado, secretariado pelo acadêmico Leite Junior, promotor e alma de todo o movimento e Tomás da Fonseca que representou a Liga de Lisboa. Aberta a sessão teve a palavra o sr. dr. Lopes Vieira que começou por declarar que estava ali por surpresa, visto ter sido convidado só a última hora e quando ainda de nada sabia. Mas pois que ali estava, ia, como médico e antigo professor de hygiene, analisar os dois grandes fatores da miséria social — o alcoolismo e o tabaquismo.

Começa por demonstrar que o alcool não é o vinho. Este, segundo as últimas conclusões da medicina e da hygiene, não só não é nocivo, mas até recomendado a todas as classes e em todas as idades. Em pequena dose, está claro, e com agua para melhor ser.

Contra as brancas — o alcool propriamente dito — é que ele se insurje e insurje de todo o seu coração, pois conhece bem os seus feitos. Não o sabe pela teoria nem pelo testemunho dos outros: tem-lhe mostrado a realidade dos factos, ensinou-lhe o escarpelo.

Prova depois como se iludem os que o consideram antidoto ao frio. Não, essa suposta virtude é perfeitamente iluzoria. E segue dizendo como ele arruína os estômagos, cança os cérebros, atrofia as energias e jera todos os males.

E' um dos maiores fatores da criminalidade: promove rixas, afasta os camaradas e destrõe a harmonia da família.

Faz depois outras considerações que a assembleia aplaude com entusiasmo e passa a falar do tabaco.

E aqui entra logo a mostrar todo o ridiculo que á neste maldito ábito, quasi universal. A multidão ri quando elle diz que dêse a criança ao adulto está isto assente como um dogma: não fumar parece mal. Chega a considerar-se falta de dignidade pessoal atravessar uma praça sem ir chupando esse infame roldão, quasi todo de papel.

Fala sobretudo do mal que isto cauza ás classes pobres. E então invoca toda a vida dos famintos, todo o grande drama da miséria viciada, onde o cigarro é preferido ao pedaço de pão que os devia alimentar e fortalecer.

Alude á companhia dos tabacos e ao seu monopólio. Zurze a exploração infame que fazem essas companhias, chegando até a proibir que se faça uso dos antigos fósforos tão populares, de cabeça amarela, sob pretexto de que acendem mal e dão mau cheiro. E para que? para nos darem em troca uns que não acendem de modo nenhum!

Prova como isso é o empobrecimento de todos para enriquecer um só, que nenhum serviço nos presta, mas ainda nos atraiçoa!

Responde finalmente aos que dizem que o tabaco embala e dulcifica as óras de tristeza. Ele, porem, declara que tem tido óras de profunda amargura e que nunca, nunca a fumar lhe prestou o menor alívio. Ele fuma, mas fuma por despezão. Fuma tabaco, como beberia veneno.

Para essas óras de negrura e tédio elle só conhece um remédio, sempre eficaz e sempre á mão de cada um: o trabalho, o divino trabalho!

As suas últimas palavras são cobertas pela aclamação unanime da assembleia que assim testemunha a sua simpatia e ainda mais o seu agradecimento ao illustre ijienista.

Uza em seguida da palavra Tomás da Fonseca que lê algumas considerações sobre os maus ábitos e a sua influencia na vida social dos povos.

Segue-se lhe Leite Junior que começa por ler uma carta do sempre onrado camarada e dedicado amigo dos humildes, Lopes d'Oliveira, onde elle mostra a sua adefeção a tão simpático movimento, como sendo um dos convertidos pela propaganda de Tomás da Fonseca.

Em seguida o sr. Leite Junior faz a história da Liga Dis como Tomás da Fonseca appareceu um dia com aquella deia que elle logo abraçou com todo o

calor do seu coração. Agradece depois aos srs. conselheiros drs. Bernardino Machado e Lopes Vieira, ás associações que ali se dignaram comparecer, com as suas bandeiras e os seus representantes. Faz ainda muitas e justas considerações, terminando o seu discurso entre palmas ruidozas.

Aparece o operário Antonio Carneiro: a multidão aclama-o. Elle não aceita essa manifestação: devolve a a quem ela deve ser dirigida, que é ao sr. dr. Bernardino Machado, o grande ómen que está sempre pronto a sacrificar-se pelo povo, sem medo e sem reservas.

Mostra-se um pouco severo contra o sr. dr. Lopes Vieira, não sabemos porque. Pareceu-nos que a diatribe fóra descabida naquêlle logar. Mas fóra disso Antonio Carneiro teve rasgos de eloquencia muito felizes.

Fala por último o sr. conselheiro Bernardino Machado. Vendo-o erguer a multidão, ergue-se tambem, aclamando o ruidosamente: quer ouvir de pé o seu tribuno querido.

Começa elle por declarar que nada mais tem a dizer depois das palavras tão eloquentes e tão verdadeiras do sr. dr. Lopes Vieira. Pela sua parte apenas tem a dizer que se associem todos áquella obra simpática da mocidade, essa mocidade sempre tão pronta para todos os impulsos generosos. A guerra aos vícios é o melhor e o mais urgente que temos a fazer, pois são elles a nossa ruina.

Na verdade, nós estamos atacados do mal até aos ossos. Estamos doentes no corpo e no espirito: precisamos curar-nos, precisamos lutar até á morte, até vencer! Nessa luta, porem, é nos preciso toda a nossa serenidade. Não devemos precipitar-nos nas mãos do primeiro vindo. Nestes tempos sobretudo em que corremos risco de ser esmagados pela dupla reacção: a clerical e a financeira. E' preciso ver bem se esses que falam de Verdade e Justiça não são prestidigitadores ou curandeiros. E embora se digam arrependidos é preciso não os acreditar: não nos satisfaz a sua ipotetica santidade.

Precizamos provas; precisamos saber positivamente se quem levamos em triunfo é um deos ou um charlatão. Isto para podermos conservar a nossa independencia moral, o bem estar da nossa patria.

Somos á muito um povo dezacreditado, fizica e moralmente. Precisamos provar que não é assim. E como o provaremos? Contendo a distancia os inimigos do povo.

Estamos fartos de experiencias, fartos de sofrer.

Cutela, ao menos agora, com os falsos pastores que chegam de toda a parte.

Depois S. Ex.ª continua ainda, dizendo que e preciso fazer não só a campanha dos vícios mas ainda e sobretudo a campanha politica.

Ambos unidos salvarão a patria, izolados socumbirão como tudo o que não assente em solo duro.

O discurso do dr. Bernardino foi breve mas cheio de fogo e eloquencia. A cada afirmação do illustre tribuno respondia a assembleia com um clamor.

Vibraram bem todas as notas daquelle coró ruidoso e multiforme. A's ultimas palavras, a multidão sempre de pé ergueu vivas calorozos ao Dr. Bernardino Machado, vindo os seus correligionarios e amigos cumprimental-o ao estrado.

Em seguida tudo retirou na melhor ordem.

### Notas

Em todas as associações de Coimbra está aberta a assinatura para inscrição de socios da liga, com a quota de 20 reis mensais.

Durante a inauguração espalharam-se folhas volantes do jornal — *Pro Saude* e foram vendidos alguns livros de Th. da Fonseca — *Grandes Males*, cujo produto reverteu para a liga.

As conferencias, continuar-se-ão mensalmente.

## A ultima experiencia

Nos jantares festivos que assinalaram a passagem do sr. João Franco por varias terras, todos os oradores declararam, enerjicos e convictos, que um governo regenerador-liberal era a ultima experiencia dentro da monarchia.

A afirmação é velha. Sempre que um periodo de dificuldades graves provoca reacções e protestos, a cantata da ultima e irrevogavel experiencia, arvorra-se em bandeira de especuladores.

Quantos patriotas não tem surtido após o movimento eroico de 31 de janeiro!

Quantas experiencias e quantos fracassos!

Quantas bonitas palavras desperdiçadas e quantos insignes trampolheiros descobertos!

A regeneração nacional andou aí prometida com sedutoras proclamações por varios pescadores de aguas turvas, todo um mundo de marmanjos insignes a cantar a palinodia insulsa.

E ainda vem agora a ultima experiencia, por mão do sr. João Franco, a seduzir arbiziosos e a engodar injenuos!

Comentando mais esta tentativa de defeza monarchica, o nosso illustre coléga *O Debate* publica um bello artigo, de que destacamos estes considerandos finais:

«Entretanto, a esta patria cujo corpo tem sido esquarterado por quantos medicos aparécem a salva-la, perdendo a cada vez mais, já se grita que mais tarde, nova experiencia será feita. Mas essa é definitiva, porque será realmente, a ultima, dentro da monarchia. Pura que esta restricção? Pois não foi, afinal, dentro da monarchia que se fizeram as anteriores ultimas experiencias!

Não repararam ainda que, essas experiencias falharam, desde a primeira «que seria a ultima» que ão de falhar todas as outras, precisamente por serem feitas dentro da monarchia?

Não se convenceram já de que, para salvar um ómem dum incendio, o que á a fazer é tirá-lo da caza incendiada?

Como psentendem, pois, que elle se salve se o deixam ficar dentro da caza que arde por todos os lados?

A ultima experiencia dentro da monarchia!

Se nós, republicanos, acima de tudo não puzéssemos o amor pela nossa Patria, como poderíamos rir agora de quantos engrandeceram o poder real, proclamando que, a Monarchia por tal forma consubstanciava com o país que, mesmo quando todos os portuguezes fossem pela Republica, a realéza deveria ser conservada!

E agora, os proprios monarchicos, veem confessar que se enganaram, que dentro da monarchia só uma experiencia mais é possivel tentar. E que, se essa experiencia falhar, á que salvar o país fóra da monarchia!

Mas, então, senhores, que motivos impõem que essa ultima experiencia de salvagão seja feita dentro da Monarchia?

Que virtudes são as dêsse rejimen que os senhores confessam ter feito fracassar todas as outras experiencias?

Como é que o fracasso das tentativas passadas constitue argumento em favor do exito de nova tentativa?

Porque falharam todas e não á de falhar a futura?

Porque a Monarchia se arrepende? Que razões têm os senhores para forçar o país a acreditar nesse arrependimento?

Arrependidos! Arrependidos! A' quatorze annos que a Monarchia e os monarchicos fazem áto de contricção.

E quem sempre cumpre a penitencia é o país!

## Teatro Lisbonense

Ontem a representação da peça *O Colar de Salomão*, que tem música bonita.

Salientaram-se nela as atrizes Izabel, Adelaide e Germana, e os actores Pinheiro, Tainha, Gentil e Euzebio.

*O Colar de Salomão* serve apenas para encher o repertorio da Empresa; de resto é uma peça de que apenas a musica se aproveita.

Ouve ainda assim um *bocado de piada da casa* por parte dos actores Euzebio e Tainha; do contrario tudo teria morrido nas cascas.

Algumas das *marcas* são detestaveis, da escola antiga, que ôje estão postas de parte, acrescentando ainda que algumas artistas andam á vontade de mais como por exemplo a atriz Emilia que devia estar já em caza a tratar dos netinhos e não vir para ali onde está muito frio voltar as costas ao publico quando este se ri da sua falta de dentes, próprias da idade.

Quarta feira *Os Sinos de Corneville*. Os guardas de policia a quem uma ordem do sr. commissário novo manda

que a empresa pague para ali fazerem a policia do teatro é que *vão bem na burra* como se costuma dizer: recebem a sua esportula para vêr o espectáculo e nada mais... os discolos podem á vontade fazer o que quiserem de modo mesmo a interromper os artistas, que não admoestam ninguem a estar com ordem.

## CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

### HORÁRIO PROVIZÓRIO

DAS

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partida dos carros do largo das Ameias

Números dos combolos e destino	Horas da partida
8 (correio) para Lisboa	12 <sup>h</sup> , 11 <sup>m</sup> n.
15 » » Porto	3, 3 m.
17 » » »	5, 46 »
18 » » »	8, 8 »
19 » » Porto	2, 26 t.
22 » » Lisboa	3, 36 »
3 » » Porto	5, 37 »
Rapido » Lisboa	6, 10 »
4 » » »	6, 48 »
54 Rapido » Porto	8, 43 n.

### Tabéla de preços

Largo das Ameias ou Casa do Sal á Rua do Infante D. Augusto — 50 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro á Rua do Infante D. Augusto — 40 réis.

Largo das Ameias, Caza do Sal ou Rua do Infante D. Augusto ao Mercado — 30 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Largo de D. Luis — 30 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Mercado — 20 réis.

Estação B dos Caminhos de Ferro ao Largo das Ameias ou Mercado — 50 réis.

Estação B dos Caminhos de Ferro á Rua do Infante D. Augusto — 80 réis.

Estação B dos Caminhos de Ferro á Caza do Sal — 20 réis.

A assinatura para os bilhetes pessoaes está aberta pelos preços annuaes de 12000 réis, e 9000 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes ultimos de logares na plataforma dos carros.

## EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis assinantes de Lisboa, Porto, Figueira e outras localidades, pedimos o obzequio de satisfazerem os recibos das suas assinaturas que brevemente lhe ão de ser apresentados pelo correio.

De todos esperamos a fineza de pagarem no áto da apresentação para evitar a dupla despeza e trabalho administrativo que estas devoluções occasionam.

MANOEL DE SOUSA PINTO

## A ÚNICA VERDADE

Drama em 2 átos

Preço 300 réis

Editor — Moura Marques

TEIXEIRA DE PASCOAES

## SEMPRE

Um volume de 325 paginas, edição luxuosa, 500 réis.

## JESUS E PAN

Preço 400 réis.

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras 75 — Porto.

O produto dêste livro reverte á favor duma *Assistencia á creanças doentes* que se vaee fundar em A.B. a rante.

## ANUNCIOS

## Gabões de Aveiro



Ex.º Sr. — Como a época invernáza exige um bom agasalho, venho lembrar a V. Ex.ª o **Gabão Elegante d'Aveiro**, o unico agasalho sté ôje conhecido para combater o frio, vento e chuva.

O titulo:

### Gabão Elegante d'Aveiro

é propriedade minha á muitos annos. Porém, em Aveiro e noutras terras do país, annunciam o **Gabão Elegante**, mercadores de quem não podem ser acreditados os seus reclamos por que sam uns simples vendedores retalhisias de fazendas e não conhecem a arte.

Lembro a V. Ex.ª que não se iludam com esses reclamistas, sem consciencia do que annunciam, porque esses gabões sam feitos por qualquer quidam para expor á venda no seu estabelecimento.

O meu Gabão é conhecido nas principaes cidades do país, taes como Lisboa, Santarem, Leiria, Figueira da Foz, Coimbra, Porto, etc., etc.

Agradecendo desde já as suas apreciaveis ordens, ás quaes diligenciarei dar completa execução, subscrevo me com muita estima,

Anadia — Outubro de 1903.

Joaquim José de Pinho

Unico correspondente em Coimbra, Manuel Pinho.

## COLEGIO LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Nesté estabelecimento ensina-se instrução primária e instrução secundária (curso dos liceus e curso commercial). Aulas de ginastica e musica. Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos. Envia-se regulamentos, programas e quaesquer informações á quem as pedir ao director.

### Canalisações para agua

Ninguem mande fazer sem vêr os preços da casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Orçamentos gratis

## MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de boca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços módicos

## FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1887, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1894

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de elhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustrades, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

### PREÇOS ECONOMICOS

✦ ✦ ✦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✦ ✦ ✦

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

### LOJA ESPANHOLA

Proprietário José Teixeira

197, Rua Ferreira Borges, 193

Acaba de chegar a esta casa um grande sortido de sedas para vestidos pretos e de côres.

Mantilhas de seda, em diferentes gostos; lenços de seda, dos mais modernos; grande sortido em gravatas de seda ultima novidade de Paris; grande sortido de bordados suíços; Meias de seda, fio d'Escocia e algodão; piugas pretas e de riscas, para ômem e crianças; espartilhos de todas as qualidades; grande sortido de rendas valencianas, tule, de seda e de linho; suspensórios para ômem e crianças; cortinados e bambinêlas das mais modernas em diferentes gostos; saias e camisas; bordados para senhoras; lenços e écharpes de malha; fitas de setim e enfeites para vestidos e outros mais artigos.

O proprietário desta casa previne as ex.<sup>mas</sup> damas e o povo coimbricense que esta casa não traz nenhuns vendedores pelas ruas.

Quem quizer comparar bom e barato venha á Loja Espanhola.

### CASA MEMORIA

DE

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—Memoria. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por ahí se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

### Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francezes que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

## ✦ ✦ ✦ ACYTIENE ✦ ✦ ✦

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 10.000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por hora

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÉRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

XXXXXXXXXX

## FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographs Edison de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas operas, cançõetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

### CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos—Coimbra.

### RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

### Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Tabos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

### CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moeda, Coimbra.

### FRIO

Evita se, usando nos aposentos as estufas a petroleo, lenha, carvão e gaz, que vende a casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flannels e panos pretos para capas e batins, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finessa de visitar este estabelecimento.

### PROBIDADE

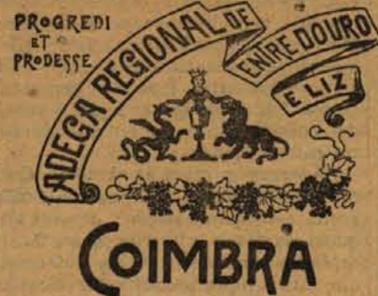
Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.



Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabela de preços de venda a miúdo (1 de julho de 1903)

Marcas	Garrafas de 6 litros	Garrafas de 1 litro		Garrafas bordaleza	
		1	6	1	12
Tinte GRANADA...	550	120	660	85	900
CORAL...	600	130	720	90	950
Branco AMBAR...	650	—	—	100	1050
TOPAZIO...	—	—	—	120	1300

Distribuição gratuita aos domicilios em compras de garrafas ou duzias de garrafas.

## VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Nos preços indicados não vaee incluída a importancia do garrafas (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafas levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafas vae o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se dá fatura ao comprador.

## PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortido de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados dóces sortidos, para chá e soirées, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas Centros de mesa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Courça de Lisboa, 32.

### Modista de Lisboa

CAROLINA VASCONCELOS

Terreiro de Santo Antonio, 2.1.º

Executa pelos ultimos figurinos, vestidos, capas, cazacos, fatos para creanças, etc. Prova á franceza.

### IJIÈNE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

### Aos automobilistas

Gazolina para automoveis.

A' venda na casa

Ladeira & Filho

### SILVA & FILHO

XXXXXXXXXX

Fabrica manual de calçado e tamanhos

e deposito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

## Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, semelhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosgos (França)

### INDICAÇÕES

Para uso interno: — Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicacs, Catarrho uterino.

Para uso externo: — Em diferentes especies de dermatoses.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.<sup>mo</sup> sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

# RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 872

COIMBRA — Quinta-feira, 28 de Janeiro de 1904

9.º ANO

## Dr. Bernardino Machado

Toda a imprensa é unanime em encarecer a importancia excepcional das ovações feitas no Porto ao nosso eminente correligionario, sr. dr. Bernardino Machado.

Era ali anciozamente esperado o professor e publicista illustre que tão alto exemplo de civismo deu, com a sua franca adozão á Republica, á passividade comodista de tantos que, convictos da impossibilidade de salvacao dentro do regime, permanecem no entanto covardemente retraidos ou vão afervorar a exploração das ultimas experiencias.

Podia esse ómen ter na politica monarchica uma situação culminante e usufruir-lhes os benefícios chorudos que trazem anafados e rubros tantos cretinos de polca. Onrarias, interesses, preponderancia, clientelas, tudo isso éle podia dar-se e crear, sem outro recurso que não fosse cortar largo e sem escrúpulos na fazenda pública. Com as suas qualidades de intelligencia, o seu nobre passado, a sua força de sedução pessoal, podia bem arrejimentar á sua volta meia duzia de altos espiritos e claras consciencias, ómens de boa fé — da abundante boa fé que ainda á por esse país alem —, alugar outra meia duzia de ganhões ambiciosos, e partir travestido de salvador, por esse país fóra, a beber á saúde do amo de Lisboa e a trautear a velha cantiga da honra no poder.

Mas o dr. Bernardino Machado é um carater ativo e onesto. Foi ministro, procurou injenuamente aliançar o povo com a monarchia, intentou ir ao arripio das velhas uzanças, respitando os dinheiros do país, defendendo e engrandecendo o patrimonio, tão suadamente conquistado, das liberdades públicas.

Iludiu-se. Por isso os cortesãos impenitentes, os politiqueros profissionaes, conspiraram abertamente contra o ómen que não arranchava com éles nas gordas manigancias.

Era então tambem ministro o curandeiro insigne que anda agora oferecendo os seus serviços ao país...

Iludiu-se o sr. dr. Bernardino Machado, ao pensar que seria possível obter da monarchia tranzjencias nobres; iludiu-se o illustre professor ao supór que a monarchia daria ainda campo suficientemente vasto a praticas largas e onestas de administração.

Mas, dezludido, veio dezassombradamente afirmar a unica attitude lojica, num ómen de intelligencia e de carater: declarou-se republicano.

Não tranzjiu, não o venceram, e assim como ontem abandonára o poder para não macular o seu carater, assim agora repudiava a monarchia para onrar o seu passado.

A monarchia podia enchê-lo de benesses e distincões berrantes: o partido republicano nada pode dar-

lhe, alem do alto respeito que a omens da sua estatura é justamente devido, e muito tem a pedir-lhe — a sua atividade intelligente, o seu jeneroso e tenaz esforço, grandes trabalhos e grandes sacrificios.

Tal é o ómen que o Porto pôde apreciar com inteira justiça e que tão intensamente aclamou.

### A manifestação no Porto

A manifestação do Porto deixou em nós esta impressão revigorante: á povo, e esse povo é capaz de grandes enorjas e eroicas emprézas desde que aja quem o dirija e encoraje. Essa massa que nós por vezes increpamos, arguindo-a de covardia abjeta, tem em si uma grande força, que só carece de estímulos e direção para se manifestar e vingar em altas afirmações.

Commetem-se violencias, rejistam-se derrotas, marcam-se longos períodos de desalento, amortecem-se entusiasmos, os palejadores de mais destaque recolhem abatidos, desertam os tibios, os ambiciosos, os corruptos; mas a grande massa do povo, encontramos-la sempre no seu posto, vitoriosa no inacessível reduto da sua fé, sempre propensa ás grandes esperanças e aos grandes entusiasmos, acorrendo ao primeiro apelo, animada e decidida.

O povo! como somos tantas vezes injustos no desespero em que nos lançamos atentados e afrontas inultas!

Chamem-no: éle aparecerá, sem relutancias, sem ezitações, forte na sua crença. Drijam-no: éle caminhará, direito e firme, a tocar com o seu entusiasmo os mais frios, a vencer com a sua sagrada devoção os mais sceticos. Vão procurá-lo, e éle virá, reconhecido e bom, para a conquista dos seus direitos, a defesa dos seus interesses, para a sua libertação á tanto tempo proseguida em campanhas jenerozas.

Não invoquemos, pois, a inercia do povo para desculpar a nossa propria inercia. Vamos até éle, falemos-lhes a lingua clara e inflamada da verdade e da justiça, irmamos com o seu esforço o nosso esforço, provoquemos com o mesmo exemplo as provas da sua corajem, os seus propositos alewantados de dedicação e sacrificio.

Ao partido republicano cabe essa missão bem grata e fecunda de erguer, revigorada e audáz, a alma do povo, mantendo-a numa permanente vibração de entusiasmo e crença.

O espetáculo que o Porto republicano nos deu, quando da visita do dr. Bernardino Machado, foi grandioso, e é mister recorda-lo como incentivo precioso e olhá-lo como marcando o inicio de uma nova vida dentro das nossas fileiras.

Vamos, pois, todos á essa cruzada santa, levemos a toda a parte as nossas tentativas jenerozas.

Insistamos, insistamos sempre, com o mesmo entusiasmo, o mesmo vigor, a mesma fé, e a Republica

trunfará porque é contra a odioza mentira dominante a esplendente Verdade.

O povo não desertou! O povo não nos traiu! Quando vamos até éle, a falar-lhe a lingua alta e bela do nos-o credo, acolhe nos em triunfo, sem reservas e sem arguições, a incitar-nos para que o comandemos na luta e o guieemos para a vitória.

Ele está no seu posto, retomemos todos nós aquêle que nos cabe e aja entre todos a emulação unica de cumprirmos e o melhor possível o nosso dever.

Que a manifestação do Porto seja, pois, para o partido republicano uma grande data — o principio animador de uma grande luta.

### Em Coimbra

Na segunda-feira, no rapido da noite, regressou do Porto o nosso eminente correligionario sr. dr. Bernardino Machado.

No Porto, segundo a informação unanime da imprensa de várias cores, a despedida foi cordal e calorosa. Em número avultadissimo acorreram á estação a saudar o illustre professor os elementos mais em evidencia no nosso partido e grande massa de convictos republicanos.

Foram vibrantes e prolongadas as saudações ao dr. Bernardino Machado e aos vultos mais eminentes do partido republicano.

Em Coimbra a recepção foi imponentissima. Na estação velha avultadissimo número de republicanos se aglomerava na gare, prorrampendo em palmas e vivas entuziasticas quando o comboio entrou nas agulhas.

Logo que o dr. Bernardino Machado desceu da carruagem foi erguido nos braços e intensamente aclamado, ouvindo-se vivas á patria, ao partido republicano, a João de Menezes, Guerra Junqueiro, Bazião Teles, Duarte Leite, Afonso Costa, Teófilo Braga, João Chagas, aos revolucionarios de janeiro, etc., etc.

Os nossos prezados correligionarios França Borges, Heliodoro Salgado e Feio Terenas que seguiam para Lisboa foram tambem vivamente aclamados.

Na estação nova as manifestações atinjiram o auge do entusiasmo.

A gare estava completamente apinhada. Cá fóra, no largo das Ameias e immediações a multidão era compacta, e os aplauzos estalavam freneticos e longos quando o sr. dr. Bernardino Machado appareceu.

Foi um delirio de aclamações que parecia não ter fim.

Para evitar a intervenção da policia, sempre ávida de pretexto para repressões violentas, o sr. dr. Bernardino Machado pediu á multidão que dispersassem o que ela fés na melhor ordem, sempre em meio de aclamações calorozas ao illustre ómen público, partido republicano ás suas figuras mais salientes, etc., etc.

## CONFERENCIA DO DR. THEOPHILO BRAGA

### A UNIÃO REPUBLICANA

Ao nosso prezado colega O Mundo, pedimos vénia para transcrever o extrato da notabilissima conferencia do eminente republicano dr. Teófilo Braga.

No momento em que uma grande obra de união solicita os esforços animozos de todos os republicanos, palavras como as de Teófilo Braga são um grande encorajamento excepcionalmente valorizado pela autoridade incontestavel do alto e imaculado espirito de que procede.

Que todos os republicanos as leiam e saibam compreender essas grandes palavras.

#### Os republicanos e os seus processos

Antes da ora fixada para o principio da conferencia, já as salas da Sociedade Guilherme Cossoul regorjitavam de publico, entre o qual se via algumas senhoras. Por fim, já não avia lugar para os que chegavam, podendo dizer-se que quando o dr. Teófilo appareceu estava tudo absolutamente repleto.

Uma salva de palmas, entrecortadas por vibrantes vivas a Teófilo Braga, á Liberdade e ao Partido Republicano, resoa estrepitosamente e prolonga-se sem desfalecimento até o illustre pensador tomar logar junto da meza.

Com o simpatico ar de modestia que realça, junto de todos os espiritos, a sua extraordinaria grandeza mental, o sr. Teófilo Braga toma a palavra, com a defazefação e simplicza que caracterizam as suas preleções.

Começa por dizer, referindo-se á primeira parte da sua teze, que nunca ouve deznão no partido republicano. Tem avido, sim, mudanças de processos, mas nunca diverjencias de principios (Grandes aplauzos).

Nós, os republicanos, — continua o conferente — usamos até agora de certos processos que se tem demonstrado improficuos, mas os ómens são os mesmos. Uma ou outra deserção não tem importancia. Uma sementeira não se perde por conter meia duzia de grãos podres.

Em seguida, o dr. Teófilo examina o sistema parlamentar, que na Europa não tem correspondido ao que dele se esperava. Industrielmente, a Europa tem avançado; politicamente, conserva-se estacionaria. E' assim que ainda permanecem dois sistemas que envenenam a sua vida social. Um é a monarchia, que personifica o egoismo; o outro, a religião, que assenta sobre ficções teolójicas.

O primitivo processo republicano foi o de aproveitar o sistema parlamentar para as suas afirmações. Chegou-se á importantes resultados numericos. Os republicanos tiveram milhares de votos. Mas tudo isso foi asfixiado pelas violencias e fraudes governativas.

Foram alguns republicanos ao Parlamento. Esses ómens foram sinceros, meteram medo ao regime, mas as leis reacionarias todo sufocaram.

O que é preciso, pois? Vêr de alto; vêr que o parlamentarismo se tornou um verdadeiro sofisma.

#### Burguezes e proletarios

Em seguida, o dr. Teófilo Braga refere-se, entre vibrantes aplauzos da assembleia, á dinastia de Bragança, que tendo sido levantada pelo povo se afirma originaria do direito divino. Depois fixa a data de 1820 como o inicio

da era da liberdade entre nós. A constituição que essa grande revolução resultou inspirava-se nas normas republicanas. Era a nação governando-se a si propria e a melhor definição da Republica é essa mesma.

Com a revolução de 1820 entra em cena a burguezia. As cortes de 1822 formaram-se com os seus representantes. Trazia para a vida publica as suas enorjas creadoras, as suas atividades robustas. Até então a burguezia foi sincera, e foi progressiva.

Mas ôje essa burguezia, tendo-se engrandecido, patuou com o embuste do regime. Nunca a alta burguezia aderiu á cauza republicana. A força com que éla pôde contar é com a dessa classe media que se compõe da pequena burguezia e a parte mais ilustrada do proletariado. São os que trabalham sempre que vêem bem o conjunto social.

Os republicanos tem que surgir nas classes populares a força da sua vigorosa vida organica. Fizerão-no já, mas o regime tratou de sustar esse movimento politico, auxiliou o a dessidencia socialista que, mal compreendida a teoria orientadora, levou o operario a pensar: «Que importa a forma de Governo, se tivermos pão?» Mas se esse pão é falsificado, mas se a exploração não deixa de o oprimir no regime monarchico!

Foi assim arrebatado ao Partido Republicano o contingente proletario. Ora o alicerce dum país é o seu proletariado; é nelle que rezidem todas as enorjas, que se encontra a pureza social. Essas enorjas e sentimentos é que podem dar forças ao partido que os represente e interprete.

Passou a epoca da alta burguezia. Ôje estamos só em frente dum classe egoista, que se dá ao bem com o que está, Abramoz os olhos! O enfraquecimento do Partido Republicano não resultou de deserções, mas sim do mau processo que o fés considerar verdades as maiores mentiras.

#### A monarchia e a evolução social

Appreciando a actual situação portuguesa, o dr. Teófilo Braga constata que a monarchia tem tudo por si, — impostos, cadeias, exercito e até alianças reijas, em que os monarchas pactuão acordos para seu interesse pessoal e dinastico, em entrevistas e vizitas magnificentes de que éles só aproveitão e rós pagamos! (Muitos aplauzos) Porque Portugal — exclama o orador, — não é uma nação, é um feudo! (Novos aplauzos).

Uma monarchia não pôde nunca ser boa, porque depende da eventualidade do carater dum rei. Ou antes, depende mesmo só do rei, e como tal não pôde ser um regime justo. Porque um monarcha, todo o ómen mesmo que extremamente se engrandece, desumaniza-se.

Passa a considerar-se um ente especial. E' uma verdadeira loucura. O louco, — dizem os modernos alienistas, — não é mais do que um desumanizado. Vê o mundo por outro feitio. Todos os ómens engrandecidos por um grande poder de prestijio ou riqueza, — Bismark, Rotschild, — estão nestes cazos. Um rei nunca pôde ser um ómen onrado, precizamente porque se julga um ente superior.

De resto as formas de governo tem de existir consoante as necessidades dos povos. Fás-se, por exemplo, um fato para uma criança. Durante um certo prazo esse fato fica muito bem á criança. Mas um dia observa-se que o fato já não serve. Dis a mãe: «Esta

criança está crescendo demais!» (Risos). Assim são os povos. O organismo social cria novas concepções, inventa novas indústrias, explana novas idéas, empenha-se em maiores atividades. Cita o facto de, por quarenta anos, nos seus tempos de Coimbra ninguém tomar a serio a hypothese da electricidade fazer andar um carro. E' autentico! E, todavia, como os factos desmentem o ceticismo do Passado!

A força social desabrocha como uma planta. E' isto que se chama o Progresso. Que á portanto a fazer? Conformar os sistemas de Governo ás necessidades dêsse desenvolvimento.

#### A situação portuguesa

Mas entre nós a soberania nacional foi substituída pelo arbitrio do Governo. D. Pedro deu-nos uma carta constitucional, isto é, outorgou ao ómem a propria dignidade humana, que é seuapanagio. Foi uma carta de alforria, como se dá aos pretos (Muitos apoiados). Quer dizer: a nação não tinha o direito de se reger a si propria.

A carta de 1826 fóra obra do povo, fóra uma obra democratica. Corrigiu-se com a 1826 que a Igreja, a Aristocracia, os altos poderes do Estado, aplaudiram. Mandaram-se chamar ingleses para a impôr, e os ingleses estiveram três anos entre nós. Lord Canning, então primeiro ministro britânico dizia para cá: «Não deixem ir ás camaras nenhum ómem de 1820.» Entretanto, D. Miguel vem depois, e ainda acha essa parca regalia afrontosa do poder real. Pareceu-lhe ainda uma republica sofismada. E o absolutismo restabeleceu-se.

O absolutismo passou, mas estamos agora ainda no regimen da outorga. Ainda o país não pôde fazer a sua propria lei.

As leis! Como se fazem as leis em Portugal? Pelas necessidades de momento. Quer fazer-se uma eleição? Faz-se uma lei para ella, que garante a absoluta vitória. Querem-se novos impostos? Fazem-se leis que os autorizam na medida que se dezeja.

Traça um quadro geral do grande embuste do regime, na administração, na politica etc... Tudo é mentira, tudo é fraude! O sufragio eleitoral assemelha-se á *vermelhinha*. Entra-se nelle com a certeza de perder. E se não basta a fraude, vem a força. Por isso se reconhece já que a base da monarchia é a Guarda Municipal.

Eis a nossa situação. Temos que suportar todo este embuste que é a vida de quem não tem um ideal. A nossa consciencia não se informa com as ficções teológicas de que deriva a exploração da Igreja. Pois bem! Não temos o direito de discutir a marcha dos fenomenos sociais chamados regiões. Qual quer cura de aldeia pode mover-nos um processo. Autoriza-o a isso o artigo 6.º da Carta. O mesmo sucede com os privilegios do nascimento, que não acatamos, mas que nos são impostos. Privilegios de nascimento! Só os serviços prestados á colêktividade elévão e distinguem. Temos que acabar com taes privilegios que só no abuso se fundam. De resto, uma degenerescencia evidente mina as estirpes reias. E' a propria natureza que está eliminando os reis. Não é necessario o processo violento do anarquismo, a que se chama propaganda pelo facto.

Refere-se numa digressão ao anarquismo que considera uma reacção excessiva. As soluções anarquistas só servem para os casos extremos. São as repressões que as orijnam. O que é preciso é evitar que a sociedade humana seja estrangulada. Eis o remedio contra o anarquismo.

A situação de Portugal é esta, — prosegue o dr. Teófilo Braga. — A nação rende 58:000 contos. E' um bolo. Gasta-se o ministro com o paiz; o resto do sorvedouro. Para ocorrer ás necessidades nacionaes bástão 10:000 contos, — disse um dia o ministro Barros Gomes, no Parlamento. Como não tem um ideal, entendem os governantes que todos os que protestão tem sómente a intenção de ir ao bolo!

O vicio não é só nosso; mas aqui vê-se melhor; á menos vergonha (Aplausos.) O exemplo do parlamentarismo liquidado entre nós, exemplo que já apontára, revela-o bem. Veja-se agora isto: um dissidente dum dos partidos do governo separa-se d'elle e vai pelo paiz fóra anunciar panaceias novas, novas fornadas. (A esta referencia á exploração franquista, a assembleia rompe em bravos.)

Urge que a nação tome conheci-

mento da sua situação. Que procure ómens serios, que não venhão com artificios parlamentares, com discursos feitos, mas sim com serenidade, e sem alucinações. E' necessaria porém a união, é necessario que se manifeste a multidão, a nação portugueza, que sofre e sente.

#### A força popular

E' o proletario que á-de salvar a nacionalidade, porque a alta burguezia, —repete-o,—liquidou miserandamente. Os burguezes ricos estão ôje barões e condes. E essa satisfação das suas vaidades não representa afinal de contas senão fontes de receita para os devoristas. Trata-se de lhes arrancar direitos de mercê. O pensamento portanto não é onrar, é extorquir. Não é uma obra, é uma desonra, porque pagão para a manutenção disto. Os recentes aristocratas de que a burguezia se orgulha nem tem sequer o prestijio teatral dos antigos: não são fidalgos, são ómens que ganharão eleições ou venderão sodas. (Rizo.)

Os republicanos, os democratas, escritores, propagandistas, teem que se aproximar do proletariado que não está corrompido por venais interesses. Assim se purificarão as idéas. A muita jente que pensa, mas o pensamento tanto pôde ir para o bem como para o mal. Existe tambem a contradicção flagrante entre os actos e as palavras. Aquêlle que pensa uma coisa e fás outra é um carater duplice. Todo o ómem digno é republicano. (Grande salva de palmas.)

Os pensadores sinceros é que teem de levar ao elemento operario a sistematização dos seus ideais, e promover-lhe a satisfação das suas necessidades instantes.

E' na força popular que está tudo. Basta que o povo apareça, embora dszarmado, para fazer medo á propria força armada. O numero influi numa corrente pziquica em que os contempla. Uma floresta de cabeças impõe-se, como qualquer coisa de formidavel e invencivel. Mas mesmo que a força armada ataque, que pôde resultar do seu ataque? A morte de cem, duzentas pessoas daria em resultado isto, que é terrivel: a irreconciliabilidade dos espiritos. Quando se não prevê, presente-se. (Vivos aplausos.)

Aproximado o ómem do pensamento do ómem de ação, é preciso um plano de combate organizar a campanha da liberdade.

Os planos do Governo, desde 1820 para cá teem sido sempre reprimir as aspirações liberais.

Fás um interessante simile. Imagine-se um carneiro atado por cordas a uma estaca, e que procura libertar-se. Os seus esforços só conseguem prendê-lo cada vês mais estreitamente. Pois bem! O carneiro é Portugal; as cordas são as leis! (Bravo e palmas.)

#### As liberdades publicas

Liberdade, eis ao que se aspira. Mas a palavra Liberdade é como um perfume que enebria a imaginação, e que entontece se o não aspiramos prudentemente.

A tres liberdades fundamentais: a liberdade do espirito, ou seja a liberdade filozofica, a liberdade politica e a liberdade civil.

Da primeira deriva a consciencia que se iniciou com a Reforma; a liberdade do ensino, que vulgariza o conhecimento dos factos; a liberdade da imprensa que dissemina o ensinamento das escolas, e por fim a liberdade dos cultos, que é a consequencia necessaria da liberdade de consciencia.

Esta é a maior conquista do pensamento. O ómem é a providencia de si mesmo, —exclama o orador, que prosegue num eloquente ino á ciencia.

E acaba êste bello trecho do seu discurso com estas palavras que a assembleia cobre de aclamações: «O Deus que protêje o ómem, é êle a si mesmo. O unico culto que á a venerar é o sentimento da veneração pela providencia humana!»

Fala depois da liberdade politica, e examina a situação em que nos encontramos, na parte referente ao gozo dessa liberdade. Trata das arbitrariedades cometidas contra a imprensa, que é uma propriedade como outra qualquer e como tal se afronta, sendo, ainda mais, um instrumento de educação moral, cuja missão se não deve coartar. A liberdade de reunião, igualmente coartada, e por uma forma permanente, merece-lhe palavras de indignação acen-

tuando que o direito da associação é utilissimo, porque é nas discussões a que dá ensejo o seu exercicio que se eliminão exajeros de opinião.

Depois, a liberdade civil. Sem liberdade politica—declara o dr. Teófilo Braga—não pode existir a liberdade civil. Foi a Revolução quem a deu. A Revolução tem dois grandes factos que a assinalão e caracterizão. O primeiro é a Declaração dos Direitos do Ómem a que o orador chama o momento mais solene da consciencia umana. O segundo é o da resistencia á Europa coligada, em que a França venceu, recorrendo ás eneiijas ignoradas do povo.

Tratando da liberdade de propriedade, nota como êla está estrangulada em Portugal. Onêrão-se fóros e laudemios que são disposições arcaicas e absurdas, direitos de transmissão que representam uma flagrante extorsão. «E' preciso rasgar tudo isso!»—concluiu o eminente professor.

A liberdade de comércio é tambem entre nós uma ficção. Os direitos alfandegarios crescem de dia para dia. Só se trata de fazer receita e fazer recetia é espremer o contribuinte.

#### O governo republicano

Que tem a fazer o partido republicano quando um dia seja governo? Reclamar liberdades efetivas e não liberdades teóricas. Um país republicano tem que descentralizar, tem que voltar ao rejime dos municipios. Esses é que se ão-de unificar para acordar nas medidas tendentes ao bem jeral.

A constituinte republicana tem que revizar-se periodicamente. A evolução social assim o requer, e por isso a nação deverá revizar as suas leis. A êste respeito torna a falar da Carta outorgada, que considera um documento falsificado pelos aditamentos que lhe teem sido feitos, quando pela sua natureza de dadiiva da onipotente vontade réjia não podia estar sujeita a alterações.

A tambem uma grave questão a examinar: é a da divida publica. Essa divida e computada em 500:000 contos e como a riqueza nacional não é muito superior a esta quantia, segue-se que nos consideramos vendidos (Sensação.) E, comtudo, essa divida monstruosa, o Partido Republicano tem que pagala, Mas como?

Averia um meio violento, mas justo para, pelo menos, a amortizar. Seria tornar responsaveis pelas despesas extraordinarias e emprestimos que votá rão, os lejisladôres que se averiguasse terem incorrido nessa responsabilidade. (Muitos apoiados; sensação prolongada.) Mas isso cauzaria um profundo abalo na nossa sociedade, ao qual não devemos arriscar-nos, pequenos como somos.

A outros recursos que um governo onêsto e inteligente deve aproveitar. Se não veja-se: A Inglaterra é o que é, devido a Portugal. Os seus proprios publicistas e estadistas o tem já reconhecido. Apezar de muito poderoso, somos-lhe indispensaveis. Uma alavanca por mais forte que seja, necessita dum ponto de apoio. Esse ponto de apoio somos nós. Em paga d'êste serviço, é a familia dinástica tem aproveitado a amizade inglesa. Mas nós temos o direito de, provando-lhe que êla precisa de nós, aproveitar para a nação o que tem sido para uma familia. (Aplausos calorozos.) Os Estados Unidos tambem precisam de nós. Apoveitemos, pois, as necessidades mutuas.

#### O destino da patria

Portugal tem um largo futuro deante de si. Tem-se procurado desnacionalizar-nos; chegou-se mesmo a dizer que somos portuguezes porque a Inglaterra o consente. E' esta a doutrina dos nossos istoriadôres e politicos. Pois não á nada mais falso. A verdade é que existem duas Espanhas cortadas pelos Pireneus. Do lado de cá ouve uma raça luzitana, resistente, embora parecendo o contrario. Somos uma nação sofredora, mas assimilando com prontidão todos os progressos. Veja-se a adopção popular do sistema metrico, que ainda se não conseguiu implantar na Inglaterra. Do lado de lá existia o ibero, cruel e fanfarrão. Nós eramos municipalistas, êles imperialistas. Eles fé-os e arrogantes; nós tenazes no proprio sacrificio e sofrimento. Mas a nação portugueza ainda ocupa o seu logar; a sua missão foi eminentemente civilizadora, pelas suas navegações que abrirão a era das conquistas pacificas da humanidade. Um povo d'êstes não pode desaparecer. (Bravos e palmas.) Quando a Espanha deixar de ser monarchica, quando as suas provincias fórem Estados, Portugal exercerá uma fatal

ijemonia, terá a prezidencia moral da peninsula. (Grande ovação.)

Nós somos descendentes duma civilização de 3:000 anos, enquanto que os outros paizes teem meia duzia de séculos. Por isso o mundo occidental manterá sempre o predomínio intelectual no mundo e o seu espirito altruista reviverá sempre. (Mais palmas e bravos.)

#### O final da conferencia

O Partido Republicano tem um ideal. Ha deve cumpri-lo.

As dezerções, repete, não o enfraquecerão. Ouve, depois do *ultimatum*, uma camada nova de intellectuaes que ingressou no partido, julgando a sua vitória imediata.

Pareceu-lhes que o partido dava postas no dia seguinte. (Rizo.)

Enganarão se. D'ái, a debandada; d'ái a falta do concurso da alta burguezia, — o vago eclipse que se manifestou não nas idéas mas na ação.

Advoga ainda, como um dos meios de ação do Partido Republicano na atualidade, a criação dum fundo tipografico que permita a publicação, em larga escala, de folhetos de propaganda e exame democratico.

Em resumo: urge que os pensadores, se aproximem do proletariado. Esta aproximação só pode fazer-se por meio das idéas. N'ella se deve basear todo a plano de ação republicana. Porque é natural que se amanhã ouver um movimento, os elementos burguezes virião dar logo a sua adeção, e comprometer o movimento com os seus processos. Quer dizer: a Republica seria uma experiencia desastrosada.

«As lições de trinta anos, — conclue o dr. Teófilo Braga, — abrem os olhos a quem contempla o que se passa, e vê um povo tão digno e uma nação tão nobre na historia, infamados pelos crimes dos seus governantes. E' urgente resolver esta situação. Não nos fíemos no processos da natureza, que são lentos. A evolução é o processo mais logico do progresso; mas a revolução pode tambem ser o mais necessario.»

### Dr. Bernardino Machado

O sr. dr. Bernardino Machado parte amanhã para Lisboa a fim de no próximo domingo presidir á festa comemorativa da *Escola 31 de janeiro*, em que falará tambem o nosso prezado diretor, dr. Teixeira de Carvalho.

#### Uma confissão

O *Diario Ilustrado*, órgão franquista aprezenta ao rei este memorial:

Reproduz-se agora o que se deu em seguida á administração escandalozissima de 1886 1890 e que o conflito com a Inglaterra precipitou e fez fructificar tragicamente no movimento de 31 de janeiro. E o partido republicano, que desde 1894 não dava sinâes apreciaveis de vida, cresce e fortifica-se de novo vizivelmente, sob o influxo dos erros e crimes governativos, podendo produzir demonstrações pzblicas como as que acabão de dar-se no Porto.

Então o famoso *mata republicanos* do alcaide ainda acredita na nossa existencia?

Por absoluta falta de espaço não podemos ainda ôje satisfazer aos desejos que nos inspira uma carta o nosso correligionario Fausto Quadros, o que faremos no próximo numero.

#### Contra as propostas de fazenda

Passa ôje no rapido da noite para Lisboa uma grande comissão dos membros do Centro Commercial do Porto que vai entregar ao governo uma representação contra as propostas da fazenda.

Consta-nos que o corpo commercial desta cidade irá cumprir a Estação Velha os comissionados do Pvrto—manifestação justa de adeção em tão momentozo assunto.

## CONVITE

Tendo as Comissões Paroquias do Partido Republicano de Coimbra, deliberado reunir-se no próximo domingo, 31 de Janeiro, pela 1 hora da tarde, no cemiterio de Santo Antonio dos Olivais, a fim de prestar uma sentida omenagem á memoria do grande republicano Jozé Falcão, a Comissão Central Provisória do mesmo Partido convidada o Povo e a Academia desta cidade, a acompanhar as mesmas Comissões nesta pleadoza romagem.

Coimbra, 27 de janeiro de 1904.

#### A Comissão.

Sobre o valor da manifestação feita no Porto ao dr. Bernardino Machado depõe assim o monarchico *Primeiro de Janeiro*, em editorial:

«Por maiores entonos que a dissimulação governamental se arrogue, não poderá recuzar uma indestruivel importância de verdade e uma ação seria de consciencia, ao discurso que, em particulares condições de convicção, o sr. conselheiro Bernardino Machado proferiu ante uma assembleia enorme e com applausos que a espirito dos ómens publicos devem dar inequivoco avizos. Qualidade de conferente, grandêza do auditorio e alcance das afirmações feitas entre apoiados de ouvintes de todas as categorias sociais — são couzas em que o ministerio devia reparar, se quizesse compreender a exata situação do animo publico.»

Faleceu no dia 25 d'êste mês o pai do nosso amigo e correligionario João Machado.

Era um velho bondozo, duma sentimentalidade sempre á flôr dos labios e dos olhos, amando estremosamente os filhos.

Ainda nos ultimos tempos da doença que a todos trazia dezasocogados, uma noite que João Machado, julgando o a dormir fazia silenciosamente no quarto uma cama ligeira para se deitar êle abriu os olhos e disse carinhosamente ao filho que melhor era ir dormir socegado para casa, porque não estava a sua morte ainda para aquêlle dia.

Contra o ábito portuguez que fás dos filhos os herdeiros da profissão paterna, o pai de João Machado, ao vê lo estudar e afastar-se da sua profissão encarregava-o e dizia-lhe que fazia bem em procurar outro modo de vida, porque o d'elle ia cada vês a peor.

Para mostrar a forma carinhosa como tratava o filho basta citar o que se deu com a exposição promovida em Coimbra pela Escola livre das artes do Dezenho.

Andávão todos os alunos da Escola entuziasmados; Antonio Augusto Gonçalves, um dia, conhecendo a timidez d'elle perguntou-lhe:

—Então? E o senhor não fás nada? João Machado animou-se e escolheu modelo para uma escultura em madeira.

Modelou o e levou o modelo para casa.

Nos serões, á noite, a conversar com o pai ia fazendo pacientemente a escultura.

Um dia levou-a e entregou-a. Antonio Augusto gabou o trabalho, chamou os mais alunos e mostrou-lho e foi êle mesmo dependura-lo dizendo no fim para João Machado:

—Então? Não fica bem aqui? João Machado veio para casa, foi ter contente com o pai e contou-lhe tudo.

O pobre velho ria de contente, e quando o filho acabou de falar debruçou-se para um armario, abriu o, tirou de dentro uma garráfa e disse para o filho pasmado:

—Estava aqui esta garráfa de vinho á tua espéra: se viesses triste, era para te alegrar, se viesses contente era para bebermos juntos.

Foi assim estremo até ao ultimo momento.

Nós que conhecemos bem a alma de João Machado e que á muito, perdemos pai e mãe compreendemos bem a sua dôr para sabermos que só o tempo poderá transformar em saudade piedosa o que agora é uma grande dôr.

Os nossos pezames ao nosso amigo é á familia enlutada.

**A UNICA VERDADE**

DRAMA DE M. DE SOUZA PINTO

I

Após uma cuidadosa leitura do drama de S. Pinto—um trabalhador inteligente, animado dos mais belos intuitos—fazendo parte desse publico para quem elle escreve e deseja conhecer por experiencia propria, apetece-me sinceramente expôr as minhas impressões a propósito do seu primeiro trabalho *A Unica Verdade*, no recibo de que, não podendo o autor, talvez ser o critico da sua obra, se deixe sujestio nar por apreciações eloquias, cuja sinceridade é garantida pelos onrados nomes que as subscrevem, mas que eu entendo profundamente erroneas e, por consequencia, injustas.

Sem preocupações de estilo que me são defesas, á vontade como numa palestra, tentarei, tão minuciosamente quanto me fôr possível, a analize desta peça, em que se pretende fazer a apolojia da força, da saúde e da vida, duma vida feiunda e serena, florescendo na larga campina cheia de sol, nitida e real, livre da nevoa metafizica das teorias, das relijioses e dos sonhos, que ao álito ardente da terra verdadeira e creadora foje para o alto a prender-se nas arestas das montanhas onde, como exiladas rainhas, só as aguias abitam, sombrias e cruéis.

Na verdade, os ómens, primitivos senhores das serranias vieram descendo para os campos logo que se olharam mais confiantes na existencia, menos medrosos das guerras, podendo emfim descançar nas armas, para pegar nas enxadas e charruas, entregando-se ao trabalho na esperança duma paz relativa; certo, este phenomeno de emigração presta realidade ao simbolo de que S. Pinto se serve, buscando assim nas influencias naturaes os motivos da diversidade psicologica dos seus personagens, dezenhando o quadro especial em que o relêvo de cada figura desta que lojicamente.

Infelizmente, a obra do artista fica muito áquem dos intuitos do filôzof, a incoerencia dos personagens, que nos surjem falsissimos, resalta á primeira vista, não á sequer uma scena que faça esquecer o dezallinho do conjunto e por todas essas pajinas fôr sente-se com tristeza que o seu autor perdeu a segurança e a força que eu estava habituado a apreciar-lhe na critica intelligente das qualidades e defeitos das obras alheias.

Assim, esse Lucio é porventura o medico-filôzof, o sereno apostolo da vida luminosa e fecunda, o forte semeador que vae lançando á terra as ideias sãs para que jerminem e os filhos robustos para que trabalhem?—Coitado, não chega a ser um sofrivel chefe de familia.

Um mízero banana, que aos trinta e tres annos—idade que não desculpa asneiras—vivo com 3 filhos, não lhes querendo dar uma perceptora estrangeira por motivos patrioticos que lhe ficão a matar—decide fornecer-se de uma segunda mãe para os tres meninos, seus e da querida Julia sua primeira e defunta mulher, na convicção de que um padre ou um *maire* podem fabricar mães verdadeiras a pedido de viuuvos inconsolaveis. Para isso o desgraçado caza após um ljeiro mês de namoro—coiza que nem aos dezoito annos se desculpa—com a filha de um maniaco, madama que tagarela sobre d'Anunzio e Bourjet, instruidissima segundo eles dizem, uma intellectual requintada e doentia com uma paixão simpatica pelos tuberculozes em geral e por um tuberculoso em especial; uma pobre meluca que devera ter stigmas inludiveis de degenerescencia que não podião escapar aos olhos dum medico intelligente o que me fês desconfiar que o tal Dr. Lucio nem as cartas possui.

E' devéras interessante ouvir o contar como cazou e, melhor ainda, a forma como se finou sua primeira espoza que para salvar um filho é colhida por um comboio extraordinario, transportador dum ministro que vae ganhar eleições; daqui provem a sua revolta contra o progresso que mata a vida e, desconfio tambem, (não o vá saber a policia) sua evidente complicitade no atentado da Bemcanta vingando á pedrada, eroicamente, a morte da mízera e mesquinha Julia. Esta pobre senhora deixa tão profundas saudades no coração do espozo, que este jura ter pela segunda vês cazado só por amor de seus filhos, o que não faria agora visto que os meninos já estão creados;—dos

quais meninos o mais velho tem oito annos, o mais novo cinco, além duma femezinha com sete; realmente, desta idade, até já podião ter assentado praça e nem compreendemos que apenas dois annos antes seu pae cazasse julgando que tão dezentovolidas creanças precizassem dos cuidados duma mãe. Mas Lucio Damazo não reduz a sua actividade ao circulo restrito das afeições familiares; apóstolo fervoroso da verdade, elle faz uma terrivel propaganda contra os preconceitos relijiosos e tem a rara ousadia que só é dada aos fortes, de bem alto proclamar aos povos fanatizados—que a água dos rios ainda é melhor do que as águas bentas—depois de Voltaire e do sr. Luiz de Judicibus não me lembro de ter visto coiza assim terrivel.

Tudo isto vae elle contando ao amigo Fernando, viajante que nada nos diz da sua longa viagem de seis annos, nem impressões d'arte tendo corrido a Italia nem de paizajens que jámais se esquecerem, das grandes cidades onde viveu e em que milhares de ómens se ajitão trabalhando e sofrendo, sabido demais como pessoa alguma deixa de falar apaixonadamente nas coizas que viu e amou n'outros paizes onde se fala uma lingua diferente, abitão ómens com outros costumes, civilizações mais altas e brilhantes: não nos conta duma opera, dum quadro, duma grêve, dos óteis ao menos; nem de mulheres, o bruto.

Pois se o queria assim mazorro e bronco, para que o fez o autor passar as fronteiras e impiedosamente o arrancou ás delicias de Freixo de Espada á Cinta onde Fernando bem pudera ser um permanente e prestante cidadão?

E' á este mamarracho que Lucio apresenta a filharada, menino Jorje á frente—o assassinozinho—como seu proprio pae amorosamente lhe chama, que aos oito annos sofre de remorsos por ter morto a mãe (uma calunia de Damazo) perguntando, *consternado*, se ella lhe perdoaria; e diz as coizas de tal maneira que não resta duvida a ninguem de que a pobre creança não passa dum patétinho precóce—tal pae, tel filho. Aos outros dois mais novos salva-as a pouca idade de colaborar nos disparates da familia e por isso deixarei as creanças para lhes apresentar uma vélhota, a boa Marta, que não gosta dos ómens, estéril a pesar das influencias vivificantes da leziria, simpatica com o seu grande amor pelas aves, que o Dr. Lucio, o sabio cantor da vida e da liberdade conserva prezas numa gaiola de verga, descambando assim o bom filôzof num antipatico carcereiro de canarios.

São estas as figuras que ão de aguentar sobre os ómbros a responsabilidade dum simbolo sagrado, que ão de cantar victoriosas o ino á vida triunfante, á vida fecunda, á verdade unica e gloriosa.

Mas deixemos isto para depois e vejamos agora os outros, os da Montanha, os filhos da Mentira, nebulozos e sombrios, os tristes infecundos prezos da luxuria ardente, que nos ão de entoar com as vozes roucas as estrôfes trájicas do Mors-Amor, o cantico épico do Desejo estéril e aniquilador.

Flaubert, num traço rapido de jénio dá nos sobre o mesmo motivo uma água-forte formidavel: uma caveira coroadada de rozas.

S. Pinto nem uma ljeira emoção de terrôr, de piedade ou de assombro consegue comunicar aos nervos do leitor, com as suas mal dezenhadas figuras de condenados, nem grandiozas, nem terríveis, tão banais e falsas como as outras; impotente ante a difficuldade enorme de nol-as pintar naturais, elle não soube salva-las, tocando-as dum pouco de romantismo que seria facilmente desculpavel nas pajinas dum principiante.

Alda, a intellectual instruidissima, filha espiritual d'Anunzio e Bourjet, livre pensadora, a aguia sinistra das Montanhas batendo as ázas poderozas entre as mil tempestades da Paixão e do Sonho, é coitada, uma réles serigaita que da sua intelligencia, da sua instrução, da sua alta sensibilidade de artista nos dá prova d'arromba, perguntando com uma pelintra curiozidade ao viajante Fernando quando este fala em Roma—se lá viu o Papa.—Isto parece troça, palavra d'ónra.

Sobre a Italia a madama não pergunta mais nada, mais nada precisa de saber.

Para ésta destrambellada sonhadora da Belêza, toda a paizajem, arquitetura escultura, teatro, pintura, muzica desse maravilhoso e fecundo pais de sábios e de artistas se resume nisto—o Papa.

Salvo o respeito devido a uma senhora a tal D. Alda é provavelmente e irrecuzavelmente uma burra e de saias, a espécie de bêstas mais perigozas de que tenho conhecimento.

Sobre tudo o mais, justiça lhe seja feita, D. Alda Damazo aguenta com bravura, sem fraquejar um instante o pezadissimo encargo de se conservar impiedosamente estúpida não cedendo um passo, sequer, ao seu leal amante que, com apreciavel coraj:m lhe disputa o campeonato glorioso do disparate.

A', o amante, o tenebrozo e fatal amante de D. Alda, é bem digno d'ella; tuberculoso por compleição e mestre-escola por amor, seria realmente um simbolo feliz representativo da mízeria intellectual e fizica do professorado de instrução primaria em Portugal e uma boa piada aos govêrnos deste paiz que tão mal remunerão esses pobres martires das primeiras lêtras.

Mas, creio, não é esta a intenção do autor e o romantico tizico reduz-se afinal a um bandalho safado e pelintração que entra em scena com o fim de implorar ao marido da amazia a cartida d'empenho para voltar ao sanatorio donde foi expulso por insuscetível de cura.

Eis frente a frente os dois amantes no final do primeiro ato.

Eles tinhão-se apaixonado lá na serra; o seu amor tinha nascido entre a aridez das rochas sob as pétalas da néve incessante; as suas cabeças em fébre tinhão-se debruçado sobre os mesmos abismos, os seus olhos tinhão juntos seguido no mesmo sonho o vôo formidavel das mesmas aguias. Ambos desgraçados, tinhão se compreendido e assim, amirão se perdidamente. Mas o pai d'ella desmancha lhes o idillio, não consentindo o cazamento, e na qualidade de director do Sanatorio de tuberculozes expulsa o pobre diabo que elle sabe incuravel tirando-lhe assim ao mesmo tempo a esperança de saúde e a esperança do amor.

D. Alda protesta e jura aceitar o primeiro marido que apareça para se libertar da tutela paterna e poder depois amar mais livremente; assim ella consegue idiotamente arranjar a maneira mais indecente e mais complicada de realizar o seu grande sonho—adiante—elle vae ensinar meninos na leziria para estar proximo d'ella, que depois de cazada lhe entrega o corpo como já lhe entregara a propria alma.

Juntando os Souza Pinto dá nos uma scena sem vigor, e a fráze baça e retórica não resalta com o forte relêvo que dá a paixão; sobre o seu imenso amor este pretenso cazal de loucos lucidos nada nos diz de intenso ou grandioso; de forma que, quando o amante abre uma janêla a mostrar a montanha sújestionadora, o leitor não liga a importancia devida ao simbolo, erguido frouxamente nos braços dum banal numa banalissima frazeolojica de carta de namôro, e não se percebe o terrôr d'essa mulher que só se tem mostrado imbecil e, por consequencia, incapaz de obedecer a influencias de coizas que não compreende, quando ella tapa os olhos no recibo de se perder para sempre, sob o poder ipnotizador da serra altissima, erguendo até ao ceu os seus ombros de pedra e a sua larga sombra imensa e aniquiladora.

(Continua) Carlos Amaro.

Foi nomeado apontador de 2.ª classe das obras publicas deste distrito, o sr. José de Moraes Faria de Carvalho, que veio transferido das obras publicas de Bregança.

O sr. João Ferreira de Queiroz, pároco em Semide, comunicou á policia, que lhe desapareceu uma carteira com alguns documentos e mais de 40.000 réis; ignorando se a perdeu ou lh'a furtaram.

**Rudimentos de agricultura**

POR ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO  
Livro aprovado no ultimo concurso pela Direcção geral d'instrução publica  
Preço pelo correio, 280 réis

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na casa editora LIVRARIA AILLAUD, rua do Ouro, 242-1.ª — Lisboa.

**TEATRO LISBONENSE**

Pela segunda vez, ôntem, fôrão á scena os *Sinos de Corneville*.

Não podem os artistas desta companhia, ainda que queirão, fazer alguma coiza de jeito porque as arruaças na plateia tomão dia a dia maiores proporções, de modo, como já aqui dissémos, a interromper o trabalho scénico.

O espectáculo d'ontem não foi no palco do teatro foi na plateia.

Pediu-se a intervenção da policia para pôr fóra os arruaçeiros; mas esta nada consegue e a cada admoestação dos guardas as arruaças redobrávao de furia.

O sr. commissário de policia deve atender a que a empresa do teatro se prejudica seriamente com as arruaças, pois que daqui á dois dias não pode ali ir ninguem passar um bocado de noite socegradamente. Devia, desde que um piquete de guardas é nomeado para fazer serviço no teatro, mandar lhes cozer as aljibeiras das fardas para ver se se acostumão a fazer o serviço que lhes cumpre, em vez de estarem com as mãos nos bolsos, indifferentes ás chufas dos discolos que ameação em breve tempo pôr tudo aquilo em dezordem. Ontem, pouco faltou.

A policia vai para ali gozar o espectáculo, ou vai fazer o serviço que lhe compete como mantenedora da ordem publica?

E muito especialmente desde que a empresa lhe paga!...

Para que se fez o regulamento dos teatros?!

Providencias, sr. commissário. A manutenção da ordem, em Coimbra, não é só reprimir vivas á republica, é mais alguma coiza.

**TEIXEIRA DE PASCOAES**

**JESUS E PAN**

Preço 400 réis.

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior—Rua das Oliveiras 75—Porto.

O produto deste livro reverterá a favor duma *Assistencia a creanças doentes* que se vae fundar em Amarante.

**CARRIS DE FERRO DE COIMBRA**

**HORARIO PROVIZÓRIO**

DAS Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partida dos carros do largo das Amias

Números dos combolos e destino	Horas da partida
8 (correio, para Lisboa)	12 <sup>h</sup> , 11 <sup>m</sup> n.
15 " " " Porto	3, 3 m.
17 " " " " "	5, 46 "
18 " " " " "	8, 8 "
19 " " " Porto	2, 26 t.
22 " " " Lisboa	3, 36 "
3 " " " " "	5, 37 "
Rapido " " " Lisboa	6, 16 "
4 " " " " "	6, 48 "
54 Rapido " " " Porto	8, 43 n.

**Tabêla de preços**

Largo das Ameias ou Casa do Sal á Rua do Infante D. Augusto—50 réis.  
Largo de D. Carlos ou Gazometro á Rua do Infante D. Augusto—40 réis.  
Largo das Ameias, Caza do Sal ou Rua do Infante D. Augusto ao Mercado—30 réis.  
Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Largo de D. Luis—30 réis.  
Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Mercado—20 réis.  
Estação B dos Caminhos de Ferro ao Largo das Ameias ou Mercado—50 réis.  
Estação B dos Caminhos de Ferro á Rua do Infante D. Augusto—80 réis.  
Estação B dos Caminhos de Ferro á Caza do Sal—20 réis.  
A assinatura para os bilhetes pessoais está aberta pelos preços annuaes de 12000 réis, e 9000 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes ultimos de logares na plataforma dos carros.

**A NUNCIOS**

**COLEGIO LICEU FIGUEIRENSE**

Instituto particular de educação e ensino Figueira da Foz

DIRETOR Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina-se instrução primaria e instrução secundaria (curso dos liceus e curso commercial). Aulas de ginastica e musica. Admittem-se alunos internos, semi-internos e externos. Envia-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao director.

**Canalisações para agua**

Ninguem mande fazer sem vêr os preços da casa

Ladeira & Filho Praça 8 de Maio—Coimbra Orçamentos gratis

**MARIO MACHADO**

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de boca e dentes. Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas. Consultório—Largo da Sé Velha. Preços módicos

**O amigo do povo de Coimbra**

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietario da Padaria Popular, Largo da Freiria, n.º 12 e 13, á rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigencias de todo o consumidor muito particularmente pelo que respeita ao saboroso paladar que em geral resulta da boa qualidade e esmerado acio na manipulação.

Além disso o seu proprietario com actividade e zelo envia os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeiçoados do pais, seguindo o moderno sistema de fabricação empregando sempre a agua filtrada.

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em igiêne e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o annunciante compra de pronto as farinhas. Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento. *Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos freguezes.*

**Grade de Vinhatico**

Vende-se uma com 5<sup>m</sup> de comprimento e 0,80 de altura. Para esclarecimentos Pharmacia Assis—Praça do Comércio.

**CAZA NA SOFIA**

Arrenda-se o 1.º andar da caza na rua da Sofia n.º 56. Tem nove diviões, pateo e canalizações de agua e gás. Para tratar rua da Moeda n.º 107 todos os dias das 4 ás 5 óras da tarde.

**Barbeiro**

Preciza-se de um. Na tipografia deste jornal se dis.

**Tipografos**

Precisam-se dois com abilitações e expeditos, que dêem boas referencias sobre a sua conduta. Dirijir a Pimentel de Matos—Celorico da Beira.

## FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Cerâmica Portuguesa, no Porto, em 1892, com diploma de mérito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustrés, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para casinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

### PREÇOS ECONOMICOS

✦ ✦ ✦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✦ ✦ ✦

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

### LOJA ESPANHOLA

Proprietário José Teixeira

191, Rua Ferreira Borges, 193

Acaba de chegar a esta casa um grande sortido de sedas para vestidos pretos e de cores.

Mantilhas de seda, em diferentes gostos; lenços de seda, dos mais modernos; grande sortido em gravatas de seda ultima novidade de Paris; grande sortido de bordados suíços; Meias de seda, fio d'Escocia e algodão; pingas pretas e de riscas, para ómém e criança; espartilhos de todas as qualidades; grande sortido de rendas valencianas, tule, de seda e de linho; suspensórios para ómém e criança; cortinados e bambinêlas das mais modernas em diferentes gostos; saias e camisas; bordados para senhoras; lenços e echarpes de malha; fitas de setim e enfeites para vestidos e outros mais artigos.

O proprietário desta casa previne as ex.<sup>mas</sup> damas e o povo coimbricense que esta casa não traz nenhuns vendedores pelas ruas.

Quem quizer comprar bom e barato venha á Loja Espanhola.

### CASA MEMORIA

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—Memoria. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tentas outras que por ahí se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

### Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francezes que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

## ✦ ✦ ✦ ACYTIENE ✦ ✦ ✦

Carbureto de calcio francez, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 10.000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por óra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

■■■■■■■■■■

## FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographs Edisson de diferentes preços e tamanhos.

Varida e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançonetes, monologos, etc., nacionaes e estrengeiros que vende pelos preços das principais casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

### CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos—Coimbra.

### RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

### Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

### CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moêda, Coimbra.

### FRIO

Evita se, usando nos aposentos as estufas a petroleo, lenha, carvão e gaz, que vende a casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa, gravatas, luvas, etc.

Pe-de-se ao publico a finêsa de visitar este estabelecimento.

### PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobílias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGRESSE  
ET  
PROGRESSE



Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabela de preços de venda a mindo (1 de julho de 1903)

Marcas	Garrafas de 1 litro	Garrafas de 6		Garrafas de 12	
		1	6	1	12
Tinto GRANADA...	550	120	660	85	900
» CORAL...	600	130	720	90	950
Branco AMBAR...	650	—	—	100	1050
» TOPAZIO...	—	—	—	120	1300

Distribuição gratuita aos domicilios em compras de garrafas ou duzias de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garrafas (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafas levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafas vae o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se dá fatura ao comprador.

## PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados dóces sortidos, para chá e soirées, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas Centros de mesa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucáres com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Courça de Lisboa, 32.

### Modista de Lisboa

CAROLINA VASCONCELOS

Terreiro de San' Antonio, 2-A.º

Executa pelos ultimos figurinos, vestidos, capas, cezaços, fatos para creanças, etc. Prova á franceza.

### IJIÈNE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

### Aos automobilistas

Gazolina para automoveis.

A' venda na casa

Ladeira & Filho

### SILVA & FILHO

Fabrica manual de calçado e tamancos e deposito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

## Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada — Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXEVILLE, nos Vosges (França)

### INDICAÇÕES

Para uso interno: — Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicæes, Catarrho uterino.

Para uso externo: — Em diferentes especies de dermatoses.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.<sup>mo</sup> sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

# REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

Officina tipográfica

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 873

COIMBRA — Domingo, 31 de Janeiro de 1904

9.º ANO

## A REVOLUÇÃO DE 31 DE JANEIRO

... Gloriosa, sublime manhã, a de 31 de Janeiro de 1891, a cidade do Porto bruscamente despertou á demonstração magnífica de que todo o dezanimo era prematuro e de que quaesquer vaticínios da irremediavel desgraça nacional absurdos e falsos se demonstrarão. A guarnição do Porto, de armas ao ombro e aos sons do ino consagrado pela alma popular, vinha tranquila e confiante, na consciencia de bem merecer da patria e da istória, saudando a República portugueza e deixando assim entrevêr o luminoso futuro, orizonte divino, tão depressa escondido pelas barbaras fumaradas das carabinas fratricidas.

Todos os veus se rasgãrão; um santo entusiasmo desbordou em todas as almas; uma alegria vertijinoza incendiou todos os olhos, e, pelas ruas, das janélas das cazas rompeu um grito estridulozo, formidável, vibrando a lagrimas, retinindo de esperanças, junjindo todos os rithmos e todos os timbres os das mulheres, os dos velhos, os das creanças, augusto e temerozo, minás e meigo, como o rujido dum leão familiar, como o ribombo duma tempestade fecundante, como o pavorozo e inefável marulho dum oceano bramidor e paternal: — VIVA O EXERCITO! VIVA A RÉPUBLICA!

(Do Manifesto dos Emigrados Portuguezes.)

### 1891-1904

Palavras de dezalento, palavras de dor, não as sofre esta ora que é de vida e luta. A recordação desse grande protesto contra a monarchia, tão calorozamente perfilhado pela alma nacional, não deve perturbar-nos como a lembrança triste dum fatal successo.

O dobar dos anos trouxe ás calumniozas imputações, lançadas sobre os intuitos generozos dos revolucionarios pelo cortezanesco abjeção dos aúlicos espavoridos, o mais completo desmentido.

Foi grande, oportuna e justa essa revolução. Para ser completa e ter a solidariedade geral, incluída a adesão constricta dos que mais torpemente a infamaram, só lhe faltou triunfar.

Sem a covardia de uns e a negra traição de outros, a REPUBLICA viveria oje em Portugal; e em vez das adulações beixas ao trono em que a inconsciencia sertaneja se dispendeu, incitada pelos mandões dos burgos, teriam vindo então ao novo rejimen e aos seus bravos implantadores aclamações festivas e quentes, de envolta com fogozas acuzações á monarchia extinta...

Volvidos tempos breves sobre o insuccesso, a infamia não ouzava já afrontar a lús da verdade, insuspeitamente confessada e reconhecida pelos mais sãos inimigos dos pelejadores de janeiro.

E a Revolução appareceu então em toda a sua gloria. Compreendeu-se quanto avia nela de lojica e de oportunidade.

E a alma nacional, que o ultimatum britânico abalara num doloroso estremecimento, aclamou-a ainda depois da sua derrota, dando aos vencidos toda uma larga compensação de jeneroza piedade.

Como nascera essa Revolução? Todos o sabem: procedia das desgraças da Patria, que um último e mais violento insulto viera coroar, inflamando todas as almas no mais

santo e ardente protesto que já resou neste país de épicas luctas. A sua lojica e a sua oportunidade derivavam, pois, poderosamente, das circunstancias nacionaes, cuja gravidade vestia as proporções de um iminente e grande perigo.

Conjurar esse perigo, pela eliminação das cauzas que o aviam formado, tal foi o patriótico empenho dos revolucionarios de janeiro, tal a razão dessa tentativa que começaram de realizar saudados com aclamações frementes, aquecidas em todas as almas, vibrando em todos os labios, como uma grande e rubra canção de guerra...

Mas nem por serem vencidos, se obscureceu ou apertou a largueza jeneroza dos seus intuitos: nem deixaram de sêr eroes, nem a sua gloria de fulgurar com um resplendor de apoteóse.

Vencidos, triunfaram amplamente pela grandêza que avultava nos seus desígnios: mortos, vivem ainda na adoração como vida de todos nós, os que andamos a batalhar pelo mesmo ideal a que elles deram a sua vida, num eroico sacrificio.

Não os choremos; recordemos o seu exemplo, recordando o nosso dever.

Oje, distanciados já bastante dessa memoravel jornada, a sua razão de ser avulta ainda mais dominadoramente, chamando todos os espiritos á convicção forte de que é preciso recommear, sem delongas e sem esmorecimentos, a obra que nessa glorioza manhã tão imprevisadamente dezabou...

Aos altos poderes clamaram os seus proprios partidarios, após o malogro da arremetida que estivera a finalizar-lhes o reinado faustozo e imoral, que era preciso inaugurar na administração pública praticas novas e onestas, a fim de parar os descontentamentos sempre crescentes e desviar os perigos cada vez maiores.

Era a Revolução justificada pelos seus proprios inimigos, no depoimento claro e formidavel de

tantos velhos erros e crimes cometidos.

E o país continúa, como então, partilhado na luta desesperada de clientelas vorazes. O sorvedouro largo onde vão despejar-se os últimos recursos da nação, cresceu, alargou-se em incomportáveis exigencias. Em cima, nem moralidade, nem decoro, nem patriotismo: cortezaes, perdularios, corrutos — todas uma raça vil de ignobeis ganhões, disputando-se os fretes do Supremo Poder.

A situação, enfim, agravou-se. As razões dum protesto similar do de 91 multiplicaram-se e mais precisamente se definiram.

A omenagem que a todos nós, republicanos, cumpre prestar aos vencidos de janeiro, é, pois, recommear-lhes a tarefa com tanto ardor delineada e com tamanho entusiasmo principiada a executar-se.

Só assim poderemos invocar a sua memoria, sem remorsos, de cabeça erguida, sentindo-nos mais proximos da sua gloria e mais dignos da nossa grande causa.

Que todos assim o compreendam, e para selar um definitivo pacto de união, rezoluto, forte, grande e belo como o do Convencional, que todos invoquem as desgraças da Patria com o mesmo amor e a mesma fé com que os vencidos de janeiro as invocaram, lançando-se para a salvar nessa luta cheia de eroismo e de nobreza.

A ora é de vida e de luta. A póstos, todos, para o combate, animados do mesmo entusiasmo antigo, ligados todos por um mesmo alto desígnio.

Republicanos! a nossa omenagem aos lutadores de janeiro só pode ser bem digna deles no dia em que pudermos cobrir o monumento que guarda as suas cinzas com a bandeira já vitorioza da REPUBLICA.

Unamo-nos!  
Pela PATRIA!  
Pela REPUBLICA!

### À mocidade das escolas

Por terra a tunica em pedaços,  
Agonizando a patria está.  
Ó Mocidade, oiço os teus passos!...  
Beija-a na frente, ergue-a nos braços,  
Não morrerá!

Com sete lanças os traidores  
A trespassaram, vêde lá...  
Ó Mocidade! unge-lhe as dôres,  
Beija-a nas mãos, cobre-a de flores,  
Não morrerá!

Turba de escravos libertina,  
Nem ouve os gritos que ella dá...  
Pega na espada, arma a clavina,  
Não morrerá!

Já desfalece, já descóra  
Já balbúcia... é morta já...  
Não! Mocidade, sem demora!  
Dá-lhe o teu sangue, ebrio d'aurora;  
Não morrerá!

Rasga o teu peito sem cautela  
Dá-lhe o teu sangue todo, vá!  
Ó Mocidade eroica e bela  
Morre a cantar!... Morre... porque ella  
Reviverá!

1891.

Guerra Junqueiro.

### O REJIMEN

Eis aí sumariados os beneficios das presentes instituições. O governo representativo, sofismado, iludido ou suspenso claramente pela ditadura, quando aprás á prerogativa régia desprender-se dos escrúpulos constitucionais. Na administração as praxes mais viciozas e desmoralizadoras.

Na economia pública, os afrontozos monopolios e os insolentes sindicatos. Nas finanças, a dissipação impenitente dos dinheiros da nação, os impostos oppressivos, os empréstimos intermináveis, os juros absorvendo a maxima parte dos redditos nacionaes, e os banqueiros insaciáveis e sempre mimosos dos governos, celebrando a sumptuoza bacanal dos seus triunfos em redor das pobrissimas arcas do teouro. Na politica internacional a submissão absoluta

a todas as intimações da Inglaterra, a cedencia dos nossos mais preciosos territorios, os descatos cometidos impunemente contra a onra da nossa bandeira.

Poderá, deverá um póvo que preze os seus foros civicos, a sua onra, a sua autonomia, que se empenhe vivamente na sua progressiva civilização, no desenvolvimento dos seus recursos economicos, na defêza e aproveitamento das suas colonias, resignar-se passivamente com o estoicismo da indiferença absoluta, e assistir impassivel á afrontoza decadencia da sua forte nacionalidade? Não será o momento oportuno de invocar toda a sua energia, de atentar nos seus proprios direitos e interesses mais sagrados, de tomar a si a direcção dos negocios, de que pende a sua existencia, como póvo independente e respeitado? Deixará que uma a uma lhe arrebatem as suas possessões ultramarinas, em

nome do principio da expropriação por utilidade universal, e, por uma sequencia necessaria, que venham algum dia a sequestrar a sua mesma nacionalidade, como o povo sem vigor, nem capacidade para a si mesmo se rejeir com independencia e soberania?

Quando uma instituição está em inconciliavel desacordo com as ideias, as aspirações, os costumes dum povo, é porque tem chegado á sua caducidade e é forçoso e inadiavel substituí-la.

Não é a tradição que vence a nova ideia, não é o passado que tem a incandear no seu despotismo irracional o futuro de um país. Um rejimen que não pode assegurar pacificamente a um país a plena satisfação das suas necessidades e a justa reparação dos seus agravos, tem na sua própria essencia a causa da sua impopularidade e a cauza iminente da sua inevitavel destruição.

1890.

Latino Coelho.

## O 31 de Janeiro

Para o meu espirito de libertario a data de 31 de janeiro não desmerece por ser uma tentativa de reparação patriótica. Pelo contrario. Impõe-se-me porque como todo o movimento revolucionario, foi um movimento natural e logicamente progressivo.

Não esitaria mesmo em dar-lhe todo o meu entusiasmo e todo o meu esforço, porque os entusiasmos e os esforços applicados na agitação da revolta produzem e fructificam, ainda que as revoltas se mesloquem.

A Republica que se abria da insurreição de janeiro, como a que sairá da insurreição d'amanhã corresponderia a uma imperiosa exigencia evolutiva, e estava dentro do inevitavel das transições politicas.

Mas afóra estas considerações de logica doutrinaria, o 31 de janeiro é a data mais bela que se inscreve na história da democracia portuguesa, porque representa o mais alto sacrificio que em Portugal se tem feito por ideias.

Nessa manhã, cujo clarão foi uma esperança para tantos oprimidos, a ideia republicana abriu o seu martirologio onde se registam a dedicação, o desinteresse, o esforço, o fervor, de muita alma apaixonada e de muito batalhador aniquilado.

A minha cabeça curva-se de sentimento ante as victimas cujo sangue se escoou nas ruas do Porto, mas a esperança que viveu dentro dos seus peitos, vive dentro do meu e dos omens sinceros da minha geração, tão viva e tão intensa, e do sangue derramado surge poderosamente a inspirar nos e a estimular-nos o exemplo vivificante do seu sacrificio!

João Frollo.

## RECORDANDO

Ao lembrar aquélla sangrenta manhã resoa ainda aos meus ouvidos o clamor vibrante dos valentes que, numa óra generosa vieram, talvez ingenuamente, mas eroicamente sinceros, gritar com audacia, no palleio dos desertados, um brado de justiça.

Sinto ainda aquélla clamor, porque vi centenas de consciencias tranquilas, avançar serenamente para a morte como quem caminha para a vitória; vi, numa esperança de triumpho, muitos corações sonhadores abandonar afetos queridos; ouvi toda aquélla brava multidão entoar, de sorriso nos labios, a alegre canção dos grandes momentos redemptores.

Toda esta santa abnegação, este sacrificio encantador correu sangrentamente pelas pedras das calçadas.

Eu vos bendigo, meus irmãos, vos tivestes, pelo menos, a ousadia da iniciativa. Que o vosso sangue fructifique e produza novas energias e fortes crenças que tragam o triumpho da revolução.

É esta a logica inflexivel das cousas e das ideias.

Vós burguezes pacatos, vós politicos rotineiros que só tendes sentimentos fictícios não compreendeis, não sentis a grandesa destes fatos; só tendes dentro de vós a grande sede do mundo que vos não deixa ouvir os nossos anatemas. Descarçae que, quando a solidariedade dos oprimidos deixar de ser uma palavra vã, a vossa grandesa deixará de ser inexpugnavel e acordarás então ao nosso grande grito de justiça.

Carlos de Mendonça.

## PALAVRAS DUM CRENTE

Bemdito seja o que a lutar morreu,  
Cantando sempre uma canção d'amor,  
D'olhos fitos no rutilo esplendor  
Da lejião dos astros, pelo ceu...

Bemdito seja aquêle que soufreu,  
Intemerato e firme lutador,  
A maior magua, a mais acerba dor,  
Pela Verdade e o Bem que compreendeu

Aquêles que morreram a dizer  
Palavras d'esperança, hão de viver.  
No coração dos bons e sonhadores.

Foram vencidos oje, muito embora,  
Já vem nascendo a luminosa aurora,  
A cuja lús serão os vencedores.

Antonio Gomes da Silva.

## Cartas outorgadas

O regimen politico das Cartas constitucionaes, fundado no amalga ma irracional da soberania do direito divino com a soberania da nação, só podia nascer e sustentar-se pelo sophisma de uma transigencia temporaria entre o Absolutismo e a Revolução. Foi por esta transigencia que se preveteu a obra gloriosa do fim do seculo XVIII, e que o seculo XIX se esgotou na instabilidade politica, sem ter ainda resolvido praticamente o problema social. Os povos fiaram-se nesta obra de ideologos; porem, a pratica de mais de meio seculo descobriu que esse accordo fóra falsificado pelo absolutismo, que encarregado de executar o facto, enco bertou a ditadura monarchica com o parlamentarismo e com os ministerios de resistencia.

Este regimen das cartas outorgadas, que mal se admitiria como transição, empregou todos os meios, capciosos ou violentos, para conservar-se como definitivo, taes como as intervenções armadas do estrangeiro, conseguindo embaraçar todos os progressos e debilitar a nação pela ruina economica, pela degradação dos caracteres individuais, até ao ludibrio da sua autonomia.

O absolutismo implicito na Carta outorgada, está desmascarado, e pelo abuso das ditaduras ministeriaes, as mais absurdas, é incompativel com a nação; a revolução tem constantemente disciplinado as suas aspirações em opiniões convitas, legitimas e scientificas, com o as sintetiza hoje a democracia moderna.

Tal é a razão de ser do Partido Republicano em Portugal e a sua solidariedade internacional com a democracia dos povos latinos.

(Do manifesto do Partido Republicano Português, 1891.)

## Monarquia e republica

São incompativeis a democracia e a monarchia, e são-no fundamentalmente, radicalmente.

É certo que pôde dar-se na história o caso excepcional da Inglaterra. Mas é porque em Inglaterra, não a Bourbon; mas é porque a Inglaterra fés a sua grande revolução de 1640; mas é que em Inglaterra existe de facto, se não de direito, uma Republica. É impossivel a conciliação destes dois principios antiteticos: monarchia e democracia. Um tem por base a erauca, o outro a eleição e a soberania nacional: um é o poder anterior e superior á vontade do povo, o outro é a vontade do povo, feita carne; um é o passado com todo o seu peso morto; o outro é o presente e é o futuro; um é Miltoniano em Querétaro, o outro é Washington no Capitólio; um é a Suíça, é a França, é a America livre e independente, o outro é a Russia, é a Turquia, é a China, é Marrocos e o Dahomé; um é o progresso que avança, o outro é a reacção que tenta resistir; um é em Espanha, a Inquisição, o outro é, na França, a Declaração dos direitos do Homem; um resume-se no tratado de Paris, o outro na emancipação dum mundo; um é o governo dos menos aptos e dos privilegiados, o outro é o governo dos melhores; um é o direito divino dos reis, ainda que atenuado pelo tempo; o outro é o unico sistema comp. tivel com a dignidade umana.

Nicolas Salmeron.

## No tumulto de José Falcão

Os republicanos de Coimbra vão ôje espalhar flores sobre o tumulo de José Falcão. Não é uma comemoração lutuosa para abater almas, é, deve ser uma romagem para retemperar energias e acender entusiasmos.

A memoria de José Falcão, — o omem extraordinario que soube erguer-se acima de todos os desalentos e incarnar no seu corpo fransino e doente-precisamente quando todos desertavam atemorizados e vencidos, a alma sempre moça e forte dum eroe — com vem que a todo o momento a recordemos não já para o chorar, mas para nos impormos á obrigação sagrada de a onrar e enaltecer.

Junto do seu tumulo, pois, á que invocar toda a avassaladora grandeza da sua extraordinaria personalidade, para que a nossa crença se radique mais e mais, pela certeza de que omens assim raramente grandes só por um ideal igualmente grande podiam viver e lutar: á que reacender todo o imenso clarão da sua fé, que tão largo e fundo iluminará e aquecerá as almas que á volta dêle se juntaram para que dêsse clarão ao mero um breve reflexo n'sto toque e revigore, e engrandeça: á que recordar, nos seus grandes traços luminosos, a obra imensa e fecundissima a cuja modelação êle se votára, fértil e ten z. num desperdicio gigantesco de energias que depressa avia de o postar, para que compreendamos que a melhor homenagem, prestar á sua iluminada memoria será reconstruir e completar essa obra que a morte paralizou, e de que o tempo, com as suas brutaes inclemencias, derriu os poderosos alicerces.

Realiza-se essa singela homenagem dos republicanos de Coimbra no dia comemorativo da mais gloriosa data inscrita nos fastos do republicanismo português. E é de oportunidade filigrantissima juntar á invocação da sua jornada eroica o nome purissimo de José Falcão, pelo motivo isto dêssa exemplar coragem civica nessa critica óra revelada.

Quando todos se recolhiam, tímidos, vencidos, pesarosos, pavidos de covardia, tremulos de desalento, com a visão dum cataclismo final deante dos olhos, êle compreendeu e afirmou na sua prodigiosa e fructificante obra de organização que em frente duma derrota os verdadeiros omens, os verdadeiros crentes só tem uma solução: — recomeçar.

Assim pensou, assim procedeu. A fé civica transfigurou o, multiplicou-lhe as forças minguadas: o pensador austero e recolhido transformou-se no propagandista entusiasta, conciliador, cativante, que por toda a parte deixava a marca relevante dos seus esforços vingados: o santo fez-se guerrilheiro, lutou, viveu intensamente e foi essa vida de permanente agitação que o consumiu, quando já a sua obra se alargava vitoriosa, e uma nova, opulenta seara de combatentes afluía para a deciziva e vingadora campanha.

Que o seu exemplo grandioso de energia e de crença nos anime, e torne onestos e fortes nos lance de novo na luta abrazadora e compensante.

É este o proposito que todos os republicanos devem trazer de junto do tumulo de José Falcão—ao recordar a sua extraordinaria figura e a sua obra extraordinaria.

## PROPOSTAS DA FAZENDA

### Manifestação em Coimbra

Jeneraliza-se o protesto contra as propostas da fazenda. No Porto e Lisboa o comercio afirmou já disposições energicas de epozição ao plano fazendario, moldado nas velhas praticas rotineiras que a um continuo agravamento se dirijem.

É intoleravel a exigencia de novos sacrificios, que lonje de se tornarem reprodutivos de qualquer utilidade só servirão para prolongar a bambuchata do poder, e assim o vai compreendendo o país, que se dispõe com enjeria á defeza da sua fazenda já tão defraudada.

Uma grande comissão de membros do Centro Commercial do Porto foi a Lisboa apresentar uma representação contra as propostas fazendarias, recebendo durante a viagem a adexão do comercio de varias localidades.

O commercio de Coimbra acorreu, com larga maioria, á Estação Velha, a saudar os comissionados do Porto, afirmando a sua adexão completa ao protesto intentado.

Trocaram-se saudeções calorosas, erguendo-se vivas ao commercio, á patria, etc., etc., que tiveram vibrante correspondencia.

### Dr. Bernardino Machado

Foi imponente e altamente significativa a recepção feita em Lisboa ao sr. dr. Bernardino Machado.

Porque nos não sobeje tempo e espaço, limitamo-nos transcrição do seguinte informaçao telegrafica do diário portuense *O Primeiro de Janeiro*.

Chegou o sr. conselheiro Bernardino Machado, sendo esperado na «gare» do Rocio e nas imediações por cerca de tres mil pessoas. Houve muitos vivas e palmas. O recem chegado foi para a «Avenida Palace» e veiu á janella agradecer a manifestação popular. Repetição-se vivas, dispersando depois a multidão em boa ordem.

O sr. major Dias dirijiu o serviço da policia que se portou bem.

A manifestação foi muito mais imponente do que a feita ao sr. conselheiro João Franco.

## Na inauguração da 1.ª filial da Liga de propaganda contra o tabaco e alcoolismo

Entre a verdade e o erro, — o bem e o mal — á quasi sempre uma distancia minima; o que fica lonje e muito lonje é o crime e o arrependimento.

Á omens que adormecem virtuosos e acordam facinoras; o que é rarissimo

## No 4.º Aniversario da Escola Gratuita 31 de Janeiro

### O ESTUDO ÁS CRIANÇAS

O Estudo é flôr luminosa  
Cheia de graça e de encantos,  
Tem primôres tantos, tantos,  
Que nem os sonhou Jezus!  
Tem não sei que poder mago  
Com que immortaliza um nome,  
E dá pão a quem tem fome,  
Agazalha os pobres nus.

Mas, a par de atrações mil,  
A par de dôces carinhos,  
Tambem êle tem espinhos  
Agudos como um punhal!  
Ah! mas—parece impossivel!—  
Esses espinhos de amôres  
Não são como os doutras flôres,  
Nunca êles fizeram mal.

Janeiro, 1904.

é achar-se um facinora, ôje com tôdas as perversidades no coração, e amanhã já em lagrimas, dispôsto a caminhar ao sacrificio, em nome do Bem e da Verdade.

Eu creio que isto é absolutamente certo. Di lo a experiencia de cada um de nós. E é porque tôdos nisto acham verdade, que se fundou nesta cidade, uma liga de propagnnde, tendente a purificar os costumes e conservar os caracteres.

O que queremos nós, fundando-a? Simplesmente isto: abrir distancia entre a verdade e o erro, e aproximar esses dois fatôres, tão distantes sempre: o crime do arrependimento.

E como se fará êste milagre? Simplesmente tambem? A! não: aqui temos de nos armar até aos dentes, temos de saltar muros e levantar barricadas. Não se brinca com os maus costumes: é preciso leva los á má cara — por ameaças, podendo ser, aos empurrões se fór preciso.

Á uns versos que dizem:

«Prostra-se o eroe, mas não se prostra o crente  
Vence-se o universo, nunca uma paixão!»

É isto: tenacidade em tudo o que desce ao coração e li encontra um lugar vago para o ajitar e comover. E todavia quem á de dizer que isto é assim? Se a experiencia o não dissesse eu tambem não acreditaria.

Ás vêzes as pequenas coisas é que nos subjugam: os seres pequênos são os que nos movem maior guerra.

Depois somos assim: rezistimos a uma tempestade e cimos numa teia de aranha!

Assim por exemplo: somos capazes de arrostar com o desprezo de tôdos, a opzição de tôdos, e sucumbimos perante o bocado de metal que centa no bolso do vizinho.

Mudamos o curso a um mar? pois sim, mas que vale se em seguida somos dominados por um pouco de tabaco que arde na ponta de um cachimbo!

Mas que poderemos nós fazer para obstar a isso? Inenso — tudo. Está nas nossas mãos o futuro da humanidade. Podemos talha-la a nosso bel-prazer. Como? Por intermedio de nossos filhos. Est. mos em pleno dia, mas em marcha para o desconhecido.

«C'est ici le combats des jours et des nuits!»

É aqui a luta entre a escuridão e a luz radiante, entre a iniquidade de ôje e a justiça de amanhã.

Podemos, por isso, vencer á discricção. Só resta começar — abrir caminho. Mas vêde lá bem — é preciso vir comnôco; aliás não tendes coração, aliás não sois dignos do solo que pisais nem da luz que vos banha.

A linguagem de tôdos os povos deus vos um nome: miseraveis!

Porque aquêle que voluntariamente envenena um coração ou desvia um espirito do caminho do Bem, é um amaldiçoado — um assassino.

Isto é simples, isto é claro, meus senhores.

Coimbra, janeiro de 1904.

Tomás da Fonseca.

E, se acaso tomba a flôr,  
Desfeita e sem côr, no chão,  
Pela furia do tufão, tantos,  
Não assim a flôr — Estudo!  
Éla é forte e tem vigôres,  
Como outra qualquer não tem,  
Pois quando a tormenta vem,  
Com flôres, morre tudo.

Só éla qual um eroe,  
Rezoluto no seu pósto,  
Erguendo altivo o seu rôsto,  
Com um olhar arrojado!  
— Por isso, vós, meus meninos,  
Quais alêgres maripozas  
Que sugam o mel ás rozas,  
Bebelhe o nectar doirado!

Mariano Gracias,

# O MONUMENTO A EÇA DE QUEIROZ

Eça de Queiroz, é positivamente um morto intellis... Pouco resfriado ainda o seu corpo nervoso, passearão no em Lisboa, no mais ridiculo e vergonhoso dos funerais; e nos depois er guem lhe um monumento incondigno, numa cerimonia idealmente imbecil.

E esse artista probro que em vida foi temido como um elemento poderoso e destrôador, que com a sua proza vigorosa e linda, talhou os rasgões brilhantes das suas páginas perfectas, na pelle dos seus patricios, nos vicios do seu país; esse eutôr de pena dextra que sabia alfinetar um conselheiro, na sua preciosa coleção de ridiculos, como quem espêta num cartão uma rara borboleta; que teve na vida essa ampla liberdade que se não ouza negar aos que se nota supremamente rijos, por esse mesmo raciocinio que nos fás trepar a uma arvore para deixar mais livre o campo a um sér qualquer que a jente sabe mais forte; foi esse ômem, mirado a distancia, quando vivo, como um leão, que teve, depois de morto, a mesma sorte dum grande senhór das selvas. Emquanto nêta a via aja, todos se encolhião de medrosos; mal que a pena parou, a lejião intimidada, agora livre de sustos, surge a apropriar-se dêle, como um troféu, como coisa sua—sempre Tartarin, voltando óvante do perigo inofensivo da caça a um leão já morto ou a uma pelle empalhada.

Foi o que se deu e o que se vai dando. Eça, enquanto vivo, todos lhe fujião; morto todos lhe acodemolicos como beatas a cata de reliquias. E essa galaria de grotescos, a que êle deu a suprêma gloria de eternamente viverem nos seus livros, como pensamentos bons num keepsake estimado, são esses mesmos que mais pressurozos se mostrão em agora finjar que o adorão, numa ipocrizia de espavento. E' o elemento oficial, burocratico, publico de que Eça sempre riu, com o mais alto dos dens. E' vên nos elencos d'essas fantochadas os nomes inscritos, lá estão todos que êle escarneceu, os Acácios, os Gouvarinhos, os Salcêdes, os Libaninhos, os Souza Netto. Só faltão os preferidos: a distincção de Fradique, o bom senso de Zé Fernandes.

E vem tudo isto a propozito da inauguração do monumento a sua memoria que, em Novembro ultimo, se lhe erijiu no largo do Quintêla, em Lisboa, numa exhibição eterojénea de amizade e pedantismo de snobismo e respeito. Eu deizito com pena de comentar largamente essa manifestação que inaugurou o monumento a um artista elito pela mão burocratica do sr. Intze Ribeiro, um cretino ignorante em tais assuntos, quando avia ali, na sua prezença, comovida e vivia a mão delicada da dilêta espoza que só êla tinha o direito de desvendar ao publico esse blôco branco que, mal ou bem, é um marco da gloria que, vibrante e lejitima, irá erguendo sempre a mais altura, o nome d'esse ômem. E para esse descerrar duma bandeira azul-branca que vingava para uma patria pequena a ôna dum artista imenso, para esse convencional abrir dum pano, nenhuma figura se devia levantar, senão a da viuva de Eça que com a mão que lhe cerrou as palpebras lhe daria enternecida num jêsto amorozo, adejante e branca, o primeiro raio da luz do olhar jeral. O sr. Intze a fazer aquêle ademã foi tão deslocado e inepto como um moço de esquina a quem mandas sem apertar um afogador de brilhantes num côlo de duquesa.

Foi como um hipopótamo esfrangalhando um espelho. E Eça que se livrou em vida da Academia real... do silencio, não escapou na morte ao desgosto de preferirem um conselheiro mirrado á espoza e aos filhos. E a mão que referenda a papelada oficial, foi a mesma que se ergueu, numa ingratição enluvada, para a grandesonfonia da apoteoze a Eça, para essa fagueira carici do seu primeiro dia de estatua.

E passo agora a apreciar desenvolvimento do monumento e se a ser curto e re: umido mas suspeito, prefiro ser enfadonno e longo é para que se me não imputem malquerenças e acintes ou propositos de má lingua, quando me limito a expôr sincera e fundamentamente a minha opinião que estou convencido é tambem a de uma minoria

que não gostou e se calou. Eu respeito muito como trabalhador o nome onesto do sr. Teixeira Lopes que realizou e assignou a obra, tambem não censuro a iniciativa aplaudivel dos seus amigos, ex vencidos da vida que lhe mandarão fazer, mas não posso deixar de discordar d'esse caráter oficial dado á manifestação, assim como não posso dizer todo o bem dezejavel do monumento, que só a pouco, tive o ensejo de vên e largo ensejo foi esse que detidamente e frequentemente me permittiu analisar essa obra.

O monumento a Eça é uma obra inferior como concepção, mesquinha no traçado e apenas correta no relevo que, é claro, aplicado a um modelo mau, não pode ser uma obra d'arte. Isto, de uma obra apenas bem trabalhada, é vulgar e se abrilhantaria uma oficina de canteiro, não lustra um atelier d'artista. E eis o que é a obra do sr. Teixeira Lopes, uma bêta peça de cantaria e um pessimo exemplar de escultura moderna. E escuzado será dizer as diferenças que duma a outra vão: canteirar e esculpir são coisas absolutamente diferentes. A enormes escullores que seriam pessimos canteiros.

O que é um monumento? E' a tradução simbolica de uma ideia jeral: a objectivação plastica dum dado ômem, acontecimento ou obra. Ora para re presenter palpavelmente, para construir materialmente essa ideia jeral Eça de Queiroz (que envolve a obra e o ômem) — não se podia ir buscar outro mais inapto que o sr. Teixeira Lopes, que é o mais falho dos concetores, o mais negativo dos ideoplasticos, que se tem afirmado unicamente um como que parnazião na escultura, sem forças para conceber apenas abil para executar. O sr. Teixeira Lopes não passa, até ôje, dum esmerado santeiro ou dum apreciavel fazedor de jazigos; a sua qualidade primeira e indiscutivel é a mão d'obra, é um plasúfice admiravel, um modelador perfeito, um canteiro jenal, mas por el se fica.

E aqui não á censura, á apenas a delimitação da sua esfera d'arte. A sua arte robe até ao altar, aprás se nos cemiterios, mas nunca, até á data, se elevou ao verdadeiro dominio da escultura que, depois dos primorozos sarcofagos da Renascença, proibidos nos templos pelas imposições regulamentares, após a imensa fauna decorativa de igrejas e nichos, emancipada e com seu dominio proprio, abandonou, como tudo o que progride, o ambiente mesquinho e bento de catedrais e sés e passou para os muzeus mais arejados, para as exposições, para os palacios, galerias, edificios e para a praça publica. Oje um santeiro mesmo jenal não pode entrar na lejião sagrada da grande arte, porque gastando se em objectivar fantasmas, como diria Stinner, constitue se um reje artistico dentro d'essa empedernida renegação á vida, á sciencia, á arte que é toda a relijião. E nas capêlas mortuarias, nos repositados cemiterios, não é tambem, ôje em dia, o logar preferido dos sineros operarios da arte superior.

Eu sei que o sr. Teixeira Lopes tem obras s m esses destinos, mas a Viuva é ainda uma estatua de cemiterio e o seu Cam é apenas uma reminiscencia do Desterrado de Soares do Reis. O sr. Teixeira Lopes, sendo portanto um santeiro na essencia, um canteiro correitissimo na forma, deve encontrar se mal a gosto, na arte dos monumentos. Por isso confia-loa o seu cinzel, dada a certeza de não poder sê-lo á sua imjinação, se foi um favôr d'amigo, foi um pessimo irrespeito a Eça de Queiros.

E o sr. Teixeira Lopes pondo ao serviço de um escritor novissimo a sua imaginativa scanhada de catolico, fês exatamente o que era de esperar: uma coiza irrepresentativa e muda, planeada num sensualismo de frade.

Manoel de Sousa Pinto.

## Adéga regional

Estêve em Coimbra o sr. Batalha Reis que examinou os vinhos da Adéga, tanto os já existentes como os ultimamente adquiridos.

Pelo exame demorado concluiu sua ex.ª que os vinhos erão da melhor qualidade, sobretudo os brancos que são, na verdade, excepcionaes.

Folgamos de poder dar os parabens aos directores da Adéga por nota tão autorizada e opinião tão insuspeita.

## MANIFESTO

O grupo — Pró-Pás, espalhou o seguinte manifesto:

### AO POVO

Se á pais em que mais fundamentalmente se deva odiar o militarismo é Portugal. Povo por natureza agricultor êle sofre a ação corroziva d'esse cancro que lhe rouba ao trabalho dos campos o braço dos mais fortes. Em luta com a peor das situações economicas, com uma divida monstruosa e as colonias quasi empenhadas a Inglaterra, êle que devia retemperar-se das suas dificuldades, numa vida séria e cuidada de trabalho, é nisso embaraçado cruelmente pelo Estado que lhe leva os filhos para a czerna.

Estadistas pompozamente, mais retóricos do que bem intencionados, teem encarado sob varios aspêtos o chamado nosso problema nacional. Todos convêm em que a maior garantia da riqueza publica á de assentar sobre o fomento da sgricultura. Mas a todos esqueceu que o primeiro passo para isso seria libertar os agricultores do tributo de sangue.

Como portuguezes pois, mesmo que não ssiãmos do ponto de vista muito restrito dos interesses do grupo que formamos—somos contra o exercito.

Subindo porém mais alto e olhando a Humanidade cortada pelas guerras, perturbada na sua evolução pelo dominio da força bruta, sômos ainda contra o militarismo, em nome do Bem da Liberdade e da Justiça.

Protesiamos assim a nossa adezão a todo o movimento libertador, ancedo por um futuro em que todos os povos se tratem como irmãos, sem coação, subordinados apenas á Razão e ao Sentimento.

Li boã, 1 de Fevereiro de 1904.

O Grupo «Pró Pás»

As adezões devem ser enviadas até ao dia 5 do corrente para as redacções de A Obra, Lisboa, e do Despertar, Porto.

## Teatro Lisbonense

Oje a representação da zarzuéla em 3 atos, O testamento aquil.

## CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

### HORÁRIO PROVIZÓRIO DAS

Carreiras entrê o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Pa tidã dos carros do largo das Ameias

Números dos combolos e destino	Horas da partida
8 (correio para Lisboa)	12 <sup>h</sup> , 11 <sup>m</sup> n.
15 » » Porto	3, 3 m.
17 » » »	5, 46 »
18 » » »	8, 8 »
19 » » Porto	2, 26 t.
22 » Lisboa	3, 36 »
3 » » Porto	5, 37 »
Rapido » Lisboa	6, 10 »
4 » » »	6, 48 »
54 Rapido » Porto	8, 43 n.

### Tabêla de preços

Largo das Ameias ou Casa do Sal á Rua do Infante D. Augusto — 50 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro á Rua do Infante D. Augusto — 40 réis.

Largo das Ameias, Caza do Sal ou Rua do Infante D. Augusto ao Mercado — 30 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Largo de D. Luis — 30 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Mercado — 20 réis.

Estação B dos Caminhos de Ferro ao Largo das Ameias ou Mercado — 50 réis.

Estação B dos Caminhos de Ferro á Rua do Infante D. Augusto — 80 réis.

Estação B dos Caminhos de Ferro á Caza do Sal — 20 réis.

A assinatura para os bilhetes pessoais está aberta pelos preços annuaes de 12000 réis, e 9000 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes ultimos de logares na plataforma dos carros.

## ANUNCIOS

### COMARCA DE COIMBRA

Anuncio para arrematação

(1.ª publicação)

No dia 21 de fevereiro, proximo, pelas 11 óras da manhã, á porta do tribunal judicial dêsta comarca, por força duns autos civeis de carta precatoria vinda da comarca de Montemor-o-Velho, extrahida duns autos civeis de execução ipotecaria, em que são exequentes Antonio Bernardo Ferreira, D. Maria d'Assunção Ferreira, condessa d'Azambuja com seu marido o conde do mesmo titulo e executada D. Maria Eduarda de Seabra Couceiro de Freitas, viuva, de Formozelha, vaé á praça e será entregue a quem maior lance oferecer, sobre o valor da sua avaliação, o seguinte predio penhorado á referida executada, a saber:

#### Predio:

Uma morada de casas sitas na rua de Joaquim Antonio d'Aguiar, antiga rua do Correio, freguezia de S. Cristovão, com os n.ºs de policia 73 e 75; foram avaliados e vão á praça na quantia de 450000 réis.

E são citados para a arrematação quaesquer credores incertos.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,  
R. Calisto.

O escrivão,

Arthur de Freitas Campos.

### Tipografos

Precisam se dois com abilitações e expedtos, que dêem boas referencias sobre a sua conduta.

Dirijir a Pimentel de Matos—Celorico da Beira.

### Grade de Vinhatico

Vende-se uma com 5<sup>m</sup> de comprimento e 0,80 de altura.

Para e clarecimentos Pharmacia Assis—Praça do Comércio.

### O amigo do povo de Coimbra

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietário da Padaria Popular, Largo da Freiria, n.ºs 12 e 13, á rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigencias de todo o consumidor muito particularmente pelo que respeita ao saboroso paladar que em geral resulta da boa qualidade e esmerado aceio na manipulação.

Além disso o seu proprietário com atividade e zelo envida os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeiçoados do país, seguindo o moderno sistema de fabricação em pregando sempre a agua filtrada.

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em igiêne e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o anunciante compra de pronto as farinhas.

Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento.

Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos freguezes.

### Canalisações para agua

Ninguem mande fazer sem vên os preços da casa

### Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Orçamentos gratis

### MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

### Preços módicos

## A BON MARCHÉ

Papeis almossos de linho e algodão  
Papeis para cartas de todos os formatos e qualidades

Papeis para carta em bonitas caixas.  
Papeis fantazia para participações de casamento.

Papeis de impressão para jornaes e obras.

Papeis para capas em todas as qualidades.

Papeis em côr para embrulhos delicados.

Papeis para encadernadores.

Papeis para forrar salas, lindos gostos (arte nova.)

Livros em branco e riscados para o comércio.

Livros de estudo e literatura.

Objetos de escritório e dezenho.

Chãs preto e verde, finissimas qualidades.

Encadernações de livros em todos os jêneros.

Carimbos de metal e borracha.

Perfumarias e tabacos nacionaes e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos em todos os jêneros.

Artigos de ceramica para construções.

## CAZA EUROPA

14—Rua dos Gatos—16  
COIMBRA

### Barbeiro

Preciza-se de um. Na tipografia dêste jornal se dis.

## COLEGIO

### LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina se instrução primaria e instrução secundaria (curso dos liceus e curso comercial).

Aulas de ginastica e musica.

Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos.

Enviã-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao dirêtor.

## Papelaria BORGES

COIMBRA

Especialidades mais bem sortidas nesta caza:

Fornecimento para escritório, escolas e dezenho;

Recente fornecimento de todos os necessarios para floristas;

Aparêlhos e todo o material para a Fotografia;

Secção Especial e Extraordinaria

Edições de Lembranças locais: fotografias em collecções e albuns, bilhetes postais e carteiras com vistas de Coimbra; centenares de variedades de vistas, edificios, fantazias em figuras—belêzas, esculturas e quadros dos artistas mais celebres, costumes portuguezes etc. etc.

Pianos Gaveau de Paris: como unico ajente, aqui, vende e toma encomendas nas melhores condições que o comprador pôde encontrar; tem pot afinador e reparador E. Macedo, com quem tem contrato para enviar, mediante pedido. Pedir preços.

Retratos ou fotografia de qualquer coiza: quem precisar de quantidade peça preços e condições; toma encomendas em todos os formatos e o preço é na sua relação, sendo a 30500 cada cento em cartão virita.

Depozito dos Tabacos sem Nicotina fornece com o desconto do depozito jeral em Lisboa.

## Acetilene

Instalações completas. Grande depozito de carboreto de calcio.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio—COIMBRA

## FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Cerâmica Portuguesa, no Porto, em 1885, com diploma de merito e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1894

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construções e para chaminés, tachos para cozinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construção e por

### PREÇOS ECONOMICOS

✦ ✦ ✦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✦ ✦ ✦

39, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

### LOJA ESPANHOLA

Proprietário José Teixeira

191, Rua Ferreira Borges, 193

Acaba de chegar a esta casa um grande sortido de sedas para vestidos pretos e de côres.

Mantilhas de seda, em diferentes gostos; lenços de seda, dos mais modernos; grande sortido em gravatas de seda ultima novidade de Paris; grande sortido de bordados suíços; Meias de seda, fio d'Escócia e algodão; piugas pretas e de riscas, para ômem e criança; espartilhos de todas as qualidades; grande sortido de rendas valencianas, tule, de seda e de linho; suspensórios para ômem e criança; cortinados e bambinêlas das mais modernas em diferentes gostos; saias e camisas; bordados para senhoras; lenços e écharpes de malha; fitas de setim e enfeites para vestidos e outros mais artigos.

O proprietário desta casa previne as ex.<sup>mas</sup> damas e o povo coimbricense que esta casa não traz nenhuns vendedores pelas ruas.

Quem quizer comparar bom e barato venha á Loja Espanhola.

### CASA MEMORIA

DE

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta casa continua a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—Memoria. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bobine central o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

### Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francezes que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

## ✦ ✦ ✦ ACYTIENE ✦ ✦ ✦

Carbureto de calcio francez, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco—Lisboa, 100000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante—100 vellas por bico

GASTO:—5 réis por 6ra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

XXXXXXXXXX

## PHONOGRATOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographs Edison de diferentes preços e tamanhos.

Variedade e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

### CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos—Coimbra.

### RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

### Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Médico pela Universidade de Coimbra

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

### CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moeda, Coimbra.

### FRIO

Evita-se, usando nos aposentos as estufas a petroleo, lenha, carvão e gaz, que vende a casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

### Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e criança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanellas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finêsa de visitar este estabelecimento.

### PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobílias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGREDI  
ET  
PRODESSE



COIMBRA

Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabela de preços de venda a miúdo (1 de julho de 1903)

Marcas	Garrafa de 5 litros	Garrafa de 1 litro		Garrafa de 1/2 litro	
		1	6	1	12
Tinto GRANADA...	550	120	660	85	900
» CORAL...	600	130	720	90	950
Branco AMBAR...	650	—	—	100	1050
» TOPAZIO...	—	—	—	120	1300

Nos preços indicados não vaee incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção.— Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafas vaee o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se dá fatura ao comprador.

## PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados doces sortidos, para chá e soirées, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas Centros de mesa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucars com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Courçá de Lisboa, 32.

CAVALOS MUARES, ETC.; NADA DE FOGO; O LIMENTO VESICANTE — COSTA — cura sem deixar vestigios as esquinencias, sobre-canhas, ovas, esparavões, entorses, manqueiras, fraquês de pernas, etc., deve ser preferido á untura fôte, na pneumonia e todas as doencas que exijam uma vezicação prompta e segura. Frasco 900 réis. A' venda nas principaes terras. Depósitos: Coimbra — Rodrigues da Silva, rua Ferreira Borges, 128. Lisboa — Quintans, rua da Prata, 194. Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto—Moura, Largo de S. Domingos, 99; Deposito geral, farmacia Costa, Sobral de Mont' Agraço.

Modista de Lisboa

CAROLINA VASCONCELOS

Terreiro de San' o Antonio, 2-1.º

Executa pelos ultimos figurinos, vestidos, capas, cazacos, fatos para creanças, etc. Prova á franceza.

IJIÈNE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinos nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

## Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada — Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

### INDICAÇÕES

Para uso interno:— Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.

Para uso externo:— Em diferentes especies de dermatoses.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.<sup>mo</sup> sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

# RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 874

COIMBRA — Quinta-feira, 4 de Fevereiro de 1904

9.º ANO

## Partido republicano

Tiveram uma alta importância e significação as últimas manifestações de Lisboa e Porto, provocadas pela visita do sr. dr. Bernardino Machado.

Ninguém buscou depreciar a grandiosidade que expressivamente as fêz avultar, e só raros procuraram atenuar-lhes a importância da feição política, aventando que a saudar o eminente democrata acorreram em crescida porção os seus muitos amigos pessoais.

Tratando-se, porém, de manifestações essencialmente políticas, o recurso depreciativo logicamente improcede, sendo de resto certo — nós o vimos — que nêssas manifestações os amigos pessoais escassearam.

Essas manifestações marcaram, pois, na vida do partido republicano começo auspicioso de um vigoroso renascimento. Verificou-se a existencia duma grande massa republicana, cheia de energia e de resolução, provou-se a falsa alegação produzida contra a indiferença e o esgotamento do povo, mais uma vez se afirmou, e com assombrosa eloquencia, a plena identificação da alma nacional com as altas aspirações do nosso credo.

Pela sua intelligencia, pelo seu carater, pela sua exuberante bondade, o sr. dr. Bernardino Machado tem em toda a parte amigos devotadissimos; mas incontestavelmente o eminente democrata conquistou em Lisboa e Porto essas ovacões triumphaes por motivo do seu nobilissimo ato politico de franca adesão a Republica. Essas provas de estima e simpatia foram uma homenagem prestada á sua forte integridade moral, foram uma aclamação entusiastica do ideal democratico, tão nobremente personificado pelo seu novo e valoroso apostolo.

Assim, provado que á povo, que esse povo é capaz de ser grande e livre, e que na sua larga maioria está decididamente comnosco, resta que em vês de o arguirmo de indiferença e covardia, não o abandonemos á sua ignorancia e ao seu sofrer, tendo-o sempre a nosso lado, num permanente cuidado dos seus destinos, numa intima solidaria riedade de esforços e provações.

Não está morto o povo: vive, tem, apesar de todas as opressões e miserias, recursos largos de energia, e sente ainda intensamente a vibração generosa dos grandes entusiasmos.

Vamos pois buscal-o para o trabalho ingente e compensante da sua libertação, não o deixemos perder-se no silencio da indiferença dissolvente, mostremos-lhe sempre o nosso interesse pela sua cauza tão justa.

E veremos como elle nos acollherá! E veremos como elle á-de seguir-nos, confiado e forte, na larga caminhada para o Futuro!

Não devemos ficar, perdidos os

ecos das ultimas aclamações, canções e indiferentes, como após um dia de festa. A' muito que trabalhar, e é necessário não quebrar a paciente sequencia dos esforços intentados para a reorganização das forças republicanas. Nada de deslumbramentos pueris, nada de sonhos vãos de vitórias proximas. É preciso que continuemos dispostos a uma luta tenaz e calma, sem precipitações, sem impacencias, com redobrada energia para vencermos desalentos e dificuldades, com muito coração para conciliarmos paixões que porventura ainda esbrazeiem, com muita honestidade para contermos as nossas proprias e naturaes disciplinas.

A Republica virá! Quando? Muito breve — se assim é preciso pensar para que nos rejuvenescam entusiasmos e esperanças e o nosso esforço vingue em largos resultados. Muito tarde — se assim é justo pensar para que os nossos trabalhos se não percam numa ofegante precipitação e se disciplinem com a serenidade de quem começa uma obra, que só a gerações remotas será dado admirar, completa e triumphalmente bella.

Não nos cançemos só a altear labaredas fugizes que depressa abatem o seu penacho rubro e fallham, mas alimentemo sempre, sempre, o brazido da nossa fé, para que elle valentemente minando, purificando lentamente.

Deante das afirmações poderosas de vitalidade do povo republicano não á lugar a desalentos. Esse povo será fraco, se fracos mostrarem aquêles a quem cabe dirigi-lo.

O exemplo dê-tas regulará a sua attitude. Se elle parar e emudecer é porque prim iro pararam e emuleceram os que tinham o dever de ir na vanguarda, a marcar-lhe o caminho e a gritar-lhe a palavra dôrdem. A sua covardia, se a houver, será o reflexo e o produto da covardia dos que o comandarem. Enfim, elle tem a aspiração sagrada da liberdade e da justiça; mostremos-lhes todos que uma egual aspiração nos pressue, e ensinemos-lhe com o nosso exemplo como que aspiração á-de realizar-se.

Venham, pois, para a luta todos os republicanos cujo prestigio tem o valor alto dum forte e timulo. O povo republicano chama-os, não recorda nem injustiças nem erros passados, não têm nos labios senão saudações ferventes, não trãs no coração outra couza que não seja uma grande e alvorçada alegria.

Não acusa ninguém, não regeita ninguém, a todos sauda com a mesma alma franca e grande, a todos acolhe com o mesmo entusiasmo e a mesma fé.

E não pede prodigios e milagres, mas apenas esta couza simples: que se dêm todos, lealmente, efusivamente as suas mãos.

Vamos, façamos todos por que seja tanto quanto possivel justa a

alta ideia com que elle, o bom povo, nos consagra. Todos temos uma tarefa, nada do que fizermos será inutil, tudo á de fructificar com o tempo. Unamo nos e trabalhemos, sem violencias que chamem a represalia a inutilizar-nos, mas sem exagerados receios que por igual nos tornem inuteis.

Serenamente, mas bravamente, mas convitantemente, com a confiança animadora de que é certo o triumpho, para nós, para os nossos filhos, para a nossa patria.

## No 31 de Janeiro

O partido republicano adotou este ano o dia comemorativo da insurreição de Janeiro para uma piedosa rememoração dos seus mortos queridos.

Em Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Figueira, os republicanos foram cobrir de flores os tumulos dos seus correligionarios, e recordar em palavras sentidas, a sua vida gasta numa luta porfiada e nobre por um alto ideal de verdade e de justiça.

Bella omenajem essa, que trouxe ao nosso espirito a lembrança fortificante desse passado que é preciso fazer reviver, na sua grande fé transfiguradora e nas suas grandes energias combatentes!

Da terra que guarda os nossos mortos, e onde no ultimo domingo fomos espalhar flores e gritar palavras de alento, alguma coisa ascendeu até nós, como que uma labareda ardente que nos engrandecesse e avigorasse a alma, purificando-a de todas as fraquezas e de todos os egoismos para a comunhão sagrada duma nova fé.

Junto do tumulo florido de Jozé Falcão, em Santo Antonio dos Olivais, isto experimentamos. Passou deante dos nossos olhos a sua grande figura illuminada, como que vimos moverem-se os seus labios a dizerem-nos um surto animoso: fixou-se no nosso espirito toda essa quadra da sua vida de apostolo e guerrilheiro, quando a sua fe obrava prodigios e juntava á sua volta uma legião insu missa de bravos rapazes: e o exemplo da sua vida, e a lembrança da sua obra, e o reconhecimento de quanto elle foi grande e forte, apaixonou-nos e convenceu-nos de que é preciso recordar sempre a memoria dos lutadores como elle foi, para nos darmos alento e enchermos de esperanças.

A nossa fé peregrinou no ultimo domingo até junto dos covais de tantos camaradas mortos. E sem cuido que do silencio recolhido dos cemiterios que visitamos, todos nós trouxemos na alma um mais forte rumor de vida — energias a renascer, esperanças a dezabrochar, o esbrazeiar crepitante de novos entusiasmos...

Oxalá! Oxalá!

E este ano foi mais larga a romagem ao tumulo dos soldados da Republica. No Porto foi desbordante a concurrencia junto do monumento dos Vencidos, em Lisboa o tumulo de Elias Garcia recebeu a visita de milhares de pessoas.

E em Braga, Coimbra e Figueira a mesma devoção levou até junto dos covais dos republicanos afluencia larga.

Em Coimbra, o tumulo de Jozé Falcão foi visitado por crescida concurrencia de republicanos e profundamente coberto de flores. Por volta das quatro horas da tarde reuniram-se no cemiterio dos Olivais todas as comissões parciais, sendo pronunciados varios discursos que o academico Campos Lima iniciou, prestando, como libertario, uma omenajem eloquente ao generoso e audaz defensor da Comuna de Paris.

Enaltecendo a memoria do grande chefe republicano, falarão ainda os srs. Pereira Junior, Luis Cardoso, dr. Manuel Firmino da Costa, Adriano do Nascimento e Manuel Antonio da Costa.

A *Tos Publica* fêz-se representar por Pereira Junior, os republicanos de Abrantes pelo dr. Manuel Costa, e os de Cantanhede pelo sr. Manuel Antonio da Costa.

Dentro do cemiterio exhibiu-se um ridiculo aparato policial.

Os senhores assustadiços da Ordem supozêrão que nós faríamos resuscitar os mortos e armar os para a Revolução. Grotescos!

## UMA FESTA REPUBLICANA

Na Escola 31 de Janeiro

A ideia republicana teve no ultimo domingo consagração larga e significativa. Anunciou-se um poderoso renascimento nas nossas fileiras, a grande população democratica resurtiu, acredita, para uma nova vida de luta e de esperanças.

A festa comemorativa da Escola 31 de Janeiro, fundada por estudantes e sustentada pelo esforço invulgarmente tenaz e generoso de Luis Derouet e outros auxiliares dedicados, teve uma alta importancia, pela concurrencia dos elementos que nela tomáráo parte e que de longe lhe mandáráo a sua adeção calorosa.

Prezidiu á sessão solene o nosso eminente correligionario dr. Bernardino Machado que a assembleia aclamou entusiasticamente, saudando depois os vultos de mais destaque no partido, os pejeadores da velha guarda, a patria, etc., etc.

Uzárão da palavra, com brilho e veemencia, erguendo o auditorio em continuas ovacões, os nossos illustres correligionarios dr. Manuel d'Arriaga, Efidoro Salgado, dr. M. galhães Lima, França Borjes, dr. João Gonçalves, dr. João de Menezes, Teixeira de Queiroz (Bento Moreno) dr. Teixeira de Carvalho e dr. Bernardino Machado.

Existáráo todos a obra da Escola, como um grande auxiliar do progresso democratico, e unanimes afirmáráo a sua aspiração num forte renascimento do partido republicano para um triumpho breve.

Mandáráo a sua adeção á simpática festa os srs. Bazilio Têles, Julio de Mat s, Azevedo Albuquerque, Nunes da Ponte, Afonso Costa, Alexandre Braga, Consigliêri Pedrozo, Emidio Garcia, Miguel Bomberda, P. ulo Falcão, Guerra Junqueiro, Ijino de Souza, Afonso de Lemos, Xavier Esteves, Eduardo Abreu, Jozé Sampayo (Bruno), Jozé Caldas, etc., etc., nomes que a assembleia freneticamente vitoriou, como significando o seu ardente desejo de ver essa pleiade luzida de democratas entrar na vida ativa do nosso partido.

Foi uma festa brilhante e altamente significativa, que reuniu numa bella fraternização os nomes mais amados da democracia portugueza.

A Luiz Derouet, a todos os seus generosos auxiliares, o nosso parabem mais cordial.

## «A Razão»

E' o titulo de mais um jornal democratico que começou a publicar-se na Figueira da Foz e que se apresenta corretamente redijido.

Ao novo companheiro de luta, as nossas saudações.

Entrou no seu 22.º ano de publicação o nosso illustre colega *Povo de Aveiro*, semanario republicano, vigoroso e brilhantemente redijido.

Ao nosso prezado colega felicitações cordiais com o desejo de larga vida.

## UM OMEM

MEU CARO MADUREIRA:

Li o teu artigo no *Mundo*, e adivinhei logo como tu querias que eu te agradecesse.

Por isso o transcrevo ôje, dando-lhe o encanto novo da ortografia da *Resistencia*.

O que tu querias era que tua mãe o lêsse, para que soubesse que continuamos a ser amigos, por isso lhe dar uma alegria grande.

Como tua mãe não sabe mesmo que o *Mundo* existe, transcrevo ôje o teu artigo na *Resistencia*.

Mentiria se dissesse que não fiquei contente ao lê-lo, sózinho, de porta fechada, no meu quarto de otel, no egoismo ferôs com que em criança me izolava para lêr á vontade os jornaes alegres que mandava vir de França.

Fiquei contente, porque o teu artigo respirava saúde, entusiasmo por me vêres a lutar por uma cauza nobre, vibrava de toda a nossa velha amizade e ria de muita mocidade.

Falas de mim, ôje, com o entusiasmo que tinhas em nôvo, quando era facil fazer-me admirar pela tua inexperiencia de rapas, de escritor em começo; escrever, como antigamente, como se só o teu coração generoso e bom tivesse descoberto, o que eu encubro sôb a apparencia de uma vida futil de alegria descobida.

Por isso me deixou contente o artigo, que preparáras á tração com o França Borjes, esse outro rapás que é bem diferente do que o fazem supôr os seus artigos d' *O Mundo*, coração simples e bom, generoso e apaixonado, e tão amigo de vós todos, que quando eu de vos lhe disse o mal, que costume, quizi me censurou dizendo, numa recriminação doce, que vocês mostráráo por mim a maior adoração.

Se elle soubesse o que eu vos digo ás vêzes a vocês mesmo...

Quando acabei de lêr o teu artigo, sei para a rua, mas voltei depressa para o otel. Parecia-me que toda a gente olhava para mim, e comeci a tirar o chapêu a tôto e a direito, como gloria nacional, muito admirada.

De repente fiquei sobresaltado por me imaginar já em monumento, num bello marmore do Teixeira Lopes, á sombra duma bananeira — o *pendant* do monumento do Eça, — outra pouca vergonha.

Voltei para casa, fis as malas e fuji no rapido.

Desculpa a graça que já tardava, e para te mostrar a alegria que o teu artigo me poderia dar, fica sabendo que minha irmã, quando eu lhe disse que o teu artigo era sincero mas exajerado, e cheio de inexatidões, me respondeu: Não tem duvida, mas trãs tambem muita coisa que é verdadeira...

Referia-se ao que custa a descobrir em mim, o que só vê a vossa amizade e o seu amor de irmã.

Um abraço ao França Borjes e vem por cá depressa.

Quando aqui cheguei, Coimbra estava alagada de agoa, branca de leite

ao luar embaciado pela chuva, como uma noiva triste.

Vem. Isto agora não tarda a cobrir-se de flores; de vés em quando passa um vento quente e perfumado, que dezaparece rapido, como o eco de uma muzica distante.

Sente-se que vem em marcha a Primavera.

Vi já, no ninho agazalhado dum vale pequenino, uma arvore com flores. Estão a começar novenas e romarias; vem vêr tua mãe, santa de grandes milagres, que tem sempre remédio para as tuas penas.

Vem: éla tem um abraço meu para te dar.

Am.<sup>o</sup> Certo

Quim.

Na bela festa festa de cordealidade democratica, com que, no domingo, a a população republicana, pela palavras de chefes de todas as nuances e pelo concurso de ómens de todos os temperamentos e de todas as classes, memorou uma data planjente de lagrimas de luto e de sangue, consagrando, na apoteoze duma escola, um futuro de esperança, de pacificação e de amor, destacou, pela eloquencia toda intelectual e emotiva do seu verbo, pela bondozia simplicidade da sua figura, insinuante e calma, o dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, que, sendo um dos mais brilhantes espiritos da nossa terra venerado pela elite artistica e literaria do nosso tempo, amado pelas ultimas gerações da mocidade universitaria, estremecido por todos que em Coimbra teem um coração para sentir, ou na Vida teem tido uma dôr para mitigar, — era, para o publico que enchia a sala da Associação dos Lojistas, para a grande massa do Partido Republicano, um desconhecido e um ignorado.

A gente vê caras e não vê corações e anda tão farta de suprêzas tristes, tão dezludida de ómens e de coisas, tão cansada, nesta maldada republica portuguesa, de erguer as nuvens e saudar em ovoções Messias que liquidão em Judas, Cezares que se desfazem em João Fernandes, que, embora o arrebatado entusiasmo com que todos saíramos a instinta simpatia que o sr. Teixeira de Carvalho inspirou aos que não o conhecendo, virão, apenas êle assomou ao estrado, que estava ali alguem que a todos sobrelevava pela acuidade penetrante do seu espirito, pela convicção arregada da sua fé e pela audacia jeneroza do seu peito; embora a ovação fremente com que todos o glorificamos ao terminar o seu discurso me chegasse a convencer de que todos os que ali nos apinhavamos o conheciamos como eu o conheço — exatamente porque tenho a felicidade de o conhecer melhor que os outros e o venêro como todos o não de venerar quando, como eu, o conhecêrem — sinto a imperioza necessidade de dizer dêle, do seu passado cheio de revoltas e desassombros, da sua alma plena de jenerozidade e altruismos, do seu talento complexo e luminosissimo, quanto do seu passado, da sua alma e do seu talento sei, e que, nimbando-o no meu afêto como um mestre e um irmão, ao meu cerebro o impõe como um ómem que é um ómem, numa época e num meio em que os ómens são apenas es tomagos, em que a humanidade quasi se reduz a um monstruozo aparelho dijestivo.

O Quim Martins — porque Dr. Teixeira de Carvalho é muito arrevezado e sôa falso aos ecos dos corações que no Quim Martins aprendêrão o que é um grande caráter servido por um grande talento, o que é um radiozo espirito aquecido por uma infinita bondade — nasceu de familia nobre, nas asperas serranias de Lamego e veio para Coimbra, num curso brilhante e ruídozo, conquistar os primeiros premios e as mais altas distincções academicas duma formatura em medicina...

As pedras rendilhadas das igrejas e dos conventos que fazem de Coimbra a joia artistica de Portugal, a vida intensivamente revolucionaria que fás de Coimbra o cerebro do pensamento luzitano e o fóco irradiante da revolta nacional, cazárão se tão intimas com o feito original do Quim Martins, com as suas aspirações de independencia, com as suas intransijencias literarias, com a sua boemia inteligente e com o seu amor estético pelas velhas ecizas portuguezas, com o seu temperamento insubmissivo de artista e com o seu espirito indo-

mavel de revoltado, que em Coimbra se deixou ficar, clinicando, dezenhando colécionando, escrevendo, embirrando, muito a sério, com o amarello do seu capelo, irritando o dogmatismo dos doutores com a sua camaradagem com os estudantes, investigando com a paciencia dum beneditino a vida do passado nos pe-fregulhos dos monumentos e nos codices da bibliotéca, dissecando com a pericia dum sábio os misterios da morte, nos eadáveres do teatro anatomico, amando, com os fervôres místicos dum asceta, a arte, a familia e a republica, a trindade santissima da sua religião de artista, de ómem e de cidadão.

Lá ficou e de lá não sei porque, identificado com o meio, Coimbra ôje é um dominio seu, onde pela estranha bondade da sua alma todos lhe prestam a vassalagem do afêto, onde pela inteireza do seu caráter todos lhe rendem omenagens da admiração.

Como medico, tem ôje, numa terra em que á mais medicos do que doentes, uma clinica numeroza e extensa: a dos rapazes, que o adoram como o mais querido dos companheiros, sempre prompto a partilhar das alegrias e das tristezas, o primeiro a aparecer no momento do perigo, o ultimo a retirar na ôra das responsabilidades; a dos pobres, que o veneram como o mais carinhôzo dos amigos, bolsa aberta para acudir a todas misérias, medico de corpos que combate o sofrimento sem olhar á espôrta, cirurjião d'almas que dá o refrigerio do seu afêto sem inquirir as pagas da gratidão.

Como ómem de sciencia, as suas preparações anatomicas que lhe criárão um nome com larga resonancia no Estrangeiro, as suas argumentações cerradas nos concursos da Faculdade que lhe fechárão as portas da cathedra por serem acanhadas as cubajens das aulas para tanto saber e tanta independencia, a sua colaboração em Congressos e os seus trabalhos do Museu, dão lhe, na opinião dos que conhecem o movimento medico portuguez, um logar distinto e inconfundivel na ala dos namorados da medicina coimbrã, onde o velho João Jacinto, mestre dos mestres, estremava o Quim Martins como discipulo amado.

Como artista, a organização do Museu do Instituto — a que êle em vida doou as suas maravilhozas colleções de Ceramica — os seus estudos sobre os monumentos de Coimbra e sobre a Renasceça em Portugal, os seus artigos dispersos de critica, os dezenhos lapidares que d'entre a papelada abracadabrante das suas albeiras caem, de vés em quando, na avara admiração dos que o rodeião, o respeito com que o ouvem os mais altos artistas do nosso tempo e a comunhão de ideais e trabalhos que em Arte — e na politica — o unem a Antonio Augusto Gonçalves — esse e extraordinario e bizarro artista de quem um dia ainda também lhes ei-de falar — fazem do Quim Martins uma das mais raras e complexas, das mais integras e completas individualidades artisticas da nossa terra.

Como escritor, êle que nunca publicou um volume e tem dezenas de volumes dispersos pela imprensa, e dos mais requintados e dos mais finos buriladores da proza portugueza: enamorado das linhas serenas da Grecia, na incizão forte dos seus periodos curtos e simples, êle tradúz como ninguem a B. lêza austera dos elénos na plasticidade ritmica de Anatole France, que, não escrevendo melhor que o Quim Martins, é ôje o primeiro prozador da França.

Como republicano êle que nos vem da escola austera de José Falcão, foi guia e mestre de todas as gerações de rebeldes que, depois da de Antonio José d'Almeida, tem levantado em Coimbra o penhão alivo da Revolta e da insubmissão. Foi sempre, desde o primeiro numero, a alma e o nervo da Resistencia e o que é esse jornal, o que êle vale e o que êle representa no jornalismo republicano, não posso eu dizê-lo, que nêle fás as minhas primeiras armas, que a êle estou prêzo pela saude das minhas primeiras escaramuças, pelos mais vivos e preduráveis afêtos do meu coração. O Quim Martins é a Resistencia e sendo a Resistencia o Quim Martins para que ei de eu dizer-lhes o que êle tem sido, o que êle é e o que êle pôde vir a ser como republicano?

E' um ómem.

Um ómem que nunca desesperou da Republica e de que o Partido Republicano pôde e tem tudo a esperar,

porque é, sobretudo, um ómem de bem, inteligente e de coração de criança em peito de óm: alma de santo em corpo de lutador, tão bondozo e digno, que minha mãe — a santa criatura que na excessividade do seu afêto chora e se afiije sempre que lhe vão dizer que eu ando a escrever nas folhas — vai ter uma grande alegria sabendo que ôje falei aos corações, simples dos que espêrão e dos que confião, ás almas puras dos que sofrem e dos que lutão, ás mãos calejadas dos que trabalhão e dos que suão, — á grande massa anonima do meu partido em que pulsa todo o sangue generoso do meu país — do dr. Teixeira de Carvalho, do nosso Quim Martins, que éla quasi estima como um filho, que éla me ensinou a amar como irmão e a venerar como mestre.

Joaquim Madureira.

Foi prorogado até ao dia 15 do corrente o prazo para o pagamento de contribuintes do estado neste concelho.

## De chapéu na mão...

Informárão as gazetas que o sr. João Franco, mal feito ainda da longa excursão politica por terras do norte, fôra com cortezanesca solicitude cumprimentar as Majestades.

A' de-gostos no partido. A reduzida minoria da jente de boa-fé que segue, por estranho capricho, o mediocre charlatão, esfriou na sua devoção injênua e começa a pensar que sob um consulado re-jenerador-liberal as couzas se passarão tal qual como agora, na fazenda dominante do rotativismo tão invetivado.

Avião lhe dito que o sr. João Franco entraria no Paço de chapéu na cabeça impondo-se a el-rei, em nome da soberania nacional triunfante.

Pam! Achárão bem, decizivo, enérjico.

E afinal o rezoluto estadista, ao recolher da vizjara, ainda mesmo antes de dezafeivelar as malas, vai em presuroza corrida fazer salamaleques ao Paço de espinha dobrada e chapeuzinho na mão!

Pois que imaginávão os candidatos aduladores do odiozo e policiesco ministro de ô? A sua contricção é uma ardiloza mentira. Ele é o mesmo cortezão sem escrupulos, que acalcanhou brutalmente todas as liberdades para engrandecer o poder real e que agora anda a enganar servilmente esse poder para se engrandecer a si.

A deir ao Paço muitas vês... de chapéu na mão. Se um dia o ascender á governança á-de ser um diligente e obsequiozo criado do Paço: dar-lhe á iates, viajens, palacios, erarios confundidos, etc., etc.

Quando o Paço o despedir, sairá ainda de chapéu na mão, ás arrecúas, e continuará a visitá-lo com a mesma umidade de criado antigo.

Ingenuos! Ingenuos!

E em compensação, quem folga com a vizita, quem á-de mesmo incitar o inclito salvador a aproximar-se da Côte, são os velhaques do partido, os transfugas e os camaleões politicos que por lá abundam, os trocaxintas que ruminam sacretas ambições, encobridoras com a capa de aspirações salvadoras.

E como os ingenuos, os de boa-fé, são a luzidissima minoria, pôde o sr. João Franco ir ao Paço quantas vês quizer, que o grôso do partido acha bem e aplaude.

Que diabo! é preciso fazer alguma couza de pratico, que já vai longo o jejum...

## Adéga rejional

Dum brilhante artigo de fundo no *Jornal do Comércio*, transcrevemos as linhas com que o sr. Batalha Reis consagra, com a autoridade do seu nome, á obra da Adeza rejional de entre Douro e Lis, felicitando a direcção pela justiça da palaera de tanto elçio.

**Adegas rejionais — Condições privilegiadas dos vinhos do Minho — Impossibilidade da sua imitação para os conhecedores dos mesmos vinhos — Trabalhos da Adeza Rejional de Braga — Felis tipo de vinho tinto do Minho como representante médio da rejião minhota — Adeza Rejional de Entre Douro e Lis — Excelencia dos vinhos procedentes dessa rejião — Largueza do futuro destino aos trabalhos da Adeza — Fórmula adequada a encontrar o valor real de qualquer vinho.**

Temos em elaboração já duas adegas rejionais das mais importantes, por seguro, que o país poderá ter em vinhos de pasto.

São êlas a de Braga e a de Coimbra.

A de Braga, a que estão confiados os interesses dos proprietarios do Minho tem por esse motivo o monopolio de um jênero de vinhos unico, crêmos, em todo o mundo.

O vinho do Minho, conhecido por vinho verde, deriva de um concurso de circunstancias muito excépcionaes, que accentuão e fixão nêsse vinho, caracteristicos muito proprios e diversos dos que distinguem todos os outros vinhos.

Por isso, este vinho tem um largo consumo e condições de existencia tão particulares, que não pode sofrer imitações para os que o conhecem intimamente.

Falsificação-se os mais primorozos vinhos portuguezes e estrangeiros, e chega-se a lograr fazer aceitar nos mercados êssas falsificações, a ponto de, muitas vezes, serem tidos por suspiços de falsos os verdadeiros representantes dos tipos sofisticados. Mas não só não é facil, como chega até a ser impossivel, o reunir num outro vinho os verdadeiros caracteristicos do bom vinho do Minho.

A muitos que, por não conhecerem os bons vinhos do Minho, desdenhão o uzo dêste vinho, supondo que êle deve ser apenas um vinho fraco, de sabor verdeoço e travoso, que deixa na bôca um tom acerbo e ordinario.

Do mesmo modo acreditão alguns que se obtém vinho similar ao do Minho desde que se plante em qualquer localidade a vinha ao pé das arvores e se deixem trepar pela ramaria dêstas osarmentos das cepas. Erro profundo.

Com esse processo, só se poderá conseguir fabricar um vinho propriamente verde, e dezagradavel, sem fundo de especie alguma, e sem a menor qualidade que possa acreditar o produto.

O vinho do Minho não deve a sua constituição a um suco de uvas verdes. No Minho, como é sabido de muitos, adquirem as uvas uma maturação perfeita, e a originalidade do seu vinho procede, unicamente, do desequilibrio que existe sempre, mais ou menos, entre a riqueza potassica do solo e a inferioridade calorifera do clima. Esta é que é a cauza determinante da originalidade que se encontra nos vinhos da rejião minhota. E é facil provar o que avançamos. Vêmos espalhadas pelo mundo vinicola extensas porções de terreno igual ao do Minho, do mesmo modo que se encontrão muitissimos climas similares. Mas o que não frequente, nem nós sabêmos que exista, é outra rejião vinicola, onde concorra o desequilibrio apontado entre as condições do solo com as do clima.

E' pois, do embate dêsses dois factôres, importantissimos na criação dos elementos primarios do vinho, que resulta o vinho do Minho. Este vinho quando deve ser a sua orijem a condições menos disparatadas do solo para com o clima, realiza por seguro uma maravilha. Nêste cazo é êle leve, fraco saborozo e ligeiramente acidulo, e todas êstas superiores qualidades sobrenadão em um fundo substanciozo, sólido e de mais vulto, do que se poderia esperar de um vinho de 8 graus e meio de força no jeral.

Este fundo, que representa o lado sério e valiozo do vinho do Minho, é

bazeado no seu extrato sêco. E' quasi inacreditavel o que a prova da bôca nos acuz a nêsse vinho e a analize quimica comprova.

Encontramos em vinhos do Minho de 8 e 8 graus e meio de força alcoolica mais materia extrativado que em vinhos de 12 e 13 graus do centro do país.

Ora, o extrato sêco é, como sabem a parte verdadeiramente sólida do vinho que reziste o toda e qualquer evaporação a que o mesmo vinho se sujeite.

Este modo é o arcaboço sobre que assenta toda a composição do vinho e o centro do seu verdadeiro valor intrinseco e real.

Verdade é que as convenções sociais estabelecêrão, á muito, a parte alcoolica como principio que deve valorizar os vinhos, mas nêssa convenção, completamente arbitraria, atende-se unicamente a garantir um lucro positivo e seguro, representado pelo alcool que se pôde obter pela destillação do vinho e despreza-se o valor real do produto que deve assentar no conjunto e abundancia dos elementos materiais e sólidos, que constituem naturalmente o corpo e sabores do mesmo vinho.

Para nós, para todos que se não contentarem com um vinho que simule apenas uma mistura de agua, assucar e alcool, tem mais significação e valor num vinho a maior ou menor porção de extrato sêco que êle contiver do que a quantidade do alcool que êle possa produzir.

E' por isso que têmos os vinhos do Minho em alto conceito, e não nos espanta a enorme procura e o alto preço que este produto tem alcançado.

Provamos á pouco o vinho tinto que a Adeza Rejional de Braga apresenta como tipo da rejião, e nêle encontramos esse fundo saborozo e consoladôr a que nos acabamos de referir.

Como acima dissemos, está já em atividade igualmente, a Adeza Rejional de Entre Douro e Lis, com sede em Coimbra.

Esta adega tem, igualmente um grande e largo futuro diante de si, pelas magnificas massas de vinhos de pasto que se encontrão dentro da área que a rejião ocupa.

Caminhando do Douro para o Lis, topamos logo ao principio com os bellissimos e ricos vinhos que circumdão Lamego, e mais adiante com aquêles que se estendem depois pelas margens do Vouga e do Dão, até ao Mondego, e ao literal, assinalando a sua primazia, em Alvelos, Farminhão, Tãjilde, Cristelo, Vila Meã, Nesprido, Vila Nova de Tazem, Aguiaria, Santar, Nelas, Canas de Senhorim e tantas outras localidades bem conhecidas e apreciadas pela privilegiada melhoria dos seus vinhos de pasto.

Dêste modo, possui a vasta rejião, de que Coimbra é o centro, grandes massas de vinhos de pasto de primeira qualidade e alto valor comercial.

Todos sabem a antiga e merecida fama que goza no Brazil o vinho exportado pela Figueira, e todos sabem, igualmente, que esse vinho é o resultado de lotes bem combinados, onde entrão, principalmente, os vinhos do Dão e da Bairrada.

A Anadia, que sempre ostentou, com brilho proprio, a primazia dos seus vinhos, apparece nos ôje com uma autonomia muito assinalada e propria, a concorrer no mercado com os primeiros vinhos do país.

Os seus vinhos espumozos são, efectivamente, um dos resultados mais felizes que temos obtido, em Portugal, nas imitações no Champagne. São ligeiros, naturalmente aromaticos e agradaveis, e quando são sêcos, são sêco se não traduzem nunca a secura annunciada no rotulo por um sabor simplesmente amargo e enjoativo que se nota em alguns outros.

E', portanto, tão vasta e distinta a região em que falamos neste momento, que não só dá para a fôrta elaboração de uma adega rejional em Coimbra, como se manifesta em muitos outros pontos por iniciativas particulares muito importantes, como por exemplo é, entre outras, a União Vinicola do Dão, com sede em Nelas.

Passando agora uma rápida revista pelos diversos generos de vinhos que se encontram na região de Entre-Douro e Lis, vemos representados nêles todos os mais invejaveis vinhos de consumo dirêto e de lote apropriado para a definitiva organização de vinhos de pasto magnificos, sólidos, saborozos e firmes.

Se compararmos esta região a um extenso teclado de piano, poderemo dizer que éla tem nos seus vinhedo-

notas oenológicas especiaes e unicas com que se poderão fabricar todos os tons de vinhos e obter deles as mais sublimes harmonias expressas e sabores deliciosos e qualidades gratissimas.

Deste modo, com tal material, é de esperar que a Adega Rejional de Coimbra possa bem satisfazer, por completo, a sua missão, organizando com habilidade e escrupulo os tipos de vinho que representem com toda a verdade os dotes requeridos, pela riqueza vinicola tão superior, como variada, que esta rejão possui em grau muito elevado.

E tudo leva a crer na realização do voto feito, porque a direcção da Adega tem sido incansavel nos trabalhos de instalação a que se procede. Um dos directores, o sr. dr. Francisco Costa Lobo, que é lente de astronomia na Universidade e grande proprietario vinicola, é seguramente um dos que mais tem contribuido, com a sua grande actividade e saber, para que os trabalhos progredão e disfarcem e anulem as contrariedades, se armonizem as aspirações de todos e a Adega possa em breve corresponder como deve ao importante fim que tem de realizar.

Deve-se ao dr. Costa Lobo uma fórmula destinada a auxiliar o juizo da prova e valorização dos vinhos.

Não podemos resistir a apresentar aos interessados essa fórmula:

$$P = (200 T + 150 T' + Q) \frac{A}{4:300}$$

Esta fórmula tem por fim achar o valor de um vinho, depois de arbitrado o preço ao tipo normal da rejão.

T = á força alcoolica;  
T' = á quantidade de acido computado em acido tartarico;  
Q exprime o coeficiente de qualidade, baseado no extrato secco, sabor e fruto, etc.;

A t aduz o valor do vinho normal, aprimorado com toda a excellencia de que a rejão seja suscetivel.

Os coeficientes 200 e 150 não são por forma alguma arbitrarios e caprichozos; cada um representa o resultado de considerações perfeitamente regulares e bem observadas.

Os 200 são obtidos supondo que poderá reputar-se por 40 réis o valor do grau alcoolico por cada 20 litros de vinho, quando o preço do vinho fór de 860 o almude. Desta forma, sendo o ectolitro representado por 5 almudes de 20 litros, teremos  $5 \times 40 = 200$ .

O coeficiente 150 — relativo a acídês — é o resultado do seguinte calculo: Admite-se para isso que serão precisas 150 gramas de acido tartarico, á razão de 10000 réis o kilo, para elevar um grau de acídês ao vinho.

Ora, exemplificando o que deixamos dito, temos por exemplo um vinho de 12 de força alcoolica (T) e de acídês total de 6 (T').

Posto isto, resta nos avaliar o vinho, pelo prova de bôca, em relação ao melhor vinho que a rejão possa produzir. E este resultado — quando tenha logar — será designado por 1000 — visto que este numero é o limite superior admitido para a qualidade, por isso que a graduação neste caso vai de zero a 1000 por ectolitro (quantidade a que a fórmula se refere).

Temos, portanto:

$$P = (200 \times 12 + 150 \times 6 + 1000) \frac{A}{4:300}$$

O A representa o valor que se pôde attribuir ao vinho do ano que satisfizer ás condições introduzidas na fórmula.

Admitindo, pois, que esse valor seja de 10000 réis os 20 litros, teremos para o ectolitro 8000 réis.

Portanto:

$$P = (200 \times 12 + 150 \times 6 + 1000) \frac{8:000}{4:300}$$

$$8:000 \div 4:300 = 1,86$$

$$P = (200 \times 12 + 150 \times 6 + 1000) 1,86$$

Significa, pois, que, multiplicando, o quociente 1,86 pelo resultado das operações indicadas no parentesis, obtemos o numero representativo do valor real do vinho que adquirirmos.

Por este intelligente processo, obtém-se a segurança precisa para conferirmos aos vinhos o valor que lhes pertence, e adquirirmos os dados necessarios para sermos escrupulosamente justos para com todas as principaes qualidades dos vinhos que julgamos, e igualmente respeitadores dos interesses dos proprietarios dos mesmos vinhos.

Antonio Batalha Reis.

**PROPOSTAS DE FAZENDA**

**Associação Comercial de Coimbra**

Sub a presidência do sr. Pedro Bandeira, tendo como secretários os srs. António Nunes Correia e Cetano Rocha, reuniu no último sabado a assembleia geral da Associação Commercial desta cidade, que esteve largamente concorrida e animada.

O sr. presidente expôs o fim da reunião, chamando as vistas da assembleia para as propostas de fazenda que se estavam discutindo no parlamento e tinham já provocado uma enérgica opposição por parte da classe commercial de várias localidades. Era, pois, justo que a Associação Commercial de Coimbra dêsse a sua adesão a protesto tão oportuno e justo, representando neste sentido aos poderes publicos.

Aclamada esta proposta, foi nomeada para dar lhe execução uma comissão composta dos srs. Francisco Vilça da Fonseca, Jaime Lobo e Paulo Antunes Ramos que em reunião da última terça feira deram conta do seu mandato.

Ao sr. Oliveira Matos e ministro da fazenda dirijiu o sr. presidente da assembleia geral os seguintes telegramas:

Ex.<sup>ma</sup> sr. Oliveira Matos—deputado da nação—Lisboa.

A Associação Commercial de Coimbra, felicita v. ex.<sup>a</sup> pela sua attitude e pede que proteste junto da camara contra o agravamento dos impostos de qualquer natureza, mes especialmente sobre os 50 % em ouro e reforma da pauta, sem que um inquérito autorize esta ultima.

O país não pôde com mais impostos, precisa de moralidade e economia na administração publica. Breve vae representação.

O presidente da assembleia geral,  
Pedro Bandeira.

A s. ex.<sup>a</sup> o sr. ministro da fazenda.—Lisboa.

A Associação Commercial de Coimbra protesta junto de v. ex.<sup>a</sup> e das camaras legislativas, contra o agravamento dos impostos que resulta das ultimas medidas de fazenda, especialmente os 50 % em ouro e a reforma da pauta, sem que um inquerito ás industrias autorize esta ultima.

O povo não pôde pagar mais impostos: o que precisa é de economias e nelas tem o governo recursos para o equilibrio financeiro da fazenda publica. Segue representação.

O presidente da assembleia geral,  
Pedro Bandeira.

A censura mutilou largamente estes telegramas. Cortou lhe a palavra — *moralidade* — como incurso decerto no vocabulario demagogico que os governos do regimen relegaram ao *index* expurgatorio. Compreende-se. A palavra — *moralidade* — é uma bandeira de opposição para chamar injénuos; alcançado o poder, passa á categoria dos tropos subversivos.

Que *moralidade* é essa que pedem? A dos erarios destrinchados?

Não pode ser — que não convem descontentar o supremo poder.

Tambem a censura não permitiu que se dissesse que o país não pôde pagar mais impostos.

A censura entendeu que isso era uma impudente mentira. O país pôde pagar visto que assim o entende o sr. ministro da fazenda e mais socios da governança.

E em matéria de impostos é infalivel o illustre ministro, ao parecer da censura meticuloza.

Mes, com mais umas horas de atraso o que a censura cortou será na integra conhecido; o que só prova o ridiculo e a esupidês famoza dessa forma de repressão grotesca.

A Tuna Académica projéta, por ocasião do Carnaval, dar saraus na Povoia do Varzim, Vila do Conde, Barcelos e Caminha, partindo de Coimbra no comboio correo do proximo dia 13.

A Filarmónica *Conimbricense* mandou celebrar na igreja de Santa Cruz uma missa em acção de graças pelo felis restabelecimento do sr. Francisco Nazareth, vereador da camara municipal, que á tempo fóra acometido duma pneumonia.

**Jinazio-Club**

A comissão organizadora do novo club de educação fisica tem desenvolvido uma actividade, muito para louvar nos seus trabalhos, encomendando o material e mobiliario necessario e estur dando as condições praticas de dotar Coimbra com uma instalação que iguale ás associações conyêneres do país.

Na bem acreditada empresa desta cidade a *Constructora* de Alvaro Castanheira e Cezar, estão-se construindo aparelhos necessarios para o ensino de ginástica sueca que será dirijido pelo sr. Augusto Martins, cuja competencia é bem conhecida, e que fês disso um estudo especial.

O sr. tenente Alberto Jenes Correia Filho ofereceu-se para ensinar gratuitamente esgrima aos socios do Jinazio Club.

Como se vê, os esforços dos organizadores do novo Club estão sendo coroados do melhor resultado, o que truito nos alegre; porque Coimbra tinha necessidade duma instituição deste jénero.

Brevemente daremos noticia mais circumstanciada dos trabalhos da comissão organizadora, que, em verdade, está sendo digna de todo o elojio e merecedora de todo o aplauzo por os que se interessão pelas aptidões físicas, da nossa raça, infelizmente tão abandonadas á natureza, sem o correctivo e o guia seguro da sciencia e da experiencia.

**Teatro Lisbonense**

No domingo passado assistimos neste teatro á representação da peça — *O Testamento azul* — uma das mais regularmente desempenhadas pelos artistas da empresa.

A peça é boa, cheia de situações comicas, ditos frescos e com alguma musica.

Néla os actores Euzébio, Joaquim Tainha e Jentil interpretarão bem os seus papeis, conseguindo ter sempre a plateia em riso.

Joaquim Tainha, por exemplo, não exajera, representa com naturalidade, sem desconceitos, o que lhe tem valido conquistar a simpatia do publico que tem assistido aos espétaculos desta companhia.

O ator Vidal vinha muito bomzinho, respectivamente a caracterização; parecia-se com um desses retrozeirinhos que si á.

Com peças destas é que a empresa pôde conseguir alguns resultados.

Ainda nesta noite se repetirão na plateia as scenas d'arruaças.

A empresa foi obrigada pelas autoridades a pôr o teatro nas condições exigidas pela lei para segurança do publico.

Esteve o teatro fechado, muito tempo, com prejuizo da empresa, á espera da *restoria*; collocarão-se candieiros de suporte, portas d'abrir para fóra em caso de sinistro, bombeiros no palco, na plateia, policia em abundancia, etc., etc., o que tudo, é claro, achámos justo que se fizesse.

Perguntámos nós agora: exijiu-se dessa jente tudo isso como se fosse um teatro de primeira ou segunda ordem e qual é a razão porque se não cumpre com a lei mantendo a ordem dentro do baticão, cumprindo o regulamento dos teatros nessa parte, e contendo os arruaçeiros dentro dos limites da ordem?!

E' de mais.

A policia judiciaria teve em seu poder, e sob prisão, João Gomes Pinheiro que se dis natural de Albergaria-Velha, por andar passando notas falsas de 20000 réis, que confessou terem lhe sido fornecidas por um espanhol de quem não sabe o nome.

A policia procede a averiguações.

Por virtude das ultimas cheias, vai caudalozo e desbordante o Mondego, tendo já inundado largamente os campos marginaes.

A estrada da Figueira, proximo á Estação, foi desmoronada em grande extensão pela violencia da corrente.

A parte baixa de Santa Clara, o Rocio, e o Choupal estão tambem inundados.

Foi nomeado presidente onorario da Real Associação unanitaria de bombeiros voluntários, o sr. Conde do Ameal.

**Monte-Pio Conimbricense**

**Martins de Carvalho**

**Avizo**

Em harmonia com o disposto no n.º 27.º do art. 34.º dos estatutos, se fás publico que as contas, relatório da direcção e respectivo parecer do conselho fiscal, referentes ao ano de 1903 se achão patentes por 15 dias em casa do secretario na rua do Almojarife n.º 17 a fim de serem examinadas pelos srs. associados.

Coimbra, 2 de fevereiro de 1904.  
O Secretario da Direcção,  
Antonio Ribeiro das Neves Machado.

**EXPEDIENTE**

Aos nossos estimaveis assinantes de Lisboa, Porto, Figueira e outras localidades, pedimos o obsequio de satisfazerem os recibos das suas assinaturas que brevemente lhe ão de ser apresentados pelo correo.

De todos esperamos a fineza de pagarem no ato da apresentação para evitar a dupla despeza e trabalho administrativo que estas devoluções occasionam.

**MANOEL DE SOUSA PINTO**

**A ÚNICA VERDADE**

Drama em 2 atos

Preço 300 réis

Editor — Moura Marques

**ANUNCIOS**

**Companhia de Seguros Reformadora**

A única que em Portugal efectua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas

Correspondentes: Gaito & Canas

**COIMBRA**

**Papelaria BORGES**

**COIMBRA**

Especialidades mais bem sortidas nesta casa:

Fornecimento para escritório, escolas e dezenho;

Recente fornecimento de todos os necessarios para floristas;

Aparéllhos e todo o material para a Fotografia;

Secção Especial e Extraordinaria

Edições de Lembranças locais: fotografias em coléções e albums, bilhetes postais e carteiros com vistas de Coimbra; centenares de variedades de vistas, edificios, fantazias em figuras — belézas, esculpturas e quadros dos artistas mais celebres, costumes portuguezes etc. etc.

Pianos Gaveau de Paris: como unico agente, aqui, vende e toma encomendas nas melhores condições que o comprador pôde encontrar; tem por afinador e reparador E. Macedo, com quem tem contrato para enviar, mediante pedido. Pedir preços.

Retratos ou fotografia de qualquer coisa: quem precisar de quantidade peça preços e condições; toma encomendas em todos os formatos e o preço é na sua relação, sendo a 3000 cada cento em cartão virado.

Depozito dos Tabacos sem Nicotina fornece com o desconto do depozito geral em Lisboa.

**GARANTIA**

Companhia de seguros de fogo com sede no Porto

Fundada em 1853

Capital 1.000.000.000

Esta companhia, das mais antigas e poderozas de Portugal, toma seguros sobre prédios, mobílias e estabelecimentos de qualquer natureza.

Representantes: Gaito & Canas

Mercearia Luizitana — Coimbra

**Canalisações para agua**

Ninguem mande fazer sem vêr os preços da casa

**Ladeira & Filho**

Praça 8 de Maio — Coimbra

Orçamentos gratis

**União Vinicola do Dão**

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes á venda na

**Mercearia LUZITANA**

(Deposito unico em Coimbra)

**MARIO MACHADO**

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

**Preços módicos**

**Fumeiro do Alemtejo**

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é unica revendedora em Coimbra, a *Mercearia Luizitana*.

**Acetilene**

Instalações completas. Grande deposito de carboreto de calcio.

**Ladeira & Filho**

Praça 8 de Maio — COIMBRA

**Queijos da Serra d'Estrela**

QUALIDADE GARANTIDA

**Mercearia LUZITANA**

**COMARCA DE COIMBRA**

Anuncio para arrematação

(2.ª publicação)

No dia 21 de fevereiro, proximo, pelas 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta comarca, por força duns autos civeis de carta precatoria vinda da comarca de Montemor-o-Velho, extrahida duns autos civeis de execução ipotecaria, em que são exequentes Antonio Bernardo Ferreira, D. Maria d'Assunção Ferreira, condessa d'Azambuja com seu marido o conde do mesmo titulo e executada D. Maria Eduarda de Seabra Couceiro de Freitas, viuva, de Formozelha, vae á praça e será entregue a quem maior laço oferecer, sobre o valor da sua avaliação, o seguinte predio penhorado á referida executada, a saber:

**Predio:**

Uma morada de casas sitas na rua de Joaquim Antonio d'Aguiar, antiga rua do Correo, freguezia de S. Cristovão, com o n.º de policia 73 e 75; foram avaliados e vão á praça na quantia de 450000 réis.

E são citados para a arrematação quaesquer credores incertos.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

R. Calisto.

O escrivão,

Arthur de Freitas Campos.

**Topico contra Frieiras**

E' o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que sofrem de tão orrivel mal.

Applica se em fricções durante dois minutos collocando-se depois um pacho d'algodão hydrophilo do mesmo topico por algumas horas.

Preço de cada frasco 300 réis

Vende-se na Farmacia Assis

Praça do Comercio — COIMBRA.

**Barbeiro**

Preciza-se de um. Na tipografia deste jornal se dis.

# FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cozinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

**PREÇOS ECONOMICOS**

♦ ♦ ♦ **Pedro da Silva Pinho Coimbra** ♦ ♦ ♦

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

## LOJA ESPANHOLA

Proprietário José Teixeira

191, Rua Ferreira Borges, 193

Acaba de chegar a esta casa um grande sortido de sedas para vestidos pretos e de cores.

Mantilhas de seda, em diferentes gostos; lenços de seda, dos mais modernos; grande sortido em gravatas de seda última novidade de Paris; grande sortido de bordados suíços; Meias de seda, fio d'Escocia e algodão; piugas pretas e de riscas, para ómem e criança; espartilhos de todas as qualidades; grande sortido de rendas valencianas, tule, de seda e de linho; suspensórios para ómem e criança; cortinados e bambinêlas das mais modernas em diferentes gostos; saias e camisas; bordados para senhoras; lenços e echarpes de malha; fitas de setim e enfeites para vestidos e outros mais artigos.

O proprietário desta casa previne as ex.<sup>tas</sup> damas e o povo coimbricense que esta casa não traz nenhuns vendedores pelas ruas.

Quem quizer comprar bom e barato venha á Loja Espanhola.

## CASA MEMORIA

Santos Betão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—*Memoria*. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memoria* com tantas outras que por ahí se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

### Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francêses que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

## ♦ ♦ ♦ ACYTIENE ♦ ♦ ♦

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco—Lisboa, 102000 réis

Apparellhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante—100 vellas por bico

GASTO:—5 réis por óra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

XXXXXXXXXX

# FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Thonographos Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

## CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares n.ª rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo prédio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos—Coimbra.

## RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes a sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

## Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade da Coimbra

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

## CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moêda, Coimbra.

## FRIO

Evita-se, usando nos aposentos as estufas a petroleo, lenha, carvão e gaz, que vende a casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

## Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flannels e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finêsa de visitar este estabelecimento.

## PROBIDADE

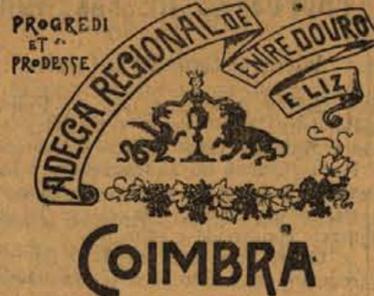
Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio,



Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabela de preços de venda a muido (1 de julho de 1903)

Marcas	Garrafa de 4 e 5 litros	Garrafa bordaleza		Garrafa bordaleza	
		1	6	1	12
Tinto GRANADA...	550	120	660	85	900
» CORAL...	600	130	720	90	950
Branco AMBAR...	650	—	—	100	1050
» TOPAZIO...	—	—	—	120	1300

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

**Prevenção.** — Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se dá fatura ao comprador.

# PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

**Dóces de ovos** dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *sovrês*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

**Dóces de fructa** de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

**Pastelaria** em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castelos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floretas*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

**Pudings Gelados**, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

**Pão de ló** pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

**Amendoas e confeitos** de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

**Conservas** nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

**Deposito** dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Cour ç. de Lisboa, 32.

**CAVALOS** MUARES, ETC.; NADA DE FOGO; O LIMENTO VESICANTE — COSTA — cura sem deixar vestigios as esquinencias, sobre-canãs, ovas, esparavões, entorses, manqueiras, fraquês de pernas, etc., deve ser preferido á untura ló te, na pneumonia e todas as doenças que exijam uma vezicação prompta e segura. Frasco 900 réis. A' venda nas principaes terras. Depositos: Coimbra — Rodrigues da Silva, rua Ferreira Borges, 128. Lisboa — Quintans, rua da Prata, 194; Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto — Moura, Largo de S. Domingos, 99; Deposito geral, farmacia Costa, Sobral de Mont'Agráo.

## Modista de Lisboa

CAROLINA VASCONCELOS

Terreiro de San'õ Antonio, 2-1.º

Executa pelos ultimos figurinos, vestidos, capas, cazacos, fatos para creanças, etc. Prova á francêza.

## IJIÈNE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

## Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

### INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo*, *Gotta*, *Lithiase urica*, *Lithiase biliar*, *Engorgitamentos hepaticos*, *Catarrhos vesicaes*, *Catarrho uterino*.

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses*.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.<sup>mo</sup> sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis  
Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

# REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 RUA DA MOEDA — 14

N.º 875

COIMBRA

Domingo, 7 de Fevereiro de 1904

9.º ANO

## Os apóstolos

O carácter português oferece particularidades muito curiosas, mais fáceis de indicar do que bem definir, e que não pouco concorrem para o embaraço estado de coisas em que o país se lançou. Sobretudo, acima de tudo, esta constante mobilidade das nossas impressões, e este não-se-me-dá, esta inconstância, para melhor dizer, com que nos submetemos todos, e todos obedemos ás impressões do momento.

Se a memória me não traí, era o Doutor Bernardino Machado, antes, durante, e ainda no momento da sua jericia de ministro de Estado, um dos ómens cujas qualidades de inteligência, de capacidade, de energia disciplinada, davão á sua entrada para o Governo a esperança de um futuro aberto de prosperidades administrativas. Mas algum tempo decórre, os ventos mudão, dezenadeia-se a borrasca das oposições, e o ministro é constrangido, pela propria dignidade, a abandonar o seu posto.

Ouvi o dr. Bernardino Machado explicar depois, ao pequeno auditorio de uma das suas conferencias na extinta Liga Liberal, quais as dificuldades desse momento politico; e dessa meia duzia de pessoas que podião comprehendê-lo, as que melhor sabião quanto é grave e profunda e contemplativa a alma do Doutor, quando ella se comprás em sentimentos raros, ternas subtilidades, e constantes pesquisas do que mais alto e mais bello pôde avêr no nosso coração — todo um prazer irrezistível de intima nobreza e habitual delicadeza de sensibilidade — pudêria achar claramente a desconhecida razão da sua derrota politica. Não tranzijindo com a moral dos ómens, nem aceitando como inevitáveis as condições das coisas de que se vira cercado, todo absorvido no grato afago das suas fantasias sentimentais, não pôde apreciar o jogo exterior das forças com que tivera de lutar, e por isso mesmo, e complacientemente, se deixava vencer.

Mas é preciso conhecê-lo, vê-lo, ouvir da sua boca essas palavras que tão singularmente fêrem a sensibilidade do nosso ouvidos, doces e brandas, e contornadas na dicção mais graciosa e mais fina. A bondade e a cortezia atinjem nêle um maximo grau de relijião e de soledade. Depois, a sua palavra possui a incomparavel arte de dourar de poesia os mais vulgares detalhes da nossa vida ordinaria. E toda a sua figura é lirica — deixem-me assim dizê-lo — na cabeça aos pés: a cabeça magra, nervosa, muito bem moldada; os olhos negros, fundos, luminózos; a boca sorridente, e a fronte aberta, nãda e transparente — corpo sem carne, todo musculos e nervos, esbelto, gracioso, e ás vezes, e em certos jéstos, como que alado.

Cada uma das suas conferencias — uma óra precisa da mais amavel

conversa — tem para o seu auditorio que lhe bebe as palavras, um precioso sabôr, sabôr semelhante áquella «ilusão de uma sinfonia de estrelas» que o discipulo de Michelet experimentava sempre ouvindo falar o mestre. E digão lá se não lembrão Michelet estas palavras com que elle terminava a sua conferencia de um destes dias no Salão da Porta do Sol.

Vi nos jornais independentes do Porto que as palavras com que o dr. Bernardino Machado fechou a sua conferencia, como se a fechasse com uma chave de ouro, fôrão abafadas por um grito formidavel de alegria, grito de seis mil peitos ardentes e sedentos de justiça, consoladoramente alagados por um bom orvalho de esperança. Seis mil êrão já muitos de certo, mas não êrão ainda senão uma pequena parcela desta perturbada multidão nacional, ansiosa de fazer guindar ao poder verdadeiros ómens de governo, superiores a todas as vaidades e a todos os egoísmos, unicamente estimulados para o trabalho e para a rezistencia pelo futuro da patria e pelo amor dos filhos.

Nesta luta incessante de tantas mizerias, ofuscado muito embora pela nuvem do pó dos pequeninos ridiculos e das paixões passageiras, o sentimento do lar não deixará de ser a base solida do mundo, a sua consolação. Reservêmos sempre para êles, ainda no meio dos mais intranzijentes prozaismos da epoca um pouco de poesia. Os povos unem-se e coligão-se, de lonje, na Istória, e vibrão por vezes na mesma vibração de dôr, de gloria, de simpatia ou de odio. Mas para que milhões de ómens se estendão as mãos, unifique os musculos e se comprehendão, que terrivel abalo não é preciso dar-se! Ao passo que, de nossas portas a dentro, no refugio sereno do nosso interior, basta que um lamento se oiça, que uma lagrima caia, para que num só se confundão o coração dum pai, um coração materno, o coração dum filho...

O país tem tido agora uma boa oportunidade de apreciar a diferença dos ideais patrióticos que ajitão neste momento os nossos ómens de ação. Dum lado, o grupo daquêles que se identificãrão com o proposito absoluto do mando, seguros de um exito que exclusivamente se funda no governo de opressão e da ordem mantida á ponta da espada. Do lado oposto, a leição dos que pensão que a unica salvação possivel consiste em serenamente intimar os usurpadores do poder a que se dezojem das posições conquistadas, derruir o velho edificio condenado pela infecção secular de tantos males, e de tantas perversões, e sobre alicerces novos de liberdade e de confiança, levantar a escola, fixar o lar fortificar a patria.

Curioso de ver personificados estes dois pensamentos tão diversos, o país aclamou e ouviu — dum lado o Conselheiro João Franco, do outro o Conselheiro Bernardino Machado

ambos conselheiros da Coroa, ambos antigos ministros de Estado.

Do que um e outro dissêrão resultou a condemnação irremissivel de tudo quanto em Portugal tem tido até oje o nome de governo. Ambos dissêrão punhados de verdades. E o país ouviu, ouviu, ouviu.

Depois, quando o sr. João Franco acabou de falar perguntou-lhe: — «Mas, afinal, o que pretendês tu fazer para nos salvar?»

E o sr. Franco expoz todo o seu programa politico.

Voltando-se então para o dr. Bernardino Machado, o país perguntou: — «E tu, que dizes tu?»

Serenamente, «como poderia fazer numa aula de direito publico» o dr. Bernardino Machado disse:

«Que é necessario fazer uma politica de interesses jerais e não de quaisquer individualidades poderozas; uma politica que leve um raio de alegria ao casal dos trabalhadores, emancipando-lhe da rotina o filho por meio da instrução, fixando-lhe no lar domestico a mulher pela protecção ás industrias caseiras, assegurando o futuro da familia contra os asares da invalides, da decrepitude, ou da morte. A verdadeira politica da patria, em suma, uma politica moral, que levante a consciencia publica e faça passar pelas almas uma corrente de fé e de simpatia.»

E o país, sem ezitar um instante entre os dois apóstolos, voltou-se para aquêlê que apenas quizera falar-lhe ao coração.

Alfredo Mesquita

## Almeida Garrét

Prepara-se para oje, pelas 2 horas da tarde, uma sessão publica de omenajem a Almeida Garrét, na sala da Associação dos Artistas.

Estão inscriptos para falar os srs. Jozé Garrét, Limpo de Lacerda, A. Sampaio e Eujenio Pimentel.

A entrada é franca ao publico.

O ultimo numero de *O Ensino* publicou com o titulo de 21 de Janeiro um artigo de Solipa Norte, referindo-se aos acontecimentos de 21 de Janeiro de 1773, que qualifica de acordar tetrico e delirante, baixo e eróico, infamante e sublime.

O artigo está escrito com entuziasmo, numa linguagem vigorosa e viva.

## Mayer Garção

Deve sair, por toda a proxima semana, o annunciado livro deste conhecido escritor e vigorozo Poeta de tão nobres intenções e de um tão puro lirismo.

Na Figueira da Foz vão estabelecer-se conferencias semanais para operarios, que serão ora no Centro Eleitoral Jozé Falcão, ora na Associação de instrução popular.

Terá oje logar a do sr. Adolfo Bergstrom na sede do centro eleitoral Jozé Falcão, subordinada ao tema — O sufrájo.

O centro eleitoral Jozé Falcão resolveu enviar uma mensajem de congratulação ao sr. conselheiro Bernardino Machado.

## 31 de Janeiro

### A sua comemoração na Figueira

A data memoravel de 31 de Janeiro não passou despercebida na Figueira.

Haive um grupo de rapazes cheios de fé, animados duma esperança de melhor futuro para a nossa patria, que, embora modestamente, quizerão celebrar aquêlê dia tão tristemente assinalado nos annos do partido Republicano português.

É uma data que nunca se apagará de todos os corações de patriotas sinceros e que, em vez de os fazer retroceder no caminho em que os guiã uma boja estifada, antes lhes incita mais o dezojo de caminhar... caminhar... porque á muito trabalho a fazer, á muitas contas a saldar...

Foi o «Centro eleitoral Jozé Falcão», já pouco fundado, que fêz naquêlê dia a sua inauguração numa modesta casa da rua das Mercês, ao Vale, tendo para isso ornamentado previamente.

Adornávão as paredes, numa disposição simples, diferentes retratos dos grandes vultos da democracia, não só de Portugal mas ainda do estrangeiro, retratos que sobresaiam entre festões de verdura e flores, trofeus de bandeiras, jornais republicanos, etc.

A 1 hora da tarde foi aberta a sessão inaugural pelo sr. Gustaf Bergstrom, um dos cidadãos que mais tem trabalhado para a organização do Centro.

O sr. Bergstrom, que é um democrata convicto e um jornalista que sempre manjou a pena em prol do ideal republicano, falou por algum tempo a proposito da vantagem que á em se ir mobilizando as forças do partido, razão porque se tornava necessaria na Figueira a existência dum centro eleitoral como aquêlê que se inaugurava naquêlê dia.

Terminada a sessão, dirijiu-se o grupo do Centro aos cemiterios occidental e oriental. Forão, em romajem piedozas, desfolhar flores sobre as campas d'alguns republicanos que ali estão sepultados — Barreto Perdigão, Manuel Antunes Seixas, Ernesto Fernandes Tomás e Adriano Inácio Pinto.

As 2.45 da tarde chegou a esta cidade, vindo de Coimbra, o academico sr. J. Leite Junior, convidado a fazer uma conferencia no teatro Chaler.

Na «gare» da estação era o simpatico propagandista aguardado por muitos membros do Centro.

A conferencia efetuou-se ás 7 horas da tarde, concorrendo ao local centenas de pessoas.

A aprezentação do conferente foi feita pelo sr. Gustaf Bergstrom.

O sr. Leite Junior, dissertou por mais duma óra, demonstrando com clareza a ruina que trás ao país a continuação do rotativismo dos governos monarchicos.

Atacou e escalpelou com energia o programa de doutrinas liberais que ultimamente tem sido espalhado pelo ex ministro João Franco, sendo felis algumas passagens do seu entuziastico discurso, muitas vezes interrompido por jerais aclamações e aplauzos.

Esses aplauzos êrão ainda mais vibrantes quando Leite Junior se referia ao sr. dr. Bernardino Machado, fazendo os mais justos elogios ao caracter impoluto desse cidadão que as classes oprimidas e os ómens livres tanto admirão e respeitão, porque elle só trabalha pela Liberdade e Fraternidade dos seus concidadãos.

Entre as doutrinas que prêga o dr. Bernardino Machado e as que apre-goão os ómens de qualquer outro partido da coroa, nenhum português lhe encontra similhaça.

Ele quer o bem da patria agonizante. Luta, incita todos os portugue-

zes a fazerem um esforço para a salvar, e nas suas ultimas conferencias tem aprezentado teorias que ninguém combatê e que provão a evidencia que essa salvação só a poderã fazer o partido republicano.

Os governos dos outros partidos da monarchia tem dado sobejas provas do que podem e do que valem: esbanjamentos sobre esbanjamentos, empréstimos sobre empréstimos, tributos sobre tributos...

O sr. Leite Junior cita o facto de em todo o país se estar levantando uma enorme campanha contra as novas propostas da Fazenda, que representam uma verdadeira extorsão para o povo.

É justo que todos protestem, porque não se podem pagar mais impostos.

É o povo não vê que todos esses tributos melhoram a sua situação, tão critica como degradante aos olhos dos outros paizes.

Não somos fracos, dis o orador; lutemos com denodo, rezistindo e trabalhando pela conquista dos nossos direitos, ouçamos a palavra dos Mestres, daquêles que nos podem levar pelo caminho da Verdade e da Justiça, e sigamos sempre para a frente!

Congratulou-se o sr. Leite Junior pela fundação do «Centro eleitoral republicano Jozé Falcão», tendo palavras de sentida mágua ao invocar o nome desse grande vulto que tanto enobrecceu a democracia portugueza, e prestou igualmente culto ás desditozas victimas de 31 de Janeiro.

Ao referir-se aos mortos, verberou com violencia o procedimento do governo, que, com o seu «direito da força», tem exercido sobre os republicanos uma perseguição absurda, não permitindo que eles vão fazer as suas manifestações junto das campas.

Essas romajens piedozas ao campo sagrado dos mortos tem sido impedidas por aquêlê que dirijem os negocios do país e que temem, certamente, alguma soblevação... Têm medo... Para a evitar lá vae a policia, essa leição de inconscientes, sempre prontos para exercer o seu papel de... mandadores da ordem publica... E êles, que recebem «ordens», ficão bem naquêlê papel.

Porém, quem devia ser perseguido pela policia, não são os patriotas que se manifestão no dia 31 de Janeiro, mas sim esses criminozos contra quem o povo grita e que, numa cega dezo-rientação de governo, tem posto o país a saque.

Tais fôrão os topicos principais da conferencia do sr. Leite Junior, que, ao terminar, recebeu muitos aplauzos, de todos os assistentes.

A conferencia decorreu pacificamente, sendo levantados calorozos vivas ao partido republicano, ao dr. Bernardino Machado, á academia democrata, ao «Centro eleitoral Jozé Falcão», etc.

Naquêlê mesmo dia espallou-se pela cidade um numero unico — «Gloria aos vencidos» — comemorativo da revolta do Porto, editado pelo Centro.

Apareceu tambem uma poesia «Dies Irae» — (Ao rei) — assinada por «Brutus», e distribuirão-se centenas d'impressos com o discurso proferido ultimamente no Porto pelo sr. dr. Bernardino Machado.

É assim ficou assinalado, sem o menor incidente, aquêlê dia tão notavel para a democracia portugueza, a qual se vae agora fortificando com vida nova, com elementos valiozos, que ao de dar brevemente ao partido um importante grau de prosperidade.

Que a boa vontade não falte nunca a alentar o espirito e o coração de todos quantos trabalhão para o resurgimento do nosso bem amado Portugal.

(Da Voz da Justiça.)

## Dr. Bernardino Machado

Os nossos correligionarios de Alcobaca enviarão ao sr. dr. Bernardino Machado a representação seguinte:

*Ilustre cidadão:*

Com a alma cheia de esperança num futuro melhor para a patria, pelo vosso civismo, pelo exemplo onrado da vossa consciencia de patriota, pela fé ardente do vosso apostolado em prol da liberdade e da educação do povo, por todos os sentimentos generozos que prégaes e que formão o fundo do vosso caráter immaculado, pelo alto e incontestavel prestígio que viestes dar á cauza da Democracia com a vossa azeção tão espontanea como grande pelos intuitos e pela sinceridade que a inspirarão, nós, abaixo assinados filios do povo e trabalhadores umildes crentes do mesmo ideal, que é oje vossa bandeira, vimos também juntar a nossa modesta mas convita vós ao côro de louvores e saudações que de toda a parte acorrem a consagrar-vos como aquêlê que é oje já a mais perfeita personificação do civismo e o apóstolo fervoroso da cauza que constitue o nosso ideal comum e que é a cauza da redenção nacional pela liberdade, pela instrução da democracia pura.

Ilustre cidadão: visto que é no povo como a fonte viva de todas as energias criadoras da nação que filiais a vossa fé no rezurjimento da patria, nós, que desse povo fazemos parte, vimos trazer-vos a afirmação solene da nossa solidariedade convôco e a azeção entusiástica das nossas almas a tudo quanto proclamais, a tudo quanto vindes fazendo a bem do povo e da cauza que substancia os seus interesses, como a única solução seria e eficaz dos graves males que o afligem.

E em vós saudamos ainda todos aquêles que vindos de todas as classes sociais, pública e dezassombradamente veem afirmar o seu culto sincero pela Patria e pela Republica.

Alcobaca, 30 de janeiro de 1904.  
Ilustre cidadão Dr. Bernardino Machado.

Afonso Alfredo Ferreira.  
Firmino Pereira da Trindade  
Alberto Pereira da Trindade.  
Eurico Pereira Araújo.  
Jancinto Coelho do Amaral.

## Gremio Federal Republicano Portugues

Um grupo de cidadãos republicanos de Lisboa animados pelo incremento que a ideia republicana está agora tomando em todo o país e querendo comemorar por uma forma verdadeiramente pratica a data imorredoura de 31 de janeiro de 1891, convocou uma reunião na freguezia dos Anjos, afim de fundar uma nova coletividade propagadora dos principios democraticos.

Sendo 6 horas da tarde do dia 31 do mês findo e estando já presentes numerosos correligionarios, o cidadão Rebocho Costa tomando a palavra, expõe aos circunstantes o fim da reunião, lembrando que nesta freguezia existem grandes e valiosos elementos republicanos e convida para dirijir os trabalhos o nosso dedicado correligionario Roque de Miranda que, agradecendo, escolhe para secretario Rebocho Costa e Antonio Vasques Gonçalves.

Entrando na ordem dos trabalhos uzarão da palavra varios cidadãos, sendo rezolvido por proposta do cidadão Miranda para que a coletividade se denominasse «Gremio Federal Republicano Portugues».

Rezolveu-se mais enviar o seguinte telegrama ao sr. dr. Bernardino Machado:

«O Gremio Federal Republicano Portugues sauda v. ex.ª e espera a prosperidade da patria subjugada, oportunamente livre.»

Por último foi nomeada a comissão instaladora, composta dos seguintes cidadãos:

Roque de Miranda, José Maria Marques d'Oliveira, Rebocho Costa, Luis de Nances e Antonio Vasques Gonçalves.

Reunirão oñtem ás 2,10 da tarde os cursos do primeiro e segundo anos das faculdades de Direito e Teologia rezolvendo enviar uma representação ao governo pedindo o restabelecimento do feriado da quinta feira suprimido pela última reforma.

## Lutuôza

Chegou ontem no rápido acompanhado de seu irmão, o nosso amigo e correligionario dedicado Manuel Rodrigues da Silva que avia sido chamado a Lisboa pela doença subita e grave de seu primo o sr. Artur de Souza Moreira, que infelizmente morreu.

O sr. Artur de Souza Moreira, fôra negociante no Pará e era muito estimado em Coimbra pelas suas belas qualidades de caráter e pela afabilidade cortês do seu trato.

Vivera muito tempo felis, izolado de todos, na convivencia unica duma filha formôza, que adorava e que morreu prematuramente.

A perda da filha estremecida encheu-lhe de luto a vida, o que se traía a cada passo na expansibilidade exajerada e forçada, com que encobria o desgosto profundo, numa aparência postica de vida alegre e descuidada.

Para se distrair, dêra-se a viajar, mas via-se bem no seu olhar a inquietação constante, que conservou até morrer.

Os nossos pêsames á familia enlutada.

## Crêche

Comearão as obras para a construção da cozinha, devendo seguir-se os de lavanderia, quando o permitirem os recursos da Crêche, que felizmente está sendo desveladamente protegida por o publico.

Um anonimo ofereceu para a Crêche a quantia de 5:000 réis sufragando a alma de sua esposa.

A sr.ª D. Mariana Portocarrero da Camara, disvelada protetora desta instituição, acaba de oferecer 12 bibes de flanela de algodão e 18 camizas brancas.

Estas e outras dadiyas môstrão que a associação das creches, umilde e pequenina comêça, a ser considerada como uma das que mais merece o aplauzo e o auxilio publico pela obra verdadeiramente humanitária, que vai modestamente realizando.

O sr. governador civil pediu para que se atenda com urgência á construção do lanco da estrada de Mira á Praia por forma a evitar crize de trabalho e melhorar as comunicações entre povos pouco fornecidos de estradas.

A direção das obras públicas foi solicitado que se proceda a reparações na móta direita do rio do Pranto, no distrito de Coimbra.

## Desastre

Ante-ontem pelas 9 e meia óras da noite ouviu-se em varios pontos da cidade uma detonação violenta, que a todos pôs em sobresalto.

Pelo telefone da esquadra da baixa soube-se que o estrondo fôra devido á combustão de materias explosivas perto do Colégio Novo.

As tôrres dêrão o sinal de incendio e tudo correu ao local do sinistro onde o espetáculo era em verdade orrivel.

No chão, estendida, banhada em sangue, os vestidos queimados, as pernas quizi separadas do corpo, os intestinos de fóra jazia uma mulher, com uma criancinha agarrada ao peito com tanta ancia, numa crispção tão nervôza que muito difficil foi tirar-lha.

A criança vinha queimada, toda banhada em sangue que jorrava de todos os lados.

Ao lado, a chorar, em gritos altos um pobre ómem clamava pela mulher e pelo filho.

Levados para o ospital prestãrão-se-lhes os socorros devidos, reconhecendo-se porém logo que tudo seria inutil.

Era uma pobre familia que chegara á noite sem ter que comer e fôra vender escuzamente fôgos de artificio.

Tinhão sido felizes e vinhão a rir alegres, a caminho de uma loja em que esperãvao vender os últimos, quando a pobre mulher tropeçou e caiu, inflamando-se os explosivos com o choque.

O estrondo foi enorme, partirão-se os vidros das cazas da rua do Loureiro e João Jacinto.

Nalgumas cazas moveis e livros forão projetados para o ar caindo ruidosamente sobre o chão.

O sr. sr. João Jacinto que, aquêl

óra, estava sentado a escrever foi atinjido e levemente ferido por um estilhaço de vidro.

Ao estrondo corréãõ estudantes e o marido que vinha mais atrás, forçando por salvar a criancita; porque o estado da mãe se viu ser de perda irremediavel.

Os bombeiros voluntários mais uma vês mostrãrão a sua dedicação, e a vontade de bem servir, acudindo e organizando os socórrõs.

A mãe e a criança morréãõ de noite.

O pae foi internado na cadeia.

Por ordem do sr. commissário de policia reunirão no commissariado os fogueiteiros desta cidade.

A quem competir pedimos providências sobre o cazo.

Os foguêtes de dinamite estãvãõ, á muito, prohibidos em Coimbra, quando appareçãõ de novo numa fésta ruidôza da Rainha Santa, se a memória nos não fálha, dando então orrijem a accidentes, que felismente não fóãõ de gravidade, e saindo contra o seu uzo o sr. dr. Souza Refoios que vira ameaçada a vida de suas filhas.

Por ocazão da manifestação ao sr. dr. Luiz Pereira da Costa, appareceu de novo a asneira do foguête num pleonasmõ irritante.

Agora temos esta desgraça a lastimar, e nem por isso ontem na alta deixãrão de deitar-se toguêtes e bombas com jeral indignação de quem estava ainda sob o pêzo da desgraça da vêspera.

Não levantaria clamôres de ninguem o vêr proibir foguêtes e bombas de dinamite, e bom seria que desde já se tornassem efétiyas as providências que fóãõ já annunciadas para o entrúdo.

Mais vale prevenir que remediar. E muitas vêzes neste cazo o mal é sem remédio.

## Gaito &amp; Canas

Na secção competente inserimos os anuncios desta conceituada caza comercial, que se tem sabido impôr em Coimbra pela perfeita onradês dos seus proprietarios, e pela amabilidade penhorante com que tratãõ a sua numerosa freguezia.

A mercearia Gaito & Canas está fornecida como as melhores de Lisboa, apezar da vida modesta que se leva em Coimbra, e as substancias fornecidas são de primeira qualidade em qualquer dos seus ramos de negocio.

E' pela sua onradês e proverbial amabilidade que os srs. Gaito & Canas tem conquistado as sympathias de todos, e vêem dia a dia aumentar a sua clientela.

A mercearia Gaito & Canas é quem abastêce a maior parte dos estabelecimentos e óteis dos arredores, sendo a sua firma sempre a garantia da ótima qualidade dos jeneros fornecidos.

## Publicações

E' nos absolutamente impossivel dar conta oje de todas as publicações que a urgencia de factos politicos, bem conhecidos de todos, tem deixado acumular sobre a nossa mēza de trabalho.

Por oje, os nossos agradecimentos a tôdos; em breve começaremos com o trabalho de critica, desta vês bem alegre, porque não á obra que não seja apreciavel e de valôr.

No conselho de notariãdo, que ultimamente se reuniu sob a prezidência do sr. conselheiro António Francisco Tavares, deu-se parecer favoravel ao pedido de entrega de livros e documentos do extinto tabelionato da Ega, feito pelo notário sr. Duarte Braga de Conde-xa-a-Nova.

Faleceu nesta cidade o sr. Napoleão Maria Monteiro de Carvalho, filho do sr. Francisco Maria Monteiro de Carvalho, official apozentado dos correios e telegrafos.

## Americanos

Está estabelecida já a carreira dos americanos para a alta.

Contra o que se supunha, os carros chegarão sem difficuldade á rua Larga, o que não devia admirar a quem conhece as qualidades excéptionaes do gado adquirido pela empreza.

## LITERATURA E ARTE

## INTIMA

A's vê-e penso que tu vais chegar  
E que estás muito perto (a noite é linda  
E o perfume que sóbe pelo ar  
Parece que anuncia a tua vinda)...

A! decerto não tardas: cada instante  
Que passa trás consigo esta certêza;  
E oiço cantar a tua vós distante  
Num suspiro do vento que a trás prêsa.

E porque brilha tanto aquêla estrêla?  
Porque é maior que as outras e sorri?  
Porque antes de partir sorriste ao vê-la  
E lhe disseste que falásse em ti.

A! decerto não tardas... Vens andando  
Tão levemente! mas eu adivinho  
O teu andar (é quasi um vôo brandõ)  
E podia dizer o teu caminho.

Sinto-te perto, muito perto; agora  
Ponho nos olhos todo o coração;  
— Quero que vêjas como a toda a óra  
Só aprendo a viver nesta paixão.

E nos meus labios treme um beijo, ezita  
— Suspenso— á tua espera: ao entregar-t'o  
Dir-te-ei muita coisa nunca dita  
E encher-se-á de luz todo o meu quarto.

E já te vejo, estás ao pé de mim...  
Por minha causa tudo abandonaste!  
Põe o teu peito contra o meu, assim;  
Como palpita, como te cansaste!...

Vamos viver desde oje aquêla vida  
— Longe dos outros — que te disse um dia:  
Se nos amármõs sempre é bem vivida  
— O Amôr é pás e mais do que alegria!

Mas quando ergo os meus braços a abraçar  
O teu corpinho, abraço-me sómente...  
Que tristêza que paira pelo ar!  
Como estás lonje, meu Amôr auzente!

João de Barros.

O MONUMENTO  
A EÇA DE QUEIROZ

II

O motivo, a ideia que o sr. Teixeira Lopes encontrou para este monumento é mais velha e gasta que um logar comum e em escultura também os á. E' possivel que êle ligeiramente se inspirasse na estatua de Maupassant por Verlet, mas o que êle apenas fez foi uma destas coizas tão vistas, tão repetidas, tão publicadas que nem autor primitivo oje, se lhes pôde citar.

Eu estou certo de que ninguem terá deixado de, por mais de uma vês, vêr reproduzida por si, em qualquer cromo, calendário ou bilhete postal, a seguinte cena: um busto de fauno, de satiro, de Pan, numa colonata, sorrindo lascivo e á frente, quasi ao lado, em corpo inteiro, uma ninfa togada de branco, a tocar a flauta grega de um ou dois tubos, ou uma vestal casta oferecendo á sensualidade animal, representada pela cara caprina do busto, a sua purêza, já coroando-o ou oferecendo-lhe os braços. E' francamente

necessário ter visto muito pouco para não ter deparado com um quadro destes em qualquer revista brejeira ou em alguma pose plástica, das que a França exporta aos milhãres.

Não á nada mais conhecido, mais divulgado do que essa figuração da *fons vitae* saída de certo desses marmores feitos para os jardins do seculo XVII e XVIII, dos arcadianos tempos do bucolismo á outrance.

O sr. Teixeira Lopes, que, quero crêr, nem sequer deu fé dessa afinidade, porque á opinião que fôrmo da seriedade do seu trabalho, repugna admitir qualquer espécie de sujestão desta ordem, modificou um nada a atitude da vestal, despiu-a mais, substituiu Pan por Eça de Queiroz, torceu-lhe o busto no movimento de quem espreita por cima dum biombo uma mulher que abrisse os braços a um querido dezejado e eis o monumento a que, para completo insuccesso, pôs a diviza com que Eça abre a *Reliquia* e que de modo nenhum sintetizaa obra dêle: *Sobre a nudês forte da Verdade* — o manto diáfano da *Fantasia*, que na realização do sr. Lopes é um lençol bem encharcado que se cõla ao corpo de uma mulher bonita que depois de um banho, inter-

rompesse a toilette, para, avistado o amante, satisfazer um desejo. E Eça que é a graça, o espirito, a ironia ficou assim deslocadamente integrado nessa peça decorativa que se não fere o olhar pela nudez, porque o nú não é imoral, ofende a consciencia dos admiradores sinceros do mestre, por o vêrem assim, numa praça tranzitada, a babar-se de gozo sobre uma mulher que se lhe despiu em frente. Aquella attude só se comprehenderia se ouvesse no sr. Teixeira Lopes, a arte bastante para conseguir na figuração da mulher dar a nota simbólica — isto é, obter que aquella mulher ainda mais nua, em vés de ser uma fêmea que se dá, fosse ou a verdade do distincto, ou outra qualquer representação de uma ideia. O sr. Teixeira Lopes ainda está naquella fase da arte em que a verdade era uma cachopa d'estalo, saltando em pelote da borda dum poço com um espelho na mão. Na sua imaginação, que afinal parece-me nêle uma faculdade atrofiada, não ouve uma novidade, uma inovação, uma descobertazinha. Se prescindiu do espelho é porque com a legenda lhe pôs o nome por baixo, porque aquella mulher é menos facilmente a verdade pura que a mentira vistosa. O sr. Teixeira Lopes se algum dia faz a Fé, ou outra qualquer das trez manas teologias, áde servir-se dos estafados simbolos d'outra ora.

E depois, para mais frizar esta nota de colloquio intimo entre a boneca e o busto, o sr. Teixeira Lopes deu a Eça uma expressão cazeira, á vontade; tirou-lhe o monoculo, nem sequer lhe floriu a lapêla. O busto d'Eça por Bordalo, não sendo perfeito, é mais expressivo e o retrato de Columbano, sereno e magoado, podia orientá-lo. Comtudo as feições de Eça dezanham-se nitidas e ha quem garanta uma pareçença admiravel.

Assim se pudesse dizer outro tanto da semelhança da mulher com a verdade.

E permitam-me aqui um comentário alheio, cuja autenticidade asseguro; é duma criança e portanto ilezo de má lingua. Uma petizinha graciosa, ao passar no largo do Quintela, e ao ver o monumento, interroga a mãe:

— O! mamã, aquella é a estatua da preguiça, não é?

E' que ao seu olhar vivo não passara inadvertido o esprezucamento languido que ajna aquêle corpo branco. A attude não será bem a da preguiça, mas é sem dúvida a da luxúria.

Além disso, um monumento feito para uma praça, não é só destinado a ser visto por muita jente, mais que tudo êle deve ensinar á multidão ignorante que, apressada, se não detem em grandes exames, alguma coisa do que esse homem foi em vida. Eu bem sei que as alegorias expressivas e de uzo comum repugnam muita vés ao artista orijinal, mas nêsse caso o que êle tem a fazer é inventar outras. Claro que eu não comungo com as ideias, que uma brilhante *boultade* do *Jornal da Noite*, attribua ao sr. Intze Ribeiro, de não admitir um esculptor sem braços e mãos e pena

e papel em frente, mas o que é certo é que o monumento do sr. Teixeira Lopes é tão pouco compenetrado da ideia de Eça que pode servir para *multiquanti*. Ponham lá por exemplo o busto celebre de Antonio Enes, que está em D. Maria, e si temos uma apoteose brilhante, com a figura da gloria oferecendo-se-lhe. E' para todo o prestimo o monumento; para músicos e então á verdade chamar-se-ia harmonia, para pintores e a figura representaria a muza do artists; até para os eroes de Africa pode servir, com aquella figura da patria a enaltecê-los. Como vêem a Verdade do sr. Teixeira Lopes é tanto a verdade, que pode pôr-se-lhe o nome que se quiser, que ela elasticamente presta-se a tudo.

Ora francamente é preciso que se seja um pouco falho de imaginação, para se não poder tirar mais nada de Eça e da sua obra maravilhosa. Seria preferivel então que o sr. Teixeira Lopes seguisse o já sabido processo de figurar na base uma qualquer das criações da galeria de Eça. E' vulgar; lembro-me agora do monumento a Augier. Por exemplo, o sr. Teixeira Lopes em vés de pensar em realizar aquella Verdade, que êle logo avia de ver inexequível para a sua maneira, punha um burguezissimo Acacio (que é a figura mais vulgarizada de Eça) de cartola e tudo, a esbarrar no monumento como um boi num pedestal e se puzesse o Conselheiro a ler atentamente o nome de Eça, como o de um desconhecido, teria vinculo profundamente qual é a posição de Eça de Queiroz na sociedade portugueza, um ómem de quem os conselheiros não sabem o nome.

Eu não admito que um monumento feito para um ómem que foi único, possa servir para qualquer. E essa é ôje a grande dificuldade, a individualização dos monumentos, conseguir fazer alguma coisa de muito expressivo; em Portugal á muito a tentar porque de literatos, só Camões se monumentalizou. A em França um monumentozinho por Alexandre Charpentier que é delicioso de significação para o povo: é o monumento a Charlet, dezenhista e litografo. E' apenas um obelisco encimado por um lindo galo simbolico e tem na base, de um lado um velho soldado, dos que Charlet dezenhava a primôr e do outro um tipo galato de *gastroche* a espreitar.

Aquella busto que o sr. Teixeira Lopes fêz para o seu monumento, dá ideia de uma coisa de tirar e pôr de tal modo é desconchavado o plano da obra, absolutamente dezanada.

O sr. Teixeira Lopes querendo e dizendo que fêz um monumento á Eça, equivoca-se. Aquellas duas figuras do largo do Quintela, só têm que ver com Eça, por serem dois tipos da sua obra. Pela diviza se adivinha qual é *A Reliquia?* Exatamente. A sombra daquellas palmeiras orientais o colloquio dos dois amantes: Teodoro e Miss Mary. O sobrinho da tia Patrocínio e a loira Luveirinha da tranquilla rua das Duas Irmãs, em Alexandria, com a sua face

(12) Folhetim da "RESISTENCIA," H. DE BALZAC

# O EXCOMUNGADO

Quando o Canhão disse o nome do vizitante e explicou o motivo da visita em poucas palavras, o rodeiro disse-lhes que passassem, que encontrariam o abade Elias no refeitório; porque acabavam de tocar para jantar. O frade pôs os cavalos na cavalleira do mosteiro depois de ter indicado aos vizitantes o caminho do refeitório. Atravesarão por isso no mais absoluto silencio, os claustros e patcos do mosteiro; olhãrão com curiosidade para as janélas estreitas e muros solidos daquellas construções monasticas; virão que avia um movimento dezanado nos edificios exteriores da abadia, onde era costume ospedar os estrangeiros; no tãrão que saia um fumo espêsso das chaminés da corinha e que os religiosos corrião de quarto para quarto com o ar ataréfado que a mais pequena aventura dá ás pessoas que vivem abitualmente retiradas.

Roch e a Bourdaisière virão com espanto aquella attividade insolita, e o

gordinha duma brancura de leite onde se desfêz carmezim, toda tenra e succulenta. E' disfarç da pela arte do esculptor, aquella é a scena em que *Maricoquinhas*, despojando a sua camiza periumada de *violêta e d'amôr*, lha entrega como lembrança das noites do Otel das Piramides e o que falta no monumento é apenas esta inscriçao: *Ao meu Teodorico, meu portuguezinho possante, em lembrança do muito que gozãmos e para ficar integro, o esculptor devia ter dado ao busto a barba negra e potente do Rapozão.*

Manoel de Sousa Pinto.

## Gaspar Nascimento

Realiza-se ôje na sala das festas do Instituto o concerto promovido por êste distincto cantor.

Tendo exercido no Porto, sua terra natal, a profissão de guarda livros, cedeu aos naturais impulsos da sua vocação para o canto, e começou a fazer estudos com o famoso tenor Salvini, que deixara o palco para se dedicar ao ensino musical.

Descobrimdo no seu novel discipulo incontestavel vocação para o canto, o eminente professor tratou, com vivo carinho, de educal o convenientemente.

A primeira vês que Gaspar Nascimento se fêz ouvir em publico foi n'uma festividade da Ordem Terceira de S. Francisco, da cidade do Porto, na *Ave Maria* de Schubert.

Para bem julgar-se do exito que por essa ocasião alcançou, bastará saber se que amigos e admiradores não só o instigãrão a seguir a carreira lirica, como espontaneamente lhe puzêrão á mão todo o auxilio para completar os seus estudos.

Animado por forma tão lizonjeira, não ezitou mais em fazer-se artista, e depois de estudar em Lisboa com o illustre maestro Velani, que reconheceu tambem em Gaspar Nascimento uma segura vocação, cuidou de aperfeçoar a sua educação artistica.

De Lisboa foi á Milão, onde completou os seus estudos de canto.

O tenor Gaspar Nascimento cantou em teatros da Italia a *Favorita*, a *Lucia*, a *Regina di Golconda*, os *Puritinos*, e o *Fausto*.

A vida dos bastidores, porém, não se condunava com o seu temperamento.

Fêz-se então concertista, genero de apresentação, sem duvida mais fino, no qual podia achar a satisfação completa de todas as exigencias do seu delicado sentimento artistico, iniciando essa nova carreira no Rio de Janeiro, em fins de 1893.

Depois d'isso, fêz-se ouvir em quasi todo o Brazil e em outros pontos da America do Sul: Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Niteroi, Campos, Friburgo, Petrópolis, Vassouras, Coxambú, Lambari, Juiz de Fora, Barbacena, S. João d'El Rei, Ouro Preto, Uberaba, Franca, Ribeirão Preto, Mococa, S. José de Rio Pardo, S. João da Boa Vista, Amparo, Itatiba, S. Carlos do Pinhal, Rio Claro, Campinas, Piracicaba, Jundiaí, S. Paulo, Santos, Florianópolis, Curitiba, Paranaguá, Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Bajé, S. Gabriel, Santa Maria, Uruguanayana, Salto Oriental, Buenos Aires, Belgrano e Montevideo.

Tendo regressado á patria já se fêz ouvir em Lisboa, Porto, Braga e Vianna.

Enrique Batista, capitão d'infantaria — *Kleções e Parliamentos na Europa* — Desta obra dis o eminente orador e publicista, conselheiro Antonio Candido, em carta escrita ao autor "... no seu livro, tão maduramente pensado, tão claramente escrito, tão profundo e oportuno nas considerações que enterra. E' um tratado de direito publico comparado, com referencia e applicação ao nosso pais. Faço votos, para que o lejam e meditem os que ainda se interessam pelo aperfeçoamento das nossas leis politicas, e por que as grandes verdades, que v. dis e demonstra, se não pèrcão na jeral indiferença, mole, dissolvente, com que na nossa terra são recebidos todos os pensamentos uteis e todos os planos de salvação..."

Vende-se em todas as livrarias; a livraria depositaria é na Livraria Editora de José Figueirinhas Junior, 75 Rua das Oliveiras, 77—Porto.

(Continúa.)

## CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

### ORARIO PROVIZÓRIO

DAS Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro Partida dos carros do largo das Ameias

Números dos combolos e destino	Horas da partida
8 (correio) para Lisboa	12 <sup>h</sup> , 11 <sup>m</sup> n.
15 " " " " " " " " " "	3, 3 m.
17 " " " " " " " " " "	5, 46 "
18 " " " " " " " " " "	8, 8 "
19 " " " " " " " " " "	2, 26 t.
22 " " " " " " " " " "	3, 36 "
3 " " " " " " " " " "	5, 37 "
Rapido " " " " " " " " " "	6, 16 "
4 " " " " " " " " " "	6, 48 "
54 Rapido " " " " " " " " " "	8, 43 n.

### Carreiras entre o Largo de D. Carlos e a Rua do Infante D. Augusto

Partida do Largo de D. Carlos das 9, 10 e 11 horas da manhã 2,30 — 3,30 — 4,30 — 5,30 da tarde.

### Partida da Rua do Infante D. Augusto

8,30 — 9,30 — 10,30 — 11,30 — manhã 3 — 4 — 5 — 6 horas da tarde.

### Tabêla de preços

Largo das Ameias ou Casa do Sal á Rua do Infante D. Augusto — 50 réis. Largo de D. Carlos ou Gazometro á Rua do Infante D. Augusto — 40 réis. Largo das Ameias, Caza do Sal ou Rua do Infante D. Augusto ao Mercado — 30 réis. Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Largo de D. Luis — 30 réis. Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Mercado — 20 réis. Estação B dos Caminhos de Ferro ao Largo das Ameias ou Mercado — 50 réis. Estação B dos Caminhos de Ferro á Rua do Infante D. Augusto — 80 réis. Estação B dos Caminhos de Ferro á Caza do Sal — 20 réis. A assinatura para os bilhetes pessoais está aberta pelos preços annuaes de 12000 réis, e 90000 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes ultimos de logares na plataforma dos carros.

## ANUNCIOS

### GARANTIA

Companhia de seguros de fogo com sede no Porto Fundada em 1853 Capital 1.000.000.000

Esta companhia, das mais antigas e poderôzas de Portugal, toma seguros sobre prédios, mobílias e estabelecimentos de qualquer natureza.

Representantés: Gaito & Canas

### Canalisções para agua

Ninguem mande fazer sem vêr os preços da casa

### Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Orçamentos gratis

### União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes á venda na

### Mercearia LUZITANA

(Depósito unico em Coimbra)

### Acetilene

Instalações completas. Grande deposito de carboreto de cálcio,

### Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

## Banco Comercial de Lisboa

Agencia de Coimbra

Descontos e transferencias Cambios e Papéis de Crédito

JOSÉ TAVARES DA COSTA SUCESSOR

Largo da Portagem

Pagam se os dividendos das ações d'êste Banco, relativos ao 2.º semestre de 1903, á razão de 4 1/2 %, ou sejam 45000 réis por ação, livre de imposto de rendimento.

### ALVARO ESTEVES CASTANHEIRA

MERCEARIA ESPECIAL

Fornecimentos escolhidos, qualidades superiores, preços modicos.

Café especial. Chá finissimo. Frutas cristalizadas. Bolacha inglêza e nacional.

### NOVA AVANÉZA

Perfumaria, Tabacaria e Papellaria

Sortimento de carteiras e malas de viagem.

Estôjos para barba, toilette de viagem, etc.

Recordações artisticas de Coimbra

### Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é unica revendedora em Coimbra, a *Mercearia Luzitana*.

### PREVENÇÃO

Desde esta data em deante deixou de ser nosso empregado o sr. Alberto Pita de Oliveira.

Coimbra, 1 de fevereiro de 1904. Joaquim Miranda & Filho.

### Tipografos

Precisam-se dois com abilitações e expeditos, que dêem boas referencias sobre a sua conduta.

Dirijir a Pimentel de Matos — Celorico da Beira.

### Grade de Vinhatico

Vende-se uma com 5<sup>m</sup> de comprimento e 0,80 de altura.

Para esclarecimentos Pharmacia Assis — Praça do Comércio.

### Companhia de Seguros Reformadora

A unica que em Portugal efectua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas

### COIMBRA

### Papelaria BORGES

COIMBRA

Especialidades mais bem sortidas nesta caza:

Fornecimento para escritório, escolas e dezenho;

Recente fornecimento de todos os necessários para floristas;

Aparelhos e todo o material para a Fotografia;

Secção Especial e Extraordinaria

Edições de Lembranças locais: fotografias em colégios e albums, bilhetes postais e carteiras com vistas de Coimbra; centenas de variedades de vistas, edificios, fantazias em figuras — belezas, esculturas e quadros dos artistas mais celebres, costumes portuguezes etc. etc.

Pianos Gaveau de Paris: como unico agente, aqui, vende e toma encomendas nas melhores condições que o comprador pôde encontrar; tem por afinador e reparador E. Macedo, com quem tem contrato para enviar, mediante pedido. Pedir preços.

Retratos ou fotografia de qualquer coisa: quem precizar de quantidade peça preços e condições; toma encomendas em todos os formatos e o preço é na sua relação, sendo a 30500 cada cento em cartão visita.

Depozito dos Tabacos sem Nicotina fornece com o desconto do depozito jeral em Lisboa.

## FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Cerâmica Portuguesa, no Porto, em 1892, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1894

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

### PREÇOS ECONOMICOS

✦ ✦ ✦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✦ ✦ ✦

30, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

### O amigo do povo de Coimbra

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietário da **Padaria Popular**, Largo da Freiria, n.º 12 e 13, á rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigencias de todo o consumidor muito particularmente pelo que respeita ao saboroso paladar que em geral resulta da boa qualidade e esmerado acção na manipulação.

Além disso o seu proprietário com atividade e zelo envia os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeiçoados do país, seguindo o moderno sistema de fabricação empregando sempre a agua filtrada.

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em hygiene e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o annuncianta compra de pronto as farinhas.

Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento.

Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos freguezes.

### CASA MEMORIA

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura — **Memoria**. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguém comprê sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a **Memoria** com tantas outras que por ahí se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

### Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francezes que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A sempre quantidades de Pianos para alugar.

## ✦ ✦ ✦ A YTIENE ✦ ✦ ✦

Carbureto de calcio francez, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 100000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por óra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÉRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

ANUNCIOS

## FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos **Phonographos Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

### CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos — Coimbra.

### RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

### Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

### Tubos de ferro, bombas

e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

### CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moéda, Coimbra.

### FRIO

Evita se, usando nos aposentos as estufas a petroleo, lenha, carvão e gaz, que vende a casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

### Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camizaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finésa de visitar este estabelecimento.

### PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobílias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGRESSE  
ET  
PRODESSE



COIMBRA

Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

## VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Tabela de preços de venda a miúdo (1 de julho de 1903)

Marcas	Garrafa de 6 litros	Garrafa bordaleza		Garrafa bordaleza	
		1	6	1	12
Tinto GRANADA...	550	120	660	85	900
> CORAL...	600	130	720	90	950
Branco AMBAR...	650	—	—	100	1050
> TOPAZIO...	—	—	—	120	1300

Nos preços indicados não vac incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vai o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se dá fatura ao comprador.

## PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

**Doces de ovos** dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados **doces sortidos**, para chá e **sorrées**, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

**Doces de fructa** de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

**Pastelaria** em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas **Centros de mesa**, **Castelos**, **Jarrões**, **Lyras**, **Flores**, **Lampreias**, etc., etc., próprias para banquetes.

**Pudings Gelados**, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

**Pão de ló** pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognac, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

**Amendoados e confeitos** de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucars com que sam fabricadas.

**Conservas** nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

**Deposito** dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Coureça de Lisboa, 32.

**CAVALOS** MUARES, ETC.; NADA DE FOGO; O LIMENTO VESICANTE — COSTA — cura sem deixar vestigios as esquinencias, sobre-canas, ovas, esparavões, entorses, manqueiras, fraquesa de pernas, etc., deve ser preferido á untura forte, na pneumonia e todas as doenças que exijam uma vezicação prompta e segura. Frasco 900 réis. A venda nas principaes terras. Depositos: Coimbra — Rodrigues da Silva, rua Ferreira Borges, 128. Lisboa — Quintans, rua da Prata, 194; Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto — Moura, Largo de S. Domingos, 99; Deposito geral, farmacia Costa, Sobral de Mont'Agráo.

### Modista de Lisboa

CAROLINA VASCONCELOS

Terreiro de Santo Antonio, 2-1.º

Executa pelos ultimos figurinos, vestidos, capas, cazacos, fatos para creanças, etc. Prova á franceza.

### IJIENE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

## Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada — Calcica

A unica analysada no patz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

### INDICAÇÕES

Para uso interno: — **Arthritismo**, **Gotta**, **Lithiase urica**, **Lithiase biliar**, **Engorgitamentos hepaticos**, **Catarrhos vesicaes**, **Catarrho uterino**.

Para uso externo: — **Em diferentes especies de dermatoses**.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6